

A woman with long, wavy blonde hair is shown in profile, looking towards the left. She is wearing a white, ribbed sweater. Her hands are clasped together near her face. The background is a soft, out-of-focus winter scene with snow-covered evergreen trees and bare branches. The overall tone is warm and cozy.

SÉRIE
RENDA - S E

Priscila

LIVRO IV

ANNE MARCK



SÉRIE
R E N D A - S E

Priscila
LIVRO IV

A N N E M A R C K

Copyright © 2018 Anne Marck

Capa: Murilo Guerra

Revisão: **Analine Borges Cirne**

Diagramação: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

PRISCILA – Livro 4
SÉRIE RENDA-SE



São proibidos o armaz
meios –
A violação dos direitos a

1, através de quaisquer
1 autora.
elo artigo 184 do Código

Sumário

<u>Dedicatória</u>	
<u>Sinopse</u>	
<u>Apresentação</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 01</u>	
<u>Capítulo 02</u>	
<u>Capítulo 03</u>	
<u>Capítulo 04</u>	
<u>Capítulo 05</u>	
<u>Capítulo 06</u>	
<u>Capítulo 07</u>	
<u>Capítulo 08</u>	
<u>Capítulo 09</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	
<u>Capítulo 31</u>	
<u>Capítulo 32</u>	
<u>Capítulo 33</u>	
<u>Capítulo 34</u>	
<u>Capítulo 35</u>	
<u>Capítulo 36</u>	
<u>Capítulo 37</u>	
<u>Capítulo 38</u>	

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a sequência de leitura](#)

[Recado da autora](#)

Dedicatória

A J.P., que adora palpitar em minhas histórias.

Aos leitores que acompanharam esta trajetória desde o início.

Sinopse

No quarto e último livro da série Renda-se, finalmente conhecemos Priscila. Algo aconteceu a ela, em algum momento de sua vida, que a tornou a garota durona, tão durona que decidiu lutar e seguir em frente.

Com restrições.

Priscila não se detém de conhecer e sair com pessoas que a interessem, mas não há espaço para mais em sua vida. O problema é fazer aquele russo obstinado aceitar que as coisas com ela são assim. O bendito acordo firmado entre eles em El Diablo foi um erro. Se envolver com Gael foi um grande erro. Ele não é como os outros. O homem é perigoso, determinado, parece não ter quaisquer escrúpulos para obter o que deseja... e provavelmente é um mafioso.

Gael Nikolaevich não joga limpo, ele tem uma missão a cumprir neste país, uma que não envolvia conhecer alguém como ela. Porém, aconteceu e veio forte, poderoso. Quando tudo acabar, ele ainda a querer a seu lado.

Embarque com Priscila nas asas negras de um anjo vingador e descubra até onde uma paixão avassaladora pode nos levar.

Apresentação

Priscila possui segredos. Nem mesmo suas melhores amigas fazem ideia do que a mulher guarda consigo. E ela está disposta a manter as coisas exatamente como estão... até Gael aparecer em sua frente, em El Diablo. Há algo nele, naquele olhar perigoso, na atmosfera intimidante e misteriosa, que mexe muito com ela.

“ Noto um sotaque carregado nas palavras, não que ele não domine nosso idioma, mas é algo forte, intrínseco.

Permitindo que a curiosidade leve a melhor, semicerro os olhos e faço um escrutínio mais demorado. Ele é grande; ombros largos; postura confiante, relaxada – enquanto uma das mãos descansa dentro do bolso, a outra se escora ao balcão; pés cruzados um em frente ao outro; magro (e eu poderia apostar que há um tronco firme por baixo do paletó, colete, camisa e gravata); suas coxas são fortes, percebo pela espessura sob a calça agarrada do terno. É um exemplar cru de masculinidade emoldurado por um belo rosto feito para atrair. Porém, de olhos gélidos, tão frios quanto o pior dia de inverno.

Dá a sensação de que falta algo ali. Alma, talvez.”

Priscila



Prólogo

Priscila

— São trezentos por mês. Água e energia estão incluídos no aluguel — Priscila explicou às amigas enquanto girava a chave na fechadura da velha porta de madeira. O cheiro de orégano e molho de tomate estava por toda a parte.

A porta precisou ser empurrada com um pouco mais de força e, em resposta, rangeu.

Priscila deu um passo para dentro, abrindo espaço para Júlia, Alice e Katarina. As amigas entraram no cômodo caladas, silenciosas demais, forçando suas próprias expressões a não exprimirem qualquer reação. Estavam diante de um quarto/sala/cozinha integrados numa peça de 3x3m. Do lado direito, uma pequena janela emperrada construída ao lado da chaminé. Do lado esquerdo, uma portinha estreita. A mais nova futura inquilina do imóvel caminhou até ela e a abriu, exibindo um minúsculo banheiro, onde duas pessoas não podiam entrar juntas. A distância entre o vaso sanitário e a área de banho era de aproximadamente 50 centímetros. Percebia-se que, tendo vontade, seria possível facilmente tomar uma ducha sentada na privada.

— E então?

Entreolhando-se ligeiramente, Katarina foi a primeira delas a limpar a garganta.

— Bem, eu acho que, com uma pintura na parede e uma boa limpeza... — deteve-se de concluir, não sabendo ao certo se somente isso seria o suficiente.

Levou um décimo de minuto para que o silêncio seguinte fosse substituído por uma explosão de risadas, inclusive de Priscila, antes de Katy realmente confessar o que pensava:

— Garota, nós teremos um trabalho dos infernos aqui, mas acho que, depois disso, sua nova casa vai ficar demais!

Júlia puxou Priscila pela cintura para um abraço.

— Tô muito orgulhosa de você, sabia?

Pini envolveu as mãos em torno das da amiga.

— Obrigada... eu — respirou fundo, como quem não fazia isso por algum tempo — eu precisava sair de lá.

— Fez bem, Pini — Alice se juntou a elas. — Estamos todas muito orgulhosas.

Katarina limpou as mãos batendo uma na outra após abrir o único móvel presente, uma geladeira velha, enferrujada.

— Só não deixe o dono deste lugar te explorar. Esse horário de trabalho que ele impôs tem de incluir horas extras — disse com propriedade, como se entendesse de relações de trabalho.

Pini assentiu, explicando o que havia acordado com o dono da pizzaria, embaixo do quartinho – que poderia ser considerado, na verdade, um sótão.

— Eu combinei com ele que seria assim até as aulas na faculdade começarem, depois vou fazer meio período durante a semana, e aos sábados e domingos, trabalharei o dia todo.

Ela tinha 18 anos, esse era seu primeiro trabalho de carteira registrada, a primeira casa que alugava e a primeira vez que deixava para trás uma vida ligada àquela mulher. Não mais. Priscila não pretendia voltar. Não depois de tudo. Não depois da nova “amizade” de Elizabeth.

— Peguei o carro do meu pai para fazermos a mudança — Katarina avisou. — Ele está fora.

Alice lhe lançou um olhar desconfiado.

— Katy, você não tem carteira para dirigir...

Ela deu de ombros, despreocupada, explodindo uma bola de chiclete.

— O importante é que temos um veículo. Além de que estou aprendendo...

— Sozinha? — Priscila perguntou, escondendo a diversão.

— De que outro jeito? Ninguém quer ensinar.

— Deus nos proteja — Júlia bufou.

Seguiram para a loja de materiais de construção na mesma rua onde a pizzaria se localizava. Compraram tinta, produtos de limpeza e alguns poucos itens funcionais e passaram o restante do dia cuidando da nova casa de Priscila. No meio da pintura, Alice pediu que fizessem uma foto. A imagem captou a essência do que sentiam: as amigas, orgulhas, e Priscila, realmente feliz pelo que julgava ser o começo de dias melhores. Uma sombra manchava sua alma havia meses, era preciso sair de lá e ir à luta, ou deixar que aquele sentimento se apropriasse de tudo.



A última caixa era aquela em suas mãos. Livros. Estava um pouco mais pesada do que as outras. Priscila fechou a porta do quarto, equilibrando a caixa em um joelho, antes de lançar um último olhar melancólico ao espaço. Ela nunca fora feliz ali. Elizabeth não a permitira ser.

Ao descer os degraus, ouviu algo como “velha bruxa dos infernos” sendo murmurado. Chegou a tempo de presenciar uma troca hostil de olhares entre sua mãe e Katarina. A amiga parecia uma fera prestes a avançar. A mãe, traiçoeira, precisava apenas disso para exibir um lado perverso, que mantinha reservado somente para a filha.

— Esta é a última — Priscila disse à amiga.

— Ótimo, vamos embora, Pini.

Priscila inspirou controladamente e então pediu à amiga que fosse na frente. Ela precisava de um último momento sozinha com a mulher. Katarina compreendeu e respeitou, não sem exibir em seus olhos cor de amêndoa exatamente o que pensava sobre a outra, um olhar sujo, de quem testemunhara todos os malfeitos.

Quase todos, pensou Priscila com amargor.

Sozinha com a mãe, ela refletiu sobre o que dizer, em como expressar tudo o que sentia. Entretanto, não havia palavras para isso. E percebeu que nada do que dissesse mudaria qualquer coisa. Então simplesmente deu as costas à mulher, em silêncio, sem baixar a cabeça. É claro que Elizabeth não a deixou sair sem destilar alguns de seus habituais ataques ofensivos. Contudo, não doeu; ao contrário do que esperava, as palavras da mãe não machucavam mais. Talvez porque já tivesse presenciado uma dor muito, muito mais profunda, cravada na carne.



Capítulo 01

Priscila

— Você vai gostar deste lugar, Pini — Gabi afirma enquanto passamos pelos seguranças. — Mauro, o cara que trabalha comigo, disse que foi difícil conseguir as entradas.

— Depois de você falar por tantos dias, é o que eu espero, garota — provoco.

Lançando uma piscadela atrevida, ela segue rebolando em seu vestido preto ajustado ao corpo pelo longo e estreito corredor de paredes revestidas com um tipo de tecido aveludado vermelho, vistoso. Somado à baixa e tremulante iluminação e fazendo jus ao nome na fachada, *El Diablo*, o lugar invoca o pensamento de como seria a entrada do inferno. Diabolicamente atraente, feito para seduzir as pobres almas indefesas pela luxúria. A ideia leva um arrepio excitante à espinha.

Eu estava precisando disto. Uma noite num lugar novo, o frescor do desconhecido. Ando muito entediada ultimamente, e, se não fosse por Gabrielle, as coisas poderiam ser piores. A garota é a única amiga solteira que me restou. Alice está casada, Júlia, praticamente, e Katy, também noiva, mantém um pé aqui e outro no litoral. Minhas amigas de infância, irmãs por escolha, estão se assentando na vida, encontrando seus caminhos. Estou feliz por todas elas, muito mesmo... mas fato é que eu realmente não havia percebido o quanto estava me sentindo sozinha. Até agora.

Gabi se inclina para falar próximo ao meu rosto, tanto para se fazer ouvir em meio à música alta que escutamos conforme vamos andando, quanto porque não quer que mais ninguém ouça.

— Ouvi dizer que este lugar pertence a gangsteres da máfia — debocha num cochichado descrente. — Embora eu acredite que sejam apenas boatos para assustar garotas inocentes como nós. — Ela bate os cílios, docemente malvada.

Impossível não rir. Eu realmente amo essa menina!

— Sinto-me tentada a voltar correndo — brinco.

Ao final do corredor, nós nos deparamos com a ampla boate,

verdadeiramente deslumbrante, luxuosa. Não é apenas a decoração quente, em tons de vermelho e preto, maliciosamente remetendo ao pecado, tampouco a iluminação inovadora, pulsante, ou a música em batidas que alcançam o peito... é além. É a energia. Meu corpo a sente correndo pela pele.

Assoviano baixinho, a garota ao meu lado certamente tem a mesma reação.

— Caramba, Priscila, como é que a gente não conhecia este lugar...?

Balanço a cabeça concordando. É exatamente o pensamento que tive.

— Gabi, lembre-se do que combinamos... — ressalto, talvez mais para mim mesma do que para ela.

Movendo a cabeça num aceno lento, ela confirma.

— Nada de exagerarmos. Concordo. A última vez fez um dano no meu cérebro. Outra daquelas, e eu morro.

— Acho que eu também...

Nossa saída de duas semanas antes quase me custou um cliente. Mal conseguia me concentrar no que o infeliz dizia, tal meu estado de ressaca. Em minha defesa, foi ele quem ligou num sábado de manhã exigindo me ver. Quem diz que publicitários não dão duro certamente desconhece a profissão. Não bastasse ter de criar algo extremamente surpreendente a cada nova campanha, ainda tenho de lidar com um ambiente altamente elitizado, dominado por homens, o que só me orgulha de ser mulher.

— Pini, aquilo ali é uma...

— ...Casca — complemento, surpreendida com o que parece ser um local para que os convidados se refresquem e caiam de vez na perdição.

Ela sacode a cabeça.

— A gente não vai acabar a noite ali.

— Não. De jeito nenhum... — Olho-a de soslaio, enquanto abafamos inutilmente uma risada.

Rindo de nós mesmas, cúmplices, pisamos definitivamente dentro do caldeirão do demônio, prontas para sucumbir nossas almas.

Nossa primeira parada é no concorrido bar, onde homens e mulheres impecavelmente bem-vestidos trabalham freneticamente para atender a demanda. Leva um tempo até termos nossos Martinis em mãos para então circularmos e explorarmos o lugar enquanto realizamos a tediosa tarefa de nos desviar da atenção de todo imbecil por quem passamos. Eles são o lado ruim destes lugares, com certeza.



Mais um ou dois drinques depois, estamos nos rendendo à pista de dança. Impossível ser diferente, a pulsação vibrante das batidas nos atrai como abelhas pelo mel. De olhos fechados, deixo o mundo do lado de fora e movo meus quadris de um lado ao outro, permitindo que a energia flua por minha corrente sanguínea. Num momento destes, todos os problemas simplesmente somem e você só consegue experimentar esta sensação poderosa de liberdade crescendo mais e mais forte a cada instante, levando-a a te guiar como se ninguém mais pudesse ver.

Sentindo a boca seca – e é isso o que me obriga a me situar –, aproximo-me do ouvido de Gabi e pergunto se ela quer algo do bar. Leio a palavra “água” em seus lábios. Exatamente o que preciso também. Grito que já volto e saio a buscá-las.

Com dificuldade, tendo de dar uma empurrada de ombro aqui, outra ali, encontro um lugarzinho ao balcão do bar. Gesticulo ao garçom ruivo vindo em minha direção.

— Duas águas, por favor!

Aparentemente sem me escutar, ele passa direto e se encaminha a um cliente a alguns metros. Espero outro funcionário e repito o movimento e pedido. Nada. Faço a tentativa mais duas ou três vezes, sem sucesso. Então encho os pulmões, pronta para gritar mais alto, se esse é o único jeito... e só não o faço pois sou momentaneamente distraída por um vulto silencioso que logo toma a forma de um braço estendido sob um blazer escuro bem ao meu lado. Assisto a dois dedos bronzeados, juntos, sacudirem, sinalizando um gesto simples no ar.

Seguro a vontade de rir e dizer “boa sorte, nunca vão vir até você só com isso”.

No entanto, o inacreditável acontece... O apelo quase imperceptível é visto e imediatamente acatado.

— Ah, qual é...? — Assovio, girando a cabeça para encontrar a pessoa que obteve um injusto feito...

...e me calo por um ligeiro momento ao me deparar com impressionantes olhos claros (embora eu não consiga distinguir exatamente a cor em meio à sombra da iluminação fraca) encarando-me fixamente. São tão intensos e penetrantes que parecem de vidro, sob os cílios grossos. Desvio-me deles para

contemplar um nariz de traços retos, poderoso, em harmonia com o formato quadrado de seu rosto bronzeado. Sobrancelhas bastas se movimentam sutilmente, como se estivessem conversando comigo. É quando me dou conta de um sorriso torto em seus lábios. Um maldito sorriso convencido, quase imperceptível, mas que carrega certo desafio, *perversidade*, eu diria, lembrando histórias de belos anjos caídos, lindos e maus por natureza.

Desconcertada, fecho a cara e estreito os olhos de leve, como quem diz “Tá me olhando assim por quê?”.

O infeliz interpreta corretamente e sorri. Sorri! De lado, presunçoso, parecendo satisfeito por minha varredura em seu rosto.

— Não há de que — diz numa voz profunda, baixinha, que, numa outra situação, me faria refestelar.

Pisco aturdida, tanto por sua frase sem sentido quanto pelo pensamento inconveniente.

— O que disse?

Confiante, ciente da boa figura que tem, tranquilamente ele acena para algo atrás de mim.

— O barman — explica, apontando para o homem parado do outro lado do balcão esperando por nós. — Agora ele está aqui, você pode fazer seu pedido. — Baixa os olhos, reverenciador. — E não precisa me agradecer.

Noto um sotaque carregado nas palavras, não que ele não domine nosso idioma, mas é algo forte, intrínseco. Eu diria que sua nacionalidade é de algum país europeu, mas não diria a Inglaterra. Certamente ele não é francês, espanhol ou italiano, eu saberia. Raios, eu nem mesmo deveria estar tentando descobrir.

Verifico de relance o funcionário pronto para receber nossos pedidos e volto a encarar o gringo. Sentindo-me obrigada a reagir, elevo o queixo, numa postura forçadamente desapaixonada, então abro um sorriso que não passa de um mover de lábios.

— Por favor, você primeiro — ofereço tão arrogantemente quanto ele.

Em reconhecimento, o sujeito meneia a cabeça negativamente, sustentando aquele ar sério de um jogador sem pretensão de perder.

— Faça seu pedido, linda.

“Linda”. Apesar de eu detestar adjetivos toscos assim vindos de um estranho, na boca desse sujeito, somado ao tom de ordem, soa pessimamente... *atraente*. Não sei, talvez seja o sotaque, ou o desafio implícito...

Permitindo que a curiosidade leve a melhor, semicerro os olhos e faço um

escrutínio mais demorado. Ele é grande, uma cabeça mais alto do que eu, em meus saltos; ombros largos; postura confiante, relaxada – enquanto uma das mãos descansa dentro do bolso, a outra se escora ao balcão; pés cruzados um em frente ao outro; magro (e eu poderia apostar que há um tronco firme por baixo do paletó, colete, camisa e gravata); suas coxas são fortes, percebo pela espessura sob a calça agarrada do terno. É um exemplar cru de masculinidade emoldurado por um belo rosto feito para atrair. Porém, de olhos *gélidos*, tão frios quanto o pior dia de inverno.

Dá a sensação de que falta algo ali. Alma, talvez.

Um predador.

É essa a definição que me vem à mente e, com ela, aquela sensação muito familiar de alerta. São poucos os que a invocam e em momentos cada vez mais raros, mas, quando acontece, não há uma única célula em mim que não desperte em estado de atenção. É instintivo.

Não gosto de me sentir assim.

Discretamente, respiro fundo, afugentando os sinais, e, por uma questão de autopreservação, faço a única coisa que minha intuição ensurdecadora exige.

— Obrigada, mas não pedi sua ajuda, *lindo*... — digo com calculada indiferença e giro nos calcanhares.

Saio sem as águas, com a boca ainda mais seca do que antes, porém, agora com o coração batendo violentamente contra o peito não por qualquer atração, mas pela sensação de ânsia de vômito que as lembranças promovem em meu interior toda maldita vez.

De costas para ele, deixo escapar um suspiro trêmulo.

Sem intenção, esse gringo me trouxe a detestável sensação de vulnerabilidade. Odeio o que ela faz comigo, principalmente odeio o quanto me faz parecer fraca.

Meio desnorteada e necessitando de um mínimo de privacidade, caminho através da pouca visibilidade na direção do banheiro, apontada pelas placas. Entro no espaço feminino lotado, cercado de espelhos por todos os lados, e vou direto a uma pia, por milagre a única vazia.

Como quem busca redenção, agarro firmemente a borda de granito, abro a torneira, molho a mão e a levo à nuca. Ao sentir as gotículas frias escorrerem por dentro do vestido, correndo bem-vindas pelas costas, fecho os olhos por alguns instantes, praticando uma receita bem simples: respirar fundo e desviar o pensamento para coisas que me fazem bem. Um truque que aprendi com o tempo, na verdade.

É isto, ou enlouquecer. Acredite, eu já estive dos dois lados.

Somente quando me sinto no comando outra vez é que encaro meu reflexo lívido. Se eu for honesta, confesso que evito me ver assim, perceber que a garota do outro lado do espelho não é tão forte quanto quer ser, que já foi ferida e não pôde fazer nada. E, em alguns momentos, eu a abomino por isso.



Tendo os sentidos e emoções devidamente organizados, retorno para junto de Gabrielle. Minha amiga não questiona a ausência das bebidas, tampouco explico.

— Sente isto, Pini? — Gabi move-se ao ritmo das batidas; os longos cabelos platinados acompanham o balançar.

— Sim, garota... eu sinto. — Fecho os olhos e me deixo levar também.

E continuo assim, música atrás de música, até que recebo um cutucão na costela. Abro os olhos (que eu nem tinha me dado conta de estarem fechados), sentindo as pálpebras pesadas, para verificar a Gabi corada, suada, apontando para alguém atrás de mim.

Por cima do ombro, vejo um garçom parado, carregando uma bandeja com duas garrafinhas de água.

Sem expressar palavras, arqueio a sobrancelha e questiono sua presença estagnada feito um Às de Copas.

— Uma cortesia do senhor Nikolaevich — diz num modo exageradamente profissional.

Olho para ele e para as garrafas. Puxo uma delas sem sutileza e confiro o lacre. Aparentemente está intacto, mas nunca se sabe. Com a quantidade de histórias que a gente escuta de homens cafajestes tentando drogar mulheres em lugares assim, eu nunca aceitaria nada das mãos de estranhos.

Devolvo a garrafa à bandeja.

— Obrigada. Por favor, diga a esse senhor Nik-sei-lá-das-quantas que agradecemos. — Inclino o corpo, aproximando-me do ouvido do homem para que me escute bem: — Mas, quando quisermos, pegaremos nós mesmas.

E, com isso, deixo o pobre garçom de boca aberta, sem saber o que fazer. Volto a dançar. Todavia, já não consigo relaxar. Esse tal senhor Nik-Nome-Difícil provavelmente é o mesmo cara do bar, o gringo.

Dominada por uma certeza tão forte quanto a batida dessa música, sinto que aqueles olhos frios, perigosos, estão me observando de algum lugar. Não preciso procurá-lo para saber. É inexplicável e alastra arrepios por toda a minha pele, como se sua vigilância fosse onipresente. Mentir dizendo que não me excita, apesar de tudo, seria ridículo, pois me pego em um incomum estado de ansiedade (embora admitir me impressione muito). Eu poderia culpar o álcool se, de fato, tivesse consumido ao menos uma quantidade significativa, o que não aconteceu.

Diabos! Quem é capaz de ser ao mesmo tempo tão atraente e tão intimidante? Ou o sujeito te desperta desejo, ou medo; as duas coisas juntas, não é certo. Definitivamente não é certo.

Contrariando toda a minha racionalidade, vejo-me com vontade de provocá-lo... atirá-lo. Quero fazer com que perceba que, com ou sem água, ele é o último cara com quem eu terminaria esta noite. Desafiante, finalmente aceito as investidas de um sujeito que está me rodeando há alguns minutos e danço com ele. Detesto sua mão possessiva em meu quadril, mas ignoro e me movo lentamente, de forma sensual.

Buscando alcançar aquele ponto de distanciamento dentro de mim, fecho os olhos, porém, a única coisa que consigo é pensar no rosto de belos traços masculinos, hostil, desafiando-me com apenas um menear de sobrancelhas.

Estou tão perdida nas divagações que, quando me dou conta, o homem que estava comigo simplesmente desapareceu no ar, como se abduzido por um extraterrestre. Olho para a direita e para a esquerda, e nem sinal dele. Gabi, também dançando com um belo cara, provavelmente nem percebeu. Que tipo de imbecil deixa a parceira de dança assim e some? Bem, me poupou trabalho, no final das contas.

Ainda com aquela sensação de ser vigiada, engato uma nova dança com outro sujeito; de novo uma mão pegajosa se cola em mim. Fecho os olhos, eriçada em todos os lugares, sempre com a expressão fria e ao mesmo tempo quente daquele maldito gringo cravada na mente... E o inesperado acontece: após duas músicas, outro parceiro se afasta sem deixar vestígios.

Devo estar sofrendo de uma séria crise de alucinações. O que havia naqueles Martinis? Homens não desaparecem assim, do nada.

Frustrada, de boca seca, desisto. Aviso a Gabi que vou buscar nossas águas e, desta vez, estou determinada a trazê-las comigo. Objetivamente, vou me enfiando em meio às pessoas até obter meu lugar ao sol no bar. Segura, estendo o braço, uno dois dedos e aceno com eles no ar, tal qual vi o gringo fazer...

inutilmente.

Se eu fosse um homem grande com ar perigoso, talvez funcionasse.

— O que uma mulher precisa fazer para conseguir uma bebida neste lugar?!
— grito, começando a não gostar mais tanto assim de El Diablo.

— Aceitar quando alguém gentilmente lhe envia uma é um bom começo —
aquele sotaque gringo gostoso de ouvir... *outra vez*.

Tremores se alastram por meu corpo com grande intensidade, feito um choque elétrico, daqueles leves, mas que fazem alguém se retorcer num instante.

Sobressaltada pela proximidade da voz rente ao meu ouvido, viro-me rapidamente. Um erro, pois fico encurralada entre o homem e o balcão, perigosamente perto demais. Estamos a um palmo de nos tocar.

— Você de novo — finjo desgosto, embora uma parte de mim talvez o esperasse.

O olhar aquecido e impiedoso busca o meu.

— Acho que não me deu oportunidade de me apresentar — seus lábios movem-se numa provocação sensual, zombeteira até. — Eu me chamo Gael Nikolaevich.

Inspiro discretamente, tentada a desvendar os elementos de seu hálito, uma mistura refrescante de menta e vodca.

— Ah, sim, Nik, o cara *gentil* das águas — rosno com forçado desdém.

Pego um vislumbre de dentes alinhados no que parece ser um sorriso, embora não minimize o perigo iminente em seu rosto.

— Gentil não é como as pessoas costumam me definir, senhorita...?

Não revelo meu nome, pelo contrário, cerro os lábios. E minha recusa só o faz olhar-me mais atentamente por baixo dos cílios longos, como quem encontra um enigma a ser desvendado.

A partir do brilho no olhar frio, sinto-me impelida a desestimulá-lo.

— Ok, o senhor já fez sua exibição de masculinidade, agora, por favor *se afaste*.

— Aceite uma bebida minha — ignorando-me, diz num forte sotaque, não um pedido, mas um tipo de ultimato.

Acabo rindo. É errado, principalmente quando você quer dissuadir alguém, mas... *por Deus! De onde esse cara surgiu?*

Não sei como as coisas são na terra dele; aqui, no entanto, é sempre necessário um mínimo de tato numa conquista. Você não pode chegar ao seu alvo de interesse, agarrá-lo primitivamente pelos cabelos e sair dizendo “mim

quer você”. Não importa quão atraente você seja.

— Olhe — explico calmamente —, estou impressionada com suas técnicas de conquista, é sério. Mas eu realmente não quero uma bebida sua.

— Por quê? — leio em seus lábios.

Olho desdenhosamente seu belo corpo (ou a parte dele que posso ver, tão próxima como estou).

— Não estou interessada em você, entende?

O olhar glacial vai perdendo um pouco da frieza e ganhando temperatura. Humor, eu diria.

— Ah, não?

Engulo a saliva, sobrecarregada pelo desafio.

— Não. Você não faz meu tipo.

Sua reação me pega desprevenida. Em vez de irritar-se com o desaforo, o que ouço é uma risada gostosa, rica, que lança um calor gostoso pela pele. Por um instante, fico me perguntando como seria beijá-lo, correr os dedos por seu cabelo negro aparentemente macio, deslizá-los pelos contornos magníficos de sua estrutura óssea facial, sugar o lábio cheio.

Que confusão dos infernos! Quero socá-lo na traqueia para que se afaste, e ao mesmo tempo provar sua boca?

Este lugar. É a única explicação.

— Pelo que eu pude ver, senhorita — traz atrevidamente a boca junto ao meu ouvido, roçando meus cabelos com o nariz —, os que fazem o seu tipo não parecem gostar de dançar com você — seu divertimento se revela nas ondas de provocação, que arrepiam minha nuca.

Maldito seja! É evidente que esse gringo assistiu a minha dupla rejeição na pista de dança.

— E por isso você acha que pode tentar?

— Não. Mas estou disposto a fazer um acordo com você.

A energia de seu corpo, o perfume amadeirado gostoso, o movimento de seus lábios, todos esses elementos deixam meu céu da boca seco de antecipação, queimando, e me obrigam a perguntar:

— Qual?

Sei que a curiosidade é um defeito meu.

— Se, dentro de uma hora, ainda estiver sozinha, você aceitará tomar um drinque comigo. — Seu hálito sopra quente e me envolve numa bruma macia. —

E uma dança também.

Semicerro os olhos, fascinada com sua segurança.

— E por que eu aceitaria isso?

— Porque, do contrário, insistirei até que ceda. Sou um homem persistente, talvez não gostará de saber o quanto — apesar da fala absolutamente presunçosa, a expressão serena demonstra que sua revelação é uma verdade absoluta da qual ele não se envergonha.

Troco o peso de um pé para o outro.

— Deixa eu ver se entendi: na sua opinião, eu terei de ter um homem ao meu lado a qualquer custo, seja um estranho ou você, é isso? — uso toda a doçura irônica que possuo.

— Não. Não pretendo te ver com um estranho.

Reprimo um gemido exasperado.

— Então...? — Arqueio a sobrancelha.

— Você quer o que estou propondo, mas tenciona tornar isto mais difícil para mim. Neste caso, estou te dando a oportunidade de perceber no seu tempo.

Observo seu rosto impassível com mais cuidado.

— Gringo, de onde foi que você surgiu?! — Acabo tendo de morder forte o lábio para não rir.

Esse cara mexe comigo para o bem e para o mal. Apesar do perigo exalando por seus poros, partes de mim que não deveriam se deixar abalar, umedecem e esquentam. Acho que nunca me deparei com alguém assim antes. Lobos Maus costumam sorrir e ganhar pelo convencimento... homens como ele, no entanto, não escondem o que querem, lançam as cartas abertamente, o que é ainda mais aterrorizante. Sua atitude primitiva consegue fazer o impossível: tornar-me tentada ao desafio.

Por que não? Na verdade, seria muito interessante ver sua confiança quebrar ao meio quando perceber que a tarefa que me deu não é tão difícil quanto pensa. Posso até me ver com outro enquanto sinto seu olhar intimidante contemplando minha vitória.

— Tudo bem — respondo decidida. — E só para que fique bem claro... — acrescento com seriedade — nenhuma das alternativas acabará em nós dois transando. Se esse é o seu objetivo, desista.

Recebo um sorriso muito mal-intencionado.

— Eu não pensei nessa opção, mas a ideia é tentadora... — Ah, esse maldito sotaque ligeiramente rouco...

Um calafrio corre por minha espinha dorsal, um misto de tentação e medo.

— Agora se afaste. — Empurro de leve seu peito. — E cumpra sua palavra.

Em vez de fazer o que eu peço, ele apoia suas mãos terrivelmente grandes e quentes em cima das minhas, segurando-as sobre o peitoral firme, e se aproxima ainda mais, tanto que tenho a sensação de que me beijará; no último minuto, contudo, move-se para meu ouvido.

— Eu espero que você também cumpra a sua, *Krasavitsa* — a ameaça grave eriça os pelos do meu braço. — Você verá que posso ser um excelente dançarino — provoca, acrescentando uma malícia primitiva ao timbre grave.

Traindo minha postura confiante, estremeço. O gringo percebe, satisfeito e se afasta, caminhando elegantemente dentro do terno escuro, deixando atrás de si promessas indizíveis enquanto lhe abrem caminho. Mulheres o observam, gananciosas; homens, em reverência.

Quem é esse cara, afinal?

Escoro-me ao balcão do bar como se minhas pernas de repente não fossem nada além de gelatina. Um mau presságio volta a me consumir, com a certeza de que essa é uma decisão da qual me arrependerei.



Capítulo 02

Priscila

Puxando Gabrielle para o meu lado, em busca de sua atenção, aproximo-me de seu ouvido em meio à cabelereira livre. Ela inclina a cabeça para baixo, encarando o chão enquanto me escuta.

— Gabi, responda honestamente! — peço constrangida. — Eu estou fedendo?

Sua cabeça sobe, e os olhos azuis arregalados vêm imediatamente encontrar os meus. Vejo um misto de confusão e divertimento em seu semblante.

— Pini, você bebeu? — ela se esforça em dizer por cima da música, observando-me atentamente enquanto reprime o riso.

Franzindo as sobrancelhas, nego, envergonhada.

Não dá para explicar aqui, em meio ao som alto, mas há algo de errado comigo. Algo de muito errado. Depois que eu saí do bar e voltei a dançar, nenhum cara descente se aproximou. Quando finalmente tive um bom par de braços musculosos me segurando sensualmente e me permiti relaxar ante sua presença, ele foi chamado para longe por algum tipo sinistro de homem engravatado, um segurança, talvez. E não retornou.

Que porcaria está havendo?

Paro e observo melhor a minha volta. Estou praticamente isolada na pista, a uns bons dois passos de todos, como se eu fosse portadora de alguma doença contagiosa. Isso passa longe de ser normal, principalmente numa casa tão cheia. Se não estou fedendo (discretamente confiro minha axila, descartando logo a hipótese) e certamente não me lembro de sair de casa com alguma enfermidade... então por que ninguém se aproxima?

Como uma mariposa sendo atraída para a luz, meus olhos o encontram, apoiado confortavelmente em uma coluna, nas sombras, encarando-me de um modo inexpressivo, embora a energia de seu olhar percorra meu corpo como uma descarga elétrica emocionante (infelizmente tenho de reconhecer). Um sorriso do tipo vitorioso rasga sutilmente o canto de sua boca firme quando ele levanta discretamente o copo de uísque como se estivesse me oferecendo um

brinde.

Não...

Não pode ser...

A debandada de homens ao meu redor, o fato de eu ser abandonada dança após dança, e esse gringo me encarando com esse ar sacana, isso não pode ser coincidência. Definitivamente não.

Inconformada com seu jogo sujo, marcho a passos duros em sua direção sem perder nosso contato visual. Conforme vou me aproximando, o sorriso vai crescendo, divertido, satisfeito com sua façanha, tenho certeza.

— Muito bem. — Paro diante dele, cruzando meus braços. — Como conseguiu? — pergunto, direta.

Noto um brilho enigmático no olhar que me concede.

— Do que você está falando? — ele está calmo, seu tom levemente debochado nem tenta disfarçar.

— Sei que você fez alguma coisa, gringo — acuso-o. — Eu só não sei dizer o quê, mas você deu um jeito de espantar todo mundo, não foi?

Elegantemente ele se descola da coluna e corta o meio metro de distância entre nós, impondo sua presença, tamanho e força, tão perto que tenho de olhar para cima. Acho que a aura intimidante é algo natural nele.

— Para que eu continue esta conversa e me defenda da sua acusação devidamente, preciso primeiro saber seu nome — o timbre levemente rouco, forte ordena, contrariando o sorriso torto que me desarma por um instante.

Penso um pouco. Olho de relance para uma dupla de caras perto dele e na mesinha ao lado deles. Sobre a mesa há um copo pequeno, serigrafado com uma marca.

— Havana — digo com firmeza, voltando a encará-lo.

Eu sei. Mentir o nome é algo absolutamente estúpido... mas com esse homem, sinto que preciso me resguardar de algum modo. É instintivo.

O gringo atraente estreita os olhos e faz uma vistoria em cada pedacinho do meu rosto, imagino que deliberando sobre o nome e verificando se combina comigo.

Mantenho uma postura séria, sem vacilar, apesar do que sua atenção estranhamente causa em meu estômago.

— E então? — Descruzo os braços, cerrando os punhos ao lado do corpo.

— Havana... — pronuncia, testando o som da palavra, em seu sotaque acentuado — do que exatamente estou sendo acusado?

Solto a respiração de forma lenta, domando a exasperação. “Mantenha a calma”, minha razão diz.

— Tínhamos um acordo. E você não jogou limpo. — Elevo o queixo. — Deu um jeito de afastar todos os caras de mim.

Observo suas mãos se levantarem em sinal de rendição.

— Eu não me movi deste lugar, Havana. — Seu meio sorriso me distrai. — E está enganada sobre uma coisa.

— Sobre o quê? — pergunto rápido, temendo o brilho perigoso em seu olhar profundo.

Seus lábios vêm para a pontinha da minha orelha esquerda.

— Não *tínhamos* um acordo — corrige. — Nós *temos*. Ele ainda está de pé, e, se você verificou o relógio, sabe que seu tempo acabou.

— Ora, seu filho de uma...

Sou impedida de concluir:

— Não me ofenda — é um aviso claro como o dia. — Você deu sua palavra, agora cumpra.

Nego-me a acreditar que caí nesta armadilha. Sinto-me passada para trás.

— Só me diga se fez... — peço por uma questão de orgulho.

Ele sorri, condescendente com meu sentimento de orgulho ferido.

— Não.

— Não fez *nada*?

— Não vou *dizer* nada — ri baixinho, amolecendo o tom. — Venha, uma bebida comigo não pode ser tão ruim assim.

Talvez pelo ligeiro afeto em sua fala, acabo aceitando minha derrota, claro, de ombros caídos e postura vencida.

— Sim, não pode ser tão ruim... — repito.

E, quando me dou conta, tenho sua mão áspera e muito quente pegando a minha com cuidado, suavidade até. O gringo vai nos guiando entre as pessoas para uma mesa de canto, impressionantemente vazia para um lugar tão cheio, como se estivesse esperando por nós.

Meu coração trabalha de uma forma desconhecida, pulsando num ritmo de tambores descompassados gostoso de sentir. Outra vez nem posso culpar o álcool. Até mesmo meu estômago se manifesta com ligeira perturbação, nada daqueles enjoos viscerais relacionados a situações ruins, é mais como uma dose pequena de adrenalina, quase a mesma que senti ao pular de paraquedas uma

vez.

Espero que isto não me leve a fazer nenhuma besteira...

Sentando-me primeiro, deslizo a bunda pelo estofado de couro vermelho em formato de “U” até o lado oposto dele. O cara percebe minha necessidade de manter certa distância e respeita, sentando-se confortavelmente do outro lado.

— Muito bem, Havana, como combinado, aqui estamos para o nosso drinque.

— Estamos... — resmungo em compelido ar desapaixonado.

Dono da situação, percebo seu esforço para não rir. Bem, fico feliz que alguém esteja se divertindo com isso... à minha custa, é claro.

— E você vai dançar comigo — lembra os termos do acordo enquanto faz um sinal discreto para um garçom do bar.

— Ainda não sofro de Alzheimer... — rosno, odiando minha posição neste jogo.

Quem sabe, se eu for desagradável, acabemos mais rápido com essa coisa patética.

Interpretando minha acidez, o gringo torna a arquear a sobrancelha grossa, sério.

— Ah, qual é... Você não espera que eu me sente aqui e aceite que fui trapaceada, não é?

Os lábios masculinos, num volume muito atraente, franzem para o lado, como quem analisa a questão.

— Na verdade, espero, sim.

Bufo, tentando evitar seriamente um sorriso de pura perplexidade. Pelo jeito, em seu país honra não é uma regra.

— Você é exasperante, senhor Nik-Nome-Difícil.

O anjo de traços diabólicos sorri, exibindo dentes bonitos, alinhados, embora se perceba que um dos caninos é menos afiado do que o outro, talvez resultado de uma queda.

— Seus adjetivos em relação a mim são um tanto incomuns.

Isso porque ele ainda não ouviu os melhores que tenho na ponta da língua neste momento.

— Você também é... — a frase escapa antes que eu possa detê-la.

Ele se ajeita no estofado, descansando o braço direito por cima do encosto, como quem escolhe uma posição boa para iniciar uma profunda análise. Neste

momento, o garçom chega trazendo um Martini e o que parece ser vodca para ele.

— Como sabia?

Não obtenho resposta.

Quando o funcionário se afasta, Gael volta a falar.

— E então, o que você faz da vida, Havana? — indaga casualmente, após isso sorve um gole da bebida sem sequer mover um músculo em reação ao ardor da mesma.

— Conversar não fazia parte do acordo — resmungo e beberico o Martini.

Sem precisar checar, sei que recebo um olhar duro.

Suspiro.

— Trabalho num zoológico — minto de supetão... o que é meia verdade, se eu considerar os animais a quem sou obrigada a chamar de colegas.

— Num zoológico? — repete como se estivesse me testando.

— Aham... zeladora.

Forcei a barra, eu sei. Porém, a mentira saiu tão rápido e parecia tão certa. Tomo coragem para encará-lo e preciso prender a respiração ante sua completa atenção, insondável, embora.

Impelida a acrescentar qualquer besteira convincente, acrescento:

— Sabe como é... Profissão de família, meu pai e meu avô também trabalharam nisso.

Gael não esboça nenhuma reação. Só mantém seus olhos escrutinadores em mim.

Nos minutos que se seguem, tudo o que ele faz é me bombardear de perguntas. Minto em praticamente tudo, como num jogo de pôquer. Nunca fiz isso antes, porém, não nego que estou obtendo ligeira diversão em sentar-me diante de alguém que emite tanto poder e simplesmente não sucumbir, fazendo-o de tolo, enquanto pensa que pode me trapacear sem represálias.

Toda ação gera uma reação, gringo. Aprenda aí.

Honestamente, uma pontinha de mim, aquela absurdamente não-familiar, está gostando um pouco mais da presença dele do que deveria. Gael Nik-Nome-Difícil é um cara muito peculiar. Chamá-lo simplesmente de bonito não faz jus a sua figura... Ele é mais. Exala força, determinação, possessividade, masculinidade em sua face mais primitiva.

Talvez ele tenha lido minha análise mental e se dado conta de que me atrai... pois, antes que eu perceba, o gringo está me conduzindo para a pista de

dança.



A música que ecoa na boate está mais sensual. As batidas vibram através do corpo, criando um calor e energia indescritíveis. Tomar aquele Martini no fundo foi bom, diminuiu um pouco da tensão que eu estava sentindo e até me deixou mais solta.

Não sei bem quando nos encaixamos, mas sei que foi rápido e sem que palavras de autorização ou acordo tácito precisassem ser ditas. Num momento, começávamos nos explorando com os olhos, deixando a música nos levar vagarosos... no seguinte, Gael apertava minha cintura, trazendo-me para mais junto de si.

Minhas costas roçam em seu peito largo, enquanto ele desliza comigo ao som da música, fazendo nossos corpos se esfregarem num atrito delicioso.

Preciso admitir que ele é muito bom e tem uma pegada maravilhosa pra caramba. Quando percebo, ainda de costas pra ele, estou esfregando-me contra a sua virilha, refestelando ante a evidente e poderosa protuberância em suas calças. Deus, isto é tão bom! Sem pensar, subo meu braço direito, enrosco-o em sua nuca e giro o rosto por cima do ombro esquerdo para encontrar aqueles olhos sombrios, que me enlaçam como rede de pesca num rio.

“Perigo” grita na forma como inclina a cabeça para mais perto; em como o ar dilata suas narinas; na excitação absurda presente nos seus olhos fixos nos meus. Não me lembro de já ter sentido tanto desejo em apenas uma dança.

— Gael... — murmuro descendo o olhar para sua boca tão próxima, atraindo-me para o calor dela.

— *Krasavitsa*... — grunhe, aumentando o domínio de seus dedos em meu corpo.

Atrevidamente, sem mais nenhum controle de meus instintos, sou eu a tomar a iniciativa. Estico-me para mais perto e lambo a pontinha de seus lábios. É um correr de língua lascivo, rápido, provocador. Todavia, o poder que cria dentro de meu ventre faz com que eu me empurre ainda mais contra sua masculinidade, implorando por algo que nem bem sei o que é.

Em resposta, abruptamente sou girada de frente para ele. Penso escutar um tipo de som selvagem vindo diretamente de seu peito antes de sua boca tomar a minha, reivindicando-a, a princípio lento e aumentando a pressão, conforme

segura minha nuca com propriedade. Sinto em sua língua uma deliciosa mistura de menta e álcool. Tão deliciosa que me impele a gemer baixinho.

— Você é provocadora demais, menina — ele rosna contra minha boca, e percebo algo curioso: na última meia hora, o vi administrando muito bem nosso idioma, com calculado domínio; agora, no entanto, seu lado mais nativo veio à tona, acentuando o sotaque.

É essa mistura de seu sabor, cheiro, calor, pegada e o bendito sotaque que me sobrecarregam com a sensação de pequenas agulhinhas sendo fincadas simultaneamente, provocando tanto desejo que dói.

Seguindo minha natureza, que pede desesperadamente por alívio, encaixo-me sobre sua perna, praticamente montando-a até sentir o atrito de sua coxa firme contra meu núcleo. Movimento-me nele, ao som da música, unicamente para encontrar meu próprio prazer, descarada, sem me importar com o que ele ou qualquer outra pessoa possa pensar. Eu só preciso ter isto, numa necessidade forte como não lembro de já precisar antes.

Em resposta, ele me beija mais preguiçosamente e aceita servir-me de apoio para um fim... *por pouco tempo*.

Ao arrastar beijos molhados a caminho de meu ouvido, sei que virá algo de mau, na verdade, espero ansiosamente que venha.

— Se você gozar agora, serei obrigado a tê-la aqui mesmo — é um aviso rouco, abafado, mas absolutamente real.

Mal respiro.

— Vamos, Gael, me ajude...

— Não aqui, Havana — ouvir esse nome como se fosse o meu em meio a um momento tão íntimo me sobressalta. Todavia, lembro que foi eu mesma quem disse.

Apesar da recusa continuo me movendo inocentemente, até que ele segura meu queixo e sobe meu rosto para encará-lo. Fico presa dentro de seu olhar escurecido esperando pelo que ele tem a dizer... então sinto dedos macios discretamente vindo por baixo de meu vestido, correndo a coxa, subindo sorrateiro um caminho quente para o lugar onde mais preciso dele, sem que ninguém ao entorno perceba. Descolo o quadril um pouco, no intento de facilitar sua abordagem. Se ele prefere me dar isto ele mesmo, sou grata. Que venha do jeito que puder vir.

— *Yeb vas...* — ruge baixinho o que imagino ser um palavrão sujo ao me encontrar úmida.

Atrevidamente, aproximo meus lábios para beijar seu queixo.

— Isso é o que você fez comigo, gringo.

Sinto sua mandíbula enrijecer sob meus lábios ao passo em que sou tocada exatamente no local específico. Mais um pouquinho dessa pressão, e sei que...

Entretanto, o infeliz para.

— Não...

— Na minha casa ou na sua? — inquire no timbre grave de quem também está por um fio e não aceita outra resposta.

Afasto o rosto para olhá-lo de frente, enquanto nego com a cabeça.

— Aqui, me dê isso aqui...

Sei que pareço promiscua ao pedir algo assim, ou egoísta. Na verdade, no momento não consigo ligar muito para isso. Estou num estado tão sensível que me impressiona.

Os dedos movem-se certos outra vez sem que a escuridão de seus olhos me largue.

— Responda. Na minha casa ou na sua?

Exige e, novamente, se detém de continuar.

Volto a negar com a cabeça. Então ele se aproxima do meu ouvido.

— Ouça com atenção, Havana. Pretendo percorrer essa coisa macia... — desliza o dedo — com a minha boca. E depois me afundar até você explodir. Se não decidir o lugar, nós faremos aqui mesmo. E eu só vou parar depois de ter tudo. Então decida. Agora.

Não é um blefe, sinto isso. É o ultimato, e em vez de me desestimular, talvez pelo modo tão explícito como disse todas estas coisas, me instiga, excita até.

— Por favor... — ainda arrisco sensibilizá-lo, rebolando suavemente o quadril.

Ele ri baixinho, deliciado, contra minha orelha.

— Última chance.

Trinco os dentes, de frustração comigo pela situação, acreditando que, provavelmente, esse homem sorrateiro planejou me deixar neste estado.

— Motel... — assumo minha derrota, finalmente.

O que digo o faz afastar a cabeça alguns centímetros e me estudar, curioso e com certa diversão.

— É isso ou nada — afirmo, um tantinho mal-humorada.

— Ok. Você quem manda, *Krasavitsa*.

Não sei se a decisão o agrada ou não, sua impassibilidade comedida não me permite saber. Contudo, o volume de aço que sinto entre nós revela que o local talvez não faça diferença, no fim das contas.

Ele apanha minha mão, pronto para irmos, mas nego, e me aproximo de seu ouvido para explicar.

— Preciso avisar minha amiga.

Diante de um estreitar de olhos, talvez desconfiado, volto a dizer.

— Não vou desistir, é sério. Eu realmente preciso avisar ela.

Na minha cola, ele vai comigo até onde Gabi se encontra no maior amasso com um moreno para lá de gato. Ao me aproximar deles, mal sei onde começa um e termina o outro.

Cutuco-a nas costas.

— Gabi! — grito por sobre a música.

A garota se afasta, dando-me um vislumbre do rosto suado e sorriso sacana. Quero rir.

Quando sua atenção sai de mim e sobe para o sujeito logo atrás, o entendimento se espalha por seu rosto. Não há qualquer necessidade de explicação.

— Se divirta — leio em seus lábios excessivamente carnudos.

— Mando mensagem — aviso. É um código que temos entre Alice, Júlia, Katy e mim e o estendemos para Gabrielle. Sempre que uma sai com um estranho, precisa informar às outras para onde está indo; se chegou bem; quando voltará para casa, até que finalmente esteja de volta e segura. Normalmente nos rastreamos também. Na verdade, Katy e eu somos as mais favorecidas. Júlia e Alice quase nunca saíam com estranhos. Enfim, diversão com segurança. Nos dias de hoje é imprescindível.

Aprendi que *segurança* é algo a que dou muito valor.



Capítulo 03

Priscila

A viagem no carro do cara é feita perigosamente. Não consigo tirar minhas mãos dele. Para a nossa sorte, o luxuoso motel que ele escolheu não é mais do que a cinco quilômetros da boate.

Tranquei minha razão em uma caixa e deixei a chave bem longe de meu acesso até pelo menos mais tarde. Claro que já saí com outros caras aleatórios. Nunca fui à casa deles e tampouco deixei que fossem à minha. Casa é pessoal demais. Contudo, com Gael, sinto que preciso ainda mais de uma boa retaguarda; quanto mais protegida, melhor. Hoje esse homem me fez ver um lado meu que eu desconhecia, primitivo, exigente, capaz de se sobressair à razão. Não gostei desta pessoa me habitando, e meu consolo é saber que durará somente uma noite; depois, nunca mais.

Já no corredor, há alguns passos da porta, atraco-me a ele, sentindo que um fogo quase que emocionante, se não fosse assustador. Sua reação é receber o beijo, acalmando meu ritmo com sua língua experiente, e sorrir meio de lado sem que seus olhos expressem a mesma ansiedade.

Dane-se ele e seu admirável autocontrole!

Ao abrir a porta da suíte luxuosa, sou pressionada contra a parede, apenas para o seu próprio prazer em checar o meu estado. Por esse ângulo, pareço um coelho de olhos vermelhos e arregalados que foi atraído a uma armadilha por uma trapaceira cenoura enrolada num barbante.

— Eu quero olhar bem pra você — diz, controlado, porém as narinas abrem-se com respirações densas.

Meus dedos trêmulos vão para o botão do blazer.

— Você me viu por uma hora. Agora preciso de bem mais do que isso — ronrono. *Ronrono!*, Deus do céu...

O trapaceiro ri, adorando o estado em que me deixou.

— Você terá o que quer, *Krasavitsa*, no tempo certo. Teremos a noite toda.

A promessa alastra deliciosos calafrios por minha coluna.

Controlo meu ardor para analisá-lo também, e o que encontro no brilho escurecido das íris azul-turquesa mais impressionantes que já vi, seca minha boca. Há um desejo feroz, do tipo que dá medo; uma intenção clara de me punir; e o pior de tudo: penso enxergar uma determinação de me marcar para si.

— Jesus Cristo... — Ofego, incapaz de dizer qualquer coisa.

Convencido, certamente por ter enviado a mensagem com clareza, ele sorri. Nada que remeta a bom humor, ou uma rodada agradável de conversa entre amigos, é mais algo como: “fico feliz que esteja consciente do que a espera”.

Contra a parede de entrada mesmo, ele me cerca. Meu pescoço é tomado de assalto, ele aspira meu cheiro como sendo o melhor que já sentiu na vida. Corre a mão por baixo do meu vestido com a propriedade de quem já conhece o caminho. E ali, sobre o pequeno centro de terminações nervosas, ele faz agora o que eu quis desde o minuto em que aquela dança começou. Fricciona-me com a habilidade de um homem experiente; afunda dedos em mim, criando espasmos nos músculos. E, quando percebe que estou muito perto, afasta-se... não para me tirar o prazer, mas para me tirar o chão quando se ajoelha aos meus pés e corre a língua por minhas panturrilhas, coxas, até a calcinha de renda tão fina e ensopada que dá pena.

Ali, ele sorve o cheiro até encher os pulmões. Nunca me senti mais feminina. Não fosse por suas mãos apoiando firmemente meus quadris, eu cederia sob meu peso, tamanho meu estado.

A língua provoca por cima da calcinha. Contorço-me. Dedos afastam a peça de lado. Ele ruge. Eu gemo. Lascivamente, ela me chicoteia de leve.

— Seu gosto é do céu — grunhe com tamanha necessidade e poder que quase choramingo.

Nada me pegou de jeito tão forte antes, ou me abalou tanto quanto essa frase ridícula.

Quando o diabólico gringo me ataca com mais vontade, a bomba antes sobrecarregada de expectativa e espera simplesmente explode. Fecho os olhos e me entrego às sensações pelo tempo que nem faço ideia. Depois de me segurar até o último espasmo, ele sobe cantarolando “meu nome”.

— Havana... Havana... — e me faz provar meu gosto salgado em sua boca, unindo-nos num beijo lento, preguiçoso, de quem está se divertindo.

É claro que me sinto culpada por persistir na mentira sobre o nome. Penso em confessar, mas covardemente desisto. O que são nomes, afinal de contas? Depois desta noite, nunca mais nos veremos. Em um mês talvez nem lembremos mais um do outro.

Não. Não quero estragar tudo agora.

O beijo provocativo vai ganhando mais e mais urgência, reascendendo a sensação de vazio e a necessidade de ser preenchida. Sua ereção entre nós é como gasolina na pequena fogueira se formando em meu ventre. Esse cara consegue isso, consegue me acender ao invés de relaxar com o orgasmo. Para ele, foi somente uma demonstração prévia de tudo o que tem em mente.

E eu aceito. Quando suas mãos se cravam na minha bunda, acato o pedido e salto nele, contornando-lhe a cintura com minhas pernas.

— De onde você surgiu, gringo trapaceiro? — reclamo enlaçando sua nuca.

— *Hoje* você pode me chamar assim — destaca a palavra “hoje”, noutro daqueles avisos atraentes.

Sou levada para a cama. Uma enorme, coberta por lençóis brancos de qualidade, travesseiros macios.

Ao soltar-me na beirada, sou eu a surpreendê-lo, pegando-o pelo cinto e o impedindo de se afastar.

— Você me provou; eu mereço a mesma cortesia — mal reconheço meu tom, de uma leoa marcando seu território.

A frieza, indiferença e distanciamento que sempre reservei a esses momentos simplesmente somem; em seu lugar fica o desespero passional de querer tanto algo que me impede de enxergar com clareza.

Encarando-o olho no olho, reconhecendo a luxúria cruel, desabotoo o cinto, a calça e baixo o zíper. Tremendo de ansiedade e expectativa, afasto a calça, assemelhando-me a uma adolescente ansiosa para conhecer um membro masculino pela primeira vez.

É evidente que não me decepciona. Alguém exalando tanto poder pelos poros não poderia ter algo menos glorioso do que isso. Grande, grosso, vermelho, cheio de veias, cheirando a masculinidade crua. Se essa parte da anatomia pode representar seu “dono”, esse aqui o faz majestosamente bem.

— Gael... — Lambo os lábios ressecados, preparando-me para recebê-lo. — Você não existe — é a frase mais tola, mas talvez a mais honesta.

Nunca vi alguém como ele. Não sei se voltarei a ver outro... E é por isso que me determino a aproveitar cada pequeno segundo.

Num aviso do que virá, lambo maciamente a glândula e sua coroa.

O gringo geme de forma gutural. Suas mãos se emaranham nos meus cabelos, agarrando-os.

— Eu sabia que eram macios no minuto em que botei os olhos em você,

Havana... — sua nacionalidade estrangeira está presente em cada palavra. — Estive desesperado por tocar nesses fios amarelos como o ouro, imaginando-a assim, exatamente nessa posição, comigo na sua boca.

Não comento. Sinto-me impossibilitada pelo desejo. Mais disposta a agradar um homem do que já estive em minha vida toda, testo meus limites ao levá-lo para dentro de minha boca. Faço isso até sentir lágrimas nos olhos e volto, deliciando-me. Massageio as bolas, provooco os contornos; quero, de alguma maneira, também marcá-lo, assim como ele está determinando a fazer comigo. Será apenas uma noite, nada mais, mas pretendo que seja marcante.

Ao sentir pequenas contrações em seus nervos e ouvir meu falso nome numa reclamação rouca, meu barato é cortado. Gael se afasta abruptamente, contraindo a mandíbula pelo esforço.

— Não, *Krasavitsa*. Eu quero que dure — ouço a afirmação sair entre os dentes cerrados.

Ele não me dá chance para protestos. Tudo o que posso fazer é apreciar seu rosto numa máscara tensa, guardando comigo um sorriso vitorioso por poder — por um minuto que seja — fazê-lo perder o calculado controle antes de ter meu corpo içado, girado e derrubado de bruços sobre a cama.

Quando sinto o contato de seus dedos quentes em minhas costas, deslizando o zíper do vestido vinho até a base da cintura, a realidade me atinge como um golpe, trazendo-me imediatamente para a realidade.

Sobressaltada, dou um pulo, segurando a peça bem forte contra meu peito.

— Espere um minuto — peço baixo.

E tenho sua atenção. Lentamente Gael se afasta, sentando-se na beirada da cama. Ajeito-me para ficar de frente para ele, apertando o vestido aberto contra mim, evitando a exposição.

Deus, isto nunca é exatamente fácil... mas jamais pareceu tão difícil.

— Eu tenho duas regras... — começo.

Perigosas turquesas azuis se semicerram ao me interromper:

— Por quê?

Inspiro profundamente.

— Não importa *por quê*. Importa que eu as tenho. — E nesta parte é necessária mais frieza do que me preparei para demonstrar. Acho que baixei a guarda com ele cedo demais.

A resposta o faz cerrar os dentes ao passo em que arqueia a sobrancelha daquela maneira arrogante, querendo na verdade intimidar e derrubar

antecipadamente o que quer que minhas regras sejam.

— Quais, Havana?

Maldito nome.

— A primeira: não pergunte; a segunda: não me prenda. — Elevo o queixo na tentativa de demonstrar que o assunto é indiscutível. — Se aceitá-las, seguimos em frente.

— O que eu não posso perguntar?

— Jesus Cristo, homem! — exaspero-me. — São regras e ponto. É simples, você as aceita ou não!

Gael me estuda de forma afiada, destrinchando-me a alma, permanecendo por tempo demais em meu rosto. Não sei o que procura, mas decido então esclarecer:

— É isso, ou paramos por aqui.

Outra vez algo acontece pela primeira vez na presença desse homem: pego-me desejando ardentemente que ele aceite. Quero tanto isso que acho que é transmitido em meus olhos.

E ele enxerga.

— Ok. Como você quiser — rosna baixo por fim, contrariado, sem tirar os olhos de mim.

No entanto, não convence. Por mais que eu tenha escutado a confirmação, não me sinto segura. Ainda há a nítida sensação de que, na cabeça dele, esse assunto não está encerrado.

— Não me olhe assim, *Krasavitsa* — avisa duro. — Eu já disse que aceito, estou te dando minha palavra por *esta* noite.

Por esta noite. O que quer dizer que, em outro momento, ele a quebrará. Por sorte, não haverá isso para nós. Não nos veremos nunca mais, o que, de certa forma, é um consolo.

Engulo a sensação desconfortável e deixo o vestido cair.

Gael permanece encarando-me sem hesitar (e, nesta parte, dou-lhe muito crédito por sua força de vontade)... até que seus olhos descem lentamente e escurecem de maneira absurda. Assisto a um caroço se formando em sua garganta. Ouço-o engolir pesadamente, como se a saliva de repente virasse sólida.

Porcaria. Ele não tira os olhos das malditas marcas, as mesmas que me impedem de usar biquínis abertos; que me obrigam a cobrir de maquiagem quando pretendo usar um decote; as que sou obrigada a enfrentar diariamente no

espelho, feito uma lembrança viva.

Arrependimento cai como um balde de água em cima de mim. Começo a puxar meu vestido de volta ao lugar, mas Gael rapidamente o arranca das minhas mãos, e, antes que eu posso reagir, meus seios estão sendo segurados com desejo e devoção. Olhando-me por baixo dos cílios negros, desafiando-me a detê-lo, ele circula a língua pelas cicatrizes grossas, dando uma volta por elas como uma criança no melhor brinquedo do parque, revezando-se entre os seios igualmente marcados.

Nunca ninguém fez isso. Outros caras não as questionaram, mas também não fizeram as marcas sumirem de plano, tal qual esse homem. Hoje, em suas mãos, as horripilantes cicatrizes não são nada.

Deitando-me, ele termina de me despir, conhecendo e explorando cada parte do meu corpo.

— Você é linda. Eu sabia que era. Suas curvas... — A passagem de ar dilata suas narinas como se ele não soubesse quais palavras usar. — Elas fazem o mais fodido dos caras enlouquecer.

E então se levanta, olhando-me de cima.

— O que eu falei que faria com você, Havana? — exige numa voz provocante, porém, não menos ameaçadora.

Suspiro de prazer, premeditando seus passos.

— Você disse que me provaria com sua boca e depois se afundaria em mim até eu explodir.

O sorriso em seu rosto moreno arranca meu coração do peito.

— Ótimo. Eu costumo cumprir o que prometo.

Reconheço a intenção por trás dessa afirmação. É tanto pela verbalização sexual na pista de dança quanto por me dar sua palavra há pouco.

Metodicamente, ele se desfaz do blazer, gravata, colete, camisa. “Grife” exala de suas roupas caras. A calça (mais fácil, por já estar aberta) se vai sem dificuldade, junto da boxer preta, meias e sapatos.

Fico diante do homem mais surpreendente que meus olhos já viram pessoalmente. Tudo em Gael é opulento, agressivo. Há músculos bem trabalhados nos braços, peito, barriga, nas laterais da cintura estreita. Suas coxas são largas como as de um atleta. Pernas masculinamente peludas. O homem emana força e selvageria. Não há definição melhor.

Nenhum comentário espirituoso me vem à mente, tão somente a necessidade de sucumbir a ele como jamais senti.

Ao assisti-lo rasgar a embalagem do preservativo entre os dentes, sufoco a ansiedade.

Quando me penetra, nossos gemidos se misturam, crus, deliciados. Nem toda a umidade me preparou para recebê-lo sem dor.

— *Yeb vas!* — resmunga baixo, como um animal feroz.

Nossos corpos encontram um único ritmo. De olhos fechados, luto para imergir naquele lugar solitário dentro de mim a que sempre recorro nestes momentos, isolando-me do mundo externo, inclusive deixando meu parceiro do outro lado. Porém, não consigo. Gael é diferente. Ele não permite ser deixado de fora. Sua imagem, cheiro, voz, pressão de seu corpo, tudo me invade por todos os lados.

Estou quase explodindo, como ele prometeu, quando sinto meus pulsos sendo levados juntos para cima...

— Não!

Gael estanca, imóvel, enfiado dentro de mim até a alma.

— Não me prenda... — explico.

Seu olhar busca o meu, porém, evito encará-lo. De sua posição, pairando sobre mim, tenho a impressão de que pode ver tudo o que escondo.

— Olhe para mim.

Nego em silêncio, fechando os olhos e balançando a cabeça.

Ele sai vagaroso e volta a arremeter com uma estocada premeditadamente lenta.

— Olhe para mim — exige um pouco mais suavemente.

Sei que não tenho opção, ele não me deixará em paz se eu não o fizer. Então abro as pálpebras e o enfrento. Por alguns segundos, Gael apenas me observa calado. Sai e entra novamente, sem tirar os olhos dos meus, e vai fazendo isso aos pouquinhos, criando um elo entre nós.

— Hoje eu vou aceitar, Havana. Mas uma hora ou outra terá de falar sobre isso comigo. Você me entende? — questiona baixo, perigosamente doce, com a ameaça inconfundível.

Balanço a cabeça, confirmando.

Só o fato de ele me chamar de Havana já me tranquiliza. Não haverá próxima vez. Ele só não sabe disso. *Ainda*.

A noite então é inundada pelo desejo e êxtase de dois corpos que se encaixam perfeitamente. Permanecemos nos explorando fisicamente até a exaustão. Quando percebo que o dia já está amanhecendo e que Gael dorme ao

meu lado serenamente, eu sei que é hora de partir.

Tomo mais alguns minutos para apreciar a beleza máscula desse homem e memorizar seus traços, que provavelmente ficarão na minha mente por alguns dias.

O que eu estou dizendo? Não haverá nada de pensamentos. Isso foi somente sexo e nada mais.

Recolho silenciosamente minhas coisas, passo a passo, sem fazer barulho, saio da grande suíte e vou embora, mas, antes, deixo nossa conta paga na recepção, como uma espécie de compensação por ter saído sem me despedir.

Querendo ou não, esta foi a melhor noite que já tive com um homem.



Capítulo 04

Priscila

Pior do que saber que existem caras desprezíveis, grudentos, que têm o ego inflado (mas no fundo não passam de sujeitos feios, vazios e inseguros)... é ter de conviver com um sujeito assim.

— Sua bunda parece maior, Priscila — o tom cafajeste me irrita, mas acho que ele sabe disso e já faz para me provocar. — Quero saber quando vou fazer meu próprio caminho nela.

Esse é o meu colega de trabalho, Eric, fazendo seu comentário asqueroso do dia enquanto me segue pelos corredores que levam à sala do presidente da empresa. O cara é desagradável e meu pior concorrente aqui dentro. Cada nova conta é disputada entre nós quase a facadas. Apesar de estarmos empatados nessa guerra por clientes, preciso sempre manter um pé atrás com o imbecil... ele já tentou roubar contas minhas de forma bem desleal.

Certa vez, esse patife pegou um recado que era para mim e foi descaradamente à reunião com o cliente. Eu só fiquei sabendo quando recebi a mensagem de uma amiga que havia indicado o meu trabalho e estava lá também. Sabe o que eu fiz? Fui ao almoço em que eles estavam e desmascarei o imundo. Precisei fazer aquilo para ver se ele começava a respeitar meu espaço... o que até hoje ainda é difícil.

Nem me dou ao trabalho de responder sua provocação. Bato suavemente na porta do diretor e a abro. Ele está nos esperando.

— Priscila, bom dia! — Gabor me cumprimenta bastante animado para uma segunda-feira de manhã.

Homérico Gabor (fundador e diretor), trabalha nesta agência há quase duas décadas. O homem já foi muito bom em criar ideias, o problema é que, com o tempo, a burocracia o sugou... e, em contrapartida, ele também aprendeu a sugar tudo o que temos (e engordar volumosamente a ponto de sua pobre cadeira ranger de desgosto).

— Bom dia, Gabor. Você tem noção do quão assustador é esse seu bom humor logo cedo, não tem?

Ele ri e se dirige ao patife entrando atrás de mim.

— Bom dia, Eric!

Eric me olha desconfiado e logo se senta ao meu lado nas cadeiras que ficam em frente à grande mesa do homem.

— Crianças, ainda não é Natal, mas eu tenho um presente — seu entusiasmo dá a sensação de que é algo grande.

Suspiro, já esperando a pequena guerra começando entre meu nobre colega e mim agora mesmo, antes de saber do que se trata...

— Se é tão bom assim, passe logo para mim. Você sabe que sou o melhor aqui — Eric afirma convencido, e o pior é que nem foi uma tentativa de piada, ele realmente acredita nisso.

— Só nos seus sonhos, patife piolhento — resmungo sem me dar ao trabalho de olhar para ele.

— Apelando, princesa bunduda? Aceite que sempre estará abaixo de mim. Ou embaixo, se preferir.

Reviro os olhos.

— Às vezes acho que seu ego grande é uma tentativa de esconder algo *pequeno* em sua vida, Eric, tipo um trauma, sabe?! — desdenho.

— Se você não fosse tão fria, poderia descobrir por si mesma. — O imbecil sorri, mas seus olhos são vazios e feios.

Gabor faz uns sons de estalinhos com a língua.

— Dadas as demonstrações de carinho e maturidade, acho que já posso dizer por que os chamei aqui. Para que fique claro, considero ambos muito bons no que fazem. — Aponta para nós.

Reprimo um sonoro bufo.

— Por que nos chamou, Gabor? — sou eu a questionar.

Ele tamborila a caneta contra a agenda sobre a mesa e então dispara feito uma metralhadora:

— Há um novo cliente que me procurou no sábado. Coisa grande. Um dos maiores orçamentos dos últimos tempos a aparecer por aqui. Ele quer que apresentemos uma proposta. Se gostar, a conta é nossa. Por enquanto somos a única agência no páreo.

— Grande quanto? — o sujeito ao meu lado inquire salivante.

— Três vezes mais do que sua última campanha. — As bochechas de Gabor até coram de alegria.

— Uau... — Eric assovia, e quase posso sentir o cheiro de carne queimada saindo de sua cabeça repugnante.

— Do que é a empresa?

— É uma rede de casas noturnas, Priscila. Eles compraram boates pelo país todo e estão querendo criar uma identidade para a marca, vocês sabem...

— Certo, e você não espera que trabalhemos em conjunto, não é? — indago quase implorando para que a resposta seja não.

— Eu ainda não me decidi — o diretor afirma. — E é por isso que vocês dois vão a uma reunião com esse cliente hoje à tarde. — Ele se levanta e começa a andar pela sala enquanto fala: — Eu quero que se empenhem em provar a ele que somos os melhores neste país.

Gabor para em pé, entre mim e Eric, e toca nossos ombros.

— Independentemente de se vocês vão trabalhar juntos ou não, eu quero que tragam essa conta para a empresa — é uma exigência.

Fico calada. Trabalhar com Eric seria um pesadelo. Contudo, sei que discutir agora é inútil. Prefiro checar o terreno e descobrir qual é o real potencial da campanha.



Às 2h30 da tarde, paro meu carro no estacionamento de um prédio comercial todo espelhado. É uma construção nova. Assim que desço, vejo Eric chegando também. Percebo que ele trocou de roupa, substituiu a camiseta molambenta de sempre por um terno tão pomposo quanto sua pose.

Sorrio com deboche e espero ele caminhar até onde estou.

— Nem um Armani te salvaria, réptil — provoco.

A expressão feia em retribuição não me assusta em nada. Com esse infeliz, aprendi que atacar é a melhor defesa. É isso ou ter de ouvir sua ladainha suja em meu ouvido. Foi o modo que encontrei para lidar com seus repetitivos assédios. O cara não conhece limites, é sempre bom colocar alguns a sua frente.

Caminhamos juntos para o elevador e logo estamos na recepção da Nikolae Inc. Leio o nome em letras cromadas na parede tendo a sensação de que me é familiar, embora não consiga me lembrar de onde por mais que tente. Uma das recepcionistas, ruiva, esguia, de cabelos perfeitamente presos em um coque na nuca, pede que aguardemos nos confortáveis sofás.

Enquanto esperamos, checo o celular, lendo mensagens das meninas e as respondendo. Meu colega, por sua vez, não perde a oportunidade de se mostrar indesejável, encarando constrangedoramente as duas mulheres em seu local de trabalho.

Após alguns minutos, a ruiva nos encaminha para a sala onde o CEO nos receberá, alertando de nossa chegada com duas batidinhas de leve na suntuosa porta antes de abrir. Eric, como o bom cavalheiro que *não* é, passa na frente, praticamente me empurrando para o lado com uma jogada de ombro e já vai logo se apresentando:

— Olá, senhor, eu sou Eric, o publicitário que vai cuidar da sua conta — seu tom é aquele habitualmente arrogante.

Retiro um fio de cabelo loiro preso a minha saia lápis preta e me preparo para entrar também.

— Se eu aprovar, você quer dizer — escuto um sotaque conhecido e literalmente petrifico no lugar, com patéticos olhos arregalados.

Merda.

Não pode ser.

Por favor, por favor, não seja...

— Priscila! — Eric, o babaca misógino, diz alto, como se possuísse alguma autoridade sobre mim.

Merda. Merda. Merda... um milhão de vezes! Limpando a garganta, desconcertada, saio de trás do meu colega. Não há para onde fugir ou outra opção que não o enfrentar. Subo vagarosamente o olhar para o tal cliente e, sim, encontro o cara da noite de sexta.

— Olá, *Priscila* — meu nome desliza como mel na língua do gringo de sotaque sedutor.

Ah, mas que azar dos infernos! Balanço a cabeça, engolindo em seco, sentindo a face ruborizar violentamente.

— Olá, senhor... — sibilo.

— Gael Nikolaevich. — Ele estende a mão, emitindo um sorriso frio que não alcança os olhos azuis-turquesa.

Incerta se serei desmascarada agora mesmo, ando até ele e aceito o aperto de mão. Tenho vontade de gemer de vergonha. O toque macio, mas firme estende-se por tempo demais, assim como o olhar afiado que nunca deixa o meu, queimando e fuzilando ao mesmo tempo, tornando tudo extremamente constrangedor (para mim, é claro).

O som estridente de meu colega limpando a garganta quebra momentaneamente o momento. Mudamos nossa atenção para vê-lo de mão estendida, querendo cumprimentar Gael, enquanto ainda estamos nos tocando.

— Algum problema com sua garganta? — o gringo questiona glacial.

Assisto, com pena, ao meu colega avermelhar e quase lhe desejo boas-vindas ao clube. Gael solta a minha mão e dá um rápido aperto na de Eric.

— Sentem-se — exige sem polidez.

Eu me sento onde aponta, em frente à sua mesa, aliso a saia, pouso as mãos sobre o colo e as observo por um instante. Em que situação eu fui me meter: dormi com um potencial cliente; ele acabou de descobrir que menti; serei exposta em frente ao asqueroso Eric; Gabor me demitirá... Pode ficar pior?

Enfrentando meu destino, levanto o queixo e finalmente encaro o homem sentado como um rei em seu trono, observando-me como se quisesse me matar com as próprias mãos. Quero muito dizer-lhe que compartilhamos da mesma vontade. Acho que também quero morrer, mortificada.

Mesmo ante o constrangimento, não deixo de notar que o infeliz está absolutamente lindo. O terno cinza de três peças se encaixa em seu corpo como uma luva. Os cabelos negros e espessos cuidadosamente penteados lhe conferem uma selvageria domada muito distinta.

Desejo e vergonha: estão aí duas coisas que não deveriam aparecer juntas.

— Eu imagino que Gabor já tenha falado sobre o motivo de eu ter pedido esta reunião — ele começa, lento e frio, sem nunca deixar de me olhar.

Surpreendo-me por não me desmascarar logo de cara.

— Sim — Eric responde confiante.

— Ótimo. Então serei direto. — Gael ajeita-se impassível, desabotoando o blazer. — Tenho uma ideia para a minha própria campanha publicitária.

A reação de Eric é balançar a cabeça numa compenetração *admirável*; a minha, prender a respiração, ciente, a partir do brilho mal-intencionado que captei no olhar de Gael, de que será algo desconfortável e torturante.

Parecendo captar meu pensamento, noto um discreto, quase imperceptível sorriso torto mover o cantinho dos seus lábios.

— Pensei em desenvolvermos um comercial em que um cara está atraído por uma mulher que ele acabou de conhecer em sua própria boate. — O olhar firme nunca me abandona. — Mas ela é uma mulher insuportavelmente teimosa e muito mentirosa também.

Eric balança a cabeça de novo, como se estivesse captando a genialidade de

uma grande ideia. O orçamento deve estar girando em ondas por sua cabeça vazia agora. E eu? Só faço me encolher mais no lugar.

Enxergando minha consternação, Gael continua:

— O cara realmente a quer. Muito. Até que finalmente consegue. E os dois passam uma grande noite juntos.

Abro a boca, espantada com a explicitação. E a fecho, sabendo que estou sobre uma corda fina, a ponto de ser exposta.

O meio sorriso debochado permanece ali, talvez um pouquinho vingativo.

— Mas, então, ela se comporta como uma cadela. Espera ele dormir e vai embora sem aviso. Ela não tem a decência de acordá-lo e fazê-lo ciente de sua partida. E, só para irritá-lo ainda mais, a mentirosa ainda paga a maldita conta do motel.

Ah, mas não há vergonha no mundo que me faça ficar calada enquanto sou ofendida.

Limpo a garganta.

Ele arqueia a sobrancelha, desafiando-me a seguir em frente.

Penso melhor no que dizer e decido entrar no jogo.

— Desculpe interromper, senhor Gael, mas, pelo que entendi, o objetivo de nos chamar aqui é para que façamos essa — aponto a mão ligeiramente em sua direção — campanha promovendo suas boates, correto?

A resposta é uma expressão do tipo “você quer mesmo saber?”.

Maldito seja.

— Certo — continuo. — Escutando sua ideia, acho que poderíamos acrescentar alguns elementos a esse enredo.

Enquanto um embate silencioso acontece entre o gringo e mim, meu colega de trabalho se empertiga ao me ouvir, obviamente não querendo ficar para trás no que ele acha que é uma disputa pelo cliente.

— Sim, sempre podemos melhorar uma ideia que já é boa. Já tenho algumas aqui também — o réptil se intromete, prestativo.

Ignoro-o, concentro-me em manter meu tom equilibrado e continuo:

— Bem, digamos que essa mulher que o senhor está descrevendo resolveu sair de casa naquela noite com a única intenção de se divertir como garotas normalmente fazem. O senhor entende, não é? — Mantenho uma expressão profissional. — E então apareceu esse sujeito terrivelmente insistente, e ela acabou saindo com ele. Um encontro casual e nada mais. Isso não faz dela uma cadela. Acho até que essa definição é um tanto... cruel.

Turquesas raras se estreitam; talvez esteja furioso por eu classificar nossa noite como “um encontro casual”.

— Ela *mentiu* sobre o próprio nome, viu uma marca de bebida qualquer e a escolheu, fazendo o homem assumir um papel de imbecil e a chamar de “Havana” enquanto a fodia.

Arfo, embaraçada, sentindo meu rosto avermelhar.

Gael não quer me desmascarar, ele quer me torturar expondo tão abertamente o que fizemos.

— Digamos que o homem também não foi completamente honesto. Ele contou a ela que era o dono da boate? — a insurgência dentro de mim me impele a atacar.

— Isso não tem a menor importância.

Não tem, não é? Trapaceiro!

— Não, não contou. E era um detalhe importante, porque poderia elucidar a questão do desaparecimento repentino de todos os caras que se aproximavam dela, já que havia um acordo entre eles. Ele jogou sujo, enquanto ela ficou achando que os homens foram abduzidos por extraterrestres.

Eric solta um bufo teatral, cortando nosso duelo pessoal crescente. Ambos olhamos para o impaciente sujeito.

— Que ideia ridícula, Priscila. De onde você tirou ETs nessa história? — Balança a cabeça, desaprovando-me. — Por favor, ignore, senhor Gael.

Em outra situação, eu o esculacharia, não importando se estivéssemos diante de um cliente ou não. Porém, hoje, o infeliz desagradável é a coisa menos importante que está acontecendo.

Volto a olhar para o gringo, que agora *não* está mais focado em mim. Ele encara Eric com um brilho tão letal que me deixa imediatamente com pena do pobre réptil.

— Como é mesmo o seu nome? — Gael pergunta mortalmente calmo.

O imbecil abre um sorriso encorajador, sem se dar conta do perigo iminente.

— Eric — afirma seguro.

— Eric — Gael repete. — O que você achou do elevador da minha empresa?

Meu olhar vai de um para o outro, confusa pela questão.

— Bem... — ele hesita, tampouco compreendendo. — Um elevador bastante moderno...

Pelo menear de cabeça satisfeito e os olhos afiados, o gringo tem um objetivo em mente e não me parece bom.

— E a vista da minha sala, o que achou? — Sua tranquilidade vai me deixando apavorada, embora eu ainda não saiba o motivo.

— Bonita, também. Mas o que isso tem a ver c... — o pobre homem tenta questionar.

A expressão ameaçadoramente sombria de Gael o faz se calar.

— Se eu escutar você falando novamente com a Priscila nesse seu tom odioso — ele se inclina levemente para frente, intimidante —, aquele elevador que o senhor achou moderno não será o modo como deixará minha sala hoje. — Não há um pinga de humor em seu rosto. — Eu mesmo tratarei de lançá-lo por aquela janela direto para a rua. — Ele volta a encostar-se à cadeira, relaxado. — Fui claro o bastante?

Eric engasga, surpreso, envergonhado, eu diria. Acho que nunca o vi assim, tombando do alto de sua superestimada confiança.

— Não é como o senhor pensa. Ora, Priscila e eu somos amigos — tenta justificar. — Temos intimidade para brincar um com o outro.

Tiro meus olhos de Eric e os direciono a Gael, esperando mais uma cena da novela. Acho que essas palavras só pioraram a situação, pela maneira como o gringo contorce o rosto.

— Reserve suas malditas intimidades para alguém fora do trabalho. Agora saia da minha sala enquanto ainda pode escolher o elevador.

Oh, droga! Levanto-me rapidamente, acompanhando Eric. Pelo jeito, esse contrato foi para o espaço junto com o controle do gringo. Gabor não vai ficar nada feliz.

— Você não, Priscila — a voz de Gael me intercepta em tom de poucos amigos. — Eu ainda quero ter uma palavra com você.

O semblante lívido de Eric não poderia demonstrar menos ódio por mim nem se quisesse. Arrumando o cabelo, ele se despede com um aceno seco e sai a passos largos. Apesar de ser um patife, eu não consigo me divertir com isso.

Tiro o olhar da porta e volto a enfrentar meu carrasco vingativo. Sozinha com ele, não há como fugir.



Capítulo 05

Priscila

Em pé, analisando-me friamente, ele aponta para a cadeira. Volto a ela e me sento sem discutir. Sinto como se pudesse me encolher diante da energia entre nós, como se eu estivesse sendo acusada em um tribunal. O que raios esse gringo espera de mim? Um pedido de desculpas? Sério? Os homens não fazem isso o tempo todo, dormir uma única vez com uma mulher e depois sumir sem dar sinal de vida? Por que, quando uma mulher faz, é tão mau?

Após um momento que parece não ter fim, ele finalmente se senta também em sua majestosa cadeira de dono do mundo, ajeitando o blazer.

Respiro fundo, buscando a melhor maneira de resolver essa confusão. Se ele nos chamou sem saber que me encontraria, é porque Gael realmente quer contratar uma agência publicitária. Ainda posso esclarecer as coisas com ele, passar por cima disto e deixar Gabor feliz.

Limpo a garganta. Duas vezes.

— Olhe, Gael. Eu entendo que esteja surpreso por me ver e descobrir que eu... hum... menti para você — sinto as palavras como espinhos na garganta. Detesto ter de me desculpar por algo tão absurdo assim.

Com os braços arrogantemente cruzados diante do peito, ele tamborila o dedo indicador contra os lábios como quem dá corda ao enforcado.

Volto a pigarrear.

— Eu também estou surpresa *e desconfortável*, se quer mesmo saber... — nesta parte preciso me esforçar para não sucumbir. — Entendo que talvez agora tenha mudado sua opinião sobre contratar minha empresa, mas preciso que saiba que há profissionais muito competentes lá, claro, não o infeliz do meu colega, tampouco eu, já que tivemos aquela... aquela *situação* na sexta, mas se puder dar uma oportunidade à agência, verá que...

Calo-me quando percebo que o que digo só faz contrair sua máscara fria. Mesmo o conhecendo tão pouco, sinto que seu controle férreo está por um fio.

— Isso é tudo o que você tem a me dizer?

Ah, por Deus! Esse tom de reprovação mata minha pouca habilidade política...

— Você quer um pedido de desculpas por praticarmos sexo casual como milhares de pessoas fazem todos os dias? — minha voz sobe uma nota. — Sério mesmo?

— Não se faça de desentendida, Priscila, Havana ou seja lá qual for a verdade — o sotaque volta carregado, num timbre alto. — Você me fez de imbecil!

Definitivamente, odeio esse tom. Odeio me sentar aqui e ser julgada por agir como tantos homens fazem corriqueiramente.

— Quer saber? Supere essa merda. — Empurro a cadeira para trás e me levanto.

— Sente-se aí agora mesmo! — Ele também se levanta, elevando a voz acima da minha.

Ficamos ambos em pé, encarando-nos como dois cães rottweilers.

— Seu gringozinho arrogante — chio baixo, disparando navalhas pelos olhos. — Está para nascer o cara que vai me dar ordens, ouviu bem?

Num piscar de olhos, o sujeito contorna a mesa e se aproxima de mim. Quando me dou conta, Gael está na minha frente, invadindo o meu espaço.

— Pois ele já nasceu — rosna furioso.

Cerro os punhos.

— Se afaste — aviso.

Contudo, em vez de acatar, ele dá o último passo que nos separava, pairando sobre mim e parecendo dobrar de tamanho.

— Faça com que eu me afaste, *Krasavitsa* — desafia intimidante, perverso até.

A reação vem visceral. Num instante tenho tudo sob controle, no outro, estou sendo arrastada àquele sentimento horrível de vulnerabilidade apertando minhas entranhas, fazendo meu organismo ebulir com lembranças e me impelindo a reagir.

— Eu estou pedindo, Gael. Por favor, se afaste de mim — alerta entre os dentes cerrados.

Ele ri, raivoso.

— Saia — minha voz agora é um fio.

Estou acuada e não gosto de me sentir assim... faz com que eu me lembre daquele maldito dia.

— Não — nega com escárnio, numa exibição de poder.

É o gatilho. Todo o autocontrole que venho praticando durante anos simplesmente se esvai, desencadeado por sua atitude. Perco completamente a capacidade de racionar.

Sem pensar, fecho o punho e acerto seu nariz de baixo para cima, num golpe rápido, certo e barulhento. Gael se arqueia com a pancada, sua cabeça vai para trás e volta.

Tudo parece ocorrer em câmera lenta. Sua pele ganha um ligeiro tom esverdeado, enquanto os olhos aumentam de tamanho, encarando-me completamente pasmo, sem acreditar no que fui capaz de fazer. Pela maneira como as pupilas se dilatam, acho que essa é a última reação que ele esperava de mim... mas é o sangue saindo do nariz e correndo por cima de seus lábios que me devolve a razão.

Oh, merda! O que foi que eu fiz? Levo as mãos à boca, incapaz de acreditar na grande burrada.

— Droga, Gael, eu avisei! Droga, droga! Eu pedi para ficar longe. Por que não se afastou? Olha só o que eu fiz...

Fecho os olhos, chacoalhando a cabeça, sem poder suportar o turbilhão de emoções tragando-me o peito.

— Por que não me ouviu?! Maldito seja, gringo! Eu falei: se afaste, mas não!

À medida que volto a olhá-lo, descubro que me observa atentamente, aparentando tentar enxergar as profundezas de minha alma enquanto o nariz jorra dramaticamente. Deus, eu gostaria de morrer agora mesmo!

Busco com os olhos alguma coisa para estancar o sangue. Avisto uma porta e pergunto:

— Banheiro? — minha voz não passa de um grasnado feio.

O homem balança a cabeça confirmando, sem exprimir um único som, nem de dor. Corro para o banheiro e me abasteço de quase todas as tolhas de papel que o suporte permite que eu puxe e retorno apressada.

Gael permanece imóvel e ainda sem reação.

— Sente-se, por favor — peço sem forças.

Ele se senta na cadeira em que antes estava Eric, seus olhos vidrados em mim feito duas pedras preciosas.

— Arqueie um pouquinho. — Toco em seu queixo, conduzindo sua cabeça para trás, apoiando-a no encosto da cadeira. — E segure isto.

Pressiono o monte de tolhas de papel contra seu nariz. Em poucos segundos o branco intocável das folhas dá lugar ao vermelho vivo.

— Pre-preciso pegar mais...

Retorno ao banheiro, retiro uma quantidade maior, com mais calma e, tremendo, entrego-a ao gringo, que a substitui.

— Tem alguém que eu possa chamar para te ajudar? — questiono culpada enquanto jogo no lixo o monte de papel encharcado que ele me entrega.

— Não — finalmente ouço a voz grave, rouca.

Seus olhos nunca abandonam meu rosto.

Incapaz de permanecer em pé, eu me sento na cadeira ao lado da dele e giro para enfrentá-lo. Nossos joelhos estão a um palmo de distância.

— Olhe, sei que agi mal. Eu só... Você... — Abaixo os olhos, perdida, sem saber o que eu poderia dizer que não me faça parecer ainda mais louca. — Você tão próximo desencadeou algo ruim em mim — assumo triste. — Desculpe por isso, honestamente. Sobrecarregada de arrependimento, esfrego o rosto com as mãos antes de encará-lo. — Fique à vontade para chamar seus seguranças ou até a polícia, Gael. O que eu fiz foi... Deus, foi *realmente* errado.

Assisto-lhe inclinar o corpo para frente, deixando nossos olhos na mesma linha.

— O que eu desencadeei, Priscila? — surpreendendo-me, não há raiva na questão, mas uma insuportável preocupação. — Isso tem algo a ver com as cicatrizes em seu corpo?

E vai direto ao ponto sem hesitar.

Engasgo com a saliva, estremeço e me apavoro, tudo ao mesmo tempo.

— Is-isso, isso não importa. Desculpe novamente. Eu não quis te machucar... E-eu... É melhor eu... Eu preciso ir agora.

Sem conseguir evitar e absurdamente conturbada, abandono o homem ferido e saio apressada da sala.

Preciso de ar com desespero. Se eu ficar mais um minuto aqui, enxergando a benevolência crua em sua face, corro o risco de fazer a única coisa que jamais fiz: contar a alguém sobre aquele dia.



Capítulo 06

Priscila

Suor escorre por todos os poros enquanto desfiro soco atrás de soco no saco de pancadas. O baque dos golpes ecoa na academia vazia. Aqui é meu cano de escape; esse som, o meu conforto. Não gosto de perder o controle, menos ainda tendo alguém como testemunha. Deixar-me ser levada a isso foi inaceitável.

Por que, dentre todas as pessoas desta cidade, havia de ser justamente *ele* o maldito cliente?

Gael pensa que engana em seu terno caro e postura fria, mas eu o vejo como é de verdade: a brutalidade por trás daquele par de olhos turquesa, a crueza. Aquele homem é um trator que não se importa em esmagar ninguém para ter o que quer. E desperta o pior em mim.

Odeio a vulnerabilidade. Odeio ser colocada na posição de fraca; ser subjugada. Não importa quantos anos passem, sinto que nunca melhorará; nunca esquecerei... e isso me mata por dentro.

Exausta, depois de duas horas golpeando, finalmente me sento no chão, de cabeça baixa, ofegante, derrotada. Eu não gosto de pensar no passado e não vou pensar. Sou mais forte do que ele. Amanhã será outro dia, só tenho de me acalmar, e tudo vai ficar bem.

Não faço mais nada pelo resto do dia. Vou para casa e durmo depois de tomar dois comprimidos para dor de cabeça.



— Você está muito executiva, Priscila — Luana, meu braço direito aqui, brinca ao deixar as amostras da gráfica sobre a mesa. — Gosto dessa combinação.

Verifico as roupas que escolhi de acordo com meu estado de espírito nesta manhã. Sem ânimo para saias, apesar do raro dia de sol neste inverno, optei por uma calça preta sem graça, de alfaiataria, que se cola aos meus quadris

excessivamente largos e desce abrindo até cobrir os sapatos. A camisa, de cetim perolado, é bem batidinha, na verdade. Uso-a quando não quero ter de pensar na escolha. Enfim, estou o melhor possível diante de como me encontro.

Ao entrar no trabalho meia hora atrás, vim direto para minha sala. Nem mesmo passei na copa para a caneca diária de café. Sinto-me um caco, sendo honesta, dominada por um desejo de querer permanecer refugiada do mundo. São poucos os dias assim, mas, quando acontecem, não há nada que consiga tirar essa sensação de incapacidade de mim.

Todavia, como em todas as vezes, obrigo-me a demonstrar um sorriso relaxado e seguir em frente.

— Era só o que eu tinha disponível no armário, Lua — zombo. — Preciso passar uma pilha de roupas com urgência e aceito ajuda...

— Boa tentativa. — Ela ri. — Se fosse para qualquer outra atividade, eu te ajudaria de bom grado, mas passar roupas? Definitivamente não.

Rindo para a garota de cabelos loiros curtos e lindamente cacheados, pego o material e logo mergulho nos detalhes de uma campanha que subirá hoje.

Passo as duas primeiras horas focada. Eu ainda não dei a Gabor a notícia de que o orçamento de Gael não será nosso. Imagino que meu colega patife já deve ter feito isso, então, quando o telefone toca e sou chamada à sala do diretor às 10h da manhã, já vou ciente do assunto.

Gabor pode não encarar desta forma, mas talvez o fracasso da reunião seja uma benção escondida. Aquele gringo é perigoso. E trapaceiro.

Dou uma batida na porta, como sempre faço, e entro.

— Bom dia, Gab... — minha língua trava quando me dou conta da outra presença na sala.

Gael. Aqui. Elegantemente em seu terno caro, sentado com o tornozelo apoiado sobre o outro joelho, celular em mãos, em uma das cadeiras em frente ao diretor.

— Bom dia, Priscila — Gabor cumprimenta num tom insondável, apontando para a cadeira disponível.

O gringo me olha por sobre o ombro. Encontrar suas turquesas depois de tudo causa uma desconhecida perturbação em meu estômago. Não chega a ser desagradável, embora tampouco agradável. Resignada, vou até ele e me acomodo ao seu lado. Não deixo de observar seu rosto rústico, principalmente o nariz, e quase gemo de desgosto ao perceber o inchaço e vermelhidão no local, num hematoma visível.

— Você está bem? — sussurro olhando para o ferimento, com a culpa pesando em minha voz.

Gael me encara com grande seriedade, mas não raiva.

— Estou. Tive um pequeno incidente — diz num timbre ligeiramente rouco.

Estreito os olhos e o encaro melhor. Seu cuidado em não me delatar é louvável, ainda que eu não mereça.

— Sabe que não foi um incidente — lembro-o, conversando tão baixo que é como se estivéssemos sozinhos.

— Como você está, Priscila? — inquire suave, perseguindo-me com suas íris exóticas, que aparentam procurar algo dentro de mim.

— Bem, também... — e responder demanda mais esforço do que eu imaginava ser possível. Mentir sobre isso como fiz minha vida toda, por mais improvável que pareça, hoje parece uma tarefa difícil. Talvez, só talvez, esse homem tenha o dom de enxergar por trás da maquiagem, da pele, do coração.

Gabor pigarreia, e só então me dou conta do quão estranha é a presença do estrangeiro na sala do meu chefe.

— Priscila, o senhor Nikolaevich gentilmente veio até aqui atendendo a um convite meu, e quero colocar você por dentro da situação.

Corro minha atenção entre os dois homens. Enquanto um soa constrangido (ansioso, eu diria, a partir do suor nas bochechas rechonchudas), o outro carrega a impassibilidade de um deus, o que é louvável.

— Que situação, Gabor?

Ante meu tom de suspeita, o senhor robusto coça o bigode daquele jeito que faz quando está tenso.

— A agência tem grande interesse em fazer esta campanha para o senhor Gael. Infelizmente, acho que nossa primeira abordagem não saiu como o esperado, mas *precisamos* — destaque em “precisamos” — desta conta.

Meneio a cabeça, sentindo que ambos esperam um entendimento meu, embora eu ainda não saiba de quê, exatamente.

— Os tempos estão *difíceis* — Gabor insiste.

Encaro meu chefe, notando-o avermelhar.

— *Financeiramente* difíceis.

Ah, diabos! Mas... mas o que ele está dizendo? Esta é a maior agência da cidade. Todos os dias fechamos contratos com excelentes empresas. Fito Gael com desconfiança.

O gringo sustenta um de seus olhares afiados, mas não abre a boca. É Gabor que o faz por ele.

— Priscila, aqui todos os clientes são importantes para nós, você sabe disso, ainda mais um do porte do senhor Nikolaevich — diz confiante. — E ele concordou em assinar com a gente, desde que...

— Desde que...?

— Seja você a cuidar da conta dele, haja vista que Eric não se encaixou no perfil.

Gringo filho de uma mãe!

Mordo a língua com dolorosa força antes de meter os pés pelas mãos e dizer exatamente o que me vem à mente. Um erro, pois o feito leva mais dor à já latejante têmpora. Fecho os olhos por dois segundos, vendo-me obrigada a massagear o local. Se eu pudesse, voltaria três horas no tempo e não sairia da cama. Seria simples: uma mensagem de texto alegando uma doença qualquer.

— Gabor, você poderia me deixar conversar sozinho com a senhorita Priscila? — essa voz enganosamente suave é um blefe. Tudo nele é.

Gabor concorda depressa demais, praticamente me vendendo. Sai e fecha a porta para nos garantir privacidade, sem saber no que realmente está me metendo (ou talvez sabendo muito bem).

Sozinho comigo, Gael gira sua cadeira para estar de frente a mim e então me fita intensamente.

— Vir aqui hoje também não estava nos meus planos. Espero que acredite em mim — começa.

— Mas veio...

— Sim. Principalmente porque precisava saber como você estava — a franqueza toca um local incomum em meu interior sobre o qual prefiro não refletir agora.

— Não fui eu que saí machucada ontem, Gael — lembro-o, desarmada. — Eu estou bem.

Ele ri, mas nada que denote qualquer outro sentimento que não sua completa atenção em mim.

— Aceitei o pedido de Gabor de entregar a vocês este contrato e quero que isto funcione, Priscila. Para tanto, preciso te falar algo que você não me deu oportunidade de dizer ontem.

Concordo com um movimento da cabeça, olhando fixamente o hematoma; se eu fitar as turquesas, terei de confrontar o perigo presente ali.

— Nosso reencontro não foi um acaso — revela sem demonstrar constrangimento.

Maldição.

— Ah, não? — Minha serenidade é digna de um prêmio, em tais circunstâncias. Estou enjoada.

— Pesquisei sobre você. Eu soube que trabalhava aqui e dei um jeito de arranjar a reunião.

Estava na cara! Tola eu fui por não cogitar a possibilidade.

— É mesmo?

Tudo o que faço é pensar em todas as agências para as quais posso enviar meu currículo.

— Mas, depois do que aconteceu ontem, da maneira como vi você indo embora, eu estava disposto a não seguir adiante com isso, a não te procurar mais... até que recebi a ligação de Gabor.

Balanço a cabeça de modo a dizer que estou ouvindo. Meu currículo é bom. Acho que não será tão difícil arranjar trabalho. Katy poderia me colocar no seu novo negócio. Eu poderia agregar algumas coisas da publicidade no serviço financeiro. Até mesmo Alice me daria oportunidade de trabalhar com ela nos eventos.

— Dito isso, quero que saiba que trabalharemos juntos apenas *se* você quiser. Não vou te obrigar a nada e, particularmente, não gosto da posição em que Gabor está te colocando.

Suspiro profundamente e arqueio uma sobrancelha.

— Se você não gosta da posição em que Gabor me deixou, por que exigiu que *eu* cuide da sua conta?

Após um milésimo de segundo de vacilo, revelando que acabei de pegá-lo pelo pé, ele eleva o queixo daquele jeito autoritário, fazendo-me ciente de que não há limites para conseguir o que deseja.

É meu dever colocar pratos limpos sobre a mesa.

— Vou te fazer uma pergunta, Gael, e gostaria que fosse honesto, ok?

Recebo um aceno de cabeça compenetrado, porém, não perco a forma de suas narinas dilatarem com a passagem de ar, escondendo a sutil impaciência típica de quem não quer ser contrariado em suas decisões.

— Você está fazendo tudo isso: a reunião de ontem; vir hoje aqui; aceitar nos contratar; me exigir na sua conta — listo com os dedos — por eu ter saído daquele quarto sem me despedir?

A questão o surpreende, mas não hesita em responder:

— Sim.

— Para se vingar?

— Não.

— Então por quê?

— Porque não consigo te tirar da cabeça, *Krasavitsa*. — Seu semblante contém aquela intensidade própria.

Deus me ajude... Que situação! Subo os olhos para o teto, tentando encontrar ali as palavras certas. Não é a primeira vez que algo assim acontece; outros já tentaram, mas sou inteligente para reconhecer que esse homem é diferente. Gael é *obstinado* de um jeito muito perigoso. Preciso ser absolutamente honesta; quanto antes eu me fizer clara, melhor.

Volto a encarar seu rosto.

— Eu vou ser direta, Gael, e espero que compreenda — mantenho o tom cuidadoso, porém, sério. — Não existe a mais remota possibilidade de haver qualquer coisa entre nós. Nem agora, nem nunca. Você me entende?

— Por que não? — No rosto absurdamente atraente há uma franca curiosidade.

Entretanto, para essa pergunta tão simples e até justa infelizmente não há uma resposta que eu possa dar. As coisas são mais complicadas do que explicações verbalizariam. Não me agrada ser assim, porém, não se pode mudar nossa natureza.

— Porque não. E não há nada que mude isto. Se sua intenção é forçar um convívio, infelizmente estará perdendo o seu tempo. E o meu.

Recebo uma rápida estreitada de olhos, como quem enxerga um bom desafio. Há também a ligeira insatisfação de um ego masculino sendo colocado em risco, mas devo dar a ele o mérito de rapidamente absorver tudo isso ao respirar fundo e vestir uma máscara de suavidade muito impressionante.

Quem olha para Gael agora encontra somente um sujeito pacífico e desinteressado.

— Não sou homem de implorar, Priscila. Se essa é a sua vontade, esteja certa de que respeitarei.

Balanço a cabeça a fim de fazer-lhe saber que ouvi. No entanto, ainda preciso que isso fique totalmente resolvido entre nós.

— Eu sou responsável com meu trabalho e amo o que faço. Então preciso que fique claro para você que não estou fazendo e nem gosto de joguinhos. Se

vamos trabalhar juntos, eu exijo que me encare somente como uma profissional. Porque é tudo o que poderá ter de mim.

Um sorriso muito, muito encantador é calculadamente colocado em seus lábios bem-contornados.

— Recado recebido. Espero que isso também valha para você e não tente me seduzir.

Apesar da piada, nós nos encaramos livre de máscaras. Eu o vejo como é, e aparentemente o sujeito também pode enxergar através de mim. Se ele é realmente capaz disso, saberá que estou sendo absolutamente honesta: não há chances de haver qualquer coisa entre nós.

Resta saber qual será seu próximo passo... Não sou tola de acreditar que esse gringo aceitará uma derrota assim, tão fácil.



Capítulo 07

Priscila

Em casa, encho uma taça de vinho e me enrolo no sofá. O dia foi uma porcaria. Logo que Gael saiu da agência, tive de ouvir todas as recomendações e argumentação de Gabor sobre não o perder como cliente e ainda aturar as insinuações despeitadas de Eric, que estava particularmente mais venenoso do que de costume, sobretudo porque fui escolhida para a conta... Humpf, se o patife soubesse o quanto eu também não estou contente.

A verdade é que aquele gringo dos diabos é um fenômeno da natureza. Dominador, arrogante, determinado demais. E é justamente por isso que percebo o quanto fui burra. Eu deveria ter previsto que algo assim poderia acontecer quando bati meus olhos nele pela primeira vez. O alerta de confusão estava ali, claro e forte como um placar luminoso, mas a maldita luxúria me cegou.

Lidar agora com esta situação de ter que conviver com ele no âmbito profissional é talvez um castigo merecido, uma punição por minha fraqueza. A melhor noite com um homem havia de ter um custo, é óbvio que sim.

Gael pensa que pode me dobrar, sei que esse é seu objetivo com tudo isso. Todavia, infelizmente não pode. Nem ele, nem ninguém. E eu gostaria que não fosse assim. Talvez um dia eu tenha tido sonhos de amor tal qual minhas amigas, mas isso se quebrou quando vi o lado feio, o lado perverso da vida e aprendi com ele.

Eu poderia culpar o mundo pelo que me aconteceu. Culpar a Elizabeth, que sempre foi uma alcóolatra egoísta e nunca se comportou como mãe. Ou meu pai, que a abandonou e não estava lá para me proteger. Contudo, eu só culpo a mim mesma, pela ingenuidade. Por confiar em quem não deveria. Não darei a mais ninguém esse poder sobre mim, não importa o quanto mexa comigo. Não posso dar, a verdade é essa.

Parecendo prever que estou num dia ruim e não quero falar com ninguém, Katarina escolhe este momento para me ligar. Cogito não atender e enviar uma mensagem dizendo que retorno mais tarde, mas sei que será um estímulo para que venha bater à minha porta.

— Fale, garota...

— Uau, Pini, sua disposição chegou aqui em mim — provoca. — Como você está?

Suspiro.

— Cansada, se quer mesmo saber. Tive um dia meio complicado, sabe?!

— Hum... aquele imbecil continua te enchendo o saco?

Deixo a taça de lado.

— O patife não seria ele se não tentasse — zombo. — E então? Vai passar a semana toda aí?

Na sexta-feira Katy foi para a casa de Daniel, no litoral.

— Não, volto na quarta. Consegui uma reunião com aquele cara da rede de supermercados que eu te disse...

Noto-a um tanto evasiva.

— O que foi, Katarina?

A mulher emite uma respiração mais longa.

— Aquela modelo de peitos está me processando...

— O quê? Por quê?

Bufa.

— Alega que eu a agredi, acredita?

Sério? Que filha de uma mãe!

— Ainda sobre aquele dia aí?

— Sim... cadela mentirosa.

— Você contou para Ju? — Júlia é advogada.

— Mande uma foto da intimação. — Ela suspira. — Pini, por Deus, eu gostaria de ter dado na cara dela para valer se soubesse que ela inventaria tanta mentira. Como eu me arrependo!

— Eu teria te ajudado...

Certamente que sim.

— Dani está chateado, embora ele tenha me alertado de que ela seria capaz de algo assim.

— Cretina. Mas não importa. Tenho certeza de que a Ju vai dar um jeito. Ela é boa no que faz.

— Eu sei, acho que no fundo sinto pena da infeliz... Eu também ficaria desse jeito se perdesse esse homem... — revela dramática.

E com isso dou o meu primeiro sorriso sincero do dia. Katarina faz essas coisas com a gente.

— Sério, garota, você tem algum problema.

— Aham — noto sua voz baixar para um cochicho. — Esse problema tem quase 1,90m; loiro; um maldito corpo gostoso... e está entrando aqui. Falo com você mais tarde, gata...

— Safada... — Desligo, realizada por essa menina finalmente encontrar seu lugar.

Eu deveria ter percebido antes o que havia entre ela e Daniel, mas, na época, eu estava tão ferrada que não me dei conta. Quando ele voltou, há alguns meses, fiz o que pude para ajudá-lo a se reaproximar, eu tinha uma dívida com essa garota.

Mando uma mensagem de texto para Alice, checando as coisas, outra para Júlia e decido encerrar minha noite mais cedo.

Amanhã terei um dia difícil pela frente, convivendo com aquele gringo dos diabos que insiste em me chamar de *Krasavitsa*... seja lá o que raios isso significa.



Estou um pouco ansiosa no meu caminho para o escritório de Gael. Não sei o que esperar e, honestamente, minha imaginação é bem frutífera no que tange àquele homem. De todo modo, tenho a mente feita: se ele tentar levar essa situação para o lado pessoal, darei o fora daqui, independentemente do que Gabor venha a dizer depois.

Aliso a saia, tirando o amassado, e coloco um fio de cabelo de volta ao lugar enquanto caminho com a recepcionista até a sala dele. Vesti-me como uma freira. Saia e camisa pretas, cabelos severamente domados num coque. Não há nada em mim que incentive qualquer investida.

Duas batidas na porta, e ela me deixa para lidar com meu destino. Preciso prender a respiração, tamanha a tensão em meu corpo.

Outra vez sozinha com ele na mesma sala onde lhe apliquei um golpe no nariz, observo Gael se levantar e abotoar o blazer caro enquanto sorri com cordialidade.

Para meu azar, não deixo de percorrer seu corpo com os olhos, num check-up fora de hora, mas inevitável. Há poucos homens que realmente conseguem

parecer atraentes num terno de três peças... mas esse miserável, sim. O homem exala luxo e domínio. Os cabelos negros, levemente ondulados, estão perfeitamente penteados meio de lado, de um jeito que derruba um pouco a aura intimidante, trazendo certo atrevimento ao visual. O infeliz é forte, grande, robusto. Não há nada de modesto nele... E eu nunca pensei que essa combinação me agradasse tanto.

— Bom dia, Priscila — recepciona-me com discreto distanciamento.

Primeiro o sorriso cordial, depois o cumprimento comedido. Nada de malícia, ou do olhar penetrante, apenas essa amenidade muito suspeita. Eu me pergunto qual é a sua jogada.

Exibindo certo humor, ele semicerra os olhos, provavelmente curioso por eu permanecer estacada à porta.

Pigarreio.

— Bom dia, Gael — devolvo o cumprimento, obrigando meus pés a agirem.

— Você está bem? — inquire ao estender sua mão.

Aperto-a.

— Sim... Obrigada por perguntar.

O calor sedoso de sua pele me faz puxá-la de volta em um movimento impulsivo.

— Não por isto...

— Seu nariz — aponto discretamente para ele — parece melhor.

— E está. Apesar de eu ter de reconhecer que aquilo doeu como o inferno...

— A aura suave é um convite para eu me desarmar também.

Reprimo um sorriso.

— Desculpe de novo. E, se fizer você se sentir melhor, saiba que estou absolutamente arrependida.

— Absolutamente arrependida? — Arqueia a sobrancelha, zombeteiro.

— Tudo bem, talvez só um pouquinho — reconheço, encolhendo os ombros.

Inevitavelmente, acabamos rindo. Não pelos comentários, mas pelo pequeno instante de uma trégua bem-vinda, que torna o ar menos denso. A tensão estava a ponto de os músculos doerem. Não posso deixar de reparar também que esse é um lado diferente dele, mais leve, e algo dentro de mim me diz que Gael não costuma oferecer isso a todos.

Entretanto, nossos sorrisos morrem juntos quando, por um ligeiro instante,

penso vê-lo me observando com mais intensidade. É rápido, chego até a duvidar de que seja real, pois, no piscar de olhos seguinte, a postura de exagerada civilidade está de volta.

— Por favor, sente-se — o tom é tão polido quanto a postura.

Pasma, sacudo a cabeça e contorno a cadeira. Sento-me com as pernas juntas, ereta, apoio a bolsa no chão, limpo as mãos, tirando uma poeira invisível. E então, sem ter outro remédio, concentro-me nele.

— Em relação à publicidade, Gael... — começo, limpando a garganta — é necessário te dizer que não trabalho sozinha no processo. Há toda uma equipe por trás, e provavelmente você também terá contato com alg...

— O sujeito que esteve aqui com você faz parte dessa equipe? — interrompe-me.

Deus, não! Se eu tivesse que trabalhar diretamente com aquele réptil, um de nós já estaria morto.

— Não. Eric também é publicitário, em alguns momentos compartilhamos recursos, mas raramente trabalhamos juntos.

Noto que a informação o agrada. Mal sabe o quanto a mim também.

Retomo a cartilha de boas-vindas.

— A primeira questão que normalmente discuto com o cliente diz respeito ao objetivo que ele pretende alcançar através do marketing. Vi que seu orçamento é... — escolho a palavra — relativamente alto. Então, por favor, me diga, Gael, o que tem em mente?

Compenetrado, tamborilando o longo dedo indicador contra o braço da cadeira num batuque suave, ele franze os lábios masculinos quase imperceptivelmente antes de responder:

— Tornar esta rede de boates a número um desta cidade?

Droga. Isso soa como um “chute bem dado”. Esse cara nem mesmo tem um objetivo real. Basta ir à sua casa noturna para perceber que não é necessário nenhum empenho publicitário para alavancá-la a esse status. A boate já é a melhor, imagino que todas de sua rede sigam o mesmo padrão.

Respiro profundamente, sentindo-me no dever de alertá-lo. Essa brincadeira de me manter por perto não pode ir tão longe.

— Você está colocando muito dinheiro nisto, Gael... Ambos sabemos que suas casas já são consideradas as melhores, contam até mesmo com fila de espera. Se está fazendo isto somente para me mant...

— Quero, então, criar uma identidade para minha marca — interrompe-me,

elevando o queixo, num tom que não deixa margem para contestação.

O sujeito é inteligente, entendeu onde tentei chegar e deu um jeito de me impedir. Outra vez estou na detestável posição de não ter o que fazer.

Em busca de distração para não estourar por presenciar o teimoso gastar essa grana sem necessidade, corro o olhar por sua mesa... e percebo algo curioso. Não há nada aqui, ou mesmo na sala, que reflita a personalidade dele. Na verdade, eu não tinha reparado na primeira vez, mas este ambiente é absolutamente impessoal. Nenhum retrato, artigo de decoração mais característico dele, nada. É como se Gael quase não frequentasse este lugar.

Seja como for, não me diz respeito.

— Tudo bem — pronuncio, meneando a cabeça devagar. — Vamos cuidar de criar uma identidade para sua marca.

Capto sua avaliação sobre mim.

— Eu tenho uma ideia, Priscila — meu nome desliza macio em sua língua. — Por que você não vem comigo conhecer os lugares que temos na cidade e, assim, pensar em alguma coisa?

— Ir às boates com você?

— Sim.

— Agora?

— Você não pode?

Sinto uma contração estanha no estômago.

— Bem... posso. — E que alternativa tenho?

— Ótimo. Então vamos.

Satisfeito, o imponente corpo se levanta, seguro de si. Pego a bolsa e me ergo também. Gael fecha os botões do blazer e vem majestosamente ao meu lado. Caminhamos juntos, passando pelas recepcionistas, e entramos no elevador. A cada segundo, meu corpo se torna mais consciente de sua proximidade, do calor, da energia quase nuclear policiada por trás de sua postura régia.

Dentro do elevador, acho que nunca me concentrei tanto num painel que mostra a passagem de andares como estou fazendo no momento, enquanto recito mentalmente: “seja rápido, seja rápido”. É isso ou sucumbir ao reboliço acontecendo em meu interior. Sinto-me uma bagunça. As mãos transpiram; o coração bate fora de compasso; os lábios ressecam; além do esforço para manter a respiração controlada enquanto seu perfume amadeirado invade-me por todos os lados.

Honestamente, é interessante descobrir que sou capaz de reações assim, embora não seja nada agradável.

— Você está bem? — ouço sua voz aveludadamente rouca, gostosa, porém, provocativa.

Maldito seja.

— Excelente.

Não preciso verificá-lo para saber que está sorrindo.

Quando as portas finalmente se abrem, apresso-me a sair.

— Vou pegar meu carro — aviso.

Apanhando-me pelo cotovelo com delicadeza, ele me intercepta.

— Vamos no meu, Priscila — é uma ordem suave, porém, tão firme quanto a intensidade de seu olhar.

Se eu já não estivesse ofegante, com toda certeza isso me faria ficar. Que seja.

— Tudo bem.



Capítulo 08

Priscila

Entrar em sua máquina potente não é exatamente um oásis. Há menos de uma semana, este veículo foi testemunha de todo o desejo que sentíamos; da ansiedade e pressa em nos consumirmos. É evidente que a lembrança me afeta, eu não seria humana se fosse diferente. O problema é que afeta além do que deveria. Formigamentos vêm me perturbar nos lugares mais indesejados.

Pigarreio, aliso a saia, mudo a posição no banco, e nada resolve. Num último recurso, aperto as pernas, tentando amenizar a sensação latente. E, para minha completa vergonha, Gael percebe a inquietação.

— Está tudo bem mesmo? — Recebo sua avaliação de canto de olho. O filho da mãe se esforça para permanecer sério, vejo isso.

— Aham...

Olha de relance para o retrovisor, como quem checa algo fora do carro.

— Não sei, você parece... agitada.

Torço os dedos nas alças da bolsa em meu colo.

— Estou tendo ideias para sua marca. Publicitários em geral são assim... agitados. — Dou de ombros.

De soslaio, pego o repuxado discreto de lábios.

— Tendo ideias tão rápido? Vejo que tomei uma boa decisão ao contratá-la.

Quero bufar e rir ao mesmo tempo. Por sensatez, decido mudar o foco.

— Faz tempo que você é o proprietário desses lugares?

— As boates? — Ele me confere de relance, e confirmo. — Há pouco mais de um ano.

A curiosidade caminha pelo meu cérebro como formigas em uma mesa cheia de açúcar.

— Você tem outros negócios além das boates?

— Sim — revela evasivo, conferindo o retrovisor outra vez.

Mordisco um cantinho da boca, estudando-o silenciosamente. A questão do

por que uma pessoa tão direta como ele estaria sendo evasiva sob qualquer aspecto me deixa bastante intrigada. Meu instinto, que aprendi a seguir depois de tudo, aconselha que eu finja não ter percebido. No entanto...

— Que tipo de negócios?

Recebo uma encarada séria quando seu rosto se desvia calmamente do trânsito para me fitar. Apesar do alerta na boca do meu estômago, sustento o olhar, corajosa. Se há um motivo para esse homem reagir assim, é agora mesmo que quero saber.

Elevo a sobrancelha, como quem diz “e então?”.

— Só pergunte se você estiver preparada para a resposta, *Krasavitsa* — o timbre aveludado muito agradável, contudo, é sublinhado por um aviso férreo. Compreendo, e, na verdade, esse cara tem razão: quanto menos eu souber dele, melhor. Não posso e tampouco quero qualquer envolvimento.

— Ok, senhor Al Capone — resmungo uma piada por fim, mudando minha atenção para a paisagem correndo lá fora.

— Acho que estou mais para Mikhailov — rebate com discreto humor.

Dizem que a ignorância às vezes é uma benção. Não faço a menor ideia de quem seja esse Mikhailov, mas não tem jeito de ser um padre santificado, a contar pelo sorriso perverso brincando em seus lábios.



Nossa primeira parada é a boate onde nos conhecemos. Gael deixa o carro num lugar exclusivo, ao qual os frequentadores não têm acesso. Um segundo veículo, preto, para logo atrás. Entretanto, não se pode confirmar seus passageiros através dos vidros escuros. Pela despreocupação do gringo, ele pelo jeito contava com isso.

São esses pequenos sinais que endossam minha teoria de que há algo de obscuro sobre ele.

— Aqui estamos — brinca ao se colocar ao meu lado enquanto desço.

Pego um vislumbre da fachada. À luz do dia, El Diablo parece maior, menos intimidante. Ocupa um terço da quadra de uma rua na parte nobre da cidade, em meio às mansões e lojas exclusivas. Eu me pergunto o que essa vizinhança altamente conservadora pensa da escolha do nome ou do tipo de atração. Por muito menos fizeram um abaixo-assinado querendo remover uma feira semanal que se estabeleceu a mais de três quilômetros daqui.

— Esse nome é escolha sua?

Centrado, seu olhar percorre a fachada também.

— Não. — Franze as sobrancelhas. — Mas gostei.

Dou um sorriso.

— É sugestivo...

Mudando meu rosto para o seu, pego o momento em que ele lambe o lábio inferior antes de sugá-lo. Infelizmente acompanho de perto, sem poder evitar que a lembrança de como é beijá-lo retorne. Foi bom. Mais do que isso, fez-me bem. É uma pena as coisas serem como são.

— Vem, vamos entrar, Priscila — noto o som abafado de compelido controle.

Suspiro, meneando a cabeça.

Quando sua mão encosta no centro de minhas costas para me guiar, sou obrigada a fazer uma inspiração mais curta, surpresa por ser capaz de sentir o calor da palma através de minhas roupas. Talvez seja eu, mais sensível, ou ele, que tenha algo sobre si capaz de alterar a ordem natural de minhas percepções, ou este maldito lugar... mas sinto esse toque com cada célula do meu ser.

Ao entrarmos na boate, sou surpreendida por uma ótica diferente, algo que nunca parei para pensar. Durante o dia o lugar é completamente o oposto do turno da noite: aquela atmosfera de luxúria dá lugar ao local de trabalho de pessoas normais. Garçons, pessoal da limpeza, ajuste de som. Nem mesmo o misturar agradável de vozes se compara com o caos noturno.

Respondendo às minhas indagações sem nenhum propósito específico que não mera curiosidade, Gael fala um pouco de como se inspirou para a temática do ambiente. Ele é viajado, trouxe experiências dos lugares onde esteve para formar essa boa composição de pecado e elegância. Particularmente, gosto da escolha, denota bom gosto, refinamento... e inevitavelmente me faz desejar fazer outras dezenas de perguntas.

Aos poucos relaxo e, quando me dou conta, já estou sentada em uma banqueta em frente ao balcão do bar, ao lado de Gael. Ele faz um sinal, *aquele sinal*, e a garçonete se aproxima trazendo uma garrafa de vodca.

— Senhor.

— Me acompanha, Priscila? — o tom naturalmente atraente do homem é quase involuntário.

— Não. — Aceno com a mão, sorrindo comedida. — Estou trabalhando.

— Ah, vamos lá. Pelo menos um Martini?

De repente, olhando assim para esse homem desarmado, sinto como se a possibilidade de o agradar me fizesse bem. Deus me ajude, o que está havendo comigo?

— Bem fraquinho — insiste charmoso, carregando no maldito sotaque.

Suspiro, tentada a esconder o rosto entre as mãos e gemer de frustração comigo mesma.

— Ok. Um bem fraco — bato o martelo, contrariada.

Limites existem por um motivo, Priscila!, repreendo-me mentalmente.

Assistimos à garçonne derramar o líquido transparente em um copo para ele e então girar em torno de si mesma para ir preparar minha bebida.

— Fraco — ela repete simpática ao se afastar.

Sorrio em agradecimento.

— Esta é da minha terra. — Gael gira o copo entre os dedos antes de sorver uma parte da bebida, retorcendo discretamente os lábios.

Uma bela visão.

— De onde você é? — deixo escapar antes que possa impedir minha língua.

— A boa e velha Rússia. — Movimenta o copo.

Hum...

— E como você veio parar nesta cidade?

Droga, sem álcool, e já estou falando demais.

Gael bebe o restante do líquido, parecendo ganhar tempo.

— Negócios — explica simplesmente.

Bem, aparentemente entramos naquele território no qual há coisas que não posso perguntar (ou, em suas palavras, posso não estar preparada para a resposta).

O Martini caprichado é colocado a minha frente.

— Obrigada.

Pego a taça e bebo um pequeno gole, assistida de perto pelo olhar turquesa. Algo que percebo é que o clima entre nós está sempre oscilando, ora leve, ora denso, como agora. Não gosto disso, se for honesta. Traz uma sensação de insegurança, de pisar em terreno desconhecido e não saber o que esperar.

Tentando mudar a direção dos meus pensamentos, fito fixamente os suportes repletos de copos e taças do outro lado do bar e logo avisto alguns deles serigrafados com a bendita marca na qual me inspirei para mentir a respeito do nome. Gael acompanha meus olhos.

— Havana, um bom rum cubano — revela numa rouquidão macia.

Engulo mais um pouco da bebida, sentindo meu rosto ruborizar.

— Desculpe por aquilo — digo sem olhar para ele.

Minha atenção não sai dos copos; a dele, no entanto, muda para mim, percebo pela visão periférica.

— Você quer saber como eu te encontrei?

A razão me manda fugir imediatamente deste assunto. Meu corpo, no entanto, sente-se derretendo tais quais calotas polares motivadas pelo calor exorbitante que nem sei bem de onde vem.

Apesar do meu silêncio, ele continua falando:

— Assim que percebi que você me deixou naquele quarto — sua fala é como uma carícia baixa — voltei para cá. Eu precisava te encontrar, e este lugar era a única pista que eu tinha.

Engulo a bebida empossada sobre minha língua, tendo a sensação de que meus pulmões estão queimando numa adrenalina gostosa.

— Então peguei as imagens de segurança e assisti a cada passo seu aqui dentro...

Fecho os olhos num breve instante, ao passo em que separo ligeiramente os lábios, aspirando oxigênio discretamente.

— Acho que eu não te disse isso antes, mas você estava dançando quando te vi pela primeira vez.

Que diabos, essa sua voz... eu infelizmente gosto dela além do que deveria. Sinto-a como um toque macio roçando minha pele.

— Aquilo me atraiu como o inferno. Eu não conseguia tirar meus olhos de você, Priscila.

Aumento mais a pressão entre minhas pernas, tentada a fincar os dentes no lábio inferior; o problema é que não há coisa mais clichê do que isso.

— E a noite que passamos juntos foi... boa pra caralho. Na verdade, eu achei que você tinha gostado tanto quanto eu.

Um ruído de engasgo sai de minha garganta. “E gostei!”, mordo a pontinha da língua para não revelar em voz alta.

— Eu necessitava te ver de novo — sussurra perto do meu rosto. — Era uma questão de *necessidade*, você me entende, *Krasavitsa*?

— Gael — peço fraca, advertindo-o a parar.

Não posso olhar para ele, não agora, do jeito que estou. Não nessa maldita

bolha em que ele nos colocou, revestida por um desejo cru que vem a partir de minhas vísceras.

— E então, nas imagens de segurança, eu assisti a você. Assisti a *nós dois*.

Percebo-o ajeitar-se desconfortavelmente na banqueta. Próximos como estamos, arrisco um olhar para sua virilha e a vejo volumosa, rebelde, querendo ultrapassar os limites impostos pelo tecido e zíper.

Devo parar com isso. Agora.

— Por favor, Gael — peço de novo.

— Não, tudo bem, eu já estou terminando — o timbre mais rouco e baixo denuncia também seu próprio estado de espírito.

Balanço a cabeça, concordando, ou talvez não, já nem sei.

— Eu vi nas câmeras o que não tinha percebido pessoalmente porque estava atraído demais por você. No momento em que perguntei seu nome, seus olhos viajaram para longe de mim. Então eu aproximei a imagem e vi o maldito copo.

Ouçó o riso baixinho; ele aparentemente está extraindo alguma graça da situação.

Tomo coragem para encará-lo nos olhos, e é quando me dou conta do tamanho de meu erro. Gael me fita intensamente, turquesas penetrantes, pupilas dilatadas. O hálito fresco misturado ao aroma do álcool sai de seus lábios, sutilmente separados, e varre meu rosto em lufadas geradoras de calafrios na espinha.

Esse homem me olha de uma maneira que ninguém jamais o fez. Com adoração, como se à sua frente estivesse tudo o que mais deseja no mundo. Maldito seja! Maldito seja! Infinitamente maldito seja! Eu não deveria ter deixado a conversa tomar este caminho, pois agora quero tudo o que está aí, quero as promessas, os beijos, seu corpo pairando sobre mim, o contato febril de seus músculos me domando... Por Deus, eu não quero querer essas coisas! Não posso!

— Precisamos ir — digo por entre os dentes, irritada, desconcentrada, profundamente abalada de um jeito infeliz.

É quando algo estala em seu rosto, e ele recua imediatamente, mascarando o atordoamento por baixo da impassibilidade numa velocidade impressionante.

Voltamos em silêncio ao seu carro. Invento uma desculpa e encerro nosso tour do dia, pois não suportarei passar mais horas ao lado dele hoje. O pior é que nem mesmo entendo o que estou sentindo. Meu cérebro o repele com veemência, enquanto meu corpo implora por algo que somente ele parece poder me dar.

Gael não impõe objeção (o que me faz agradecer mentalmente). Entretanto, presos dentro do veículo, a densidade da atmosfera entre nós torna complicado até mesmo respirar.

Organizo os pensamentos como faria com uma lista de supermercado, uma coisa de cada vez, e vou me reensinando acerca dos elementos básicos para o controle das emoções. *Respire profundamente, concentre-se em algum pensamento agradável capaz de levá-la a um lugar familiar e seguro.* Penso na última viagem com as meninas, quando éramos apenas nós, no calor do sol em nossa pele, nos risos.

Vou criando minha própria zona de conforto, até que um pensamento importante me ocorre.

— Gael... — a primeira tentativa sai falha, então limpo a garganta. — Gael, você não me explicou uma coisa. — Ele me lança um olhar desestimulante, parecendo prever a pergunta: — Como você descobriu meu nome verdadeiro?

Sua garganta faz o movimento de engolir a saliva, há até mesmo uma sutil mudança em sua expressão, antes imperturbável, agora absolutamente séria.

— Acho que não gostará da resposta.

Semicerro os olhos, curiosa e ciente de que ele possa ter razão sobre eu não gostar.

— Deixe que eu decida — rebato rígida.

O peito musculoso por baixo do terno caro se estufa numa absorção profunda de ar.

— Eu precisei verificar seus dados na conta que pagou usando o cartão.

Mordo a língua ao ponto da dor para não soltar um palavrão digno de sua trapaça.

— Pelo menos agora sei que não posso confiar em fornecer minhas informações por aí — resmungo sarcástica.

É evidente que recebo em troca um olhar severo de advertência. Esse cara é inacreditável, acha que pode interferir na privacidade das pessoas e que tudo ficará bem. Olhando em retrocesso até a última sexta-feira, sinto-me dez vezes mais burra. Os sinais brilham em placares luminosos: “cuidado, Gael é perigoso”; “ele não respeita ou conhece limites”; “seus desejos são tudo o que importa”; “ele te atropelará feito um rolo compressor”.

De volta ao estacionamento de sua empresa, preparo-me para descer do carro, mas, antes que eu o faça do modo como ele merece, sem dar-lhe a dignidade de um adeus, sou impedida por meu nome em seus lábios, feito uma

pluma macia e solta no ar.

— Sim?

— Vejo você amanhã? — questiona numa autoridade impressionante e, talvez percebendo, recua. — Digo, você vem comigo conhecer as outras casas noturnas que tenho?

Seu cliente. É tudo o que ele é e tudo o que será.

— Claro. — Sorrio calculadamente profissional, dando-lhe um claro aviso. Se esse cara é inteligente como eu imagino (e sei), me deixará em paz. Não preciso de ninguém ferrando minha cabeça. O problema não é com sua natureza, mas com a minha.



Capítulo 09

Priscila

Retorno ao escritório, embora incapaz de me concentrar em qualquer coisa neste momento. Aquele gringo miserável me desestabilizou para valer. Por um triz, estive por um triz de ceder, e o pior é que é exatamente o que eu gostaria de ter feito, tão forte e visceral como nunca.

Seguro minha cabeça baixa, encarando o teclado.

O que está havendo comigo? O que é esta ansiedade horrível na boca do estômago?

Que confusão dos diabos!

O ruído da porta de minha sala sendo aberta me faz subir os olhos. Quando me dou conta dos tênis de quem está se aproximando, não me surpreendo. Esse patife é o único a entrar sem bater, faz de propósito. Disfarço bem meu estado de distração, fingindo que estou arrumando o cabelo num coque acima da cabeça. Pego uma caneta e atravesso-o na cabeleira, pois é somente isto que impossibilita os fios pesados de se desmancharem em cascatas.

— Sua educação é surpreendente — resmungo encarando a tela do computador e repelindo sua presença.

O desgraçado afasta um papeis e se senta sobre a borda do outro lado da mesa.

— Pensei que não viria à agência hoje — Eric guizalha malicioso feito a cobra que é.

— Acredite, eu adoraria passar o dia sem a honra de encontrá-lo. — Continuo ignorando-o.

Pela visão periférica vejo os dedos asquerosos correrem a mesa até alcançar meu exercitador de mãos, um aparelhinho legal que comprei de um vendedor de rua. Meu primeiro instinto é exigir que solte, meu segundo é lembrar de passar álcool em gel depois que ele sair.

— Eu fico me perguntando o que você precisou fazer para conseguir exclusividade na conta daquele sujeito indigesto. — Aperta e relaxa o aparelho

em sua mão. — Certamente o poder *Big Butt* teve algo a ver com isso.

Big Butt, “bunda grande” em sua boca pejorativa.

— Saia da minha sala — ordeno em tom indiferente.

— Um cara tão desagradável como ele deve ter sido difícil de agradar, não é?

Respiro profundamente antes de subir meus olhos para ele.

— Desagradável e indigesto é o seu cheiro, para começo de conversa... — explico calmamente.

O imbecil ri de cabeça baixa, irritante... e é quando eu vejo.

— Está trocando de pele, réptil? — indago com a voz doce e compreensiva e sorrio de escárnio.

Eric percebe a direção dos meus olhos e toca seu cabelo coberto de caspas.

— Tsc, tsc. Saia daqui e vá lavar essa cabeça. Isso já está nojento. — Franzo o lábio como se ele me despertasse nojo.

É óbvio que eu não ligo se ele tem caspa ou não. Eu também já tive. O problema é que esse merda é tão vaidoso que coisas assim quebram um pouco sua banca.

— Você não está tão acima quanto pensa, Priscila. Uma hora vai acabar quebrando a cara.

— Ou a sua... — resmungo, voltando a prestar atenção à tela.

Exalando uma postura venenosa, ele sai da sala de peito estufado, a duras passadas... e roubando meu exercitador, o babaca!

Até o ar, livre de sua presença, torna-se mais respirável. Não lembro exatamente quando nossa animosidade começou, mas sei que ele sempre tentou me humilhar com suas tiradas aliciadoras, as insinuações abusivas. Chego a pensar que Eric não é capaz de respeitar uma mulher. Um misógino legítimo.

Tamborilo os dedos sobre as laterais do teclado, obrigando-me a focar no que importa: meu trabalho. Algumas poucas ideias, tímidas, até começam a surgir. No entanto, minha convicção de que El Diablo está longe de carecer de uma campanha publicitária é mais forte. A marca por si só já se apresenta muito bem, fixa na mente, talvez até na alma.

Por uma questão de busca de inspiração, conecto o celular à caixa de som, ajusto o volume num nível baixo e deixo a *playlist* correr livremente. Então abro um bloco novo do *planner*, iniciando rascunhos de alguns elementos, a começar pelo que senti no dia em que coloquei meus pés lá pela primeira vez, as sensações indo de curiosidade a uma excitação empolgante de alguém querendo

descobrir um mundo novo numa ânsia quase juvenil. Esse é o sentimento que aquele lugar desperta: o de deixar-se entregar ao pecado por meio do prazer... Droga, difícil não o relacionar à identidade do dono.

Distraída, é o telefone tocando sobre a mesa que me traz de volta.

— Sim? — digo casualmente.

— Preciso de dinheiro.

Essa voz. Meu dia não poderia ficar melhor. Aperto o ossinho entre o nariz e os olhos, abandonando momentaneamente o computador.

— Já te mandei dinheiro não faz nem vinte dias — respondo de forma fria.

— Eu preciso de mais! — grita daquele modo desequilibrado, escolhendo a abordagem agressiva como um meio de coagir, seguindo o padrão.

Respiro fundo para não perder a paciência.

— Ouça, Elizabeth, não sou seu maldito caixa eletrônico — informo baixa e pausadamente. — E, embora eu não tenha nenhuma obrigação de te ajudar, estou te enviando mensalmente uma parte bastante significativa do meu salário com a qual você deveria viver bem. Sem contar que eu ainda pago uma empregada para cuidar da sua casa. Ambas sabemos que é muito mais do que você já fez por mim, não acha?

— Você sente prazer em jogar essa esmola na minha cara, não é?! — continua erguendo a voz.

Uma batalha inútil.

— Não. De modo algum. Mas não permitirei que extrapole comigo.

— Você me deve sua maldita vida, lembra disso? Nenhuma merreca que me dê é suficiente para uma dívida assim! — em razão de seu berro, tenho de afastar o telefone do ouvido. — Eu perdi anos da minha vida por sua causa; isso, garota, não é um trocado que vá pagar.

Sinto que é justamente minha pouca afetação que a perturba e a faz dizer coisas assim. O lado bom disso é que anos convivendo com agressões acaba de algum modo gerando um tipo de imunidade. Couro grosso, eu diria. Chega um momento em que nada te atinge mais.

— Bem, espero que tenha entendido. Agora, antes de eu desligar, vou te dizer pela última vez: não me ligue mais no trabalho, você tem meu número de celular.

Não me ligue nunca, por favor!, meu interior implora.

— Se você não me mandar o dinheiro, eu vou até aí, Priscila, estou te avisando — a ameaça vem carregada de raiva.

Chantagista cretina!

Empertigo-me na cadeira e procuro expor o que tenho a falar com total clareza, porque, por mais que eu ainda tenha alguma consideração por seu papel, mesmo isso tem um limite.

— Elizabeth, escute com bastante atenção: se você der um passo em minha direção, considere sua fonte de dinheiro encerrada. Eu já estou me cansando de você, é sério.

— Desgraçada ingrata!

— Adeus.

Desligo. E caio contra o encosto da cadeira.

Minha mãe é a pessoa mais egoísta que conheço. É triste reconhecer algo assim em alguém que deveria ser tudo em sua vida, mas é a realidade. Alcoólatra; egocêntrica; sempre gostou de viver de aparências; e se importa apenas consigo mesma. A mulher nunca trabalhou, só o que fez a vida inteira foi chantagear e viver à custa das pessoas, antes meus avós, depois, meu pai, e agora, eu.

E, se esses fossem seus únicos defeitos, minha infância teria sido um pouco mais fácil. Ela me odeia. De algum modo deturpado, conectou o meu nascimento às razões de seus problemas e infelicidade. Na infância eu não entendia a frieza, a hostilidade, a violência, porém, com o passar dos anos e um pouco mais de entendimento, percebi que ela me considerava, na verdade, uma rival.

Lembro-me do dia em que, chorando sozinha na biblioteca da escola, decidi pesquisar na internet algo que justificasse seu comportamento. O que encontrei foi de certa forma reconfortante. Eu não era a única. Havia uma comunidade de filhas de mães narcisistas e até mesmo um nome para isso: Síndrome da Genitora Tóxica.

A descoberta não mudou a dor que eu sentia pela ausência de seu amor, mas me fez entender que o problema não era comigo. Naquele dia decidi que evitaria absorver sua maldade, criei um distanciamento emocional, e foi o que me permitiu sobreviver.

Por sorte, há sete anos Elizabeth escolheu se mudar para a casa de meus falecidos avós, a cerca de duzentos quilômetros daqui. Lá, na cidade pequena, a infeliz impera do jeito que quer. E eu ajudo como posso, não por ela, mas por mim mesma. Essa mulher me causou mais dor que qualquer filha deveria ter de passar, principalmente *naquele* dia. Contudo, esses são os pecados *dela* e pelos quais somente *ela* prestará contas.

De minha parte, fui abençoada pela amizade de três meninas surpreendentes

que me deram todo o suporte e amor que eu poderia desejar. Não consigo lembrar com clareza quando nos tornamos amigas, talvez aos cinco ou seis anos de idade, porém, tampouco faço ideia de como é a vida sem elas.

Talvez eu teria pirado.



Capítulo 10

Priscila

Abro o aplicativo do celular, ajusto a quantidade de quilômetros e o cronômetro, desembolo o fio, coloco os fones nos ouvidos e o guardo no bolso da blusa. Antes de iniciar a corrida, confiro os dois lados da rua, que se encontra pouco movimentada em meio à névoa baixa do início da manhã, então atravesso e disparo em direção norte, onde, a alguns quarteirões, encontra-se o parque.

A corrida é um hábito, assim como ir à academia. Encontrei no esporte um meio de extravasar, talvez o melhor meio. Correr livremente pelas ruas desanuvia os pensamentos, deixa a mente em branco e cria uma conexão com nosso interior. Você passa a se sentir, literalmente: respiração, os efeitos do oxigênio entrando e saindo, queimando através dos pulmões; os músculos absorvendo o impacto contra o solo e reagindo a eles; os batimentos cardíacos agitados em ritmo constante.

E hoje é um daqueles dias em que todos esses efeitos são mais do que bem-vindos para aplacar a severa inquietação que não me deixou dormir. Pensamentos se misturaram durante toda a noite, ora nas malditas lembranças de sempre, ora naquele gringo e as sensações que ele provoca, confundindo-me como o diabo... Enfim, sinto-me uma bagunça completa, exausta.

A verdade é que há dias em que eu simplesmente não consigo separar as coisas dentro de mim e colocá-las atrás da parede segura. Há dias em que me canso do peso no peito e do sabor amargo na ponta da língua a cada pequeno flash de memória; canso da sensação constante de sujeira impregnada com suas raízes mais profundas em meu corpo; de viver defensivamente, tentando adivinhar o que de ruim eu devo esperar de alguém (acho que, de todas as coisas, a fé nas pessoas foi o pior que aquele desgraçado me tirou).

Porém, o maior e mais cansativo dos esforços é me forçar a parecer bem aos olhos do mundo o tempo todo. Sou uma fraude. Uma verdadeira fraude, que se levanta e se reconstrói diariamente em cima de um fosso de areia. Deus é testemunha de que não é fácil. Erguer-se e lutar dia após dia simplesmente *não é fácil*.

E é frustrante.

Conforme meus pés se chocam contra o chão, ao som de *What Now*, mordo a língua para não gritar, um urro alto vindo diretamente da alma, na esperança de que ele leve, pelo menos por hoje, essa sensação embora.

Eu estive ignorando este grande nó na minha garganta.

Eu não devia estar chorando.

Lágrimas são para os dias mais fracos.

Estou mais forte agora ou assim eu digo.

Mas tem algo faltando.

O que quer que seja, parece que está rindo de mim.

E eu só quero gritar. E agora?

Apenas não consigo entender. E agora?

Eu encontrei o que mudou minha vida.

E aconteceu de ele chegar no momento certo.

Eu deveria estar apaixonada. Mas eu estou paralisada de novo.

E eu só quero gritar. E agora? Por favor, me diga.

E agora? Quanto mais estou feliz, mais me sinto só.

Nem mesmo posso fazer as emoções saírem.

Seca como um osso, mas eu só quero gritar!

E agora? Eu não sei para onde ir. Não sei o que sentir.

Eu não sei como chorar.

Absorta nos pensamentos, só percebo muito em cima da hora algo que me faz diminuir o ritmo... ou melhor: *alguém*.

Isso só pode ser piada.

Deixo de correr e passo a caminhar, a uma quadra de chegar ao parque, enquanto retiro os fones.

Esse sujeito só pode estar brincando comigo.

Como em uma cena de filme, o miserável gringo está parado a alguns metros, no meio do caminho que inevitavelmente eu tenho de percorrer, observando-me com uma expressão insondável. Trajado em sua elegância habitual, cabelos úmidos talvez por um banho recém-tomado, o maldito parece mais lindo do que nunca. A cor cinza do terno combina perfeitamente bem com

sua pele.

Perto o bastante para sentir seu perfume amadeirado gostoso, puno-me mentalmente por prestar atenção a isso quando há algo de muito mais sério acontecendo.

Fecho a cara conforme me aproximo.

— Você está me seguindo, Gael? — vou direto ao ponto.

O espertalhão estreita os olhos, aparentando ter se ofendido com a acusação.

— Bom dia, Priscila — por seu timbre suave, mas muito sério, ele ilustra isso.

Reprimo-me de revirar os olhos.

— Que seja. Por favor, responda: você deu para me seguir agora?

Seu belo rosto se inclina meio de lado, encarando-me com leve seriedade.

— Acredite, por mais que a ideia seja tentadora, a resposta é não. Eu estava a caminho de um negócio importante quando te vi correndo. — Em sua pose majestosa, aponta para um Maserati preto desses modelos caríssimos, estacionado do outro lado da rua. — Decidi parar e te dar um “oi”.

Verifico o carro e noto que, atrás dele, também estacionado, está aquele veículo que nos seguiu até a boate. Seguranças, talvez? Volto a fitá-lo intensamente, buscando detectar qualquer coisa que revele que não se trata de coincidência coisa nenhuma. O que encontro é a pacificidade e até mesmo um pouco de descontentamento diante de minha acusação.

Se for o acaso mesmo, há alguém lá em cima muito satisfeito em brincar comigo assim. Expiro pesadamente.

— Desculpe — lamento, amuada, entregando meu reconhecimento de culpa. — Bom dia, Gael...

A esse sinal, ele sorri. Nada de triunfante, apenas a irritante capacidade de ser reconfortante.

— Você faz isso com frequência? — Aponta ligeiramente para mim num gesto gracioso de mão.

— Correr ou julgar?

Um sorriso bonito surge em suas turquesas profundas.

— Não me julgou, só tirou a conclusão mais óbvia, mas eu me referia a correr.

Mordo o interior da bochecha para não rir. Esse climinha ameno é tão estranho.

— Corro sempre que posso. Gosto disso...

Sinto seu olhar me queimando, embora a expressão sustente uma calma calculada.

— Exercitar-se faz bem — a voz aveludada, baixinha é uma delícia de ouvir.

Mudo a atenção para meus tênis, tentando não focar tanto em todas as coisas deliciosas que enxergo nesse infeliz.

— Sim, faz...

— Você já tomou café? — noto o evidente fio de esperança na questão. Volto a encará-lo e sinto como se algo apertasse dentro do peito, aquele calor estranho na barriga, o nervosismo na boca do estômago. Uma droga.

Por uma questão de encenação, verifico o relógio em meu pulso.

— Ainda não. Eu preciso ir, na verdade... — Fito sua gravata. — Tenho uma reunião agora cedo com um cliente e já estou atrasada.

Ele volta a inclinar levemente a cabeça.

— Cliente?

— Aham.

— Pensei que eu tinha exclusividade, quero dizer, foi o que Gabor disse — capto uma discreta pitada de descontentamento.

Levanto as sobrancelhas. Exclusividade? É sério? Inventei agora isso de reunião, mas essa de exclusividade é novidade para mim. Pretendo fincar uma caneta no olho de Gabor, o vendido!

— É só uma entrega de relatório. De qualquer forma, eu não sabia que éramos exclusivos — assumo, guardando minha irritação para mim.

Ele dá um passo mais perto.

— Somos exclusivos, Priscila.

O duplo sentido está bem aqui. Eu nem deveria me surpreender. Eis um sujeito ardiloso que jamais pode ser subestimado.

— Preciso mesmo ir agora, Gael, com licença — aviso e me afasto antes de acabar dizendo algo que extrapole a relação cliente x prestadora de serviços.

— Priscila... — chama num timbre macio.

Olho-o por sobre o ombro.

— Sim?

— Você vem comigo conhecer os outros lugares à tarde, não é?

Engulo a frustração ante seu interesse genuíno pela resposta. Talvez, depois

de como acabou a visita de ontem, ele tenha cogitado que eu não iria continuar com aquilo. Eu gostaria de poder escolher essa opção, sendo sincera.

— Sim — acentuo o profissionalismo necessário ao tom, então volto a correr sem olhar para trás.

Não me sinto muito bem. Honestamente, todos estes sentimentos e sensações confusos estão atrapalhando o bom funcionamento de minhas capacidades cerebrais.



2h pontualmente, e aqui estou outra vez: entrando na sala de Gael, que já me aguarda na porta. Descemos para o estacionamento conversando sobre coisas aleatórias (intimamente, eu me sinto satisfeita que ainda possamos agir assim um com o outro). Tal qual ontem, o homem faz questão de que sigamos em seu carro. Percebi algo sobre ele: o gringo não só não gosta de ser contrariado, como *não dá chances* para isso. Eu me pergunto o quanto desse comportamento tem relação com sua nacionalidade. Sempre fiz uma imagem de russos como sendo hostis e esquentadinhos, talvez baseada em uma matéria a que assisti certa vez, no Discovery, a qual relatava que, em função das baixíssimas temperaturas, os homens de lá muitas vezes recorrem ao álcool para se aquecer, e a bebida os torna mais propensos a brigas. Na época pensei: “tá aí um fenômeno que não penso em conhecer pessoalmente.”

Rio com o pensamento. E o pego me conferindo enquanto dirige.

Ao chegarmos ao local, não me surpreendo ao encontrar aquele mesmo veículo atrás de nós, embora eu gostaria muito de saber quem são os passageiros ali dentro, por trás dos vidros escurecidos.

— Chegamos — Gael diz, insondável.

Desço e verifico que, na verdade, trata-se de uma elegante mansão de dois andares e não de uma boate. Numa estrutura neoclássica, a fachada contém grandes colunas e pórticos duplos ao estilo barroco, mas também remete ao contemporâneo, com vidraças enormes espelhadas, palmeiras altas e um paisagismo impecável.

Controlo a vontade de assoviar alto.

— Gael — pigarreio —, onde estamos exatamente?

Noto um discreto puxar de lábios misterioso, quase um sorriso sendo contido. Contudo, o que acende mesmo minha curiosidade é a maneira como ele

me sonda, parecendo especular.

— É também uma casa noturna, mas digamos que aqui há um tipo específico de frequentadores.

Tipo específico de frequentadores? Que diabos isso significa?

— Ricos?

Ainda sem dar pistas, ele meneia a cabeça, aparentando deliberar se sana minha dúvida ou me mantém em suspenso por mais alguns instantes.

Continuo esperando pacientemente, embora doida para gritar “vamos, homem, diga de uma vez!”.

As íris azuis-turquesa brilham com divertimento.

— Não ricos, ou melhor, nem todos são ricos.

Pff...

— Então?

— Pessoas que gostam de compartilhar... — ao dizer isso, examina-me esperando uma reação.

Ainda fico olhando para ele por mais alguns poucos segundos... até que a ficha finalmente cai.

— Compartilhar sexo? — inquiri baixinho, como se isso fosse um segredo.
— Tipo casa de swing?

Gael não desvia os olhos, mas pisca em confirmação.

— Ah... — Sacudo a cabeça, compreendendo. — E você frequenta este lugar?

Mordo a língua logo em seguida, castigando-me por ser uma imbecil sem filtros. O que raios é da minha conta? E por que, de todas as coisas, há de ser justamente essa a minha preocupação?

Ao notar meu martírio, ele simplesmente sorri, não sei se satisfeito pela questão invasiva ou pela aparente cena de ciúme.

— Não, Priscila. Eu não compartilho. — Seus olhos contêm uma intensidade para lá de reveladora. — Venho aqui durante o horário de funcionamento somente quando é necessário. Aliás, normalmente não frequento minhas boates.

Estou vermelha, isso é certo. Querendo esconder, baixo a cabeça e me concentro em observar detalhadamente o bico dos sapatos.

Aproveitando-se do ângulo, o gringo trapaceiro traz sua boca para bem próximo do meu ouvido.

— Se quer saber, estou feliz porque você não conhecia este lugar — diz baixinho, atraente como o inferno.

Certo. Eu mereci a provocação.

— Gael... — aviso.

Ele sacode a cabeça e se afasta.

— Vamos lá, mulher. Venha conhecer este antro — debocha.

No interior, descubro que, se Gael não tivesse revelado qual era a atividade realizada aqui, eu perceberia num primeiro olhar. Apesar dos quadros de arte pelas paredes, vasos de cerâmica de aspecto valioso estrategicamente espalhados, bem como algumas estátuas e objetos sofisticados de decoração que conferem grande elegância ao ambiente, duas coisas entregam o lugar: os inúmeros estofados de couro vermelho distribuídos pelos cantos e alguns próximos ao grande centro da sala enorme, ora redondos como camas de motel, ora estreitos, semelhantes a divãs, convidativos; e o palco no meio, com uma barra de *pole dance* comprida que vai até o teto de pé direito alto.

Uma luxuosa casa de swing.

Meu corpo parece reagir à magia do lugar, trazendo secura à garganta e umidade à fenda entre as pernas.

— Gostou? — o sotaque russo acentuado vem de bem pertinho, chega a eriçar os pelos da minha nuca.

— P-parece — na primeira tentativa, a voz falha. — Parece aconchegante.

Aconchegante... sério?

Ouçó sua risada grave, rica.

Por sorte, a gerente da casa vem ao nosso encontro, e sou apresentada a ela, uma mulher distinta, na casa dos trinta e poucos anos, bonita e com curvas bem marcadas no *tailleur* bege elegante. Em sua presença, Gael rapidamente muda de postura, torna-se mais sério enquanto conversa, sem demonstrar ou aceitar muita intimidade dela. E a mulher aparenta estar acostumada ao distanciamento educado, exibindo a mesma afabilidade. Saber que não são todos a receber um lado mais passional dele, de alguma maneira mexe comigo.

São pensamentos assim que me aterrorizam. Nada de Gael deveria ter qualquer efeito sobre mim. Entretanto, tem acontecido justamente o oposto.

Enquanto presto atenção ao que a mulher diz, pelo canto do olho vejo um sujeito vindo do interior. É alto, entre 1,85m e 2m, forte como uma parede de músculos por baixo do terno preto, cabelo castanho-escuro e pele ligeiramente bronzada. Observo-o brevemente e percebo uma expressão de admirável

impassibilidade já familiar aos olhos, pois lembra o próprio Gael.

O gringo ao meu lado se afasta para escutar dele qualquer coisa inaudível daqui, e, seja lá o que um diz ao outro, noto os ombros e costas de Gael endurecerem, ganharem uma postura friamente letal. Contudo, ao retornar para mim, nada, absolutamente nada no semblante do gringo deixa transparecer sentimento algum. Raiva, humor, preocupação, nada. Chego a pensar que ambos foram treinados no mesmo lugar para serem assim.

— Priscila, fique aqui com a Andréia e pergunte a ela o que precisar para seu trabalho. Terei de conversar com um fornecedor, mas não demoro — sua voz está civilizada, comedida.

Ao sair, ele tampouco exhibe pressa, pelo contrário, caminha seguro junto ao outro homem, indo para os fundos.

Observo-o até onde é possível; logo ele some por um corredor. Difícil saber se vi o que vi; se algo o alterou ou não. Gael é muito bom em administrar suas emoções.

Quando retomo a conversa com Andréia, o som da boate de repente vem à vida. É uma música com uma batida alta, dançante... e ensurdecidora. Mal consigo escutar o que a mulher diz, entendendo somente informações fracionadas, como: lista de clientes exclusivos; os clientes são sócios e pagam mensalidade; coisas assim.

Sentada com ela em um dos locais onde amantes múltiplos devem fazer loucuras, levo esta comunicação até quando posso. Depois que meus assuntos com a mulher chegam à exaustão pelo esforço em tentar compreendê-la acima da música, o barulho infernal finalmente é encerrado.

Praticamente suspiro de alívio.

Poucos minutos depois, Gael retorna, vindo do mesmo lugar por onde saiu. De longe, enxergo seu discreto desalinho: gravata um tanto torta, parecendo ter sido afrouxada e depois ajustada de volta no lugar sem muita precisão; alguns fios do espesso cabelo negro caem sobre a testa; conforme se aproxima, noto o brilho úmido em sua pele, na região do queixo e testa; mais alguns passos, e observo então uma manchinha vermelha maculando um dos lados da camisa regamente branca, entre a lateral da gravata e a aba do blazer.

Diante de todos os sinais e levando em consideração o local onde estamos, o pensamento mais rápido a me ocorrer é: esse gringo dos infernos estava transando!

Maldito seja!

A ideia retorce meu intestino de forma que chega a doer.

Fecho os olhos por dois ou três segundos, lutando para absorver isso e não permitir que ele perceba. Quando os abro, estamos sob a mesma luz. Posso então verificar com mais atenção a marca na roupa. Sentada, do ângulo em que estou, percebo que o tom de vermelho é vivo demais para ser batom. O formato também não se parece com o de uma boca, é uma manchinha desuniforme, como se um líquido tivesse respingado nele. Uma bebida, talvez? Não, vinho é mais escuro. Estreito os olhos, examinando melhor... Isso se parece com... oh, meu Deus... sangue.

Sangue.

Meus olhos se arregalam. Separo os lábios, mas não sou capaz de dizer nada. Ele então me estuda silencioso, de cima. Fecho a boca. Abro-a de novo, impelida a perguntar, porém, por um ligeiro momento, falta-me coragem ante o brilho frio e desafiador que aparece em sua face, captando minha inquisição.

É quando meu celular toca na bolsa, salvando-me ou me impedindo de descobrir a verdade.

Sacudo a cabeça, tentando organizar os pensamentos. Por que Gael teria sangue sobre si? Engolindo a saliva, meus dedos trêmulos tateiam o celular dentro do bolso externo da bolsa até o encontrar.

Cegamente, ainda tenho discernimento para reconhecer o nome de Shirlei, a mulher que pago para cuidar da casa de minha mãe. Gosto muito dela, mas não quando liga, pois normalmente significa problema.

— Oi, Shirlei — mal ouço minha própria voz.

— Oi, Priscila, tudo bem? — absorvo a nota aflita em sua voz.

— Sim, sim, e você?

O som de sua respiração pesada se faz presente.

— Mais ou menos. Sua mãe... ela acaba de ser internada...

— O quê? Por quê?

— Uma overdose de remédios — revela constrangida.

— De remédios? — sussurro em tom fraco, com um amargor tomando a boca.

Gael encurta a distância.

— Sim. Ela foi levada de ambulância ao hospital.

Deus do céu, o que foi que Elizabeth fez?

Em uma questão de segundos, o ambiente a minha volta escurece. Maldita mulher, ainda consegue fazer com que eu me importe!

— O que foi, Priscila? — o gringo inquire calmamente.

— Para onde a levaram, Shirlei?

— Santa Casa. Vim junto, e chegamos agora.

— Ok. Estou indo para aí.

Ao término da ligação, Gael já está abaixado diante de mim, escrutinando meu rosto feito um raio laser.

— O que aconteceu? Para onde você disse que está indo?

Olho de relance para Andréia. Não quero falar na frente de estranhos. Se bem que ele também é um estranho.

— Minha mãe — é tudo o que eu digo antes de baixar os olhos de volta ao aparelho e procurar o número de telefone que preciso na agenda. Aperto o botão que inicia a chamada e o levo ao ouvido.

— Para quem você está ligando?

— Táxi — sibilo.

Sou surpreendida com o celular sendo retirado de minha mão.

— Eu vou te levar.

Não tenho tempo de negar. De sua maneira “rolo compressor”, Gael joga meu celular dentro da bolsa e me levanta do sofá com um puxão suave com uma das mãos. Com a outra, ele apanha a minha bolsa

— E-eu... espere!

Olho para Andréia, ainda sentada.

— Desculpe, eu preciso ir — aviso sem jeito.

— Tudo bem, Priscila. — Sorri, cordial.

Antes que eu possa dizer-lhe mais alguma coisa, Gael está caminhando, levando-me consigo na maior normalidade, e, por Deus, eu nem quero refletir sobre o que a mulher pode estar pensando a partir do olhar curioso que lança às nossas mãos unidas.

Sabendo que é inútil argumentar agora, espero até estarmos longe da sua vista, do lado de fora, para então detê-lo.

— Vou pegar um táxi até o seu estacionamento, Gael, meu carro está lá e...

— Te levarei até a sua mãe — corta-me de maneira indiscutível.

Apesar do autoritarismo, é sua prontidão em ajudar que me toca. E talvez por isso, procurando ser honestamente grata ao dispensá-lo, aperto de leve a mão que segura a minha.

— Olhe, eu agradeço de verdade. É muito legal de sua parte querer ajudar, mas não é mesmo necessário.

Seu olhar busca o meu.

— Priscila — diz num tom forçadamente paciente —, *eu vou* levar você — e com isso revela uma irritante determinação.

Estreito os olhos... mas respiro fundo antes de dizer algo que vá me transformar rapidamente numa ingrata. Esse homem teimoso não sabe de um detalhe importante, lembro-me.

— Gael, você não está entendendo: ela não mora aqui. Está numa cidade a uns duzentos quilômetros.

— Não importa — é tudo o que diz ao destravar as portas do Maserati.

Deus do Céu! Que cara é esse?! Desvinculo-me de seu toque. De maneira alguma eu o levarei comigo. Isto é coisa minha, além de que eu mal o conheço.

Contudo, percebendo que a estratégia de negar e agradecer não nos levará a lugar algum, decido então recuar um pouco. Sinalizo com as mãos como se estivesse dizendo “pare, vamos resolver isto”.

— Tudo bem, você me deixa no estacionamento, onde eu posso pegar meu próprio veículo, ok?

Insondável, sem concordar ou discordar, ele abre a porta do passageiro, guia-me para dentro e coloca até mesmo o cinto de segurança em mim, como se eu fosse frágil. Deixo-o fazer isso, porque algo me diz que discutir por uma coisa simples assim é perder nosso tempo. Imponente, o gringo contorna o carro, desabotoando os dois botões do blazer, e entra, para somente então se pronunciar sobre o que eu disse.

— Não — avisa (pois é isso o que parece: um simples aviso) ao puxar o celular de dentro do bolso interno.

— Não?

Ele digita uma mensagem rápida em seu aparelho antes de voltar as turquesas firmes para mim.

— Não. Não vou te deixar no estacionamento.

Bufo.

— Ora, homem! Eu não quero sua carona! Isto é um assunto pessoal!

— Eu já disse que vou te levar. — Fita-me com maldita determinação. — Você não está em condições de dirigir.

Rio, sem vontade.

— Gringo, além de teimoso, você é muito enxerido, sabia?! Estou te dizendo que é um assunto meu, que droga! — rosno, exasperada.

O infeliz só me lança um daqueles seus olhares perigosos.

— Reclame o quanto quiser. Você está nervosa e tem motivos para isso. Eu vou te levar quer queira, quer não — e todo o sotaque de sua nacionalidade se torna presente.

Maldito seja!

— Agora me diga qual o nome do lugar no qual ela está.

— É sério? — questiono retoricamente.

— Sim.

Sentimentos conflitantes se chocam numa guerra dentro de mim. Um lado meu quer preservar minha privacidade com unhas e dentes, quer evitar de todos os jeitos possíveis que ele descubra essa fenda em minha vida. O outro, um que até então eu desconhecia e contraria a lógica, sente-se... confortavelmente protegido.

E é esse lado que ganha a batalha e me faz informar o endereço.



Capítulo 11

Priscila

Fico cerca de meia hora divagando em pensamentos enquanto observo a estrada. Por alguma razão, sinto que Elizabeth fez isso para me atingir. É muita coincidência ela ligar ontem e fazer algo assim hoje. Porém, e se *não* foi isso? E se ela realmente se meteu em alguma encrenca e precisa de dinheiro? Aquela mulher sempre foi tão mentirosa e manipuladora que todas as opções se tornam possíveis. Assisti, durante toda a infância, ao seu teatro para meus avós, que, suspeito, foram morar o mais longe possível dela justamente para evitar suas encenações. Meu pai, o pobre, nem mesmo pode ser julgado por abandonar a gente.

Céus, a verdade é que eu também gostaria de poder me afastar dela, mas sou a única pessoa no mundo que a infeliz tem.

— Ela vai ficar bem, Priscila — a voz grave de Gael me puxa para o presente.

Por que ele está fazendo isso por mim?

— É complicado... — sussurro, suspirando.

— Como ela se feriu?

— Segundo a pessoa que trabalha na casa dela, Elizabeth... tomou um monte de remédios — revelo, envergonhada.

Gael não comenta. Sinto que ele quer respeitar o meu momento, então passo a observá-lo com mais cautela. O que o cara está planejando, afinal? É difícil dizer. Esse homem guarda algo de muito intenso e sombrio em si. Qual é a motivação de alguém assim? Sexo, não; com toda a certeza, ele já teve isso de mim. Sentimentos? Não, ele não me parece alguém que busque isso na vida. Então qual é a dele?

— Por que você está fazendo isso, Gael? — não consigo segurar.

— Porque eu me importo.

A franqueza me balança um pouco. Sinto que algo novo está acontecendo, eu só não consigo saber se é bom.

Ficamos em silêncio pelo resto do caminho. Percebo agora que sua ajuda acabou sendo bem-vinda. Meus pensamentos estão embaralhados demais para me concentrar em qualquer outra coisa.



Encontro Shirlei no corredor do hospital. Ela se levanta assim que me vê. Não consigo decifrar sua expressão, mas, além de cansada, a mulher parece, sei lá, talvez constrangida.

Gael caminha ao meu lado. Nem aqui no hospital ele quis me deixar sozinha.

— Como ela está? — pergunto, mantendo a calma, após beijá-la no rosto.

Shirlei desvia os olhos de mim para ele, acho que esperando que nos deixe a sós. Assisto à expressão de “nem pensar” que o gringo lança para a mulher e não tento mais lutar contra isso. O homem, além de teimoso, é irredutível.

— Pode falar na frente dele, Shirlei — peço cansada.

— Sua mãe nos pregou uma peça, Priscila — revela envergonhada.

Franzo o cenho, tentando assimilar as palavras.

— Como assim? — inquiri surpreendentemente sóbria, esperando pelo pior.

Shirlei muda os olhos para os próprios pés.

— O que ela fez, Shirlei?

Quando sua atenção volta para mim, percebo o constrangimento que deixa suas bochechas rubras. Além da vergonha, há também derrota, como se a pobre coitada tivesse alguma culpa por minha mãe ser essa mulher perversa e sem limites.

— Ela fingiu que estava passando mal e mentiu sobre a dose excessiva de remédios. Os médicos só tiveram a certeza depois de examiná-la aqui no hospital. O estômago estava vazio.

Minhas pernas balançam. É a mão de Gael em meu braço que não me deixa ceder.

— Eu preciso me sentar — murmuro.

Sentada, seguro a cabeça, apoiando os antebraços nos joelhos. Eu me sinto enojada, envergonhada, ultrajada, com vontade de vomitar e gritar. Como ela foi capaz de descer tão baixo, de mentir sobre uma coisa tão séria e fazer tanta gente

perder tempo? Egoicêntrica em todas as suas ações.

— Onde ela está? — indago num fiapo de voz.

— Eles a deixaram no quarto até que você chegasse, Priscila.

Com nova determinação, eu me levanto.

— Esperem aqui — peço aos dois.

Tenho que enfrentar essa mulher sozinha. De uma vez por todas.

No caminho para o quarto, vou pensando em tudo o que ela já fez: em suas atitudes egoístas; nas agressões que me lançava desnecessariamente; naquela vez absurda que, por mero prazer, cortou ela mesma meu cabelo rente ao couro cabeludo apenas porque o achava “chamativo demais”. Deus, a mulher foi capaz de ridicularizar uma menininha de dez anos, sua própria filha, mandando-a para a escola daquele jeito, apenas porque o ex-marido elogiou o cabelo da filha. Narcisista!

Fecho os olhos por um ligeiro segundo quando me lembro do que, para mim, foi a pior de todas as coisas que já me fez: o maldito dia em que uma jovem de 17 anos retornava para a casa toda rasgada, suja, humilhada e quebrada depois de dias sumida. O olhar triunfante que ela me lançou do topo da escada ao me ver naquele estado. Aquilo nunca foi o olhar de uma mãe. Nem uma palavra foi necessária para que ela terminasse de me partir ao meio, embora tenha falado!

Com este espírito, entro no quarto e... tudo o que encontro é uma perua irradiando saúde. Bochechas coradas, bem maquiada, inclusive retocando o batom em um espelho de mão; o cabelo tingido de loiro perfeitamente preso em um choque baixo, sem um único fio fora do lugar; suas sobrancelhas finas e delineadas com aquele aspecto arqueado que lhe confere aparência arrogante. A roupa de hospital é a única coisa a identificá-la como paciente.

Assim que me vê, seu sorriso sinistro se alarga no rosto.

— Ah, sim — debocha. — Precisou eu estar doente para que a filha ingrata viesse me ver.

— Por que você fez isso, Elizabeth? — indago medindo o tom das minhas palavras.

— Porque estou cansada de sua maldita ingratidão.

Passa o batom com tamanho zelo que é como se não estivéssemos falando de sua farsa desmascarada.

— Isso que fez foi realmente baixo, até mesmo para você.

Apesar de tudo, estou buscando não me deixar surtar; sinto que é isso o que

ela espera de mim.

Ela estala os lábios, limpando o borrado com as pontas dos dedos.

— Você repete as mesmas chatices do seu pai. É igualzinha a ele — o escárnio não me surpreende, somente exhibe o tamanho de seu rancor. — Agora, já que está aqui, me dê o dinheiro de que preciso. As mulheres do clube vão fazer o bazar de caridade, e eu preciso estar apresentável — exige impaciente, como alguém que reivindica um direito. — E quero fazer uma doação também, não gosto de que fiquem falando de mim pelas costas.

Sacudo a cabeça para mim mesma, infeliz por reafirmar que essa mulher não possui o menor senso ou traço de humanidade.

Todavia, para tudo há um limite.

— Acabou... — afirmo, lúcida, mas cansada, olhando diretamente em seus olhos sinistros tão vazios quanto sua alma. — Tudo o que eu podia fazer por você, eu fiz.

— O que você quer dizer com...? — ela se cala momentaneamente, esperando, sem perder o ar de superioridade.

— Qualquer laço entre nós está rompido a partir de hoje, Elizabeth.

O riso que ocupa seus lábios pintados de marrom não exhibe nada além de aversão.

— Não preciso e nem quero laço algum com você, Priscila — desdenha com um gesto no ar. — O que preciso chama-se dinheiro, ouviu bem?! *Di-nheiro*, que você me deve e muito, por sinal.

A provocação não me abala. Acho que tudo o que ela poderia ter feito para me desestabilizar já foi feito durante uma vida.

Respiro fundo, sentindo uma parte do peso se esvaindo das minhas costas a partir da decisão tomada.

— Estou dispensando a Shirlei, e você não verá mais um único centavo meu...

Ela me interrompe.

— Não seja burra de pensar que você vai se livrar de mim tão fácil, putinha ingrata. Sei a vida que você leva. Eu te conheço bem.

Sob controle, dou um passo à frente.

— Sua tentativa de me ferir não resulta em nada; a de extorquir, no entanto, sim. A partir de hoje, aprenda a viver com a pensão que ganha do governo, pois de mim não terá mais um único centavo.

— Garota ridícula! Você tem obrigações comigo! Não pense que pode se

livrar delas assim, pois não pode, não! — Nega com o dedo feito uma criancinha mimada, gritando sem se importar que haja doentes em quartos próximos.

Lambo o lábio inferior, segurando um discreto tremor. *Estou fazendo a coisa certa*, repito para mim mesma. Ninguém pode suportar tanto, mesmo que a outra pessoa seja, por uma obra genética, sua progenitora. Minhas amigas Júlia, Alice e Katarina não entendem por que a ajudo (mesmo Alice, sempre tão compreensiva e cuja mãe cuidou mais de mim do que a minha própria). A resposta para isso, eu dizia, é que ela é minha mãe apesar de tudo, mas esse título não vale de nada a Elizabeth.

Sorvo outra grande respiração.

— Se eu ouvir falar de você, Elizabeth, se você me ligar ou me procurar novamente, pegarei o prontuário médico de hoje, mostrando a mentira horrível que você contou para extorquir dinheiro de mim, e entrarei com uma ação judicial para te internar em um sanatório. Você é doente. E eu me cansei.

— Eu deveria ter abortado você! — ela grita a frase que ouvi por uma vida inteira. — Eu sou sua obrigação, e você nunca vai se livr...

De repente a mulher se cala, seus olhos aumentam de tamanho e focam em algo atrás de mim. Lentamente eu me viro para encontrar Gael entrando calmo no quarto. Seu rosto é uma máscara sombria que lança um arrepio à base de minha espinha.

Deus, há quanto tempo esse homem está aqui?

— Ga... — sussurro e paro na primeira sílaba ao lhe assistir passar por mim e parar entre nós duas.

Elizabeth emudece.

— Eu não sei que tipo de mãe faz isso com uma filha — o tom perigosamente ameno na voz assusta até a mim —, mas tudo o que ouvi foi suficiente para me dar... como é mesmo a palavra que vocês usam? Ah, sim, repulsa. A senhora é repulsiva.

— Gael — chamo quase sem voz, surpresa.

De costas para mim, ele dá um pequeno aceno, talvez um pedido para que eu me cale. Contrariando meus instintos naturais, acato.

— Quem você pensa que é para...? — minha mãe tenta falar.

No entanto, algo que ela vê nele a impede de continuar.

— Eu ouvi o pedido da Priscila. Estou certo de que você também tenha escutado, apesar do que diz sua aparência caquética. Então tenho um aviso para te dar, e escute bem, velha.

Sem poder ver seu rosto, noto o opulento corpo rígido sob o blazer.

E ele continua:

— Fique longe dela...

— Você não pode me dizer o que fazer... — ela o interrompe sem tanto ímpeto.

— Fique longe dela — prossegue no sotaque estrangeiro carregado —, ou eu pessoalmente enfiarei uma bala em seu maldito crânio. Seu corpo nunca será encontrado, e acredite, eu estaria fazendo um favor ao mundo. Isto eu prometo a você. E o que eu prometo, eu cumprio.

Pela completa frieza e segurança, por um momento chego a duvidar de que se trate de uma ameaça vazia. Esse cara não faz o tipo que jogaria palavras ao vento sem a intenção de as cumprir.

Ao se virar para mim, tenho a confirmação crua em seus olhos. E é ela que me faz dar um passo incerto para trás. Tudo o que ele disse é real. Gael seria capaz disso e talvez de mais.

Desço o olhar para a pequena mancha de sangue em sua roupa. Volto a encontrar as turquesas impiedosas que não amenizam sua natureza. Deus, quem é esse cara?

— Vamos embora daqui. — Ele me estende a mão.

Não é um pedido, tampouco uma ordem. É uma alternativa. Esse homem está me oferecendo uma escolha.

Então, pela primeira vez desde que o conheci, é como se eu enxergasse através dele: o homem furioso me defendendo como um animal selvagem, sólido, contido, mas com tanta magnitude que assusta. Gael é capaz de tudo. O gelo em seus olhos sempre revelou isso, eu só não fazia dimensão do quanto.

Fito sua mão estendida, então seu rosto impassível guardando a profundidade de um imenso oceano de segredos e perigos.

Sei que a escolha aqui é mais complexa do que sair deste quarto acompanhada por ele ou não. Ele está me dizendo para deixar para trás essa mulher definitivamente, mas o que mais está querendo de mim? Por que eu? E por que me sinto tão estranha por sua defesa?

— *Krasavitsa* — mas é a rouquidão em sua voz a me mostrar que, apesar de tudo, ele é humano.

É loucura. Isto é loucura! Aceitar é loucura!

E, ainda assim, com a mão tremendo, guiada pelo instinto, levo-a até a dele e a acolho. Ainda não sei no que isso implica, mas, por uma razão irracional, eu

quero o que ele está me oferecendo. Talvez eu *precise*, até.

Decidido, não me oferecendo possibilidade de mudar de ideia, Gael simplesmente me leva consigo a passos rápidos, guiando-me para longe do quarto, longe do hospital, até chegarmos ao estacionamento. Diante de seu carro, sou encostada à lataria como um bem de muito valor. Não reajo. Seu corpo grande feito uma muralha de concreto se aproxima, mas não o suficiente para me tocar. Engulo a saliva, assistindo-lhe espalmar as mãos nos vidros, uma de cada lado de mim, na altura dos meus ombros. E então ele me encara de verdade, profundamente, por um tempo que parece longo demais, sem que nenhum de nós diga nada.

Acho que meu coração nunca bateu tão veloz e descompassado.

Suas narinas se abrem.

Expiro densamente.

— Eu ouvi toda a conversa de vocês. — O hálito quente varre meu rosto. — Aquela mulher não vai mais te fazer mal. Ela não vai sequer se aproximar de você novamente — sua voz baixa e grave contém grande sobriedade.

Infelizmente para mim, Gael soa como um maldito anjo salvador. Algo em seu rosto, ainda contendo traços de irritação, dá uma sensação tão grande de proteção, de uma maneira como nunca senti antes, levando um turbilhão de emoções a atravessar em redemoinho o meu corpo.

— Talvez este não seja o momento apropriado, *Krasavitsa*, mas você precisa saber que eu nunca vou deixar ninguém te ferir novamente.

Oh, minha nossa! Seus olhos turquesa escurecidos não vacilam nem por um segundo, e meu coração quer arrebentar o peito.

Que sentimento dos diabos é este? Será que eu estou... *gostando* dele?

Para meu próprio bem, deixo de avaliar. Neste momento, olhando para esse homem tão determinado que vem dominando todos os meus pensamentos dia e noite, eu só consigo encarar seus lábios e sentir que preciso deles com a mesma necessidade que preciso de ar.

Lentamente eu me aproximo, compreendendo a surpresa em seus olhos e, contrariando tudo o que já fiz até hoje, rendo-me.

E parece tão certo.



Capítulo 12

Priscila

Sua boca me bloqueia a princípio, com surpreendente relutância. Os lábios firmes prendem-se numa linha fina, o que me confunde. Meu peito bate de forma ensurdecadora, e eu temo ter entendido tudo errado e que ele não me queira... até que um grunhido semelhante ao de um animal machucado sai de sua boca enquanto ainda toca a minha

— Eu quero que tenha certeza — rosna numa rouquidão que arrepia meus braços.

— Eu tenho.

É o que ele esperava para finalmente me tomar, ávido, parecendo um homem privado de água por dias no deserto. Dou-me, pois estou cansada de lutar contra a atração que esse cara impregnou sob minha pele. Quando ele me puxa pela nuca, nossos dentes chegam a se chocar, tamanha a voracidade. A sua língua persegue a minha, brinca, suga, sua textura me excita. Tremendo de desejo, agarro um chumaço de seu cabelo, próximo ao colarinho, segurando-o contra mim. Gael faz o mesmo, enfia seus dedos entre meus fios, perdendo-se neles.

— *Ah, Deus...*

Meu gemido é um incentivo para que ele me enlace e traga junto a si, contra a montanha de músculos e calor, colando-nos como se nada fosse perto o bastante. Ao sentir a magnitude de seu corpo, arrepios vão dos dedos dos meus pés à base do crânio. Afeta-me reconhecer que meu corpo ansiou por isto sem que eu me desse conta.

Deixando-me por um momento, provavelmente para que eu respire, sua boca percorre meu pescoço, pousando sobre a carótida, que pulsa num ritmo agitado.

— Esse teu cheiro, menina...

Cheguei a acreditar que todas aquelas sensações em meu corpo fossem frutos de uma lembrança exagerada daquela noite. No entanto, não. A fogueira queimando em mim revela que é exatamente esse o poder da química entre nós. Nunca senti isto com nenhum outro.

Quando finalmente nos separamos, acalmando nossas respirações, enxergo algo poderoso em seus olhos. Devoção. Sou olhada como nunca ninguém o fez. Minutos se passam em silêncio, presa a este olhar. Fico esperando o arrependimento chegar e me atingir, mas incrivelmente ele não vem. Tudo o que sinto é uma necessidade latente de estar com esse homem, de tê-lo para mim.

— Me leve para algum lugar, Gael — peço, ciente das consequências.



Quando você decide parar de lutar contra sua natureza, percebe o quanto estava cansada de agir assim.

Fiz isso por uma vida... mas hoje estou deixando de lado qualquer racionalidade que me manteve segura. Meus instintos dizem para eu me lançar nesta fogueira que me queima de dentro para fora e ver até onde ela pode ir. Diante do novo hotel construído na saída da cidade, junto desse homem, sei que estou baixando a guarda de uma maneira que não me dará possibilidade de voltar atrás... O mais assombroso é constatar que eu nem mesmo desejo essa alternativa.

Ficar outra vez com o cara parece certo demais.

Apesar da maneira como respira densamente e o ar dilata suas narinas na passagem para fora; na protuberância marcada em sua calça; nos olhos tão escuros que quase beiram o negro, Gael desliga o carro e espera, encarando-me como quem oferece uma última chance de mudar de ideia.

Para o inferno com sua generosidade neste momento. Esse gringo dos diabos não é alguém generoso e não precisa ser agora. Foi ele, afinal, que me cercou a ponto de enraizar-se como uma praga correndo com o meu sangue.

— Eu quero — expresso, mesmo que a questão não tenha sido verbalizada.

Ao vê-lo separar os lábios duros, sei que está num estado tão horrível quanto eu. Para outras pessoas, sentir esse tipo de química deve ser algo maravilhoso; para pessoas como nós, no entanto, é o mesmo que ceder ao oponente o poder sobre si.

Nossa admissão no hotel é, de certa forma, engraçada. Acredito que a pobre moça da recepção nunca tenha visto alguém mais impaciente do que esse gringo. Recebendo o documento que ele lhe entrega de má vontade, ela o analisa por alguns segundos que o fazem grunhir. Mesmo estando sob igual estado de espírito, acabo tendo de segurar o riso. O que talvez ele não saiba é que tem a

aparência tão malditamente boa que ela (como qualquer mulher de bom senso faria) está estendendo um pouquinho mais o tempo apenas para apreciá-lo. E quem pode culpá-la? Não é todo dia que um moreno perigosamente atraente, alto, forte, dono de expressivos olhos turquesa e maxilar talhado por alguma divindade surge assim diante da gente. Por sorte, nossos caminhos se cruzaram vezes demais.

— Aqui está. Suíte 46, no último andar, senhor.

— Obrigada — respondo por ele, vendo que o gringo não o fará. Ao nos encaminharmos para o elevador, cochicho próximo ao seu rosto: — Sua habilidade social é um tanto assustadora.

Noto seu peito subir e descer, resignado.

— Há muita coisa em jogo, Priscila.

Seguro seu braço por impulso, detendo-o.

— Eu não mudarei de ideia, Gael. Estou aqui.

Recebo um olhar do tipo “espero que cumpra sua palavra”. Isso, por si só, revela que o gringo leva as coisas muito a sério. Não sei se é bom ou ruim, mas é evidente que faz parte de algo maior em sua personalidade.

Tão logo entramos no elevador, qualquer vestígio de amenidade se esvai dele.

— Você não poderá sair daquele jeito novamente, entende isso? — exige muito calmo ao me puxar para junto de seu peito.

— Sim, estou de carona — brinco, apesar da seriedade ao perceber o quanto aquilo o afetou.

Seu polegar se arrasta para o ponto sobre a artéria pulsante em meu pescoço, alisando o local depois de afastar meu cabelo para trás.

— Diga que não fugirá.

Estamos um diante do outro, discutindo termos de uma negociação. Contudo, por Deus, conforme os andares vão passando (e vou me tornando mais ansiosa), preciso ser honesta.

— Não, pelo menos não da maneira como fiz. Mas, por favor, não me peça por uma promessa futura, Gael. Infelizmente, isso não sou capaz de te dar.

O olhar penetrante caça o meu ou algo dentro de mim. Não posso dizer que meu pedido o desagrade. No entanto, sinto que sim. De qualquer forma, entendo seu silêncio como um aceite.

— Obrigada... — e nem sei se há motivo para agradecer. O sujeito chega a ser esmagador de tão intenso, esse ar de perigo que paira sobre ele assusta,

excita, é tudo muito contraditório. Acho que nunca senti algo desta magnitude por ninguém, esta combustão esperando a menor faísca para se tornar um incêndio sem precedentes, a perda de habilidade em exercer as funções mais básicas como caminhar e respirar ao mesmo tempo.

E é nesse clima que entramos na suíte.

O ataque que eu esperava assim que a porta se fechasse não ocorre. Pelo contrário, Gael caminha calmamente até o bar de canto, onde algumas bebidas em garrafinhas pequenas estão prontamente disponíveis. De costas para mim, ouço o tilintar de uma pedra de gelo caindo dentro de um copo e então o líquido sendo despejado.

Escoro as costas na parede oposta, simulando uma paciência que não sinto. Estou ansiosa, disposta, amedrontada, tudo ao mesmo tempo.

— Devo? — gira, sinalizando o próprio copo e fazendo a oferta.

— Oh, não... — Gesticulo. — É melhor não... — Sem álcool, já estou uma bagunça; com ele, eu o atacaria.

— Quer pedir jantar?

Mantendo semblante e postura sérios, ele tenta parecer menos afetado do que sei que realmente está. É a rouquidão deliciosa na voz grave que o denuncia.

— Ainda é cedo... — O dia lá fora nem bem escureceu.

Ele respira fundo.

Mordo o cantinho interno do lábio.

Nossos olhares se encontram.

E então ele engole de uma vez os dois dedos da bebida marrom – uísque, eu acho – e deixa o copo de lado abruptamente.

— Inferno, eu mal posso olhar para você, Priscila — dito isso, o cara vem para mim a passos duros, rápidos.

Só tenho tempo de ofegar antes que sua boca se atraque violentamente à minha. Num minuto estou ereta de tensão, no seguinte, presa a ele, sendo içada do chão e prensada contra a parede. Agarro-o com braços e pernas, enlaçando sua cintura e pescoço, recebendo a avidez do beijo com gemidos de prazer. É loucura! Este desejo desgraçado que percorre o crânio, coluna e vai para as pontas dos pés é *loucura*.

— O que há em você, *Krasavitsa*? O que você tem que me arranca o controle desse jeito? — reclama naquela voz macia do caramba, mordiscando meu pescoço, lambendo o caminho até o ponto atrás da orelha.

Jogo a cabeça para trás, perdida.

— Gringo...

— Gael — ele ainda encontra seriedade para me corrigir. É um filho da mãe delicioso! — Eu quero você, menina. Quero tudo de você.

— Então pegue!

Pressionando-me na parede com o quadril, moendo sua ereção em meu ventre, ele livra as mãos para desabotoar minha camisa. E é quando volto a pensar.

— Espere. — Sacudo a cabeça. — Espere, espere!

Segurando o primeiro botão, ele para e me fita.

Respiro fundo, resoluta.

— Não se esqueça das regras, por favor.

— Priscila... — Faíscas de algo muito maior do que a própria excitação crepitam em seus olhos, como um aviso.

— Eu as tenho, Gael. Peço que respeite isso... — E estou sendo completamente honesta.

— *Yeb vas!*

Sei que não é um elogio e detesto ser a pessoa a enxergar desconfiança e preocupação direcionadas a mim num momento quando deveria haver somente o desejo. Entretanto, sou assim, as regras de certa forma me protegem.

Um eterno momento de suspense paira entre nós. Percebo o bolo em sua garganta, na altura do pomo de adão, ao engolir a saliva enquanto me fita de modo desconfortavelmente penetrante.

— Por favor — sibilo, desarmada.

Ele sacode a cabeça... outra vez sem verbalizar um compromisso.

As mãos retomam o trabalho de abrir a camisa botão a botão, lentamente dessa vez. Meus seios são retirados do sutiã e sugados, provocados, mordiscados. Agarro seus cabelos em chumaços e fecho os olhos, permitindo que o relaxamento retorne e jogue qualquer outro pensamento para aquele lugar afastado, atrás da parede construída em minha mente.

Ah, esse homem... esse maldito homem...

Não sei em que momento sou lançada na cama. Mãos, bocas, necessidades se misturam, criando uma bagunça maravilhosa. Nu, ele arremessa a última peça de roupa para longe. Subo meus olhos de seus pés grandes, rústicos, para as pernas firmes, peludas, coxas largas e durinhas e encontro a exibição agressiva de sua masculinidade da forma mais primitiva, feito uma estaca grossa e imponente. Uma verdadeira visão pecaminosa do Céu.

E é com o ar de um animal cercando a presa que ele se arrasta até o centro de minhas pernas e me devora com o domínio de um homem experiente possuidor de grande familiaridade com a anatomia feminina. Gosto dele ainda mais e o odeio ao mesmo tempo, por saber que outras já obtiveram igual atenção. Deus, o que é que estou dizendo?

Somente quando irrompe a explosão em meu ventre até o último espasmo é que ele se levanta sobre os joelhos. A embalagem de preservativo é rasgada entre seus dentes. Ao tempo em que finca as turquesas intensas nos meus olhos de um tom opaco de verde, ele se reveste.

— Você é a coisa mais deliciosa deste mundo, menina. — Curva-se para mim. — Prove. Prove seu sabor. — E me beija os lábios, trazendo o sabor ligeiramente salgado à ponta de minha língua.

Nada me pareceu mais excitante antes.

Abro-me para recebê-lo, e não importa o quão úmida eu esteja, a dor é inevitável, mas também absurdamente gostosa ao senti-lo criando espaço dentro de mim.

Movimentamo-nos juntos, numa sincronia fantástica e ruidosa. Noto que em certo momento ele tenciona unir meus pulsos acima da cabeça, porém, recua no mesmo instante, respeitando o pedido de que não me prenda. Rejubilo e rebolo embaixo dele, em agradecimento.

Cara gostoso dos diabos!

Seus antebraços apoiados ao meu lado vibram pelo esforço de prolongar o momento. Sacana, fecho-o com uma contração mais forte, impedindo que saia. Ele urra baixo, feroz. Arqueio o quadril ao seu encontro e... Gael se derrama, pulsante, rangendo os dentes e praguejando coisas em seu idioma.

Seu corpo suado finalmente cai sobre o meu, misturando nossas transpirações.

— Você é perfeita, Priscila. Perfeita.

Arranho as unhas por sua bunda firme. Seus dedos quentes afastam uma mecha de cabelo grudada em minha testa. Então ele repete:

— Não fuja de mim.



Capítulo 13

Priscila

Sob o cheiro revelador de tudo o que fizemos, tendo nossas pernas enroscadas num emaranhado, pego-me deitada no peito nu de Gael, simplesmente escutando as batidas tranquilas do poderoso coração abaixo de minha bochecha e da superfície firme de músculos. *Tum, tum, tum*. A paz que o som traz ao meu interior é, de certa forma, surpreendente para mim. Este é o mais perto que já cheguei de um momento íntimo com alguém. Nunca me permiti. Fui sempre a primeira a partir depois de ter minhas necessidades atendidas. Alguns considerariam isso como um ato de frieza, mas *eu* sei que é o máximo que consigo fazer. Olhando em retrocesso, eu deveria ser aquela até mesmo a abominar o contato íntimo com quem quer que seja. Entretanto, considero-me obstinada (ou teimosa): coloquei na cabeça que o que aconteceu não me marcaria para a vida. Em sinal de rebeldia, obriguei-me a encarar o problema e com isso aprendi a desvendá-lo, a apreciar o sexo... ainda que com algumas restrições.

Restrições... o pensamento traz um ligeiro desconforto ao estômago. Afugentando-o, mudo o olhar dos poucos pelos no tórax de Gael para o chão acarpetado, onde suas roupas se encontram empilhadas ordenadamente, ao passo em que as minhas são um bolo amassado. Como ele consegue ser meticuloso mesmo num momento como este? Entretanto, a questão perde importância quando volto a notar aquele pequeno ponto que macula o branco impecável da camisa. A discreta mancha vermelha.

Sangue.

Por mero descarte de possibilidade, corro o olhar novamente para o mesmo ponto em seu peito, perto do pescoço, sem qualquer ferimento. Não, não é dele. E, junto da constatação, vem o aperto nas têmporas.

Ironicamente, lembro-me de que é um pouco tarde para sentir medo. Cedi à passionalidade do momento ao tê-lo me defendendo daquele jeito; agora me encontro diante de duas opções muito claras: fingir que não vi o sangue e evitar o assunto, mas ser atormentada pelas piores hipóteses rondando minha

imaginação; ou simplesmente perguntar. A primeira é descartada automaticamente. Aprendi há alguns anos que o tamanho de nosso medo é regido pelo quanto fugimos dele.

Afasto um pouco a bagunça de meus cabelos loiros, que estão sobre ele.

— Gael — chamo com cuidado.

— Sim — a resposta levemente distraída, nesse timbre baixo agradável aos ouvidos, enquanto ele continua passeando os dedos suavemente por minha coluna desnuda, traz-me algum tipo de conforto, apesar das probabilidades.

— Há algo que eu gostaria de te perguntar. Sobre hoje à tarde — aviso.

Percebo seu corpo enrijecer sutilmente. É quase imperceptível, e noto apenas porque estou prestando atenção. Mesmo o ritmo de seus batimentos sofre suave alteração.

— Pergunte.

Não há nada de encorajador na falsa impassibilidade; conheço-o pouco, mas identifico. Gael não é o tipo de homem que dá explicações a quem quer que seja. Contudo, correndo o risco de estar cruzando uma linha difícil, sigo adiante; a verdade é sempre o melhor.

— O que aconteceu atrás daquela porta, que fez com que voltasse com um respingo de sangue em sua roupa?

Notando o silêncio, subo o rosto para encará-lo. Encontro-o de olhos semicerrados, num ar avaliativo, talvez contendo certa advertência ou desafio, não posso afirmar. E, por alguma razão, sei que o que quer que ele vá responder não será bom.

— Estamos livres para fazer perguntas?

A resposta, é claro, atinge-me como um golpe, mas não permito que ele saiba. Meneio a cabeça lentamente.

— Desde que respeite minhas reservas, sim, podemos fazer perguntas, se prefere encarar dessa forma.

Com um olhar perscrutador, ele estuda meu rosto.

— Por que não pode me falar sobre essas marcas?

Exatamente como pensei.

— Porque não. São condições, e você sabia disso desde o começo.

— E se eu não quiser concordar?

O desafio está bem aí, escondido atrás do poderoso autocontrole que o mantém sereno na fachada.

— Estaria quebrando a primeira regra — lembro-lhe sem qualquer emoção.

— E, com isso, irá embora — conclui com uma ironia que não passa despercebida.

Não confirmo; é desnecessário.

Suas narinas se expandem sutilmente com a passagem de uma expiração mais forte, como quem mede e escolhe as palavras seguintes.

— Já passou por sua cabeça parar de tentar fugir o tempo todo?

A questão me perturba mais do que pode imaginar, talvez por isso não consigo evitar a acidez ao rebater:

— Você não me conhece para dizer isso...

Ele esquadrinha cada pequeno pedaço do meu rosto, daquele modo perigosamente penetrante.

— Então confie em mim e me deixe conhecer.

Humpf, “confie em mim”... já ouvi isso tantas vezes antes. Esse cara não faz a menor ideia do que confiança significa para pessoas como eu. Meus lábios se repuxam automaticamente num meio sorriso sem vontade.

— acredite, Gael: eu confio. Do contrário, não estaria aqui.

— Mas não é suficiente para me contar o que aconteceu com você, o que provocou essas cicatrizes. — Aponta para meus seios sem tirar seus olhos dos meus.

Sinto-me exposta como jamais antes. Por reflexo, sou tomada pela imediata necessidade de puxar o lençol ou ao menos a ponta dele contra a frente de meu peito e cobrir a nudez, proteger-me.

O erro foi meu ao começar esse assunto. Sacudo a cabeça mais para mim mesma.

— Esqueça o que eu perguntei, ok? Eu não deveria e... essa conversa não nos levará a lugar algum. — Puxo o tecido um pouco mais firmemente, sentindo-me de repente exaurida. Corro o olhar para longe dele, procurando minhas roupas no chão. — Acho melhor a gente voltar, já anoiteceu e... — é a última coisa que digo antes de Gael girar nossos corpos na cama através dos lençóis desarrumados, tão de surpresa que só tenho tempo de abafar um som de espanto. Num piscar de olhos, encontro-me sob ele, presa por seu corpo no firme e grandioso. Seu joelho descansa entre minhas pernas. O rosto implacável denota verdadeira seriedade.

— Não tente encontrar pretextos apenas porque quer me afastar, Priscila — a entonação revela sua natureza intimidante.

Travo os dentes e lábios, cerrando-os.

— Por favor, me deixe sair... — sibilo.

Lentamente ele abaixa a cabeça alguns milímetros, aproximando nossas bocas sem tocá-las.

— Sei que a ideia de se abrir te assusta, basta olhar para você e entender — declara tão baixinho que traz um aperto estranho diretamente à boca do meu estômago. — Mas tenha em mente que sou alguém que pode te proteger. Que *quer* te proteger.

Maldição, o que ele está tentando fazer? Respiro de forma entrecortada através das narinas.

— Eu não quero ou preciso de proteção, Gael.

Ele sorri.

— Sei disso também. Você é forte. — Roça levemente sua boca contra a minha, desarmando-me. — Seu golpe é forte. Nunca esperei que uma mulher pudesse bater tão bem.

Mordo o lábio, detendo o tremor.

— É bonita. *Muito* bonita. Deve estar acostumada com homens te perseguindo e desejando migalhas de sua atenção.

— Nem tantos... — encontro presença de espírito suficiente para dizer.

O olhar penetrante permanece inalterado.

— Não pense que sou um deles. Não procuro e nem posso ter distrações ocupando minha mente neste momento, *Krasavitsa*.

— Também não quero ser a distração de ninguém, Gael.

Uma mecha negra de seu cabelo cai na testa.

— Mas é. Tem ocupado grande parte dos meus pensamentos nos últimos dias — afirma como se não apreciasse a constatação. De repente inclina o rosto ligeiramente e me encara, encara de verdade, como quem fez uma descoberta muito importante. — Em muitos anos, esta é a primeira vez que...

Entretanto, o homem se cala da mesma forma enigmática. E me pego querendo saber o que ele tem a dizer. Querendo *mesmo*.

— A primeira vez que o quê? — minha voz é um sussurro.

Assisto à maneira como uma respiração mais forte abandona seu largo peito, acima do meu.

— Que consigo deixar de pensar em merdas o tempo todo. Estar com você me devolve algo que eu não lembrava mais que existia.

Separo os lábios a fim de dizer alguma coisa, qualquer coisa... mas é inútil. Sua revelação me atinge de modo certo. Por mais absurdo que pareça, eu compreendo o que esse cara quer dizer. Compreendo o sentimento de ter algo dentro de si que não te abandona, que te impele a lutar constantemente. Deus, como é horrível olhar para as pessoas que ama e fingir que o mundo é um lugar maravilhoso, quando se conhece a verdadeira face dele e se é atormentada por ela.

— Eu sei como é... — ouço-me sibilando.

— Então entende que quero além do seu corpo?

Sou obrigada a fechar os olhos antes de dizer palavras que me sinto incapaz de filtrar.

Captando meu resquício de relutância, ele volta a roçar nossos lábios.

— Não me afaste...

— O que você quer de mim, afinal? — reclamo numa última tentativa de não ceder à necessidade absurda de descobrir até onde isto pode nos levar.

— Você. Por inteiro, Priscila. Não sou homem de aceitar migalhas.

— Eu não posso...

Ele afasta meu cabelo para longe dos ombros, espalhando-os pelo travesseiro, e então os dedos compridos correm pela linha de minha clavícula num toque delicado, cuidadoso.

— Pode. Por mim você pode — esse seu timbre desgraçadamente rouco, profundo, invade meus ouvidos como uma música suave.

Maldito seja esse homem, que me faz balançar com a ideia; que me enche de dúvidas e porquês; que me faz querer descobrir até onde isso pode me levar.

— Preciso pensar... — murmuro mais para mim do que para ele. A verdade é que estou mexida

— Não, não precisa. Faça o que você *quer* fazer, *Krasavitsa*. — Move-se devagar, provocando-me com seu corpo e palavras, seduzindo-me. — Deixe as coisas acontecerem...

Sou incapaz de raciocinar tendo-o assim tão perto e tão íntimo, sentindo sua ereção roçar a entrada do lugar úmido que o deseja alheio à razão, além de ouvindo o bumbo ensurdecador de meu próprio coração. Pisco repetidas vezes, quebrando o feitiço de suas íris azuis-turquesa e o afastando um pouco mais, empurrando as mãos em seu peito quente. Gael se desloca o suficiente para apoiar-se, ainda sobre mim.

Isto é um erro. O que estou prestes a fazer é um grande, grande erro. É

como assistir a um trem desgovernado vindo diretamente para me atingir, sem poder me mexer e correr para o mais longe ao som da primeira buzina estridente.

— Há coisas que preciso dizer antes de... — lambo os lábios secos, tomando um tempo para pôr os pensamentos em ordem — antes de tomar uma decisão.

Um movimento sutil de cabeça é sua forma de confirmar que está de acordo.

— Preciso que saiba que nunca fui mais longe do que isto com ninguém — revelo sóbria, gesticulando entre nós. — Você está sendo uma exceção, e nem mesmo sei se o que estou fazendo é certo. Para ser honesta, não confio muito nesta pessoa que está aqui com você... Ela não sou eu.

— Ela é exatamente quem você é.

Ignoro sua fé e continuo:

— Eu te disse uma vez, quando me procurou na empresa, que não me relaciono com ninguém. Não sei como fazer isso, não sei nem mesmo se dará certo... É difícil para mim....

Gael tenta me interromper, porém, faço um sinal de “pare” com a mão e continuo antes que eu perca o minuto de falta de juízo no qual pelo jeito estou:

— Mas quero tentar. — Confirmo com a cabeça para mim mesma. — Quero. Pela primeira vez na vida, quero estar com alguém além de uma noite. Isso é tão assustador que eu nem mesmo compreendo a dimensão do que estou fazendo. Mas, do mesmo modo, preciso que entenda algo muito importante.

— As regras — ele completa, rosnando a palavra, sem que eu precise dizer.

— Sim. Elas fazem parte de quem eu sou. Não sei ser de outra forma, não consigo falar sobre o passado e nem pretendo. Há coisas das quais não quero falar nunca, com ninguém. E coisas às quais não posso fazer... simplesmente não posso. Você entende?

Aquele músculo em sua face pulsa de forma discreta.

— Não devo perguntar e não devo prendê-la — embora a voz soe condescendente, sei que atrás da impassibilidade há um homem voraz incomodado por ser deixado de fora de qualquer fragmento que seja da minha vida. E ainda assim sigo:

— Se puder respeitar essa parte de mim, eu... eu acho que sou capaz de tentar dar um passo à frente.

Suas pupilas estão cravadas em mim como se pudessem enxergar através de meu pedido. Os lábios franzem sutilmente para o lado, parecendo escolher o que

têm a dizer. Gael é meticoloso, frio e, na mesma frequência, tão quente e sólido que chega a ser demais.

Assisto ao seu dedo vir correr por meu lábio amenamente.

— Ontem, antes de você fugir, eu tentei te contar como foi a primeira vez em que te vi. Você se lembra?

Sibilo um “sim”, desconfiada por não receber uma afirmativa direta.

— O que não me deixou dizer é que eu te quis como um animal sem capacidade de raciocinar. Naquela noite, a vontade de ter você era tão insana que doía.

Não há qualquer constrangimento, apenas o fato em si, corroborado pela ereção evidenciando-se em meu ventre.

Arfo discretamente.

Satisfeito, Gael emite um meio sorriso e ajeita meu cabelo, deslizando os dedos pelos fios e os penteando castamente para o lado.

— Mas bastaram alguns minutos ao seu lado para eu perceber que só estar em você não iria me satisfazer. Eu precisava ter mais. — A selvageria sob os cílios negros é reveladora. — É isso o que quero, Priscila. Quero tudo com você.

Engulo em seco, sentindo meu coração se fechar em um punho e atingir partes do meu peito, provocando dor real, impedindo-me de respirar. Mesmo todo o oxigênio dentro da suíte de repente se torna insuficiente. Que tipo de sentimento é este? Paixão? É isso o que ela faz com o corpo?

— E se, para tanto, *Krasavitsa*, eu tiver que ser paciente e esperar — fala determinado —, é o que eu farei. Não vou te pressionar, vou aceitar o que você quiser me dar, no seu tempo.

— Gael...

— Não significa que não ligo, porque, sim, a ideia de que alguém tenha feito isso com você me faz desejar matá-lo com minhas próprias mãos. Este é o tipo de pessoa que sou. O sangue que viú é de alguém que mereceu aquilo. Há coisas sobre mim com que talvez você não concorde, e vou respeitar sua opinião, desde que tente também me compreender.

Medo se mistura ao desejo.

— Que tipo de coisas?

Encaramo-nos por alguns instantes; eu, na expectativa, ele, provavelmente querendo descobrir se sou forte ou confiável o bastante.

— Se me der a chance, eu te direi. Responderei a tudo o que quiser saber...

— Ok — apresso-me em dizer.

— ...mas não hoje. Hoje quero que passe a noite comigo — soa como uma condição.

Dizem que Lúcifer era o anjo belo e poderoso que pecou e foi banido do Céu, que suas palavras eram doces armadilhas. Por uma questão associativa, sinto que Gael é exatamente assim: um anjo tão surpreendentemente belo quanto perigoso, disposto a me levar consigo a um lugar sem volta. A que preço?

Fecho os olhos outra vez e respiro profundamente.

Esse russo adentrou em minha vida sem convite e me faz sentir coisas estranhas, faz-me desejar coisas com as quais não estou familiarizada. Não posso afirmar que seja ruim... tampouco o contrário. A questão então é: devo abdicar do controle de meus sentimentos em troca do quê? *Da sensação de me sentir viva.* A resposta por si só me obriga a tomar uma decisão.

— Tudo bem. Eu fico — não há qualquer segurança no que afirmo, mas é uma decisão vinda de algo maior do que a racionalidade. Por impulso ou não, quero isso: passar a noite com um homem e deixar que a vida siga sua natureza. Algum dia teria de acontecer.

Antes que eu me arrependa, abro-me um pouco mais embaixo dele, tato-o no auge de sua demonstração férrea de masculinidade e o conduzo para dentro de mim. O rugido baixo que foge de sua mandíbula quadrada contraída ao se afundar no espaço apertado, quente e úmido me faz puxá-lo pelo pescoço e encontrar seus lábios firmes. Lambo-os, finco os dentes neles, sorvo-os. Ao receber seus arremessos deliberadamente vagarosos, perco-me nas sensações e deixo qualquer outro pensamento de lado. Se isto vai acontecer, que seja por inteiro.

Tarde demais me dou conta da ausência de proteção. Esse cara está quebrando paradigmas importantes na minha vida. Alguns bons, outros ruins... e outros, ainda não tenho dimensão de como serão.



Capítulo 14

Priscila

Contemplo os poucos sinais de que o dia amanheceu através da fresta na cortina da suíte. As paredes revestidas por papeis cinza pálido e brancos de certa forma tiram um pouco da impessoalidade do quarto. Todavia, é o corpo quente atrelado ao meu que me faz ciente de que não foi um sonho. Passei a noite, literalmente, com um homem, num hotel. E, se eu for honesta, reconheço que gostei muito além do que imaginava.

De lado, levo uma das mãos para baixo do travesseiro, aconchegando-me para pousar o rosto sem fazer nenhum movimento que desperte Gael. Ainda não imagino como será quando ele acordar e tornar real o que fizemos, quando eu tiver de encará-lo, ver em seu rosto que um acordo foi selado entre nós. Com jeito, espio-o por cima do ombro, entregue ao sono cansado de quem virou a noite acordado rendido à paixão do corpo.

Gael é um homem lindo. É fato. Não uma daquelas belezas intocáveis de ângulos perfeitos, é algo mais agressivo, rude, selvagem. As espessas sobrancelhas são tão negras quanto os cílios e os cabelos ondulados, brilhantes, que lembram a escuridão de uma noite de inverno. Sinais de barba cobrem parte de seu rosto, coisa de dois ou três dias por fazer, imagino. Todavia, é a marca vincada em seu cenho que o revela. O cara não tem paz. Mesmo em meio ao sono, a violência está nele. Assusta e comove. O que pode tê-lo marcado tão profundamente ao ponto de transformá-lo numa figura que desperta um intenso sinal de perigo?

Não sou ninguém para julgar; até mesmo posso compreender. Acho que ele guarda algo de muito sério, algo que o trouxe para tão longe de sua terra natal. Acabo sorrindo com a ironia do destino. Um russo, quem diria. Precisou um cara vir do lugar mais longe do mundo para me fazer render a um homem. Que maldita peça do acaso...

Observando-o de esguelha, procuro dentro de mim pela culpa ou razões que me incentivem a levantar silenciosamente e partir... mas não encontro. Quero ficar e enfrentar. Quero descobrir quem ele realmente é.

— Acorda sempre tão cedo? — ele me surpreende ao dizer de modo grave em seu sotaque estrangeiro, ainda de olhos fechados.

Pega em flagrante.

— Corro todos os dias de manhã, lembra? — sussurro em timbre ameno.

Torta, olhando-o por cima do ombro, capto o exato momento em que os olhos se abrem e me fitam diretamente. Duro e suave. Desafiador e cálido. Chego a prender a respiração e me sinto uma tola por estar agindo assim.

— Como você está? — sua indagação também me surpreende, talvez por conter interesse genuíno.

— Bem... eu acho. E você?

— Não me lembro de dormir assim em um longo tempo.

Não quero me virar na cama e ficar completamente de frente para ele apenas porque isso quebraria a união de nossos corpos, tão juntos que nossas pernas se misturam. Contudo, quero olhá-lo melhor. Então, por um instante, simplesmente não sei que decisão tomar.

— Fique assim mais um pouco — pede numa voz deliciosamente rouca.

Relaxo no lugar, sem evitar um sorriso contido.

— Tenho a sensação de que possui algum poder de ler mentes — brinco.

— Isso é ruim?

— Depende.

— De quê?

— Do que eu estiver pensando no momento.

— E você pode me dizer no que está pensando agora?

Os dedos da mão pousada sobre meu estômago acariciam o local, trazendo mais calor. Um toque inocente, gostoso, mas íntimo, mais do que o próprio sexo, para mim. E assim volto a mover a cabeça no travesseiro e descansá-la, de costas para ele.

— Tô pensando que eu também dormi muito bem — murmuro por fim.

Honestamente, não me sinto tão leve em muitos anos. Sinto vontade de dizer, mas não o faço. A questão que martela no silêncio é: e agora, como será? Qual é o próximo passo?

— Está com fome?

Outra questão que não esperava. Penso um pouco.

— Na verdade, ainda não... e você?

Não preciso olhá-lo para saber que está sorrindo.

— Sim, mas de outro tipo.

Fecho os olhos, deleitada e um tanto mortificada por apreciar a intimidade sorrateiramente nos envolvendo, expressa na carícia suave de seus dedos sobre meu estômago, no ligeiro formigamento no ventre, na sensibilidade na pele onde os pelos das coxas dele me pinicam. Atendendo a um lado desconhecido em mim, forço uma respiração mais profunda que empina meu bumbum para um pouquinho mais junto dele. Por reflexo, noto-o crescer vagarosamente entre minhas pernas. Então empurro uns milímetros a mais. O membro também reage. E isso se torna um joguinho gostoso, onde vou timidamente incitando, e ele, lentamente mostrando-se mais e mais disposto. Até que, num determinado momento, o latejar me impede de continuar brincando. Preciso dele dentro de mim.

A mão firme adianta-se, vindo até minha coxa e a afastando um pouco mais.

— Preservativo... — lembro.

— Ontem não usamos. — Beija meu ombro ao passo em que desliza os dedos habilidosos para o centro de meus nervos clamando por atenção.

Droga. Ele tem razão, durante a madrugada fizemos mais de uma vez sem nenhuma proteção. Como eu fui me permitir tamanha falta de cuidado? A esta altura, querer prevenir-me de uma doença parece ser é um tanto tarde.

— Sou limpo.

— E diria se não fosse? — não evito a centelha de acidez em minha voz, mas o incômodo é comigo mesma por agir tão impulsivamente e dar o controle a outra pessoa.

Seu corpo, colado ao meu, tenciona-se.

— Faço exames regularmente, posso mostrá-los a você. Também não abro mão de preservativo, *Krasavitsa*, tenho amor ao meu pau.

Droga, não quero agir como uma cadela...

— Mas fez comigo.

Ao contrário da reação que eu esperava, Gael simplesmente roça os lábios em minha nuca.

— Uma exceção da qual não me arrependo. — Os lábios úmidos correm preguiçosamente para o meio de minhas costas. — Mas, se ainda faz questão, posso resolver isso.

De repente perco o calor de seu corpo. De lado, vejo-o ir até a carteira e retirar uma embalagem.

— O último. — Aponta para ele, dando um sorriso torto atraente como o inferno. — Teremos de aproveitá-lo muito bem.

Maldição. Desabo de volta no travesseiro e cubro o rosto com as mãos, gemendo de frustração ao passo que rio como uma tola. O infeliz assim, nu e provocador, nem se parece com o homem costumeiramente intimidante, está mais para um garoto descontraído, livre de toda a aura escura que o cerca. Afeta-me saber que, muito provavelmente, poucos tenham acesso a isso nele.

Sinto então uma necessidade latente de agradá-lo e me desculpar por ser tão cínica culpando-o por algo que fizemos juntos. Levanto-me de joelhos na cama e vou até a borda.

— Deixe-me colocá-lo em você.

O olhar incendiário que recebo me instiga a fazer o meu melhor. Apanho a extensão grossa, massageio as bolas pesadas, contorno-o com a língua. Diante de mim tenho um homem de quase 1,90m, talhado em músculos e força, rendido ao meu toque. É uma das visões mais excitantes que já tive.

Meu nome é um grunhido impaciente em seus lábios firmes, feito um deleite, conforme o provoco. Sugo com vigor, mas logo sou empurrada para trás e caio no colchão.

— Não queira acabar com a diversão tão cedo, menina. — Como se eu não pesasse nada, ele me gira de bruços num movimento hábil.

Arfo, nua, com a bunda ao seu prazer.

— Essa é uma das partes que mais gosto em você... — revela um tanto concentrando em acariciá-la ao se posicionar de joelhos no chão, entre minhas pernas abertas.

— “Uma das”...?

— Sim. — Beija uma polpa. — Em primeiro lugar, seus olhos. Eles falam por você, sabia?

Droga, isto foi realmente legal.

— Depois, seus lábios. Tão macios, parecem um coração, deliciosos. — A palavra “coração” é expressa de um jeito que denuncia sua nacionalidade. Sai algo como “corazan”, muito, muito atraente.

Regozijo.

Outro beijo, dessa vez do lado direito da bunda.

— Gosto das maçãs do seu rosto...

Interrompo-o.

— Maçãs do meu rosto? — Encosto a testa contra o lençol. — Droga, você

estava mandando bem, mas essa foi...

Subitamente um tapa nada doloroso, mas muito barulhento estala no mesmo local em que ele beijou. Pulo no lugar, pega completamente de surpresa.

— O que foi...? — antes que eu termine de perguntar, sua língua chicoteia meu clitóris.

Filho da mãe!

O efeito do tapa é canalizado pelo choque inesperado, úmido e intenso.

— Seus seios. Eu poderia ter seus seios por um dia inteiro e não seria o bastante. — Então sobe, roçando os lábios perigosamente próximos ao local onde não o quero de maneira alguma. — São pesados, firmes, rosadinhos.

Contraio a bunda.

Ele ri. E desliza o dedo sutilmente para esse ponto.

— Não hoje. Mas em breve, pretendo sentir ele bem apertadinho.

Quero morrer por gostar tanto da maneira suja como isso soa.

A mão corre de volta para a fenda de meu sexo, espalma-se sobre ele, como quem segura algo que é seu. Reivindica. Dedos vão criando abertura no espaço molhado num vai e vem maravilhoso. Então sou empinada num puxão. Gael volta a colocar o rosto entre minhas pernas e a me abocanhar com extraordinário ardor. Lambe, provoca, chicoteia, trazendo um orgasmo que varre meu interior e parece fragmentá-lo. Gemo entre os lençóis. Então sou inclinada um pouco mais alto, até que estou de quatro sobre a cama. E é quando ele me penetra forte, opulento, rasgando, provocando dor e prazer. O som animalesco da batida de nossos corpos ecoa pelo quarto. Ele grunhe palavras em seu idioma, coisas que não compreendo e tampouco importam. Empurro-me mais e mais contra ele, até ter seu membro pulsando e jorrando no preservativo.

— *Idí k tchórtu!* — urra e desaba sobre mim.

Nossos corpos caem sobre a cama ainda conectados. Respirações ofegantes se misturam, assim como nossas transpirações.

Ficamos por alguns minutos em completo silêncio, até que ele é o primeiro a quebrá-lo:

— Eu disse que quero te proteger, *Krasavitsa*. Isto inclui sua saúde. Jamais te colocaria em risco.

E sei, simplesmente sei que está falando a verdade.

— Preservativos não protegem apenas de doenças, Gael — exausta, encontro alguma energia para quebrar a seriedade de sua frase.

Noto-o prender a respiração; o seu peito deixa de empurrar o meu.

— Sim, de filhos também.

— É... de filhos — replico, estranhando a tensão súbita de seu corpo.

— Você não gosta de crianças?

— Bem, eu gosto.

— Então o problema seria filhos *meus*? — enfatiza o “meus”.

Tento me mover para virar e olhá-lo de frente, mas seu peso não permite.

— Não. Nada contra filhos seus ou de qualquer homem. Apenas não os quero. Não no momento, pelo menos...

Notando o silêncio, um pensamento muito esclarecedor me atinge.

— Você tem filhos?

Pode ser impressão minha, mas é como se eu tivesse chegado ao ponto. Pela demora, penso até que não responderá, até que sua voz retorna, mais distante do que o normal.

— Não. Eu não os tenho.

Fico com a sensação de que algo o desagrada.

— E esposa?

Sua respiração volta a ser aquela moderada, dentro do total domínio.

— Não. *Ainda* não. Não quero assustar minha escolhida com um pedido assim, tão de repente, justamente agora que ela decidiu me aceitar — ao brincar (com o evidente intuito de me distrair do assunto), rola para o meu lado.

Intrigada, levanto o rosto para observá-lo com cuidado atrás de uma pista sobre sua reação, mas Gael tem uma grande capacidade de se mostrar ilegível e maquiar suas emoções rapidamente. Não gosto de estar no escuro sob qualquer aspecto e, mesmo com sua brincadeira, captei a tensão no assunto. Preciso entender por quê.

— Há coisas que quero saber a seu respeito... — começo.

Ele escora o rosto na mão enquanto a outra brinca com algumas ondulações de meu cabelo desalinhado, despreocupadamente ou tentando parecer assim, não sei bem.

— Sim, eu sei. Você terá suas respostas. Como está sua agenda para o dia?

Penso um pouco.

— Vou ao escritório e trabalharei em algumas ideias para sua marca... a menos que queira me mostrar mais algum lugar, de preferência onde não haja sexo grupal — provoco na última parte.

— Há. Mas vou poupá-la — comenta sério, porém, pego uma pontada de

humor antes de ele voltar a se concentrar fixamente em mim. — Quero te levar a um lugar onde suas perguntas poderão ser respondidas.

— Um lugar? Onde?

— Terá de confiar em mim.

Avalio o peso das palavras. Hoje faz uma semana que o conheço. É o suficiente para confiar? Não, definitivamente não. Contudo, o que meu instinto me diz?

— Tudo bem. Tiro o dia de folga.

— Sim, o dia... — repete misteriosamente.



Tomamos o café da manhã juntos na suíte. Pedi à recepção um ferro de passar emprestado para secar o local úmido na camisa dele. Lavei-a na torneira do banheiro com sabonete enquanto Gael terminava o banho. A marca vermelha não saiu completamente, mas suavizou. Meu gesto o surpreendeu. Acho que eu teria feito algo assim por um amigo também, não sei bem. Ou talvez eu esteja simplesmente limpando a evidência que compromete um assassino frio com quem dormi. Espero, honestamente, não ser essa a possibilidade.

Ao voltarmos para a estrada, onde ainda estamos, passamos a conversar sobre algumas amenidades. No meio do trajeto, seu telefone tocou. Percebi que a escolha de seu idioma de origem na conversa foi uma maneira de não me deixar saber o teor do que falavam. Depois que desligou, também notei a maneira mais tensa como segurou o volante e se tornou ainda mais calado.

Sinto que estou entrando em algo que é mais profundo do que posso supor. Questiono-me se esse cara não é, afinal, um bandido procurado pela justiça. Fico tentada a enviar uma mensagem para Katy, pedindo que pesquise sobre ele. A garota é boa em *stalkear* as pessoas na internet. No entanto, nesse caso, serei bombardeada de perguntas cujas respostas não sei ou com as quais não tenho condições de lidar agora.

Verifico o celular; há chamadas de todas as minhas amigas. Mando textos breves, checando as coisas e dando informações sobre mim. Deixarei para contar sobre Elizabeth quando eu as vir pessoalmente.

Ao entrarmos na cidade, Gael entra na avenida que leva ao meu bairro. Bem, não digo nada, afinal, ele já me viu correndo na região. Entretanto, quando para em frente ao meu prédio, isso realmente me intriga.

— Como sabia?

Seu olhar penetrante encontra o meu.

— Eu disse a você...

— ...que pesquisou sobre mim — completo, detestando a sorrateira sensação de vulnerabilidade.

Acho que Gael percebe a força de vontade que faço para não lhe dizer exatamente o que penso a respeito de sua atitude. Contudo, inteligente, opta por desviar o assunto enquanto desliga o motor.

— Há negócios que preciso resolver agora, Priscila, mas em duas horas passarei aqui para te buscar.

A perda do controle, a sensação de estar sendo impedida de escolha, gestos que a maioria das pessoas encararia como sem nenhuma importância, para mim são perturbadores.

— Olhe, apenas me diga onde, e eu estarei lá, ok?

Ciente do tom mais seco, Gael desconecta o cinto de segurança e gira para mim.

— Se isso significa que você virá, tudo bem.

— Vou. Quero conhecer o lugar misterioso onde as perguntas serão respondidas — ante meu tom, suas narinas se dilatam sutilmente, de forma quase imperceptível. Todavia, o pequeno movimento denuncia que Gael não está tão imperturbável como faz parecer.

Bato a cabeça contra o encosto do banco duas vezes, punindo-me por agir como uma cadela depois de tudo o que conversamos.

— Não quis dizer isso com deboche, me desculpe — recuo.

Ele meneia a cabeça.

— Talvez não tenha percebido, mas essa situação também não é como eu gostaria, Priscila. — Desvia o olhar para meus lábios antes de acrescentar: — Você não estava nos meus planos, assim como eu não estava nos seus.

Rio sem vontade.

— Somos um erro, não é?

Volta a me fitar.

— Talvez sim. Mas eu nunca quis tanto alguém.

Suspiro.

Se ele soubesse que é exatamente o que acontece comigo...

— Só não me ferre, Gael.

— Eu jamais faria isso.

Encaro minhas mãos pousadas no colo.

— Por alguma razão descabida, acredito em você.

Um esboço de sorriso travesso rasga o cantinho de seus lábios.

— Confia mesmo?

— Humpf... — bufo baixinho, mortificada. — Onde eu estou com a cabeça, não é?!

— Em mim. Assim como eu estou em você.

Droga, maldito seja. Pego minha bolsa do chão e me preparo para descer.

— *Krasavitsa*... — chama antes de eu sair. Viro-me para ele. — Leve algumas roupas.

Inclino o rosto, desconfiada.

— Por que eu deveria? — Semicerro os olhos. — Onde *exatamente* é esse lugar, Gael?

— Você terá que confiar em mim.

A intensidade penetrante em sua expressão é quase uma distração. *Quase*.



Capítulo 15

Priscila

Entro no apartamento em modo automático. Sento-me no sofá e passo alguns minutos encarando o vazio. Acho que fico assim por uma boa meia hora, sentindo-me como uma garotinha perdida que não sabe que decisão tomar ou caminho seguir. As coisas mudaram rápido demais nas últimas horas. Convicções arraigadas por tanto tempo hoje não passam de meros fios a me ligar a algo que construí ao meu entorno. Fios esses que um dia foram paredes sólidas.

Em busca de algum alívio, massagueio meu tórax com pequenos movimentos circulares, como se isto pudesse tirar a pressão dali ou a sensação de que estou prestes a me ferir de um modo muito feio. Considerando que há uma grande probabilidade, a questão importante aqui é: eu suportaria reviver qualquer coisa semelhante ao que tive de lutar antes? Droga, eu nem mesmo sei como consegui daquela vez.

Protegida pela privacidade de minha casa, puxo os joelhos junto ao peito e me permito um momento de fraqueza, apenas um.

Gael. Gael. Gael... o que está tentando fazer comigo? Até você aparecer, eu me considerava imune a este tipo de sentimento. Tenho 28 anos e nunca me apaixonei por ninguém, achei até que jamais aconteceria e estava muito feliz por ter o controle de tudo. Agora percebo a tolice. Como ficar imune a *você*? Aos olhos malditamente tempestivos; à sua escuridão tão profunda e presente que lembra a minha própria?

Por Deus, em que momento eu me deixei levar pelo cara? Foi sua insistência na boate; ou a química no quarto; ou a perseguição descarada em meu trabalho... ou vê-lo dizendo aquelas coisas à Elizabeth, tocando-me de maneira desconhecida?

Inspiro profundamente pelas narinas, absolutamente frustrada comigo mesma.

Quando ele saiu em minha defesa naquele hospital, foi como se alguém pela primeira vez interviesse por mim, como se um herói – que eu não queria e nunca pedi para encontrar – assumisse o controle, deixando-me finalmente

respirar. Ser uma filha negligenciada e uma jovem violada moldou minha personalidade e, durante muito tempo, fez-me levantar paredes a minha volta. Bastou o maldito gringo aparecer para eu perceber que essas paredes estavam me estrangulando.

O que faço com tudo isso agora?

Penso em ligar para Alice, a melhor pessoa para me ouvir no momento, mas desisto tão logo a ideia surge. Eu teria de me abrir sobre coisas das quais não quero falar; nunca quis. Não mudaria nada, e eu só levaria sofrimento a elas. Poupá-las da verdade é minha maneira de amá-las. Júlia, Katarina e Alice são pessoas do bem; eu jamais corromperia suas visões do mundo. Ao contrário de me abrir, eu as vigio, cuido delas como uma irmã tem de fazer.

Sentindo uma incômoda dor nas têmporas, observo o celular pousado silenciosamente ao meu lado no sofá, cogitando dezenas de possibilidades. A maioria delas envolve inventar desculpas para voltar atrás nesta história com o gringo. E, como se o filho da mãe soubesse, escolhe justamente este instante para se fazer presente. Uma mensagem. O frenesi estranho que toma conta de meu estômago conforme corro o dedo para abrir o aplicativo é completamente novo e desconcertante.

Leio o endereço onde ele espera que eu esteja dentro de duas horas e, logo abaixo, um texto simples de duas linhas. Simples e absurdamente complicado:

Sou um homem de palavra e estou dando a minha de que você pode confiar em mim, Krasavitsa. Eu jamais te faria mal.

Encaro fixamente o tapete bege no chão, procurando algo que me dissuada de ir a algum lugar desconhecido com um cara que acabei de conhecer... O problema é que nada parece ser mais forte do que a *vontade* de estar com ele. É isso. Simplesmente *quero* ir com o maldito homem. Ainda que uma placa alta e luminosa alerte “perigo”, eu simplesmente quero.

E assim, tomo outra decisão imprudente: vou ao quarto, coloco duas trocas de roupa dentro de uma mochila de ombros pequena, alguns itens de higiene pessoal, e é tudo.



Programo o GPS para o endereço que ele me enviou e, assim que chego,

tenho a impressão de que estou no lugar errado. É uma espécie de pista de pouso pavimentada e comprida, com um galpão enorme e mais nada em volta. Estaciono ao lado de um luxuoso carro modelo esportivo. Respiro fundo pelo nariz e solto o ar pela boca algumas vezes antes de descer. Ponho os óculos de sol e vou caminhando sem ter certeza de para onde, até que avisto a pessoa que maldita e certamente será minha perdição.

Gael, com o braço apoiado na asa de um avião tipo jatinho, está vestido diferentemente de horas antes, com um suéter cinza e calça jeans escura. É a primeira vez que o vejo sem um terno, e o visual só demonstra o quanto ele pode ficar bem em qualquer tipo de roupa. Seus olhos me acompanham com precisão cirúrgica.

Posso estar enganada, mas penso enxergar um ligeiro alívio nele, além da habitual e poderosa energia intimidante, que suponho ser inerente a sua natureza.

— Oi... — saúdo, estranhamente desconfortável, enquanto me aproximo. Fico a uns três passos de distância, ainda não sabendo em que nível de intimidade estamos. Sem cerimônia, ele se aproxima e me puxa para um abraço.

— Você veio... — o timbre de voz sereno, porém grave é abafado pelo contato dos seus lábios no alto de minha cabeça.

Sorrio, com uma emoção nova, orgulhosa por agradá-lo, talvez.

— Sim, eu vim...

Minha incerteza não passa despercebida. Gael inclina a cabeça para trás e sonda meu rosto.

— Eu sei que não está segura sobre isto, Priscila. E honestamente, esta é uma parte da minha vida que não compartilho. Então, tanto quanto é difícil para você, também é para mim.

Fico sem saber o que dizer diante da sensação de que ele está me dando uma parte importante de si mesmo.

— Você não vai me sequestrar e roubar meu rim, não é?

Minha escolha pelo caminho do humor o faz rir. Com um dedo atrevido, ele toca a região abaixo do meu pescoço e estreita os olhos, suavizando-os.

— Se há alguma parte de você que me interesse roubar — seu dedo toca o meio do meu peito, tendendo ao lado esquerdo —, é essa aqui.

Meu coração.

Santo Deus.

Acabo rindo, um pouco surpresa, um pouco temerosa (principalmente com o efeito que sua afirmação produz nas batidas aceleradas no meu tórax).

E, sem me permitir refletir, ele me beija profundamente, como se não me visse há tempo demais. A cada encontro de nossos gemidos abafados, com seu jeito avassalador, Gael me força a reconhecer o quanto eu também quero tudo o que está me oferecendo. Ele me desmascara, essa é a verdade.

— *Yeb vas! Ty takaya krasivaya!* — rosna ao se afastar e abocanhar meu pescoço. Ouço o sorriso em sua fala.

Derrubo a testa contra seu ombro.

— Vai me contar o que acabou de dizer?

Gael então ri baixinho, sem traduzir. Soco seu peito de leve.

— Tudo bem — finjo uma ameaça. — Eu vou dar o meu jeito de descobrir, e aí de você se isso for um insulto, seu *ucraniano* espertinho.

A brincadeira com sua nacionalidade o faz me lançar um olhar divertidamente fulminante.

— Russo, mulher. Eu sou *russo*.

Balanço a cabeça e levanto um pouco as mãos para o ar.

— Tudo bem, tudo bem. É que vocês são todos tão iguais...

Recebo uma mordida nos lábios, em punição.

E com isto – um beijo ardente e uma pitada de humor –, quebramos um pouco o momento “reconhecendo território”. É bom saber que podemos agir assim.

De repente ele olha para minha mochila.

— Onde está o restante de suas coisas?

Ajeito-a sobre o ombro.

— Eu só trouxe essa bagagem.

Noto-o me estudando com mais atenção, mas não diz nada. Estou começando a pensar que vamos para mais longe do que imaginei. Afugentando qualquer pensamento que tente me demover, olho para os lados, procurando por quem vai nos acompanhar.

— Cadê o piloto? — pergunto distraída.

— A sua frente.

Uma risadinha acaba escapando de mim, satisfeita por seu senso de humor.

— Fale sério, onde ele está?

— Estou falando, Priscila. Eu vou pilotar. — Olha para o relógio em seu pulso. — E já estamos atrasados.

Nem ferrando! Dou um passo atrás.

O bendito sorri. Sorri!

— Medo de voar?

— Sim... Não... Quero dizer, de jeito nenhum eu vou entrar nisso aí com você.

— Ah, não? Posso saber por quê? — Cruza os braços diante do peito.

— Pff... — bufo, desviando os olhos para o avião. — Porque isso não é como um carro...

Tranquilamente ele confere a pequena aeronave por cima dos ombros, antes de voltar a me encarar descaradamente segurando a diversão.

— Tem razão. Não é um carro. — Lambe o lábio, evitando rir. — É muito mais seguro. Agora, se me permite dizer: esse meio de transporte estranho tem uma autorização de decolagem que não pode esperar. Devemos ir.

— Gael, ouça: não importa o quanto você possa ser lindo, sedutor, bom de cama ou até mesmo persuasivo, eu simplesmente não posso entrar nisso aí com você.

— Priscila, minha Priscila... — dá um passo à frente, encurtando a distância que coloquei, o sotaque incrivelmente presente — fico lisonjeado com a descrição de minhas qualidades. De verdade. Principalmente a parte do “bom de cama”.

— Não foi nada...

— Mas saiba que piloto aviões desde antes mesmo de você tirar sua autorização para dirigir carros. Acho, sinceramente, que o máximo que te acontecerá ali dentro será passar algumas horas em completo tédio.

— Quantos anos você tem? — ocorre-me perguntar isso somente agora.

Volta a tocar o lábio com a língua, outra vez segurando o riso.

— O bastante para ter muitas horas de voo e ser um piloto confiável.

Chacoalho a cabeça. Pior é que ele tem essa... essa *coisa* que me faz querer confiar nele.

Inferno.

— Eu só posso estar ficando louca... — resmungando, aceito pegar a mão que ele me estende e o sigo para dentro da aeronave.

O interior do pequeno avião é acolhedor e aconchegante. Nunca entrei num destes. Corro o olhar pelas seis poltronas de couro bege, pelas paredes revestidas com o mesmo material.

O baque atrás de mim revela que Gael trancou a porta.

— Sente-se onde quiser — oferece encostado à parede curvada, observando-me com interesse.

Se alguém tivesse me dito que eu estaria dentro de um avião, sozinha com um desconhecido com quem passei a noite, indo para sabe Deus onde, eu realmente daria uma boa gargalhada com o quão absurda a ideia pareceria. *E aqui estou*, penso enquanto ajeito a mochila entre os pés e prendo o cinto de segurança.

— Diga-me, você também fará aquela apresentação muito instrutiva que as aeromoças fazem antes de o avião decolar? — Voltando a atenção para ele, pego-o me contemplando muito compenetrado.

O rosto do infeliz se curva num sorriso predatório. E ele vem a passos lentos para mim.

— Será um prazer.

Engulo em seco.

— A regra número um é: tire isso de seu rosto bonito — coloca o dedo numa ruga no meu cenho — e confie.

Inspiro de forma entrecortada, pega desprevenida.

— Mais alguma?

— Sim, a dois é: — toca meus ombros, massageando-os com habilidade e sedução — relaxe.

— Ok... há outra?

Gael aproxima seu rosto do meu e me encara por um longo momento antes de provocar meus lábios, correr os dentes sobre eles, depois a língua, envolvendo-me deliciosamente.

— Escute-me de mente aberta — a seriedade não deixa dúvidas de que essa “regra” tem a ver com o que está por vir.

Arfo baixinho, nervosa e energizada com o peso de seu pedido.

— De onde você surgiu, gringo?

Seu rosto se entorta num sorriso estonteante.

— Não reclame. Lembre-se de minhas virtudes, *Krasavitsa* — provoca antes de se afastar.

— Você nunca me deixará esquecer isso, não é?

Recebo uma última mordida atrevida no queixo.

— Não.

— Ótimo... Se este avião cair, pelo menos estou muito bem instruída.

Acompanho quando ele se ajeita na cabine, conecta um grande fone de ouvidos com microfone integrado, aperta alguns botões, fala alguns códigos para alguém, e logo o pequeno avião está correndo pela pista e deixando o solo.

Se eu sobreviver a isto, prometo, Deus, que serei uma pessoa melhor.



Depois de um cochilo desajeitado na poltrona, alongo as pernas dormentes, mal sentindo as pontas dos dedos dos pés. Preciso piscar algumas vezes para me localizar e reconhecer o ambiente. Sim, estou mesmo dentro de uma aeronave. Com o russo. Silenciosa, observo-o tranquilamente concentrado no comando do pequeno avião. Droga, não há uma explicação coerente para o que estou fazendo. Esse cara, mesmo com a guarda baixa, como agora, ainda carrega consigo uma aura tão pesada, tão letal que *deveria* me assustar. Deveria me fazer correr na primeira oportunidade. Contudo, em vez disso, estou aqui, seguindo-o para não sei onde... E por quê? Porque ao seu lado tenho uma descabida sensação de proteção que nunca senti com mais ninguém. Que sentimento é esse, meu Deus?

Confiro o relógio e me dou conta de que já faz algumas horas desde que decolamos. Espreguiço-me mais um pouco e... congelo imediatamente quando me dou conta do idioma falado através do rádio. Aguço os ouvidos quando Gael responde, e duas coisas importantes me ocorrem: a primeira delas, estão falando em espanhol; a segunda e mais intrigante: ele responde habilmente, sem dificuldade. O cara fala fluentemente espanhol! Por que estariam falando em...

Putá merda! Empino-me na poltrona, tencionando olhar através da janela, e o que vejo realmente – *realmente* – me deixa em alerta. Branco... tudo no solo está absolutamente branco... nevado.

— Você me tirou do país? — o assombro em minha fala o sobressalta.

Gael diz algo ao comando e aperta um botão no painel. Somente então me fita por cima dos ombros.

— Olá, *Krasavitsa*.

— Meu Deus, Gael! Por favor, diga que você não me trouxe para outro país sem falar comigo?!

Tateio o cinto e me atrapalho com a maldita fivela.

Percebendo, ele me intercepta com voz de comando.

— Fique no lugar, já temos autorização para o pouso.

Balançando a cabeça, sentindo-me sacaneada, mal sei o que dizer.

— Isso não se faz. Cara, que droga!

O olhar de aviso que recebo, tem a óbvia intenção de impedir que eu surte... um pouco tarde para isso, na verdade.

— Você perdeu a cabeça... — mal sei o que falo, frustrada, irritada. — Que sacanagem, que maldita sacanagem! Onde, droga, nós estamos?

Fingindo que não me escutou, porém, contraindo a mandíbula, ele volta a apertar o botão no painel e se comunicar com a torre de controle. Por instinto de proteção, decido me calar, mesmo fervendo de raiva. A última coisa que eu quero é que esse gringo trapaceiro faça algo errado aqui e agora.

Entretanto, o sabor amargo que me domina a boca é inevitável. Por que, raios, ele me tira do Brasil sem a menor consideração de avisar? E onde estamos, afinal? Abaixo-me para pegar o celular dentro da mochila... Emito uma expiração profunda quando percebo que não há qualquer sinal nele. Incapaz de outra coisa, só me resta exercitar a respiração e mente para manter algum controle que seja.

Sugo o ar pelo nariz e o solto pela boca cinco vezes. Mentalizo bons pensamentos. E, não tendo mais o que fazer, abraço meu corpo em busca de calor. Ao esfregar os braços, dou-me conta de que trouxe um mísero casaquinho de meia estação, inútil para um lugar onde há neve.

Rio de mim mesma, sem vontade. Eu deveria ter esperado por isto.

Através das janelas, noto-o contornar uma montanha coberta de neve, então baixar a altitude para uma superfície mais plana. Aos poucos passamos por cima de um vilarejo, um rio, outro vilarejo e então chegamos a uma pista. O toque do trem de pouso no chão é quase imperceptível, demonstrando a familiaridade de Gael com a raia.

Calada, espero que ele pouse e desligue tudo. E então Gael finalmente se levanta.

A princípio temo a passividade forjada na expressão. O fogo nas turquesas escurecidas o denuncia. Porém, não me deixo intimidar.

— Que lugar é esse? — indago seca.

Calado, tencionando o músculo do maxilar, ele se abaixa e desata meu cinto.

— Eu fiz uma pergunta.

— Não, você fez uma exigência. Elas não funcionam comigo.

Ora essa!

— Cara — aperto a base de meu nariz, atrás de um raro vestígio de calma —, eu realmente, *realmente* não estou brincando. Para onde você me trouxe?

Sem se mover, o imbecil continua pairando sobre mim, praticamente me encurralando sentada na poltrona.

— Punta Quilla.

Lambo um dente, mortificada.

— Certo. E Punta Quilla fica exatamente onde...?

— Argentina.

Balanço a cabeça.

— Certo, você me tirou do Brasil, trouxe para a Argentina, e não te ocorreu consultar a *minha* opinião antes?

O sujeito semicerra os olhos, muito afiados, quase como se pudesse me perfurar com eles.

— Não use esse tom comigo, Priscila. Você veio sabendo que eu não lhe diria o destino.

Abro a boca para refutá-lo. E a fecho. E a abro de novo.

— Tem razão. E sabe por quê? Confiança. Eu dei minha confiança a você, coisa que nunca — ouviu bem? —, nunca faço. E você me provou que, no final, foi um erro.

O tempo que ele passa me encarando sem dizer nada, como se eu o tivesse ferido mortalmente é demais.

— Me leve de volta — exijo.

Ele solta uma risada abusada, desafiadora, que sai como um bufo.

— Não.

Fecho os punhos para não socar seu rosto de anjo diabólico.

— Quer me acertar, não é? — Inclina o rosto um pouco para a esquerda com forçada humildade. — Bata, se isso te fizer finalmente me escutar.

— Escutar o quê? — minha voz sai um tanto vacilante, por nervosismo.

— Que é aqui onde minha história está.

Sombrio, ele espera por uma reação. Não sei o que dizer. Quero que ele me leve embora. Ao mesmo tempo, quero saber que diabos é isso que ele quer me mostrar.

— Droga, Gael... — lamento amuada. — Confiança é algo de extrema importância para mim...

Ele solta uma respiração pesada pelas narinas.

— Esteja certa de que para mim também é. Este é o objetivo de estarmos aqui.

De repente seus dedos sobem e deslizam por meu rosto. Ele está com ar visivelmente cansado.

— Vamos fazer um acordo: nós conversaremos, e, depois disso, se ainda quiser, eu te levo de volta ainda hoje.

Fecho os olhos para fugir de seu rosto tão perto do meu. Que confusão esse cara faz na minha cabeça...

— Tudo bem... — sussurro, exaurida.

— Abra os olhos.

Relutante, eu o faço.

— Tô me sentindo traída... — confesso.

— Por que você não pode acreditar em mim quando digo que jamais te faria mal? — num ato de trégua, fala baixinho no sotaque russo, pousando sua testa contra a minha. — Por que tenta lutar o tempo todo?

— Lutar é tudo o que sei fazer... — revelo desarmada.

— Entendo você.

— Então entende quando digo que coisas assim me incomodam?

Ouço o riso baixo, sem vontade.

— Não, porque quero ser sua exceção. Quero que me deixe entrar.

Em um misto de vergonha e derrota, acabo relaxando o corpo.

— O que te torna ainda mais perigoso, sabia?

Quando me dou conta, nossas bocas já estão perto demais, talvez se atraindo mutuamente para impedir que cheguemos ao consenso de que nunca dará certo nós dois juntos. Sentindo uma angústia estranha, embolo o suéter dele entre os dedos e o puxo para mais perto.

— Você já é uma maldita exceção. E eu detesto isso.

Gael segura meu rosto delicadamente, apesar da força e energia quase animal que sinto em todo o seu corpo.

— Também estou atraído por você, Priscila. Também estou.



Gael fala com algumas pessoas no hangar. Um homem que estava

esperando por ele lhe entrega as chaves de uma enorme caminhonete e coloca suas coisas dentro. Minha pequena mochila ainda está comigo. Observo tudo do interior do carro, envolvida no sobretudo de lã grossa que ele me fez colocar e cercada pelo ar quente.

Sem muita conversa, acompanho o caminho que ele toma por estradinhas estreitas, curiosa, perguntando-me que parte importante dele pode haver aqui. Distante, no horizonte, montanhas nevadas cercam parcialmente a região, e mais neve cai sem parar. Estou verdadeiramente impressionada pela beleza da paisagem, parece com aquelas dos cartões postais. Este é, definitivamente, o extremo sul do continente.

Apesar da aparente impassibilidade, Gael está tenso. Posso sentir, além de ver os sinais evidentes: o aperto em torno do volante; a forma rígida de seus ombros; o pulsar no músculo da face.

Impulsivamente, toco seu braço.

— Tudo vai ficar bem...

Não sei por que disse isso, mas é o que meu coração me ordenou a fazer. Gael não comenta, tampouco demonstra afetação, só que aprendi a conhecer um pouquinho dele. E esse pouquinho me diz que nada nunca ficará bem ou lhe trará paz enquanto a mancha sombria ainda pairar sobre si.

Finalmente o carro é guiado para a entrada de um enorme chalé parcialmente feito de vidro e concreto. O telhado coberto de neve é alto; algumas árvores secas congeladas enfeitam naturalmente a sua frente, formando um caminho recém-limpo diretamente para uma garagem.

Após desligar o motor, Gael encara fixamente a parede. Calada, faço o mesmo. A garagem contém uma porta que leva ao interior da casa, eu imagino. Objetos ao redor estão cobertos por tecidos brancos ou lonas pretas; é impossível ver o que tem embaixo. Minha imaginação ganha vida, pensando nas possibilidades. O que alguém como Gael faria vivendo numa casa literalmente no fim do mundo?

É o som de uma expiração densa que me convida a olhar para ele.

— Esta é a minha casa — declara finalmente, cortando o silêncio. — A casa em que passei os últimos anos com minha família — a última parte é dita muito baixo.

Família. Penso em questionar, mas o que enxergo no fundo de suas turquesas me parte ao meio. Dor real. A do tipo que faz o mais poderoso dos homens cair de joelhos.

— Obrigada por me trazer aqui — balbucio, pois parece certo agradecer.

Ele assente.

— Venha conhecer minha vida.

Assisto enquanto Gael abre a porta do carro e sai lentamente. Faço o mesmo, com passos vagarosos, temendo o que estou prestes a encontrar. Ele retira a chave do bolso, destranca a porta e então se afasta para o lado, indicando que eu entre antes.

Engulo em seco, muito, muito nervosa. Vacilante, dou um passo para dentro, o que me permite ver tudo... e com “tudo”, eu jamais esperava me deparar com algo assim.



Capítulo 16

Priscila

O chalé é um lugar amplo, confortável, parece recém-limpo, o piso de madeira exala o cheiro floral da cera. Na parede principal, revestida por tijolinhos alegres, troncos de madeira crepitam pacificamente em uma lareira e soltam pequenas partículas no ar, liberando um odor que se mistura ao cheiro do produto do chão. Um lar. É essa a sensação acolhedora que o chalé desperta... enfatizada principalmente pelo grande e impressionante quadro na mesma parede.

A imagem ali me impede de qualquer movimento. Estou atraída por ela. Impressionada. E absurdamente surpresa. É a última coisa que eu esperava encontrar.

Não pode ser ele. Todavia, parece ser. Sim, eu reconheceria esse par de olhos em qualquer lugar do mundo. Ali, está multiplicado por três.

Na parede diante de mim está Gael, retratado numa versão mais leve, que eu jamais imaginaria existir. Não há nada da atmosfera sombria, apenas um cara satisfeito com a posição que lhe é atribuída. Esse sorriso em seus lábios, acho que o homem nem mesmo é capaz de replicá-lo nos dias de hoje. Sinto-me, de repente, uma intrusa invadindo um momento compartilhado apenas por eles, somente *deles*. Os três: Gael e duas cópias fiéis a ele, um menino e uma menina. O tom de azul-turquesa é o elo.

— Meus filhos — a voz assustadoramente baixa lembra-me de sua presença.

Subo o olhar para seu rosto, mortificada pelo que captei no timbre. A sensação é de que o estou enxergando pela primeira vez. Perante mim, eis um homem atormentado, mergulhado em dor. Enquanto a posição ereta de seu corpo dá a impressão de superioridade, a agonia crua desenhada em seus traços de ferro me parte o peito. Eu a sinto em minha carne.

— Onde eles estão?

Gael demora a responder, mas, quando o faz, a palavra única é um grunhido saído de sua garganta:

— Mortos.

Sinto como se um tapete fosse puxado de sob meus pés. Não digo nada, não sei o que falar. Tapo os lábios trêmulos e volto a fitar a imagem. Eles eram felizes. Gael era.

— Eu sinto muito...

Acho que ele sequer me escuta. O homem está rígido, mergulhado em suas memórias. O músculo em sua face pulsa como nunca. Os olhos, ainda mais profundos e sombrios que o normal, hoje explicam a escuridão que sempre pairou sobre ele. Um pai que perdeu seus filhos. Gael é alguém sob uma nova perspectiva para mim. Impulsivamente eu o abraço, envolvendo sua cintura, desejando poder absorver sua carga. No entanto, não dura muito. Ainda da porta, ele se move, afastando-me e então simplesmente gira e sai caminhando para fora, pela rua úmida por causa da neve, carregando o peso do mundo em suas costas. Observo-o descer a estradinha asfaltada até onde meus olhos ainda podem acompanhá-lo, para logo sumir de vista. Abraço meu corpo frio e, sem opção, entro de vez, fechando a porta atrás de mim. Eu poderia ir junto, estar lá para ele, mas só Deus sabe quantas vezes tudo o que eu mais precisei foi ficar sozinha com meus próprios monstros. Eu não queria falar, não podia e nem conseguia. Tudo o que eu queria era fugir. Então sei como ele se sente.

Divago pelo espaço como uma intrusa, observando os retratos espalhados sobre os móveis. Neles, acompanho Gael e seus filhos em momentos e idades diferentes. Em alguns, uma jovem também aparece. Ela é levemente mais clara que Gael, porém, seus olhos têm a mesma tonalidade, até mesmo seu rosto contém traços semelhantes aos dele. Em outras fotos, também está um casal mais velho, avós das crianças, provavelmente.

Exausta, sento um pouquinho no sofá, descanso a cabeça no encosto e passo os momentos seguintes encarando o teto, tentando imaginar o que pode ter acontecido a eles.

O frio chega a tocar a alma, mas talvez não tenha mais relação com a temperatura baixa lá fora... ele está em mim.



O som do que parece ser uma chaleira no fogão me desperta do cochilo em que nem mesmo percebi estar. Abro os olhos, alongando o pescoço de um lado para o outro e então vejo Gael na cozinha, diante do fogão. Sem o sobretudo de

lã, ele volta a usar apenas o suéter. Noto que o ambiente está um pouquinho mais quente, na verdade. Os seus ombros ainda parecem levemente tensos, mas não estão nem de longe como pareciam quando chegamos. Posso imaginar o quanto estar aqui o perturba. Lembranças estão por todos os lados.

Assisto quando ele leva a mão à nuca, como se pudesse sentir meus olhos nele, e então se vira para mim. Nossos olhares se encontram, e posso enxergar seu autocontrole de volta ao lugar.

— Você acordou — comenta num timbre baixo.

Aliso as mãos nas pernas.

— Pois é... na verdade, eu nem percebi o momento em que caí num cochilo. Acho que o barulhinho da lareira me traiu.

Ele gira de volta para o fogão, desliga-o, apanha a chaleira e preenche uma caneca grande, já posta com sachê de chá. O fato de Gael trazê-la para mim... porcaria, comove-me muito.

— Obrigada. — Olho no fundo de seus olhos.

Ele me entrega a caneca e se afasta para próximo da lareira.

Assopro o líquido quente, em silêncio, mas eu estaria mentindo se negasse o desejo de me levantar, ir até ele e abraçá-lo bem forte. Deus, eu estou realmente gostando desse cara.

Sorvendo o chá, observo sua face concentrada nas chamas. As mãos descansando nos bolsos transmitem a falsa sensação de normalidade, mas é o maxilar contraído que o denuncia.

— Eles se parecem com você — comento distraidamente.

Gael volta a encarar o quadro.

— É o que as pessoas diziam.

— Como se chamavam?

O homem não responde por um momento, mas me fita intensamente, talvez verificando se sou mesmo confiável, não sei. Ou simplesmente decidindo se quer se abrir comigo.

— Lenin e Irina. Eles eram gêmeos.

Escondo o tremor nos lábios por trás da caneca. *Gêmeos*. Gael teve filhos gêmeos.

Uma respiração profunda preenche todo o seu peito. A atenção volta para as chamas.

— Nessa foto eles estavam com seis anos. Morreram um pouco depois.

Penso em perguntar como, mas não me arrisco, apenas espero.

— Vim morar em Punta Quilla a trabalho e os trouxe comigo. A empresa russa para a qual eu trabalhava estava construindo uma estação de petróleo aqui. Eu era o responsável.

Aliso a caneca quente, tentando não demonstrar o quanto a informação me surpreende.

— Vivi nesta casa por dois anos. — Ele apanha um espeto de ferro ao lado da lareira, abaixa-se e remexe a posição da lenha, que estava prestes a apagar. — Até o dia em que eles foram mortos.

Sinto um golpe duro no peito. Meu corpo inteiro amolece também.

— Eu sinto muito...

Ele se coloca novamente em pé, observando o crepitar.

— Meus filhos foram assassinados.

Incapaz de segurar a caneca, deixo-a de lado.

— Eu realmente sinto muito — repito como uma tola, porque, por Deus, não sei o que dizer. Quero me levantar, confortá-lo, mas Gael está distante. Ele quer simplesmente contar o que aconteceu e me trouxe aqui, para este lugar tão sagrado, porque quer que *eu* o escute.

— Você deve ter visto minha irmã nas fotos — não é uma pergunta. É óbvio que ele sabe que especulei. — Ela estava com eles. Todos foram mortos.

A bile vem amargando e se misturando ao chá na minha boca. Ele perdeu os filhos e a irmã ao mesmo tempo! Jesus Cristo...

— Você sabe quem... — limpo a garganta para a voz sair mais audível — quem fez isso?

Assim como as chamas crescem na lareira, o perigo retorna ao seu olhar.

— Essa é a razão para eu viver no seu país.

Fico com a mente em branco, sem conseguir fazer qualquer conexão, até que...

— Quem a matou é de lá?

Somente então Gael sai de perto da lareira, tenso, e vem se sentar ao meu lado. Encolho-me num canto do sofá, e ele se posiciona no outro, de frente para mim.

— Você queria saber o motivo do sangue em minha roupa. Pois bem. O que te contarei muito provavelmente a fará querer fugir correndo. — Exprime um sorriso de lado repleto de escárnio, ou pior, muito rancor. — Mas apostarei minha sorte. Se me quer como eu a quero, será sabendo exatamente quem eu sou

e no que me tornei.

Escondo as mãos nas mangas de seu casaco, que estou vestindo.

— E quem você é? — o medo da resposta é perceptível em minha voz.

— Alguém em busca de punir os responsáveis por matar minha família — suas palavras são fortes, duras, sem qualquer hesitação ou culpa.

— Com punir, quer dizer... matar?

Gael lambe o lábio inferior, desafiador.

— Sim. A todos eles. E só descansarei até o último estar caído no chão.

O arrepio gelado que percorre minha coluna leva um tremor ao corpo todo.

— Era mais de um... — não faço uma pergunta, é meramente uma constatação.

— Sim. Covardes.

Covardes, concordo. Matar duas crianças, quem é desumano a esse ponto?

— Você... você sabe quem são?

— Os que sei já estão mortos. Os últimos, ainda os estamos caçando.

Meu Deus... Não há nada de arrependimento ou misericórdia nesse homem. Tapo a boca e metade do rosto. O que ele espera que eu diga ou questione? É possível julgar alguém em busca de vingança? Eu não sei. Eu realmente não sei. Como julgar alguém com um objetivo desses? O que eu faria em seu lugar?

— “Estamos” — repito a informação. — Há mais pessoas com você nisso. Quem são?

— Pessoas leais.

Engulo em seco... E subitamente a lembrança de Gabrielle me vem à mente. *Dizem que este lugar pertence a mafiosos*, ela mencionou quando chegamos àquela boate, ou algo assim, e acertou na mosca. Gael é mesmo um mafioso.

— Por quê? Por que fizeram isso aos seus filhos? Sua irmã estava junto deles, você disse. Por que fizeram isso?

Gael volta a respirar profundamente e então se inclina para frente, descansando os antebraços nos joelhos, o olhar fixado ao chão.

— Essa é a parte que eu nunca vou entender. Minha irmã sem querer os trouxe para cá. É tudo tão fodido. Tão malditamente fodido.

— Imagino que seja...

— Não — rebate, frio. — Você nem faz ideia.

— Então me conte. — Empoleiro-me no sofá. — Conte tudo o que quiser, Gael. Eu quero te ouvir, quero entender também.

Sua cabeça balança de leve, concordando, como quem diz “você pediu por isso”.

— Lara morava na Rússia com meus pais e o namorado, mas, sempre que podia, vinha para cá. As crianças frequentavam uma escola aqui, estavam se adaptando bem, principalmente por causa do clima, que lembra muito nossa terra, mas, quando minha irmã vinha, era como se eles estivessem mais perto de casa, de verdade. Eu agradecia seu esforço em cruzar o oceano por nós... O que eu não sabia era no que ela estava envolvida. Maldição, a infeliz nunca mencionou nada para qualquer um de nós!

Observo o músculo em sua face pulsar.

— Minha irmã estava numa investigação por conta própria...

— Ela trabalhava na polícia?

Ele bufa, um som irritado, consternado, até.

— Não. Mas a estúpida se sentiu assim ao querer investigar por conta própria o desaparecimento da melhor amiga. Aquelas duas eram como irmãs, e, inferno, quando Agaya desapareceu, Lara deixou de pensar. Passou a procurar por pistas sobre o tal cruzeiro que a menina tinha feito para o Brasil, falar com pessoas pela internet, fuçar merdas... — Suspira pesadamente.

— Caramba...

— *Yeb vas!* Ela fez tudo tão escondido... Nem mesmo o noivo, com quem morava, fazia ideia. E, astuta e inteligente como era, logo encontrou a trilha certa. O problema é que Lara se sentia destemida demais para contar a qualquer um de nós. Ela sabia que interviríamos nessa estupidez. O que minha irmã provavelmente não sabia era que estava lidando com a maior quadrilha de tráfico de mulheres do mundo. Os filhos da puta, de alguma forma, descobriram que ela estava no rastro deles, muito perto de denunciar um esquema enorme, e colocaram alguém para se corresponder com ela através da internet, um maldito que ganhou a confiança de minha irmã se fazendo passar por irmão de uma garota desaparecida. Ele a fez compartilhar suas descobertas e então a traiu.

Lívida, abafo um grunhido de agonia.

— Ela contou a ele que estava pronta para denunciar a quadrilha à Interpol. Mais tarde descobrimos que Lara já vinha fazendo contato com alguém da agência. Os traficantes ficaram sabendo e estavam prontos para agir. Bastava apenas saber onde ela estava. Minha irmã contou ao traidor sua localização, e eles vieram para cá, na extremidade mais pacata do mundo, apenas para matá-la.

Gael cerra os punhos com tamanha força que os nós de seus dedos perdem a cor.

— Sabe o que mais me dói? Naquele dia, naquele maldito dia, eu fui chamado para alto-mar para resolver qualquer merda de problema lá que requeria minha presença. Eu os deixei aqui, os três, sozinhos para enfrentar a crueldade de desgraçados vindos de outro país com a única missão de exterminar minha família.

— Você não pode se culpar por isso... — sibilo.

Ele ri com amargor.

— Eu não estava aqui por eles, Priscila. Meus filhos, minha irmã, feridos de maneira covarde, sem ninguém para protegê-los.

Engatinhando pelo pequeno sofá, vou até ele e seguro seu ombro.

— Coisas ruins acontecem, Gael. Infelizmente nem tudo depende de nós.

Gael sacode a cabeça com raiva.

— Mas acredite, eles estão pagando. Todos. Um por um.

Esse homem está matando os assassinos de sua família. Um anjo vingador. Todas as peças agora se encaixam: a frieza que eu sinto vir de sua alma, o perigo; tudo tem razão de ser. Pai amado, que vida mais ferrada, viver buscando devolver o mal, acabando com vidas para vingar aqueles a quem ama, mas nem mesmo isso os trará de volta.

— Você sabe o que dizem sobre vingança? — questiono em tom baixo, tentando alcançar uma parte dele que nem mesmo sei se ainda existe. — “Vá, mas cave duas covas, uma para o seu inimigo e outra para...”

Recebo dele um olhar gélido, incrédulo, até cruel.

— Me poupe de Confúcio, Priscila — rosna. — Para o inferno se minha alma for o preço para acabar com a deles, para o inferno qualquer princípio moral. Estou buscando justiça, entende? Justiça!

Faço sinal com a cabeça de que entendi. No entanto, nunca poderei concordar. Ele lê isso em mim. E sei que não gosta.

— Agora você já sabe. Sabe quem eu sou e o que faço. Eu a trouxe aqui para te mostrar o que eles me tiraram. Para que entenda a vida que levo e as consequências dela para alguém que decidir estar ao meu lado. A decisão é sua: quer ficar comigo ou que eu a leve de volta? Se escolher a segunda opção, Priscila, dou a minha palavra de que nunca mais a procurarei.



Capítulo 17

Priscila

O peso de suas palavras, a intensidade do olhar, a postura rígida do corpo... ao meu lado há um homem como nunca conheci. Honestamente... não sei o que pensar, aliás, quando o assunto é Gael, isso está se tornando frequente. Sabendo de tudo o que sei agora, tomar uma decisão é muito complicado. Por um lado, tenho de levar em consideração que o que sinto é mais do que simples atração física, embora ainda não saiba exatamente o que; por outro, não posso ignorar o fato de que ele está matando pessoas numa caçada mortal.

O que difere um justiceiro de um assassino? Numa visão romantizada, a resposta poderia ser, talvez, o ideal. O ideal de punir os covardes que tiraram a vida de duas crianças inocentes e de uma jovem que tinha muita vida pela frente, sentenciada por buscar a verdade sobre o desaparecimento de alguém que amava. Observando o ponto de vista de Lara, se algo acontecesse às minhas irmãs, pois é assim que considero Júlia, Alice e Katarina, sinceramente não sei o que faria. Ou talvez eu saiba. Sim. Eu caçaria o culpado até o fim do mundo.

A certeza vem arrepiando os pelos dos meus braços. Por elas, eu seria capaz de matar. Acho que não sou tão diferente desse homem, no final das contas.

— E então? — a voz dura não espera por mais reflexão.

Minha cabeça de repente passa a girar. É como se eu tivesse de tomar uma decisão aqui e agora: se quero abrir mão do pequeno pedaço de minha alma que ainda restou ou se volto para a vida que eu tinha antes dele, uma que me parece muito distante.

Lambo o lábio inferior e o sugo por alguns instantes.

— Eu não sei o que dizer, Gael — respondo em tom baixo, franca.

Não preciso fitá-lo para saber que aquela sombra fria está de volta aos seus olhos.

— Basta dizer se você quer ficar comigo depois de tudo o que acabou de saber ou não, Priscila.

Nem a respiração mais profunda é capaz de acalmar algo dentro de mim

que se vê muito perto de perdê-lo... ou, se a escolha for outra, *me* perder.

— A verdade é que você é diferente para mim... — perdida, vou expondo meus pensamentos sem filtrá-los. — Antes de te conhecer, eu me sentia incapaz de me prender a alguém. Mas você... que droga, você simplesmente não sai da minha cabeça, me faz sentir estas... estas *coisas* que me apavoram e ao mesmo tempo me fazem querer ir fundo, saber até onde pode dar.

Gael praticamente grunhe, um som exótico, feral.

— E agora simplesmente revela que é um assassino, que mata pessoas...

— Faço justiça — interrompe-me.

— Sim, justiça *matando* pessoas. Será que tem mesmo uma diferença?

— O que acabei de dizer sobre eles terem *assassinado* minha família não significa nada para você, Priscila? Eles jogaram duas crianças em uma vala, por cima do corpo de minha irmã. Me diga honestamente, o que faria? O que faria se as pessoas que ama fossem brutalmente tiradas de você?

Mordo fortemente o lábio, impedindo o tremor.

— Eu não sei... — ante minhas palavras, ele bufa, um som cheio de escárnio. — Provavelmente eu faria a mesma coisa.

E ao ouvir isso, Gael se cala e me olha fixamente. Faço o mesmo, tiro meus olhos do chão e os finco nos seus, ásperos, rudes, ferozes.

— Eu mataria por aqueles que amo, Gael. Mataria também.

Continua mudo, concentrado em mim.

— Mas as coisas não são tão simples. Não posso fechar os olhos e saltar no escuro para a vida que você escolheu... simplesmente não posso.

— Quando você diz “saltar no escuro”, o que significa? — exige.

— Significa que... — meneio a cabeça, tentando encontrar o sentido — que não te conheço, não sei quem é e do que é capaz para ter essa sua vingança.

Ele faz um abrupto movimento de afirmação.

— Muito bem. Se isso te ajuda em alguma coisa: sou capaz de tudo.

Arfo ante a brutalidade fria.

— Mas jamais firo pessoas inocentes. Jamais.

E arfo mais uma vez, quase de alívio.

— Um anjo vingador — sibilo mais para mim do que para ele.

Ele ri sem qualquer vestígio de humor.

Penso um pouco em tudo, em como minha vida era antes dele, em como me sinto ao seu lado. A cabeça chega a doer. E então me concentro completamente

nele, aqui, diante de mim, para uma questão que talvez seja a mais importante:

— Se eu aceitar ficar ao seu lado, em que isso implica?

Gael absorve e reflete as palavras com muita seriedade. É um ponto a seu favor, visto que não solta palavras ao ar imediatamente apenas para me convencer.

— Que entenderá minha dor e respeitará o que eu faço por mais que não concorde. Não quero fingir ser alguém que não sou e não desejo enganá-la. Estamos falando de jogo aberto.

No alvo.

— Por que eu?

— Porque você mexe comigo. Devolveu um tanto de vida ao meu corpo. Porque gosto de você, *Krasavitsa*, e a quero ao meu lado.

Meu coração (que se mostrou incrivelmente tolo nas últimas 48 horas) bombeia com mais emoção. Ignoro-o e faço as perguntas que preciso:

— Eu serei, de alguma forma, atingida por seu estilo de vida?

— No que depender de mim, não. Eu a protegerei e te faço uma promessa de que será assim.

Acredito nele. É loucura, mas acredito.

— Quanto tempo durará sua *missão*? — escolho a palavra com cuidado.

— Falta pouco.

— Pouco quanto?

— Estou atrás de apenas mais duas pessoas, e tudo estará acabado.

Coloco os pés no chão, sento-me mais ereta, considerando tudo o que dissemos. Subo os olhos para o quadro acima da lareira crepitante mais uma vez, fito cada um deles ali, a começar pela menina de sorriso doce, uma princesinha de olhos azuis-turquesa encarando a câmera com a alegria inocente de uma criança. Depois o garoto, pequeno e orgulhoso ao lado do pai, uma réplica da expressão intensa, mesmo tão pequeno. E então Gael, mais jovem, com sorriso sincero, protetor, feliz. Eu gostaria de uma família como essa, gostaria de um dia ter esse tipo de amor que percebo refletido nele, embora saiba que esse homem nunca será assim novamente. A vida o mudou. Assim como ela me mudou também. Tirou-nos a esperança.

— Onde está a mãe deles? — minha voz é neutra de emoções, embora elas se agitem dentro de mim em turbilhões.

Acho que ele não esperava essa pergunta, mas ela não o abala. Sua atenção também vai para o quadro.

— Foi caso de uma noite, somente. Ela me procurou alguns meses depois para contar e pedir ajuda para tirá-los. — Ele nega com um estalo de língua. — Como se eu fosse permitir que meus filhos fossem abortados.

Escuto com atenção a informação, que revela um pouco do caráter dele e me faz sentir certo enternecimento.

— Eu a levei para a casa dos meus pais durante a gravidez, assumi a responsabilidade de criar meus filhos sozinho, caso ela realmente não quisesse nenhum contato com eles, como afirmava. Ela aceitou. E foi até o fim na decisão de abrir mão deles. Ela nunca quis ser mãe e foi honesta sobre isso.

Voltando-se para mim, Gael torna a me fitar com suas íris extraordinárias, de modo penetrante, inquietante até, exigindo uma resposta.

É chegada a hora de eu me decidir.

— Gostei de que tenha me trazido aqui. De verdade — começo. — Não gosto de mentiras, omissões ou seja lá como as pessoas nomeiem o fato de esconderem partes de si que podem revelar muito sobre quem são. Então obrigada por isso.

Sua testa se franze, como se estivesse desconfiado de aonde quero chegar, mas comenta mesmo assim:

— Não me agradeça; como eu disse, jogo limpo — com essas palavras, recebo o primeiro toque de seus dedos em mim, deslizando por meu rosto, pescoço. — Não recue agora. Você não é uma covarde, Priscila. Ambos sabemos disso.

— Mas também não sou insensata, Gael. Sei o que está querendo de mim. Posso dar a você uma parte e apenas isso. Você sabe que guardo... *coisas*. E elas moldam a maneira como enxergo o mundo, como vivo. Você realmente acha que funcionaremos bem juntos?

O sorriso... ah, o maldito sorriso, é ele quem clareia tudo, inclusive minha mente, a ponto de tirar-lhe qualquer defesa.

— Acho que somos perfeitos um para o outro, menina.

O pior é que eu também sinto isso. Dentre todas as pessoas certas, é justamente ele, o errado, a ser o par imperfeito para mim, de um jeito... perfeito.

— Há mais coisas que eu precise saber?

— Nada relevante — responde ainda sorrindo.

Jogo o cabelo para trás, mal acreditando que estou me encaminhando realmente para isso.

— Ok. Vamos tentar e ver no que isto dá.

Então todas as minhas defesas e pensamentos coerentes simplesmente caem por terra quando, num movimento súbito, ele me puxa para seu colo e enfia a língua na minha boca, beijando-me com raiva, com alívio, com um querer visceral.

O resto do tempo se passa embalado apenas por nossos instintos. Roupas são despidas, palavras de paixão são ditas. Corpos se envolvem aquecidos um pelo outro e pela lareira de chamas crepitantes. O sexo parece diferente hoje, mais necessitado, mais carnal, porém, como uma ligação profunda de sentimentos e juras. Verdadeiro, essa é a definição. Tarde demais, percebo a ausência do preservativo.



Capítulo 18

Priscila

Pisco sonolenta, recebendo os tímidos raios de sol que invadem o quarto do chalé aquecido também por uma lareira. Ao meu lado, Gael já está acordado, observando-me como se eu fosse uma obra de arte a ser admirada. Parece ridículo dizer isso, mas nunca ninguém me olhou assim. A bem da verdade, há muitos “nunca” na minha vida antes dele.

Como se atraída por imãs nas pontas dos dedos, toco seu rosto macio, com a barba não feita de alguns dias. Gael é lindo. E isso ainda me surpreende muito. A ferocidade de cada pequeno pedaço dele é linda. Sobrancelhas fortes que se arqueiam como se comandassem o mundo; olhos vivos e desafiadores; nariz retilíneo e bem projetado, semelhantes aos de figuras romanas importantes da história; lábios volumosos e firmes, prontos para se abrirem e decidirem o destino de alguma pobre alma. E o queixo, algo que eu nunca reparei em um homem, é esculpido na medida para completar a obra da perfeição masculina.

Até poucas horas, eu me perguntava o que esse cara viu em mim, além da aparência física, que o levou a me querer dessa maneira tão primitiva. Sou bonita e, por vezes, odiei ser, culpei a beleza por toda a dor que me trouxe. Também tive certa raiva dos homens com quem já saí, que me queriam apenas pela fachada exterior, sem nunca olhar de verdade para a escuridão dentro de mim. Se a olhassem, sairiam correndo. E acho que é justamente isso que torna Gael diferente de todos eles. Antes eu não entendia, mas agora o faço. Esse homem é capaz de enxergar a escuridão em mim e compreendê-la. Essa é a nossa ligação.

— No que você está pensando, *Krasavitsa*? — o timbre agradavelmente rouco me atrai para ele.

Por não querer nada além da confortável paz, decido levar a conversa para outro rumo.

— O que significa *Krasavitsa*? — indago baixinho, ainda com vestígios de sono.

Ele sorri, e meu coração sente isso como uma carícia.

— Linda. Beleza. *Krasavitsa* é isso.

— E *yeb vas*? — Levanto uma sobrancelha.

Imagino que não seja muito bom, pois ele normalmente o diz quando está exasperado. Sorrateiramente, o russo terrível faz uma carícia na linha do meu colo.

— *Yeb vas* é o que vocês chamam de *foda-se*.

— Hum, um garoto de boca suja, hein?

Inclino-me apoiada no cotovelo e, sem pensar, roço um beijo suave em seus lábios poderosos.

Nunca imaginei ter esse tipo de intimidade com alguém, tocar, fazer carinhos desprendidos, conversar abertamente. É tão surpreendente quanto assustador. Desde que eu tinha 17 anos, tudo o que fiz foi me fechar dentro de paredes altas, e de repente um sujeito vindo da Rússia, capaz de escalar as paredes obstinadamente, surge.

— Você ainda será minha ruína, sabia? — comento retoricamente.

Sério, porém tranquilo, ele nega.

— Serei sua salvação. Assim como você, a minha.

Faço uma careta.

— Você sempre foi assim... determinado?

A risada rouca é maravilhosa.

— Teimoso, é o que eu acho que você gostaria realmente de dizer. — Ele enruga os lábios, deliberando. — Mas, sim, acho que sempre fui. Sou o filho homem de uma família tipicamente russa; você pode fazer uma ideia.

“Tipicamente russa”.

— Sabe, uma vez vi num documentário que vocês, gringos daquele país, bebem demais e brigam à toa. — Sussurro a próxima parte como se estivesse compartilhando um segredo: — Falaram que todo o álcool é para combater o frio.

Gael joga a cabeça para trás no travesseiro e ri com mais vontade.

— Lenda, *Krasavitsa*. Tudo lenda. Mas não nego, gostamos de nossas bebidas fortes. Meu pai antigamente fazia a própria vodca para ele e seus amigos.

— Hum... — Observo-o melhor. — Onde estão seus pais?

O vestígio de humor ainda permanece em seus lábios antes de responder, porém, noto certa tristeza.

— Lá.

Arrependo-me de quebrar o clima leve.

— Eles nunca se recuperaram da morte da única filha mulher e dos netos.

— Eram somente você e ela?

Confirma com um aceno simples. Permaneço pairando sobre ele, mas levo uma mão ao seu peito, sobre o coração e o acarinho ali. Talvez esta seja minha maneira de tentar tirar a dor dali.

— Foi complicado para todos nós... Meus pais sofreram muito.

Sei que o que estou prestes a questionar pode ser mal recebido, mas não posso evitar.

— Você não pensou em ficar com eles, cuidar de seus pais em vez de...

Noto o movimento de engolir que move a região de seu pomo de adão. É provável que esteja insatisfeito com a pergunta.

— Eu não conseguiria ajudar ninguém a superar até que eu mesmo conseguisse passar por cima disso. E só vou conseguir quando eu finalizar o que comecei.

Claro.

Dou outro beijo cálido em seus lábios ao sussurrar com nossas bocas coladas:

— Desculpe por ser tão invasiva.

— Tudo bem — Gael também sussurra, sem me afastar. — Agora é a minha vez.

Congelo rapidamente e abro os olhos.

— Sua vez de quê? — inquiri recuando para enfrentá-lo.

— Saber mais sobre você — responde me cercando com seu olhar forte e ao mesmo tempo suave.

Prendo a respiração.

— Gael...

— Sei sobre o que não posso perguntar, Priscila — assegura meu direito, apesar de ainda não digerir a proibição. — Não vou quebrar suas regras.

Assinto com a cabeça.

— Onde está seu pai? — é o primeiro questionamento.

— Ele deixou minha mãe quando eu ainda era muito pequena... — Desvio-me de seus olhos e encaro um pedaço do travesseiro em que ele está. — E eu nem o culpo. Minha mãe é difícil.

— Seus irmãos? — segue o interrogatório.

— Não tenho nenhum irmão.

Ele toca meu queixo e amenamente inclina meu rosto para encará-lo. Sua expressão é, além de interessada, preocupada.

— Quem cuidou de você além *daquela mulher*? — sua repulsa por minha mãe não é mascarada.

— A mãe de Alice, uma de minhas melhores amigas, me ajudou muito quando eu precisei. E tenho essas garotas, Alice, Katarina e Júlia, que são como irmãs para mim, e agora Gabrielle — falo orgulhosa.

— Você morou com ela, a mãe da sua amiga?

— Não... eu morava com a Elizabeth.

Vejo a nebulosidade com que ele escuta o que estou dizendo e, pelo jeito, já imagina como foi viver com aquela mulher.

— Quando vai me dizer o que aconteceu com você? — lá vem, direto ao ponto.

Dissimulo a queimação na garganta com um pigarro. Contudo, enfrento-o.

— Nunca.

Gael apenas me observa longamente, por um tempo que parece nunca terminar, mas então recua. Nós já tivemos esta conversa, e ele sabe aonde isto vai nos levar. Com sorte, aprendeu a respeitar esse lado de minha vida.

— Vamos preparar alguma coisa para a gente comer? — sou eu a quebrar o clima, mudando de assunto.

— Eu preciso dar uma saída, mas não vou demorar. Enquanto isso, se você quiser, pode preparar nosso café da manhã. Antes, no entanto...

Rola nossos corpos. Quando noto, estou debaixo dele. Seu nariz vem para o ponto sensível atrás de minha orelha e o provoca. Estou ciente de que esse homem é obstinado e de que o fato de eu ter meus próprios segredos (depois de ele ter se aberto para mim) não é bem aceito. Todavia, não importa o quanto ele tente, esse assunto sempre será proibido.



Capítulo 19

Priscila

Foram três dias no chalé. Chegamos na sexta, e agora, início da noite de domingo, estamos dentro do jatinho voando para casa. Observando a escuridão no céu através da pequena janela, reflito sobre a estada. Não me arrependi da decisão de vir, ao contrário, sinto-me diferente, de um jeito... *bom*. Pude conhecer mais Gael, baixei também a guarda e revelei algumas partes de mim, o que é uma novidade, querer falar. Enfim, a viagem nos aproximou, trouxe a sensação de que nos conhecermos há mais tempo. E... me fez ter a confirmação de um sentimento muito, muito novo: estou apaixonada por esse homem. *Apaixonada*, palavra estranha. Sentimento estranho, o de querer rir, querer estar ao lado da pessoa, absorver seus olhares e sorrisos como se nada fosse o bastante.

Sobre as revelações feitas por ele, decidi não o julgar. Entretanto, também não quero me envolver. Vingança é uma escolha. Cada um de nós tem a liberdade de decidir o que fazer... e a benção ou maldição de ter de conviver com as consequências das decisões.

Olhando apenas para mim, lá atrás, quando minha mente e corpo eram mais sombrios, lutando por me recuperar, cheguei a cogitar devolver a maldita dor a quem me causou a mesma. A raiva era muito poderosa, ela estava em mim, em cada respiração, em cada partícula de sujeira impregnada na alma. Contudo, tive as pessoas certas ao meu lado, que aos poucos dissiparam parte daquela nuvem negra. Mesmo que elas nunca saibam o que vivi, Júlia, Katy e Alice foram vitais. O amor que eu sinto por elas foi crucial.

De todo modo, acho que a vingança não apaga o mal feito.

Tiro os olhos da noite para prestar atenção nas palavras de Gael para a torre de comando, pedindo autorização para pouso. Chegamos. Estamos de volta a nossas vidas, agora com algo novo entre nós.

Pego minha mochila de ombros e as sacolas com casacos, meias e luvas que o sujeito insistiu em comprar para mim naquele dia de manhã em que ele saiu sozinho. O primeiro presente que aceitei de um homem e chegou em boa hora.

Nossos passeios em meio à neve exigiam munição pesada. Se Punta Quilla não é o lugar mais frio do mundo, eu definitivamente não quero conhecer onde é.

Desembarcamos no mesmo local de onde partimos na sexta. Dois homens o esperam, prontos para recolher o jatinho ao hangar. Gael retira as sacolas de mim – insisto em ficar com a mochila – ao contornarmos o barracão em direção aos nossos... carros?

— Puta merda... — sussurro.

— O que foi?

— Roubaram meu carro, Gael...

Tiro os olhos da vaga vazia e o encaro, em choque. O que encontro em sua expressão me confunde. Curiosidade, humor e certo mistério. Inclino a cabeça meio de lado e presto mais atenção nele. *O que você tem a ver com isso?*

— Onde está meu carro? — a questão sai entre os lábios contraídos.

O infeliz tem o trabalho de esboçar um sacudir de ombros des preocupado.

— Mandei que o levassem.

— Para onde?

— Minha casa.

Paro de caminhar ao seu lado, obrigando-o a parar também.

— Como?

Ele arqueia a sobrancelha, interrogativo, parecendo não compreender a pergunta. Abro o zíper da mochila e retiro a chave, implicitamente explicando a questão ao balançá-la.

— Não foi necessário — diz simplesmente.

Meneio a cabeça, ciente do que significa “não precisar da chave”.

E, como um toque de magia negra, tudo passa a ferver dentro de mim, crescendo e crescendo mais e mais, feito uma bola de fogo que vem parar na garganta, tão forte e atemorizante que, por um instante, me cega. Aquilo. Aquela sensação de impotência, de alguém me tirando o poder de escolha.

Gatilhos. Malditos *gatilhos*. Nunca mudará! Não importa quantos dias de paz eu tenha, eles sempre estarão à espreita. Coisas que parecem bobas e pequenas para alguns, uma simples decisão do que fazer em meu lugar, para mim é o mesmo que me impossibilitar. É o mesmo que colocar as malditas cordas em volta dos meus pulsos outra vez.

— Me leve para pegá-lo, por favor — mal escuto minha voz distante, envolvida pela névoa tóxica enquanto volto a andar, deixando Gael para trás; não chego muito longe, no entanto. Dois ou três passos, e sou abruptamente

interceptada por sua mão em meu braço me trazendo de volta para encará-lo.

— O que foi?! — é um rosnado feral, interpretando minha atitude como um ato de rebeldia, provavelmente.

Lambo o lábio inferior e o mordo momentaneamente, mas não me deixo intimidar pelo brilho perigoso em seus olhos, agora escuros, tampouco pela rigidez em seu enorme corpo.

Estufo o peito.

— Não tome decisões por mim.

— É só um carro.

— Para você. Para mim é você passando por cima de mim como um rolo compressor.

Seu olhar incrédulo persegue o meu. Ele nunca entenderá. Nem eu posso compreender a cólera que se instala em mim de uma hora para outra, tão agressivamente que parece ter a capacidade de me quebrar ao meio.

Exaurida dela, esvaio uma respiração irregular.

— Só me leve para onde ele está. Eu realmente estou cansada e quero ir para casa. — Tento dar-lhe as costas novamente, mas sou impedida.

— Não aja assim comigo — sibila em tom frio. — Você está procurando uma desculpa para me afastar.

É isso o que ele acha. Quem poderia dizer que não, quando ajo como um cão raivoso de uma hora para outra?

— Não, não estou. — E então sinto um tipo de necessidade latente de lhe falar com franqueza, tentar explicar o inexplicável. — Não quero te afastar, Gael, eu juro. — Sacudo a cabeça e encaro o céu sem estrelas, buscando palavras que não me façam parecer uma louca, tal quando lhe dei um soco no nariz. — É possível que não entenda, mas, quando alguém me impõe uma situação, está me tirando o poder de escolha. Algo que representa muito, *muito* para mim.

Diante de minha honestidade, aquele maldito escrutínio afiado me sonda como uma ave de rapina em busca de algo, talvez apenas de confirmação. Vejo a ferocidade, a selvageria, o instinto de proteção e a determinação de quem vê na vingança um modo de justiça.

— Por Cristo! — grunhe ao derrubar a cabeça, sacudindo-a. — Eu mataria por você. Mataria.

No fundo do meu peito, eu sei que sim. É tão assustador quanto reconfortante.



Dentro do veículo de Gael, pego meu celular, que somente agora voltou a receber sinal. Nenhuma mísera fagulha de conexão surgiu enquanto estive em Punta Quilla. Tão logo entra na rede, vejo as mensagens das meninas, além de muitas chamadas. Droga. Estou certa de que estão preocupadas, e com razão. Manter a comunicação é um tipo de regra entre nós. Confiro, de esguelha, Gael, concentrado em dirigir. Não fará mal se eu apenas ligar para elas na frente dele. No entanto, a última barrinha de bateria acaba me deixando na mão.

— Acabou a bateria — resmungo.

— Há um carregador aqui. — Aponta para um compartimento no painel. — Carregue.

— Não, tudo bem. Daqui a pouco eu chego em casa.

Noto-o apertar o volante. Porém, não diz nada.

O caminho que toma é rumo ao bairro mais exclusivo e afastado da cidade, onde ficam as mansões dos verdadeiros milionários. Não me espanta que ele more aqui; para quem possui um jatinho como meio de transporte, é meio que esperado. Conforme subimos a rua estreita, reconheço, através das fotos que já vi na imprensa, a mansão do político Vincent Wine, um sujeito liso e com pinta de moço bem-intencionado, cheio de sorrisos e simpatia. Aprendi que esses são os piores e, justamente por isso, o cão escorregadio nunca terá meu voto, ao menos isso.

Quando Gael para em frente a uma casa muito, muito grande, qualquer outro pensamento de repente evapora. Nem mesmo controlo meus lábios, que se separam sutilmente.

— Você *mora* aqui?

— Sim — afirma num timbre frio, talvez rebatendo o meu tom de assombro ou acusação, não sei bem.

Deus tenha piedade! Não é uma “casa”, é um forte de guerra luxuoso. Ao passarmos pelos enormes e pesados portões de ferro, enxergo suas sentinelas em ternos escuros vigiando de todos os lados, armados e em posição de alerta para um combate iminente. Eu fazia ideia da dimensão de poder que esse cara tinha, mas aqui as coisas se tornam reais. Um mafioso, assassino e sabe-se lá o que mais, com todos os recursos de que precisa para sua vingança – ou a autorização autoliberada para matar em nome da *justiça*.

Não julgar. Foi o que me comprometi comigo mesma a fazer. Contudo, pergunto-me se não estou entrando em algo que me arrastará para situações muito ruins, que me tornará cúmplice de um criminoso.

Já nem sei. Para piorar, de repente sou assolada por um apertar desagradável nas têmporas.

Sei que Gael me estuda, silencioso, atrás de saber o que penso. Neste momento, não me importo em disfarçar, apenas massajeio a fonte da dor, querendo afastá-la. Preciso ir para casa, ficar sozinha um pouco e refletir sobre a bola de neve que me atingiu e parece crescer ao meu redor... embora a ideia de me afastar neste momento cause um incômodo profundo, quase melancólico. Rindo de mim mesma, percebo que o infeliz conseguiu o que queria: fincar raízes em um lugar intocável aqui dentro.

— Meu carro... — Lambo o lábio seco. — Ele está aqui?

Não responde por um tempo. Desconfortável, evitando-o, observo o gramado estendido até os degraus que levam a uma porta de entrada larga e alta. A fachada é muito mais bela e imponente do que aquela da boate de swing.

— Olhe para mim.

Desconfortável, respirando irregularmente, faço o que pede. Encontro-o calmo, até demais. Então acrescento, meio na defensiva:

— Preciso mesmo ir para casa. Tenho umas ligações a fazer antes que fique tarde.

O canto de seu lábio se curva sem vontade.

— Entre, ligue daqui — o tom de voz tranquilo não esconde o desafio, um teste, eu diria. Posso até ler a acusação implícita: “Fugindo. Você está fugindo como sempre, Priscila”.

Suspiro.

— Gael, amanhã preciso estar no trabalho cedo e...

— Eu a levarei de volta pela manhã.

Para cada coisa que eu disser, sinto que haverá um rebate. Gael não está disposto a me deixar ir. Trazer meu carro para cá possivelmente foi um meio de garantir isso. Honestamente, também não gostaria de me separar dele, voltar ao mundo real; ainda não.

Encaro-o, encaro-o *de verdade*.

— Você acha que estou pronta para fugir, não é?

— Não está? — Sorri, condescendente.

Balanço ligeiramente a cabeça, meio concordando, meio refletindo.

— Eu deveria... — Desvio os olhos para sua boca. — Deveria voltar para minha vida segura, onde posso controlar as coisas, cuidar de mim mesma como sempre fiz. Mas aí está você, virando minha cabeça, me fazendo querer sua companhia... aonde isso realmente vai nos levar, Gael?

— A nós dois juntos. E, depois que tudo isto acabar, continuaremos juntos.

O pulsar na cabeça aumenta, como também aquele furor juvenil no estômago, que somente esse cara é capaz de criar.

— Um passo de cada vez. Vamos dar um passo de cada vez — digo mais para mim mesma do que para qualquer outra pessoa.

Semicerrando levemente os olhos, criando uma ruga no cenho, ele eleva o queixo como quem tenta compreender o que eu disse... ou tenta me intimidar.

— E o que, exatamente, isso quer dizer, *Krasavitsa*?

— Que vou ficar.



Capítulo 20

Priscila

O interior da casa é um pequeno palacete. Os cômodos para os quais ele aponta pelo caminho, antes de subirmos a escada, dão uma ideia do tamanho do imóvel e o luxo na decoração do lugar, a começar pelo lustre, no hall, preso ao teto alto. A primeira sala de estar, logo na entrada, apesar de conter cores quentes, remete a uma frieza intocável, como se pouco fosse utilizada. À direita há um escritório com portas duplas de correr, móveis grandes e robustos, poltronas de couro preto, uma parede tomada por livros. Mais afastado tem-se um vislumbre de uma cozinha ao estilo industrial, e, pelo seu tamanho, tenho a noção de que muitas pessoas frequentam o local. No geral, tudo neste primeiro andar é grande e sofisticado. Pergunto sobre a escolha da decoração, e Gael revela que comprou o imóvel com tudo o que tinha dentro, há dois anos.

No andar de cima, há duas direções. Ele informa que, à direita, ficam os quartos de hóspedes e a sala de televisão. À esquerda há apenas uma porta. Passamos por ela e entramos numa antessala. Continuando, há outras duas portas. Ele abre uma delas, e encontro um closet amplo, com armários com luz embutida, dezenas de ternos pendurados em araras elegantes, um espelho grande, gavetas, armário para sapatos, enfim, completo. A outra porta se abre para a suíte enorme, com uma cama king size provavelmente feita sob medida, ou seriam duas delas emendadas, a contar pelo tamanho. Cortinas do chão ao teto, semiabertas cobrem uma parede de janelas extensas com vista para o jardim. O banheiro é um cômodo amplo, preenchido pela banheira exuberante de hidromassagem, mais à frente um chuveiro central em cascata, rodeado por paredes de vidro.

Tudo aqui é feito para impressionar, mesmo que o gringo não exiba qualquer emoção em relação ao fato de viver num palácio. Talvez sua vingança o tenha tornado uma máquina concentrada na missão.

Sentindo-me subitamente pequena, oprimida pela opulência, sento na beiradinha da cama, abraçada à mochila. Gael está do outro lado, recostado à parede, fitando-me com a intensidade costumeira, desvendando-me, prevendo meus pensamento e próximos passos. E as coisas entre nós são assim: um está

sempre observando o outro com desconfiança, curiosidade ou uma necessidade sexual avassaladora. Quem poderia prever que a paixão faz isso com as pessoas?

— Você pode me mostrar onde há uma tomada? — Quebrando o contato visual, abro o zíper da mochila e retiro o celular e o carregador.

— Ao seu lado. — Aponta com o queixo. — Na gaveta.

Tomada na gaveta? Curiosa, abro-a, e a bendita se ilumina. Uma tomada está embutida nela. Engato o carregador, conecto-o ao aparelho e o ligo. Assim que o celular vem à vida, dispara em minhas mãos, tocando. Pega de surpresa, quase o derrubo antes de encontrar o nome de Katy na tela. A garota parece prever o momento.

Sorvo uma inspiração corajosa, lanço um olhar de esguelha para Gael uma última vez e atendo.

— Ei, garota...

— Mas que raios está havendo, Priscila?

Priscila. Por seu tom, um misto de irritação e alívio, sei que ela está chateada.

— Desculpe, Katy. Fiz uma viagem... — Volto a espiar o homem, prestando toda a atenção em mim descaradamente, antes de continuar: — À trabalho, de última hora. Meu celular acabou ficando sem sinal.

Penso ouvir um grunhido do outro lado do quarto, mas não me atrevo a conferir.

— Puta merda! — ela reclama, frustrada. — Não podia ter avisado, Pini? A gente ficou preocupada, droga!

— Eu sei, me desculpe. Fui pega de surpresa também.

Nenhuma de nós diz nada por um instante. No entanto, sou eu a tentar amansá-la, colocando-me em seu lugar.

— Sério, gata. Você sabe o quanto isso é importante para mim, eu realmente não *esperei* que fosse ficar sem sinal — e essa parte é uma indireta para ele. — Fui na sexta e já estou de volta.

— Foi para onde? — questiona desconfiada.

Garota esperta. Droga!

— Conhecer o local de um cliente — baixo a voz, desejando que ele não pudesse ouvir. — Era meio longe. Amanhã eu te conto tudo certinho.

— Não se incomode. Estou passando aí.

Ha. Quase posso visualizar seu semblante determinado.

— Katy, é sério. Acabei de chegar, garota. Me dê uma noite de descanso e jante lá... *aqui*, jante aqui amanhã. Vou chamar as meninas.

Repentinamente mudando o tom para o de uma felina adorável, ela ronrona.

— Você não está escondendo alguma coisa de mim, está? Porque, garota, é o que parece.

Nervosa, dou uma risada.

— Essa voz adorável foi meio bizarra, Katarina — provoco. — Agora preciso de um banho e cama. Nos vemos amanhã?

— Se você diz...

Reprimo um revirar de olhos. Contudo, entendo-a. Somos uma família e nos preocupamos umas com as outras.

— Desculpe, irmã. Eu deveria ter ligado, mas realmente não consegui.

— Você está bem? Bem mesmo?

— Estou. Eu juro.

Ela expira ruidosamente, recuando.

— Cheguei a cogitar ir atrás daquela velha imbecil.

Minha mãe. Suspiro.

— Eu a cortei definitivamente da minha vida, Katy. Mas amanhã te conto tudo.

Ao desligar, fico com aquela sensação de ser uma fraude, a mesma que sinto quando minto para elas – nunca por outro motivo, apenas quando não estou bem e finjo estar... mas a mentira em si me deixa ainda pior.

Sob o escrutínio silencioso do gringo, retorno as ligações de Alice e Júlia e dou a mesma justificativa dada a Katy. Enfrento também suas reclamações e combino de jantarmos todas juntas em meu apartamento amanhã à noite. Entre uma ligação e outra, apenas peço compreensão a Gael com um encolher de ombros. Por fim, digito uma mensagem para Gabrielle, fazendo o convite.

E então estou pronta para enfrentar meu destino, prevendo que minha conversa com as meninas, sobre a parte de Gael ser um cliente, não caiu bem para ele. Gael é como um livro aberto quando quer ser. Não é necessário palavras para expressar o que pensa, apenas um olhar; aquele olhar mordaz, feroz, queimando feito uma fogueira silenciosa.

— Desculpe — e ambos sabemos por que estou dizendo isso.

— Eu não sabia que eu era seu segredo.

Pronto. Justamente como pensei. No tom frio, inexpressivo está tudo o que

ele pensou enquanto me ouvia.

— É complicado... — Levanto o queixo. — Eu não podia dizer por telefone.

Poderoso em seu palácio, ele retira dos bolsos da calça as mãos postas casualmente ali e cruza os braços sobre o peito largo.

— Mas contará amanhã, no tal jantar?

Ambos sabemos que a resposta para tal pergunta é “não”. *Ainda não.*

— Elas são minha família. Eu nunca — gesticulo com a mão entre nós — me envolvi com ninguém antes dessa forma, acho que prefiro manter isso para a gente, pelo menos por enquanto...

Até dar tudo errado e voltarmos para nossas vidas, uma voz irritante cochicha no meu ouvido, a consciência, talvez.

— Sabe o que penso? — o timbre mais duro, mais passional estremece a base de minha coluna. — Que você está à procura de um motivo para se arrepender. E, se não falar, não contar a ninguém, então será como se nunca tivesse acontecido. Estou enganado?

Sinto-me encolher.

— Tô me acostumando com a ideia de ter alguém, de estar atraída por um cara que acabei de conhecer.

Um tipo de riso de escárnio escapa de seus lábios comprimidos numa linha rígida.

— Não tem de se *acostumar* comigo. Não é o que eu quero de você.

— E o que quer de mim?

Tenho a resposta nas turquesas crepitantes e profundas.

— Que *queira* estar comigo.

O que diz entra em minha pele feito lâminas afiadas. Esse homem está se entregando abertamente, sem maquiar ou dissimular seus sentimentos. Sem joguinhos. Gael é objetivo e não se esconde.

Então, como se, de repente, estive esgotado por tentar me fazer entender, ele recua, deslizando os dedos pelo cabelo grosso.

— Vamos tomar um banho, comer alguma coisa. Você precisa descansar para o trabalho amanhã. — Afasta-se da parede e caminha em direção à porta. — Se preferir, eu te deixo sozinha para... fazer mais ligações.

Apesar da acidez da última parte, percebo o quanto, para ele, é importante ter uma confirmação sobre nós. Alguém tão controlador e focado precisa sentir a solidez de um terreno. É quase como eu preciso de liberdade.

Limpo a garganta.

— Eu quero estar com você, Gael, não vê? — começo em tom mais baixo. As palavras o fazem parar. Suas costas rígidas se movem como se ele absorvesse uma respiração mais profunda. — Gosto de você. — Levanto-me devagar. — Acho que só estou tentando preservar algum pedaço de mim para quando...

— Quando...? — Por cima dos ombros, ele me encara, intenso.

— ...isso acabar. — Engulo em seco, aproximando-me. — Quando percebermos que somos muito diferentes. Quando *you* se der conta de que sou uma pessoa complicada demais.

Isso tem o mesmo efeito que esbofeteá-lo, pela expressão de dor e incredulidade em sua face. Entretanto, Gael gira completamente de frente para mim e, num ato primitivo, abraça-me forte, envolvendo-me num casulo dentro dos poderosos braços sob o suéter preto.

— Fodam-se as complicações ou as desculpas que invente para nos afastar. Quero você, Priscila. Por inteiro... Porra, quero cada parte de você!

Elevo o queixo, mergulhando nas turquesas tão penetrantes e ferais que assustam.

— Tenha um pouco de paciência comigo — peço com a garganta embargada.

O homem apenas sorri daquele seu jeito enigmático.

— É o que eu mais tenho, *Krasavitsa*. — Seus dedos deslizam pelos meus cabelos. — Venha, vamos tomar um banho e descansar.

Mordo a parte interna da bochecha e assinto. Nunca me imaginei querendo tão fortemente que algo funcione como agora. Mesmo com todo o medo, basta eu fechar os olhos para perceber toda a força do que estou sentindo, e é isso o que me apavora.

Tendo a mão atrelada à minha, Gael nos leva para o banheiro. O espaço, antes enorme, torna-se pequeno diante da necessidade que nos envolve feito nuvens de fumaça. Deslizo a camiseta para fora e em seguida tiro os jeans. Estou tremendo e ansiando por uma conexão que só sinto em seus braços. Uma tão profunda que acaricia a alma, levando a sujeira embora.

— Gael... — sussurro num fio de voz trêmulo, sem renegar o desespero.

Ele sabe do que preciso, a ferocidade estampada no dilatar das narinas retilíneas, o modo como seu pomo de adão se move demonstra isso.

— Priscila... — rosna num timbre grave e baixo.

Assisto-lhe arrancar suas próprias roupas e, em dois largos passos,

aproximar-se de mim, dominando o ambiente. Ele desliza a alça do meu sutiã, deixando meu ombro livre e planta um beijo ali.

— Tão quente... — ele rosna. — E doce...

Suavemente desconecta o fecho do sutiã e o retira de mim. A peça cai acariciando meus braços e barriga.

— O que quer que eu faça com você, minha menina?

Suspiro de modo entrecortado. Quero que ele me lave a alma, que arranque de mim toda a dor, a sujeira, a vergonha. Que me faça me sentir amada, desejada por quem eu sou e não pelo que vê em meu exterior. Quero que me faça esquecer o que deformou meus seios, cravando marcas tão horrendas e profundas.

— Me ame... — é a primeira vez que uso essa palavra. Ela me choca, traz pavor e alívio absurdamente assustadores.

O gemido gutural em seu peito ecoa pelo amplo banheiro, animalesco. Gael, então, planta um beijo logo abaixo de meu pescoço, no fosso, lambe o local num percorrer de língua tão sensual que amolece as minhas pernas. E então a língua desce, lenta, torturante, até o vão entre os seios. Expiro irregularmente, fazendo com que os seios subam e desçam. Ao sentir a boca quente contra o mamilo, eu me perco, emito um palavrão entrecortado.

Ele ri, uma risada rouca, gostosa, contra a minha pele. E então sua mão desce por meu estômago, umbigo, entrando dentro da renda da calcinha. Não me importo com quem eu sou ou quem ele é; eu o desejo tão intensamente. Quando seu toque encontra meu centro, eu gemo, pois cada pequeno fragmento do corpo o sente, mesmo a alma o sente. Minha umidade o faz também reagir. Morde meu seio delicadamente, sorrindo. E, neste momento, percebo que, aqui com ele, não importa quem eu sou ou o que fizeram comigo. Aqui sou somente sua, sua amante, sua outra parte, dou-me a ele de uma forma que eu nunca daria a ninguém.

Escoro as mãos contra a pia atrás de mim, mas logo invado seus cabelos negros com os dedos, conforme ele me penetra com os dedos. Os fios grossos, ainda com o cheiro do xampu dessa manhã, espalham-se sedosos. Quando sente que estou pronta, Gael me levanta no colo, gira nossos corpos com habilidade e me empurra contra a parede de vidro do chuveiro, no centro do banheiro. Os dedos são substituídos por seu membro ao afundar-se em mim dolorosamente, mesmo eu estando muito molhada. E me estoca profundamente, ferozmente, de uma maneira que somente ele é capaz. Estou pendurada nele, esmagada, subjugada e quero mais. Mais dele, mais desta Priscila que sou em seus braços.

Deus, eu quero tudo! Tudo *com ele*.

Como se escutasse meu pedido mental, o homem, ainda comigo em seu colo, pouso-me sobre a bancada da pia de cuba dupla.

Imobilizando meu rosto, os olhos cruéis, afetados vão do meu rosto para os seios, sobre as cicatrizes. Sinto o estômago revirar, empurrando a excitação para o lado. As marcas não são discretas ou suavizadas. Basta um olhar, e qualquer um imagina como foram forjadas. Levei anos para aceitar que estão aqui e em que situação foram causadas. Eu tinha nojo de olhar para o meu corpo, nojo de mim, vergonha, medo de que alguém as visse. Escondê-las das minhas amigas foi o mais difícil; tive cuidados redobrados. Meus biquínis são todos fechados na parte de cima, e, na maioria das vezes, uso maiôs. Quando quero usar um decote, passo maquiagem por cima delas, somente para ter certeza de que não serão vistas. Na intimidade, diante de homens, poucas vezes me despi sob a luz, mas é claro que alguns já as viram, e foi então que criei a regra do “não pergunte”; com ela, nunca tive grande problema. Transas ocasionais têm sua vantagem.

No entanto, agora, *ele* as observa como se esperasse uma resposta. Resposta que não quero dar. Não posso sequer tocar no assunto outra vez. Eu enterrei aqueles dias; contando, eu os reviveria.

— Por favor — sibilo, implorando para que o encanto não se quebre, para que ele continue me amando.

— Não hoje. Mas um dia — é um aviso simples, revelador.

Busco seus lábios para um beijo que o cale, que o faça esquecer o assunto. Gael o assume, como um macho liderando sua fêmea, dançando a língua lascivamente contra a minha. Suas mãos percorrem meu corpo, os quadris e param sobre a bunda, perigosamente perto demais do local intocado por ele. Contraio os músculos, porém, sentada esparramada como estou, não posso fazer muito. Ele ri contra minha boca. O dedo alisa a superfície fechadinha.

— Amo sua bunda — declara num timbre grave, deliciosamente macio, e recomeça o vai e vem dentro de mim, numa brincadeira maliciosa. — Quero entrar aqui. — Desliza o dedo sobre a região. Eu o sinto pressionar contra os músculos retraídos. — Agora.

A exigência tem um toque de possessividade, de punição, até. E, contra o que eu esperava, incendeia-me de dentro para fora, transforma o tesão em algo mais visceral, mais poderoso. Todo o meu corpo reage em resposta. Minha umidade escorre pelo granito branco gelado, o ventre se contrai como se pronto para explodir num orgasmo. Busco por um segundo de racionalidade para pensar sobre o assunto, para me decidir. Sexo anal não é algo que eu goste, acho que por ter doído nas raras vezes em que eu quis fazer... *quando pude escolher*. No

entanto, esse cara tem uma coisa tão primitiva, territorial que atrai meus instintos mais adormecidos e me faz querer mais.

— Então faça — aceitando o desafio, entrego-me de bandeja.

— Se eu colocar, menina — o dedo atrás de mim entra mais um pouquinho —, não vou conseguir sair. Gozarei dentro dele — avisa com um toque de perversidade.

Gael está incomodado com minha relutância sobre nós, com os segredos em torno de minhas cicatrizes. Ele não quer apenas meu corpo, quer me dominar por completo, capturar minha alma, deixar sua própria marca em mim.

Contrariando toda a racionalidade que possuo, eu o quero, quero que ele me marque.

— Goze. — Relaxo e contraio os músculos anais em torno de seu dedo ainda ali, num alerta do que posso fazer com seu pau. — Me coma até gozar.

A carta branca joga mais combustível na nossa chama. Em vez de sair de meu interior e reivindicar seu prêmio, Gael passa a me estocar feroz, violentamente. Morde a curva do meu pescoço enquanto se afunda até a base mais e mais até me fazer gritar seu nome. Quando um orgasmo explode em meu ventre, em minha coluna, até chegar à nuca, ele então me gira e inclina sobre a bancada da pia. Mole, abro as pernas para acomodá-lo. Utilizando minha própria umidade como lubrificação, ele se arrasta para a minha bunda, enfiando seu pênis inchado no meu ânus com firmeza, sem rodeios.

Em transe, absorvo a dor em meio aos espasmos. Mesmo afundando nesse lugar apertado, ele não me esquece, inclina-se sobre mim e massageia meu clitóris, estimulando outra explosão de poder.

— Você é minha! — ruge ao estocar mais fundo uma última vez e, como prometido, gozar bem ali. Não para até que a última gota seja despejada violentamente, enquanto urra meu nome.

Gael está me marcando muito mais profundamente do que ele sequer pode supor.



Capítulo 21

Priscila

— *Espero que valha os trinta paus que paguei — brincando, ele ajeita o topete com os dedos, arrumando o que já estava perfeitamente no lugar. Isso deve ser uma mania ou algum tipo de tique nervoso. — Você sabe, eu só comprei porque vocês vivem falando desses caras.*

— *Sei... — Sorrio, fingindo desconfiança.*

Ele para no degrau que leva à porta e olha para o chão, abrindo um sorriso charmoso.

— *Ok, tudo bem, admito que o som deles até que é bom, vai. Principalmente a faixa cinco.*

Jonathan está me convidando para escutar com ele, em sua casa, o novo disco dos Sliteboys, nossa banda favorita, mesmo depois de ter dito que os integrantes são gays e cantam mal há alguns dias.

Ajeito o cabelo atrás da orelha para ter certeza de que ele permaneça domado. Sou uma bagunça perto desse garoto. Ele é todo grande e forte, já tem 22 anos, enquanto eu ainda tenho 17 recém-feitos. Pratica esporte, tem esse sorriso com dentes desalinhados de um jeito charmoso. Seu cabelo castanho é brilhante, num corte moderno. Jonathan é todo estiloso e é um dos meninos mais bonitos do bairro.

Sim, admito. Tenho uma quedinha por ele, mas nada sério, ou nada além de uma coisa de menina. Nunca disse ou fiz nada a respeito. Nós nos conhecemos há menos de um ano, desde que ele veio morar nesta rua. Daniel, irmão da Júlia, foi o primeiro a conversar com ele e logo o trouxe para nosso grupo. Somos amigos desde então.

Quando piso na varanda, quase gemo em agradecimento pelo refúgio do sol escaldante de meio-dia. A temperatura hoje está insuportável, embora estejamos no comecinho do inverno. Meu vestido longo, feito de tecido leve, gruda em algumas partes do corpo, sobre o suor. Descolo-o da barriga, tentando refrescar a região. Esvoaçante e colorida, essa peça é uma de minhas preferidas... não que eu tenha muitas roupas em geral. Estou guardando a grana

que ganho como babá para pagar a universidade, pois sei que terei de bancá-la sozinha. Minha mãe não contribuirá, ainda que seu dinheiro saia da pensão paga por meu pai. No fundo, ela só não colocou as mãos na mensalidade escolar porque meu pai a paga diretamente à escola. Somente por isso consegui chegar ao último ano do ensino médio em uma boa instituição. O dinheiro não passa por ela, do contrário, seria gasto com mais futilidades egoístas.

— Vem, vamos fugir desse calor infernal. — Jonathan oferece a porta aberta de sua casa.

Subo um degrau, mas, antes de entrar, hesito.

— Poderíamos chamar a Katy, ela vai amar saber que você comprou esse disco. — Minha amiga é a mais maluca pela banda.

Jonathan sorri, gentil.

— Katarina está lá no parque com o Dani, ele veio passar o fim de semana em casa.

— Ah, é claro. — Lembro de Júlia comentar sobre seu irmão vir hoje. Dani está na faculdade e, sempre que pode, vem na sexta-feira e fica aqui até domingo à noite.

Entro, passando por Jonathan. Contudo, algo na maneira estranha como me olha faz um calafrio percorrer minha espinha.

Ouçó um clique e me viro para ele imediatamente.

— Por que trancou a porta, Jonathan?



— Priscila!

Argh! Eu te odeio, saia de cima de mim! Saia de cima de mim, seu monstro nojento! Eu te odeio!

— Priscila, pelo amor de Deus, acorde! — um comando forte explode na minha cabeça.

Eu me debato para me defender. Cordas puxam minhas pernas, imobilizam-nas.

Saia! Não toque em mim!

Estou presa outra vez. Choro de raiva, de desespero.

— Não toque em mim! — rasgo a garganta com um berro profundo quando mãos tocam meus ombros. É ele, empurrando-me contra o chão, esse maldito

monstro!

— *Krasavitsa*, acorde, sou eu. Sou eu. Estou aqui, acorde. Por favor, linda, sou eu.

Krasavitsa.

Gael.

Ele veio me tirar daqui.

— Gael... — choramingo, desesperada.

— Sim, sou eu. Estou aqui... — e não para de sussurrar palavras macias no meu ouvido, cada vez mais baixo.

Atordoada, tento abrir os olhos. Os cílios pesam pelas lágrimas, e, mesmo na escuridão, dou-me conta de que não estou na casa de Jonathan. O travesseiro encharcado de suor e lágrimas é vital para a compreensão. Nunca houve um travesseiro. Demora alguns instantes até que minha mente finalmente processe o ambiente, a voz, o corpo... Gael. Quero chorar, gritar por estar aqui assim, com ele me assistindo neste estado.

Tapo o rosto com as mãos. Ele se afasta. Um barulho, um clique, e então ele retorna para cima de mim; a luz do abajur foi acesa. Ninguém diz nada. Tento engolir um soluço e falho. E outro soluço de choro contido vem, e outro. Preciso sair daqui! Tiro as mãos dos olhos e me deparo com a visão do rosto de Gael enrijecido, traços mortificados, lábios contraídos, mas são os olhos, sempre tão intimidantes, que agora me quebram ao meio. Piedade. Vejo piedade neles.

Reviver os malditos dias em pesadelos não é o bastante; é necessário ter esse homem como testemunha.

Eu me odeio. Eu odeio Gael por me fazer querer ficar.

Tento me levantar; ele me impede.

— Se afaste — sussurro sem vida, apenas raiva de mim, totalmente de mim.

Preciso vomitar, gritar, encolher-me, tudo e nada que possa ser feito com ele aqui. Respiro de forma ofegante.

— Preciso ir ao banheiro — mal me ouço enquanto giro o rosto em sentido contrário ao dele; não posso encará-lo neste estado.

— Olhe para mim — pede num tom brando, baixinho.

— Por favor, Gael, agora não — imploro.

Por alguma razão, ele se afasta, pouco, mas o suficiente para eu jogar os lençóis presos às pernas para o lado e correr para longe. Entro no banheiro, trancando a porta atrás de mim. Só tenho força para deslizar pela parede fria e sentar no chão. Puxo minhas pernas, abraço-as e derrubo a cabeça, apoiando a

testa nos joelhos.

Quando esses malditos pesadelos vão me deixar em paz? Não basta eu ter vivido aquele inferno, ainda tenho de reviver cada detalhe? Aquele cheiro, seu corpo nojento, as amarras. Odeio tudo aquilo. Odeio ter entrado naquela casa, odeio que aquele cara tenha ido morar perto de onde eu vivia desde criança. Odeio que eu não tenha contado nada para as minhas amigas. Deus, eu não tenho mais energia para isso. Esses pesadelos... eles me deixam no limite.

E, se não fosse o suficiente, eu tinha de passar por isso em frente ao único cara com quem me importei até hoje, ampliando a vergonha e a dor.

Sentindo-me partida em pedaços, balanço o corpo, agarrada aos joelhos, para frente e para trás e choro baixinho. Não sei exatamente quanto tempo leva para eu sentir um mínimo de energia ou coragem para sair e enfrentar o que quer que me espere do outro lado dessa porta. Levanto-me, vou à pia que há algumas horas testemunhou a paixão de nossos corpos e encaro a pessoa no espelho. Loira, olhos grandes avermelhados e inchados que escondem íris verdes opacas, mortas. O rosto pálido lembra o de um cadáver, um reflexo do que há em meu interior. Respiro profundamente duas ou três vezes. Lavo o rosto, seco-o e então finalmente saio do banheiro.

Num primeiro momento não vejo Gael, mas o sinto. Por instinto, olho na direção da ampla janela, e ali está: Gael, vestido com um par de calças de moletom escuro, as mãos nos bolsos, o peito nu, descalço, apoiado ao lado da vidraça. A visão traz dor ao meu peito. O semblante cru parece furioso, perdido e... preocupado sob a luz que vem de fora. A vidraça reflete sua imagem, formando dois homens igualmente mortais. Corro o olhar para o céu, que está perdendo a cor. Daqui a pouco um dia novo atravessará a parede de vidro.

É hora de encerrar as coisas entre nós e me deixar ir junto da escuridão.

— Eu preciso ir para casa — minha voz é nada além de um murmúrio.

Ele se afasta da janela, mas não vem até mim.

— Volte a dormir — a ordem é dita numa voz grossa, rouca. Sinto-a na alma. Entretanto, é burrice permanecer aqui.

— Tenho de passar em casa e me trocar, o dia já está amanhecendo.

— Fique, por favor — a exigência dá lugar ao pedido, porém, ele não faz menção de se aproximar. Deve estar com nojo, assim como eu mesma estou.

Nego com a cabeça, desanimada, encarando minhas mãos.

— Não posso.

Seus ombros caem, derrotados. Sem me dizer mais nada, Gael se afasta do

quarto.

Este é o nosso fim. Ele não quer confirmar em voz alta, e eu não sou capaz de escutar, então um fim silencioso é o melhor para os dois.

Procuro minhas roupas e as visto de qualquer jeito. Retiro o celular da tomada, enfio-o na mochila, pego as chaves do carro e saio do quarto. No caminho, vou me guiando pela pouca luz, sem nenhum sinal de Gael. Quando já estou no andar de baixo, escuto um barulho estrondoso saindo de seu escritório. Pelo som, posso deduzir que é o de uma garrafa sendo arremessada contra a parede. O estilhaço de vidro e líquido caindo ecoam pelo espaço silencioso.

Acho minha própria trilha para a porta da frente, onde meu carro está magicamente estacionado. Entro, jogo a mochila ao lado, em modo automático, como um robô. Ligo o motor, engato a marcha e dirijo para o portão. Enquanto espero alguém da guarita o abrir, deixo minha cabeça cair no volante, sentindo o peito se comprimir ao ponto de impossibilitar uma respiração decente.

E finalmente os portões se abrem, colocando-me para fora. Poderia ser uma metáfora: os portões me colocando para fora da vida de Gael, uma decisão coerente tomada pelos dois: por um homem que não quer ficar perto de alguém destruído... e por uma mulher que não tem capacidade de ficar perto de um homem porque ela não passa de alguém devastado.

Um carro sai atrás de mim e me segue até em casa. Deduzo que Gael ordenou a alguém que me acompanhasse. Assim que entro na minha garagem, o veículo volta para seu caminho.



Capítulo 22

Priscila

Não sei como cheguei ao apartamento, mas aqui estou, na escuridão, indo direto para o quarto, lugar que é testemunha de tudo que eu escondo do mundo. E agora, para somar a toda a porcaria que gosto de sufocar e jogar embaixo do travesseiro, ainda há a inexplicável dor que estou sentido apertar meu peito.

No fundo, foi melhor assim.

Uma vez Elizabeth me disse que tudo o que ela desejava a mim era que eu pagasse pela vida fodida que ela teve desde que nasci, que eu fosse uma pessoa sozinha e infeliz como ela. E agora estou começando a acreditar que praga de mãe pega mesmo. Estou sozinha, de certa forma, e agora me sinto infeliz.

Elizabeth... a única pessoa que, tenho certeza, sabe o que aconteceu naquele fim de semana. A mulher que deveria ter agido como mãe quando viu sua filha chegar a casa, no domingo à noite, toda rasgada, ferida, ensanguentada, apavorada depois de desaparecida por três dias. Nunca vou esquecer aquele olhar debochado e superior me esperando na sala.

“Você não parece bonita agora”, ela disse.

Talvez minha mãe não saiba, mas sua atitude sarcástica terminou de me quebrar naquele dia. Beleza é tudo o que sempre importou para ela. Passou a vida gastando o que tinha e o que não tinha para se manter jovem e bonita e nunca foi capaz de amar de verdade. Viu, na única filha, uma rival.

Não quero acabar como ela; no fundo, no entanto, estou traçando o mesmo caminho, porque nunca serei capaz de formar uma família. Antes esse pensamento parecia razoável, agora soa doloroso.

Excepcionalmente sensível, choro até sentir os olhos ardidos e pesados. E, quando isso acontece, meu despertador avisa que é hora de encarar o dia.



Depois de manter algumas pedras de gelo no rosto, principalmente na região dos olhos, para desinchá-lo e carregar na maquiagem, subo nos saltos e me dirijo para a agência. Estou chegando com uma hora de atraso, mas liguei para Gabor avisando.

Passo pelos corredores e vou direto para a minha sala. Luana me aborda no caminho.

— Bom dia, Priscila — cumprimenta na sua voz delicada. Seus cachos loiros estão definidos, charmosos, emoldurando o rosto e a fazendo parecer um mulherão; mas os tênis All Star denunciavam seu espírito jovem.

— Bom dia, Lua, como foi seu fim de semana? — Guardo a dor, procurando não a transparecer. Contudo, não tiro os óculos escuros; eles revelariam meu estado péssimo.

— Foi bom, aproveitei para adiantar uns trabalhos da “pós”. E o seu?

— Bom também. — Sorrio com esforço. — Algum recado?

Ela morde a tampa da caneta.

— Nenhum recado, mas há um cliente te esperando em sua sala.

Encaro-a surpresa. Por que ela não o enviou para a sala de reuniões? Normalmente é lá que recebemos os clientes. Gabor faz questão de ostentar a decoração caríssima que ele investiu naquele lugar.

Antes mesmo de eu perguntar, ela responde:

— Gabor disse que ele podia te esperar aqui, Priscila, desculpe.

E, com isso, uma resposta me é dada. Há apenas uma pessoa a quem meu chefe estenderia uma cortesia assim.

— Não tem problema. — Por mera formalidade, faço a questão seguinte: — Você sabe o nome dele?

Ela morde de novo a ponta da caneta.

— É o senhor Gael Nik... — trava ao tentar pronunciar o sobrenome.

Faço um aceno de “tudo bem”, pois sei o quanto o sobrenome dele é difícil.

— Faz tempo que ele está aí?

— Desde as 8h.

Sibilo um “obrigada” e respiro fundo antes de dar os passos para a sala e empurrar a porta.

Gael está virado de costas, olhando pela janela. Este prédio e minha sala têm uma arquitetura um pouco antiga, as vidraças são divididas por pequenas estruturas de madeira, mas, de onde ele está agora, a vista é boa, dá para o lago

do parque. Às vezes fico exatamente ali, relaxando e pensando em alguma ideia para o meu trabalho.

Assim que escuta o barulho da porta, ele se vira lentamente, ficando de frente para mim. Como sempre, o homem está perfeitamente arrumado, num bonito terno cinza de três peças, gravata um tom mais escuro e a camisa um tom mais claro. O espesso cabelo está penteado, a barba por fazer já cobre parte de seu maxilar, e os olhos profundos se encontram rodeados por olheiras. Sua mão esquerda segura uma pequena pasta de couro e alguns papéis, acredito que para dar um aspecto formal a esta sua visita, e a direita está enfiada dentro do bolso da calça. Seu visual completo é o de um cara tranquilo, que está no comando de tudo e de todos, mas seus olhos são selvagens, tormentosos, procurando os meus com desespero.

Continuo com meus óculos de sol; não quero que ele veja o estado caótico em que me encontro.

— Bom dia, Gael — digo educada e profissionalmente. — Desculpe, eu não me lembrava de que tínhamos uma reunião hoje.

— Bom dia, *Krasavitsa*. Nós não tínhamos — responde baixo. Seu semblante está tão cansado quanto o meu.

E lá vem ele me chamando de *Krasavitsa* novamente, como se nada tivesse mudado entre nós. Suspiro. Meu peito dá uma martelada alta, emocionado, e minha garganta tem sua própria reação, queimando.

— Por favor, sente-se. — Aponto para duas pequenas poltronas que estão no canto próximo à janela.

— Eu não quero me sentar. Vim te buscar.

Estreito os olhos. Será que ele quer continuar fazendo o tour por suas boates? Esse homem não pode ter um pouco de compreensão e me dar pelo menos um dia de folga?

Sorvo o ar com dificuldade e decido retirar os óculos.

— Será que poderíamos fazer isso amanhã, Gael? — minha voz já não esconde o quanto estou lutando para estar aqui hoje, trabalhando.

Seus olhos perfuram os meus, e o desgosto de seu rosto não nega que estou uma bagunça completa.

— Fazer isso o quê, Priscila? — inquire pacientemente, dando-me corda para o meu próprio enforcamento.

— Conhecer suas boates, as que ainda não conheci? — indago, não tendo mais certeza se foi o que o trouxe aqui.

Ele deixa a cabeça se inclinar um pouco, estudando-me meio de lado.

— Eu vim te buscar para passar o dia comigo. Na minha casa, ou na sua, ou na merda de um hotel, onde você quiser. Estou com a cabeça explodindo, e você também não parece bem. Precisamos descansar — soa calmamente determinado. — *Juntos* — acrescenta para que não fique dúvida.

— Gael... — suspiro de novo, tentando interrompê-lo, mas ele não deixa.

— Nós não dormimos nada, e eu preciso de você, Priscila. Podemos fazer o que você quiser, dormir, passear, conversar... ou *não* conversar. Só venha comigo.

Minhas mãos tremem, o corpo dói, tenho a sensação de que estou ficando gripada.

— Não posso, sinto muito. Eu tenho trabalho a fazer aqui na agência e...

— Cancele — diz como se fosse uma decisão simples.

Todavia, não dá mais para misturar as coisas. Eu trabalho para ele e estou em horário de trabalho. Se fosse por mim, eu me renderia agora, porque, honestamente, deitar em uma cama e me aconchegar a esse cara é tudo o que eu mais gostaria no mundo. Chega a ser irônico.

Sabendo o momento de agir, Gael vem em minha direção a passos lentos. Seu cheiro único e a energia atraente o tornam uma droga viciante.

— Não... — suplico baixinho, não querendo que chegue tão perto.

Ele se recusa a me ouvir e continua se aproximando, até que sua mão quente toca a minha. O braço circunda minha cintura, trazendo-me para junto de seu corpo grande.

— Você é a única coisa no mundo capaz de acabar com esta maldita dor de cabeça que estou sentindo, *Krasavitsa*. Não me negue isso, não se negue a mim — ronrona, sedutor.

Por Deus, faz menos de cinco horas que saí da casa do homem, finalizando o que tínhamos, e suas palavras refletem exatamente o que estou sentindo. É uma sensação de doença cuja única cura é estar perto dele. Para onde isso vai nos levar? Ansiosa, dependente, é como me sinto.

E não consigo mais resistir, deixo a cabeça cair em seu peito, desfrutando do abraço, sentindo seu cheiro limpo.

— Gael — murmuro, sem saber mais o que está acontecendo na minha cabeça.

— Venha comigo. — Ele aproveita e dá o golpe final no meu bom senso, roçando seus lábios nos meus.

A sensação é insuportavelmente boa, familiar. É como estar em casa.

— Venha... — Prende meu olhar.

— Maldição, homem... — Ainda luto, mas, resignada, acabo cedendo. — Tudo bem. Eu vou.

Seu sorriso consome meu fôlego, uma prova de que, seja lá o que mudou em mim, tornou-me suscetível a ele em um grau que jamais julguei possível.

Sem hesitar ou me dar espaço para mudar de ideia, ele pega a minha mão na intenção de sair da sala.

— Espere — peço com o fiapo de racionalidade que ainda me resta. — Não podemos andar de mãos dadas assim — argumento. Contudo, percebo que ele se recusa a me soltar. — Por favor, não aqui.

Por alguns segundos sinto-o travando uma luta com o meu pedido.

— Tudo bem, vá em frente... logo todos saberão, de todo modo. — Insatisfeito, solta a minha mão, mas espalma minhas costas, conduzindo-me para fora.

Ardiloso.



Deixo meu carro na empresa. Gael garantiu que alguém entregará o veículo em sua casa (mesmo com as chaves permanecendo comigo). Estamos voltando para a mansão. Eu poderia convidá-lo a ir ao meu apartamento, mas um instinto egoísta de autopreservação me impeliu a evitar. Lá é meu espaço, um refúgio do mundo. Aprendi que ter um refúgio é necessário.

Saí de casa para morar sozinha muito jovem... na verdade, apenas alguns meses depois *daquele* dia. Ficar na mesma casa que Elizabeth e sendo vizinha daquele monstro estava se tornando sufocante além do que eu poderia suportar. Minha primeira casa foi o sótão de uma pizzaria onde trabalhei por um tempo. O lugar era claustrofóbico. Num mesmo cômodo minúsculo estavam o quarto, a sala e a cozinha, tudo dentro de um três por três, e havia um banheiro anexo que mal cabia alguém em pé, o chuveiro praticamente molhava o vaso sanitário, sem exagero. O cheiro de molho de tomate e de orégano estava impregnado por todos os lados. No entanto, ainda assim eu era indizivelmente mais feliz ali que na casa em que cresci.

Logo consegui uma bolsa parcial na universidade. Para me manter e bancar a outra metade da mensalidade, passei alguns anos tendo dois empregos. Durante

as tardes, eu estagiava por quatro horas em uma agência de publicidade; nas noites e fins de semana, dava turnos exaustivos na pizzaria. Quando meu estágio estava quase no fim, conheci Gabor, que me ofereceu um emprego em sua agência. O salário era muito além do que eu ganhava até então, e foi com isso que consegui financiar meu próprio apartamento. Eu devo muito a Gabor, pela oportunidade.

Volto a me concentrar no momento quando pego um olhar vigilante de Gael em mim, enquanto dirige. Sua mão direita está agarrada a minha, pousada sobre minha perna, como se assim me impedisse de fugir. Em pensar que, há algumas horas, imaginei que não teríamos mais essa intimidade.

Talvez lendo meu pensamento, ele leva nossas mãos unidas à boca e planta um beijo quente no dorso da minha, então a pousa no mesmo lugar.

— Eu me importo com você — revela sério.

Contemplo seu perfil contido, exalando poder, mas, ao mesmo tempo, uma preocupação que cria rugas em torno dos olhos estreitados fixos no trânsito. Eu apostaria um braço que a mente está longe dali.

— Posso dizer o mesmo, Gael, embora, honestamente, não consigo ver como isto vá funcionar — expresso honestamente, um pouco melancólica, até.

Seu olhar recai sobre meu rosto, penetrante.

— Já está funcionando, Priscila. Você se tornou importante para mim. Não faço ideia de como lidar com isso, mas é a verdade.

Não digo nada. Nem sei o que poderia falar.

Fazemos o restante da viagem em silêncio, numa atmosfera esquisita. Fica evidente que nenhum dos dois está acostumado a este tipo de sentimento. O problema é o que fazer com ele.



Assim que entro na grande sala da mansão, percebo um movimento de pessoas em seu escritório. Conforme Gael vai me puxando para as escadas e passamos em frente à porta, posso ver um pequeno mutirão arrumando o lugar. São pessoas contratadas de uma empresa de limpeza, uniformizadas. O espaço está uma bagunça, livros e papéis jogados pelo chão, uma poltrona caída de cabeça para baixo, vidraça estilhaçada, cacos de vidro e líquido espalhados por toda a parte. Um furacão dificilmente faria tanto estrago.

— O que aconteceu? — inquiri com cuidado.

Noto seu constrangimento. A maneira como o corpo enrijece e a expressão se fecha enquanto tenta me puxar já diz tudo.

— Você... depois que eu saí... — murmuro.

Ele não confirma, mas também não nega. Apenas aumenta a pressão na minha mão, subindo as escadas. Entendo que não queira falar sobre isso e até lhe agradeço. Essa foi sua maneira de extravasar. Não quebrei nada na minha casa, até porque não posso me dar a esse luxo, mas em compensação chorei como uma desesperada.

Entrando em seu quarto, que está do mesmo jeito de quando saí essa madrugada, Gael solta a minha mão e caminha até as grandes cortinas, puxando-as para cobrir a parede de vidro. O material é grosso, e logo o sol não entra mais no ambiente, deixando tudo escurecido.

O homem volta para mim e, com toques suaves, começa a me despir. Ele puxa minha blusa por cima da cabeça, abre o zíper da saia com agilidade e a retira do meu corpo. Fico de lingerie e saltos.

Meu peito começa a rugir, acelerado. Prendo a respiração, ansiando por seu toque, mas não acontece. *Nada* acontece. Gael começa a se desfazer de suas próprias roupas elegantes. O blazer, colete, gravata, camisa e finalmente a calça são retirados e lançados em uma poltrona.

Ele toca minha mão e me puxa para a cama, movendo o edredom.

— É isso? — pergunto surpresa, não conseguindo segurar o divertimento.
— Você me trouxe mesmo para dormir? Sério?

Um pequeno sorriso de lado, charmoso curva seus lábios

— Por enquanto, sim, menina. Quando eu disse que estou com uma maldita dor de cabeça e precisava de você, eu estava falando sério.

— Você não existe, gringo. — Balanço a cabeça e aceito o meu lugar na sua cama.

Gael se deita logo atrás de mim, puxando-me para junto de si com uma mão possessiva espalmada na minha barriga. Minha bunda roça seu calor, e por um minuto eu me mexo só para sentir o atrito com sua carne.

— Não agora, *Krasavitsa*. Eu quero que você descanse, seus olhos estão inchados e você precisa dormir — sussurra com a boca colada na minha nuca.

Estamos completamente embolados, parecendo um só.

Mordo meu lábio, meu sorriso não cabendo em mim, agradecida por estar de costas para ele. O homem me trouxe mesmo somente para dormir. O russo frio, impiedoso, que veio ao país atrás de vingança, está aqui zelando meu sono.

Respiro profundamente, relaxando pela primeira vez desde que saí desta casa hoje mais cedo.



Capítulo 23

Priscila

Beberico o vinho enquanto observo minhas amigas ao redor da mesa, falando sem parar, rindo, relaxadas. Passado o primeiro momento, quando fizeram questão de demonstrar o quanto estavam chateadas pelo meu sumiço sem aviso, voltamos à normalidade maluca de sempre, porque somos assim quando estamos juntas, e as amo por isso. Sei que elas podem enxergar algo de estranho em mim – um ou outro olhar de esguelha revela isso –, e na verdade eu me sinto estranha mesmo. Em pouco mais de uma semana conheci um cara por quem estou seriamente atraída, viajei com ele, submergi em seu mundo e não consigo fugir da necessidade de querer estar com ele. Sua atitude de hoje, a demonstração de cuidado... droga, aquilo mexeu muito comigo de um jeito que nem sou capaz de explicar. Ainda não faço ideia de como podemos dar certo juntos e, honestamente, prefiro não pensar muito nisso. Se eu racionalizar demais, acabarei pegando minhas coisas e fugindo para o mais longe possível daquele homem.

— E foi exatamente isso que aconteceu, sem tirar nem pôr. — Katarina pousa a taça sobre a mesa após narrar o encontro com Nicole, a ex-namorada de Daniel, na casa de praia dele há alguns meses, o que resultou num processo de agressão pela queixa da infeliz.

— Safada mentirosa... — Gabi acrescenta *elegantemente*.

— Dizer que eu a agredi sucessivas vezes. — Katy revira os olhos. — É sério, tive de rir quando li aquilo.

— E agora, o que acontece? — pergunto a Ju, nossa advogada do grupo.

— Dentro de dez dias, teremos a primeira audiência, conciliatória, quando haverá a oportunidade de um acordo sobre esse pedido absurdo de indenização — explica, nada satisfeita também.

— Não darei um centavo a ela — Katy nega convictamente.

— Garota, *algum* acordo teremos de fazer. Você pode ser fichada por agressão caso isso vá em frente.

— E ela não?

Júlia faz um beicinho.

— Seria uma bagunça longa e desgastante...

Alice, que até então estava em silêncio, limpa a garganta.

— Por que não chamamos Nicole para uma conversa honesta, tentamos trazê-la à razão?

Sei bem o tipo de “razão” que a infeliz merece, mas me abstenho de falar. Nicole é uma pistoleira esperta.

— Porque aquela vaca está ressentida, Ali. Ela perdeu a fonte de grana dela e agora quer vingança — Katarina explica. — Acha que, me ferindo, atingirá o Dani.

Ficamos todas em silêncio, cada uma provavelmente elaborando sua própria forma de resolver a situação. Então Gabrielle, a garota fina, de bom senso, joga os cabelos platinados para o lado e corre a unha pela taça antes de dar a sugestão mais coerente:

— Se você perder, Katy, podemos fazer uma visita a essa cretina e dar a ela tudo o que descreveu na queixa. Será tipo: “levou o dinheiro, meu bem, agora tome a surra”. — Dá de ombros tranquilamente. — Uma negociação justa, eu acho.

Um segundo ou dois de silêncio se passam enquanto todas nós olhamos para Gabi muito seriamente, Alice até com preocupação pela cunhada, eu acho. Até que sou a primeira a explodir numa gargalhada. E é isso o que acontece com todas nós.

Limpando uma lágrima de riso, reabasteço a taça com vinho e a levanto para um brinde.

— Garota, você é um gênio. Por mim, concordo com a ideia.

A safada ri, inocentemente maquiavélica.

Já passa da meia-noite quando nos despedimos. Amanhã ainda é uma terça-feira, precisamos acordar cedo. Foi bom passar esses momentos com elas, eu estava mesmo precisando. Elas me revitalizam, trazem a sensação de abrigo, de ter os pés no chão.

Tranco a porta e apago a luz da cozinha, limpa como se não estivesse uma bagunça há algumas horas. Nesse ponto, nossa cumplicidade é ainda maior: se sujamos, limpamos todas. Apago os dois abajures da sala antes de olhar uma última vez para o nosso retrato juntas, tirado no jantar de noivado de Júlia. É a primeira foto em que Gabrielle está com a gente.

Estou prestes a entrar no corredor quando a campainha toca. Curiosa,

retorno à porta, tentando imaginar qual delas pode ter esquecido algo aqui, o celular, provavelmente. Contudo, ao abri-la, não me deparo com nenhuma das garotas, e sim com o russo, elegante, bem-vestido, pousando as mãos tranquilamente nos bolsos da calça enquanto me saúda com um sorriso de lado, charmoso.

— Olá, Priscila — meu nome dança como uma tentação em seus lábios.

— Gael... eu não sabia que você... — Aponto para sua figura opulenta, realmente surpresa por ele aparecer sem avisar.

Por causa de algo em meu tom de voz, os olhos turquesa se estreitam ligeiramente, revelando, talvez, que ele esperava uma recepção um pouco mais calorosa.

— Posso entrar? — assim também é com o timbre de voz, enganosamente contido.

Pisco rápido, uma ou duas vezes, só então percebendo que estou segurando a porta bem firme.

— Claro, claro... entre, por favor. — Dou um passo para o lado, permitindo sua passagem, ainda sem saber como me sinto por o ter *aqui*. Nunca trouxe um homem à minha casa.

Gael entra o suficiente para fechar a porta, espalmando a mão nela e então me puxa pela cintura para junto de si sem pedir permissão. De repente estou encoberta por seu tamanho e presença. Após dois segundos fitando-me de sua habitual maneira penetrante, quase primitiva, silencioso, ele afunda o nariz em meu pescoço, absorvendo o aroma, quebrando qualquer barreira que meu comportamento à porta insinuou.

Nossos corpos estão unidos, seus braços se movimentam para me envolver num casulo de tensão e necessidade. Ouço um grunhido, algo como “esse seu cheiro” reverberar de seus lábios contra minha pele, provocando ondas de calor que percorrem a nuca.

O infeliz sobe a língua até o ponto mais quente atrás da orelha e o lambe, cheira, provoca, até me deixar respirando em fragmentos, por um momento sem saber o que dizer ou fazer, principalmente quando meu corpo inteiro reage ao toque territorialista.

— Adoro vê-la arrepiada por mim, *Krasavitsa* — diz quando finalmente me encara de volta.

A expressão afiada demonstra satisfação em desmascarar minha tentativa de reserva, como quem diz “você é uma fraude quando tenta me manter fora da sua vida”.

— Você não joga muito limpo, não é? — lamento, tentando evitar um sorriso estúpido. Isto não deveria estar acontecendo tão depressa.

— Senti sua falta — brinca ao pousar as mãos no meu quadril comportadamente outra vez.

— Acho difícil de acreditar, já que passamos um dia inteiro dormindo e...

— Não foi o suficiente — o timbre grave acaricia minha pele. — Com você, nada nunca parece o suficiente.

Encaro-o intensamente, atrás de um pouco de compreensão do que realmente somos um para o outro. Depois de acordarmos, no meio da tarde, fizemos amor de forma quase insana. Parecíamos querer exorcizar o episódio da madrugada. Este sentimento de querer mais é o que me perturba, vai além dos desejos do corpo, é uma necessidade de coisas mais intangíveis, a segurança, a paz em seus braços, a conexão.

Suspiro profundamente pelas narinas, não me reconhecendo em nada.

— Há quanto tempo mora aqui? — questiona numa voz rouca, sotaque forte, amaciado, desviando o olhar para a parte visível do apartamento, de onde estamos.

— Pouco mais de seis anos, eu acho... — Desprendo-me de seu corpo. — Você quer beber alguma coisa?

Sacudindo a cabeça, ele nega.

— Vim somente para te buscar.

A afirmação me pega desprevenida. Derrubo a cabeça meio de lado, observando-o com mais atenção.

— Eu não posso ir para sua casa hoje.

— Este local não é seguro — declara simplesmente, como quem já decidiu por nós dois.

— Desculpe?

Pacientemente, ou friamente, não sei, ele dá de ombros.

— Assim como eu entrei neste prédio sem nenhuma dificuldade, qualquer um pode entrar também.

Semicerro os olhos, achando realmente graça.

— Este bairro é seguro, Gael. E, ao contrário de você, acho que os ladrões ainda não descobriram que nosso porteiro pega no sono fácil enquanto assiste futebol na TV.

Minha tentativa de humor não abala a aparente determinação.

— Sua segurança é importante para mim, Priscila. Não gosto da ideia de que você vive num lugar onde qualquer um pode ter acesso.

Afasto-me de seu toque, dando um passo atrás. Acho que a proximidade não me deixa pensar direito. Viro as costas, num convite para que ele me siga até a cozinha ao lado.

— Não se preocupe. Eu sei me defender — mantenho o tom descontraído.
— Você jantou?

É sua fala acurada que me impede de dar mais um passo:

— Enquanto isso não acabar, quero que venha para minha casa comigo.

Não é um convite. É uma *exigência*! Os músculos de meu corpo, todos eles, contraem-se. Lentamente, viro-me de volta.

— Eu não entendi, Gael.

Arrogantemente, ele volta a pôr as mãos nos bolsos, inabalável.

— É o que ouviu. Quero que fique na minha casa até que eu termine o que vim fazer aqui.

Sorrio, tola, procurando a graça em algum lugar atrás da máscara segura no belo rosto rude.

— Você está brincando, não é?

— Não, eu não brinco. Já deveria saber.

Bufo, exasperada, e me afasto para o mais longe dele, para o centro da sala.

— Agradeço o *convite*, mas não. Não vou a lugar algum.

Tão calmo quanto uma muralha de gelo, Gael vem caminhando a passos lentos até onde estou, sem nunca se abalar.

— Tenho inimigos. A esta altura, eles já sabem sobre você, Priscila. Estarei sendo irresponsável se permitir uma brecha destas. — Aponta para o apartamento.

Paro de pensar. Paro até de respirar. Tudo o que ouço, em ecos, é a palavra “inimigos”. Paraliso sobre o tapete, sem saber o que dizer. E ele aproveita a oportunidade para continuar a pressão, suavizando um pouco a abordagem.

— Eu te disse no que estou envolvido. Há pessoas lá fora que fariam qualquer coisa para encontrar meu ponto fraco e, ao descobrirem o quanto você é importante para mim, é aí que tentarão me atingir. Por favor... — Aproxima-se ao ponto de acariciar meu rosto. — Por favor, *Krasavitsa*, me deixe te proteger, confie em mim e me deixe cuidar de você.

Tarde demais. Palavras bonitas ou sutis já não são capazes de tirar a sensação me envolvendo, aquele instinto de precisar me proteger, de nunca mais

ser um alvo fácil. Nunca mais ninguém colocará mãos sujas em mim. A imagem do maldito cara que um dia me trancou naquela casa volta com tudo e... Não... Não. Não!

Afasto-me de seu toque, vendo apenas a ameaça.

— Não... eu... — Balanço a cabeça, afastando-me mais. — Eu não posso lidar com isso, sinto muito...

Gael enrijece. Sinto a vibração de seu corpo, aquela onda em espirais que o torna tão perigoso, intimidante e não aceita menos do que sua vontade acatada.

— O que quer dizer com “não pode lidar”? — Imperturbável, persegue meu rosto com o olhar penetrante. — Responda.

Nego mirando o chão, tentando encontrar palavras que possam expressar o que eu nem mesmo sei dizer, ou o que *temo* dizer.

— E-eu não posso mais continuar...

— Olhe para mim — exige.

Tão perto como está, ele estende a mão e levanta meu queixo, deixando nossos rostos na mesma linha.

— Se vai fazer isso, faça olhando para mim, Priscila.

Gael quer honestidade. Devo isso a ele.

— A gente está indo rápido demais. — Minha língua parece travada. — Eu nem sei como dizer, mas... preciso de um tempo, um tempo para processar tudo isso.

Aquele vinco de tensão que já vi algumas vezes nele se forma entre suas sobrancelhas negras.

— O que “um tempo” significa?

Lambo o lábio e então fecho os olhos brevemente, tentando organizar os pensamentos. Não posso entregar o controle da minha vida a quem quer que seja, ficar sob as asas de alguém como uma vítima em busca de proteção. Esse papel não é meu. Não foi o que construí para mim.

— A gente mal se separou desde quinta-feira — racionalizo de olhos fechados. — De repente estávamos juntos, e... — abro as pálpebras para enfrentá-lo, sentindo-me a pior pessoa do mundo — e tudo está acontecendo rápido demais. Preciso pensar. E é o que estou te pedindo: tempo para pensar com clareza.

— Você está me dispensando — afirma. Mordo bem forte o lábio, impedindo-me de negar. — Quer estar comigo tanto quanto eu quero estar com você, mas está me dispensando.

— Estou pedindo um tempo.

Um sorriso de escárnio retorce o canto dos lábios.

— Que maneira interessante de definir.

Obrigo-me a permanecer no lugar e não cortar a distância entre nós para um abraço, para buscar conforto em seu peito. Agir assim aperta meu estômago de maneira dolorosa, mas não posso sequer cogitar a possibilidade de ter minhas escolhas feitas por outra pessoa, ainda que sob a intenção de me proteger.

Interpretando meu silêncio corretamente, Gael sacode a cabeça.

— Não sou homem de implorar, *Krasavitsa* — essa é a primeira vez que “*Krasavitsa*” não vem envolvido em sedução, não me aquece como sempre faz quando ele pronuncia a palavra num tom acalorado, diferente de agora. — Acho que já fui muito além do que eu deveria, insistindo tanto com você.

Involuntariamente, dou um passo à frente; Gael, no entanto, impede-me com um gesto de mão.

— Vou respeitar o que pede, não se preocupe. Se quer que eu me afaste, vou respeitar.

Dessa vez é seu olhar que foge do meu. Observo suas costas tensas ao dirigir-se à porta.

E então, necessitando de mais força de vontade do que sequer imaginei, eu lhe assisto ir embora, sem dizer nada. Outra mulher talvez o seguisse e aceitasse a proteção que ele pode oferecer; *eu* não consigo me jogar em queda livre sem ter certeza do que me espera lá embaixo. Posso ser uma covarde por querer evitar estar vulnerável, suscetível, mas talvez o medo, no final, seja a única fonte confiável de segurança para mim. Medo esse que um dia eu *não* tive e me custou.

Ainda que eu mal consiga respirar agora, ciente de que estou perdendo o homem que se tornou, em questão de dias, uma obsessão, uma cura para o vazio, eu o deixo ir. E sinto ser definitivo.

Sento no sofá, mal percebendo como.

Chega a ser irônico, se não causasse esse incômodo no peito: minha primeira tentativa de permitir me envolver com alguém acabou antes mesmo de realmente começar.



Capítulo 24

Priscila

Passei uma das piores noites insones dos últimos anos, até que a sensação de centenas de facas cravadas no corpo proclamou um novo dia. Pensei em Gael todo o maldito tempo, refiz nossa conversa mentalmente, tentando me convencer de que é certa a decisão que tomei. No entanto, consegui sentir apenas um vazio grande e doloroso, que parecia capaz de me engolir.

Do mesmo modo robótico de ontem, arrumo-me e vou trabalhar. Pela primeira vez em muitos anos praticando autocontrole, hoje não tenho a mínima vontade de continuar forte. Se eu pudesse, ficaria embolada em um canto longe de tudo. Na verdade, já não aguento mais conviver com a pessoa que me tornei desde *aquele* dia. Estou de saco cheio de fingir, de dizer a todos que está tudo bem, quando na verdade nunca estive.

— Até que enfim resolveu dar o ar da graça na agência, Big Butt. — Eric me intercepta no corredor da agência.

— Saia da frente — rosno sem vontade de aturá-lo e continuo andando em direção à minha sala.

— Quanto mau humor — zomba, seguindo-me. — Será que o gringo já percebeu que seus *atrativos de entretenimento* estão saindo caro demais? — Sinto as pontas de seus dedos sujos roçarem minha bunda, como uma pluma, quase imperceptível.

O veneno saindo da boca infame e o atrevimento do toque travam minhas pernas. A sensação é de que um calor do mal sobe pelo corpo, a partir dos pés, até explodir tudo e me cegar. Viro-me imediatamente e, como eu imaginava, Eric está tão perto que sequer tem tempo de reagir. Sem pensar, ergo o joelho e golpeio suas bolas com toda a força, causando um barulho seco.

A pancada é certa. O réptil cai aos meus pés, de joelhos e rola de lado com as duas mãos na virilha, contorcendo-se, gemendo baixo de dor.

— Você não passa de um cara mal-amado, podre e vazio, Eric. Eu tenho pena de você, mas vou te dar um último aviso: nunca mais se atreva a me insultar — lanço-lhe um olhar de nojo, por cima — ou a me tocar. Chegue perto

de mim ou me fale essas suas merdas novamente, e eu passo com meu carro por cima de você.

Quando percebo o repentino silêncio incomum a minha volta, ergo a vista e noto algumas pessoas observando a cena. Cabeças estão para fora das portas, gente no corredor, todos olhando entre mim e o homem caído ao chão, alguns achando graça, outros, espantados, outros me agradecendo com sibilos, principalmente as mulheres.

Sem mais, viro-me e volto a seguir o meu caminho. Luana me espera em frente à minha porta.

— Bom dia, Lua — digo em tom profissional, colocando meu cabelo de volta no lugar.

— Bo-bom dia, Priscila... Bela joelhada — sussurra a última parte.

Dou-lhe um meio sorriso.

Eric é um pé no saco de qualquer um aqui dentro. Seus assédios não encontram limites.

— Entre, por favor. Preciso falar com você — peço e entro em minha sala.

Dentro do cômodo, tenho a sensação de ser atingida pelo perfume de Gael. É loucura, mas eu o sinto. E com ele vem a lembrança do toque, da paixão, o sabor de ser uma pessoa diferente em seus braços. Inferno! Preciso esquecer aquele cara, tirá-lo da cabeça.

— Sente-se. — Aponto para uma cadeira enquanto guardo a bolsa e então me sento também. — Lua, eu vou te pedir um favor — falo com cautela. — Estou trabalhando na campanha do senhor Nikolaevich, como você sabe, e preciso organizar algumas ideias que estou tendo, então gostaria de pedir que não me passe nenhuma ligação e, caso alguém venha me ver, por favor, diga que não estou na empresa.

Ela concorda rapidamente com a cabeça.

— Mesmo que seja o próprio senhor Nikolaevich — sinto-me envergonhada ao dizer essa parte, mas, por seu olhar, ela entendeu a mensagem.

Não que, depois de ontem, eu acredite que ele vá querer me contatar.



Pouco depois das 11h da manhã, saio da sala de Gabor, que tratou de me encher por quase uma hora sobre a conta milionária em que estou trabalhando e

as fofocas de que deixei o réptil no chão. Ao final da reunião, meu chefe acrescentou uma tonelada de peso à minha já latejante dor de cabeça.

Passo pela mesa de Luana, que se levanta e vem depressa me encontrar no caminho. A menina está branca feito a parede, mordendo freneticamente a tampa da caneta.

— Você está bem? — pergunto.

Constrangida, ela me estende um pedaço de papel, com sua letra feita com caneta colorida. Evito pegá-lo, por enquanto.

— O senhor Nikolaevich ligou algumas vezes e...

— E? — Minha pressão arterial reage ao ouvir seu nome.

— Ele ficou um pouco... *nervoso* por eu não passar as ligações e pediu que eu anotasse este recado, palavra por palavra, e o entregasse para você imediatamente, Priscila.

Olho de seu rosto pálido para o papel em sua mão. Seja o que for que ele a tenha mandado anotar, percebo-a muito constrangida.

— Tudo bem, Lua. — Pego o recado. — Afinal, ele é o cliente, não é? — brinco.

Estou pronta para entrar na sala, mas ela me chama.

— Priscila...

— Sim?

— Ele parecia bravo. — Encolhe os ombros. — Até disse algumas coisas em outro idioma que eu nem tenho ideia de como se escreve e ficou lá, soletrando tudo, e eu... bem, eu escrevi. — Ela troca o peso de um pé para o outro, esperando que eu fale alguma coisa.

— Eu resolvo isso, fique tranquila. — Sorrio, fingindo uma calma que não sinto.

Entro na sala e fecho a porta. A sensação é de que o pedaço de papel pega fogo em minha mão. Respiro compassadamente algumas vezes, caminho até a janela que dá vista ao parque e leio o recado:

Priscila, minha Krasavitsa, até onde me lembro, ainda sou cliente da agência em que você trabalha. Eu não sabia que o seu pedido de tempo se estendia aos assuntos profissionais. Atenda o telefone. Gael.

Suspiro profundamente. Que homem frustrante! Não se ateuve a qualquer discrição de nossa intimidade mencionando essa coisa de “dar um tempo”.

Agora entendo completamente o constrangimento de Luana. Estou mortificada em olhar para ela outra vez, ciente de que, se ontem ela desconfiou, hoje ela sabe com certeza que me envolvi com um cliente.

Fase ruim, é isso. Estou numa fase ruim.

Irritada (e ansiosa), pego o telefone de minha mesa e disco para o seu escritório. Nada de celulares.

— Nikolae Inc, bom dia.

— Bom dia. Eu poderia falar com o Sr. Nikolaevich?

— Quem gostaria?

— Sou da agência de publicidade que...

— Senhorita Priscila? — pergunta, parecendo de repente menos robótica.

Mortificada, resmungo um “sim, sou eu”.

— Certo. O Sr. Gael precisou sair da cidade, acredito que tentou avisá-la, mas não conseguiu. Ele pediu que retorne para o celular dele... *imediatamente*.

Engulo em seco.

— Tudo bem. Retornarei, obrigada.

Começo a ter um mau pressentimento. Ansiedade se mistura com apreensão, e, antes que eu perceba, estou discando para o celular dele, que atende ao segundo toque.

— *Yeb vas*, Priscila! — o sotaque russo praticamente rosna do outro lado da linha. — Qual é o seu problema?!

— Bom dia, Gael — sou pega de surpresa pela exarcebação em sua voz e palavras; por sorte, consigo manter o tom profissional.

— Por que não me atendeu? Estou há duas horas te ligando — apesar do autocontrole, a irritação é evidente.

— Bem, eu estou trabalhando — rebato com obviedade, delimitando as coisas. — Agora por que *você* está falando desse jeito comigo? Se é porque a gente...

Ele me interrompe:

— Nem se dê ao trabalho de concluir. — Ouço a respiração pesada. — Estou fora da cidade, mas há algo que precisa saber... — percebo a breve hesitação antes de ele continuar: — Sebastian, meu cara de confiança, fará sua segurança até eu voltar.

— O que disse?

— Estou no meio de algo importante, não posso explicar agora — somente

então percebo que seu tom de voz está mais baixo, mortalmente sério. — Ele já está aí na entrada da agência e vai te acompanhar a todos os lugares.

— Você só pode estar...

— Não saia sem ele — a ordem é muito clara ao me cortar outra vez. — Preciso desligar.

— Não se atreva a...

Tarde demais.

Fico olhando tolamente para o telefone. Mas o que foi que acabou de acontecer? Impaciente, disco novamente para o celular de Gael, só para receber o sinal da caixa postal. Rio sem humor algum.

Confirmo com a recepção se há realmente alguém ali. Sim, “um homem com cara de mau”, a menina responde. Respiro fundo, então, irritada pela ousadia daquele controlador. Levanto-me, saio da sala e vou atrás do tal homem. Pelas portas de vidro, avisto um sujeito moreno, enorme e encorpado, guardando o celular no bolso da jaqueta de couro preta e cruzando os braços em frente ao peito. Os óculos escuros me impedem de ver seus olhos. O conjunto é ameaçador; só de olhar, eu já sei que é ele.

— Sebastian? — paro a sua frente.

— Sim, senhorita Priscila — responde firme, como um militar.

Droga, esse cara tem sotaque também... outro russo, é sério isso? Seguro meu nariz, soltando o ar lentamente. Em que confusão eu me meti...

Olho em volta, registrando a atenção, em nós, das pessoas que entram.

— Você poderia, por favor, me acompanhar até a minha sala para conversarmos? — indago muito calma.

Com um aceno de cabeça, ele confirma. Eu me viro e retorno, seguida por ele. Assim que passamos por Luana, percebo a curiosidade em sua expressão. Tenho de conversar com ela depois e lhe dar alguma explicação sobre tudo.

Entro na sala, faço sinal para ele passar e logo fecho a porta. Aponto para as poltronas perto da janela.

— Vamos nos sentar. — Escolho uma das poltronas e me sento, esperando que ele faça o mesmo, mas o homem não se move. — Por favor.

Relutantemente ele se senta e retira os óculos. Seus olhos são castanhos, escuros e penetrantes.

— Nem vou me apresentar, porque acho que você já me conhece. Pois bem, você poderia me explicar essa história de fazer minha segurança? Por que eu precisaria disso?

O olhar treinado do sujeito percorre todo o espaço antes de pousar no meu rosto.

— Não tenho autorização para falar sobre isso, senhorita Priscila.

É tudo o que o fortão tem a capacidade de falar. Soou tão agente secreto que eu poderia rir se não estivesse tão irritada.

— Ah, tudo bem... — Dou de ombros. — Então vamos fazer assim: você volta para o seu trabalho de verdade lá com Gael, ou onde queira, e a gente esquece isso de você me seguir, ok?

Ele arqueia a sobrancelha, sério. Contudo, posso ver a ligeira zombaria brincando dentro de suas íris marrons.

— Sinto ter de informá-la, mas serei seu segurança até segunda ordem.

E é um arrogante dos diabos!

— Sebastian... — sibilo entre os dentes, calmamente, como quem fala com uma criança. — Aquele cara perdeu a cabeça mandando você ao meu *trabalho*, mas estou te avisando que não te quero atrás de mim. Sua presença aqui *não* é bem-vinda.

Penso ver um sutil dar de ombros.

— Não ser bem-vindo neste país é quase um elogio.

Irredutível.

Se antes eu estava com uma dor de cabeça terrível, agora ela parece prestes a explodir. Sem me importar em fazer isso na frente do cara, desfrouxo os punhos fechados (somente então percebi estarem assim, a ponto de as unhas se cravarem nas palmas das mãos) e massajeio as têmporas.

— Se não for embora, eu te garanto que se arrependerá — mudo a estratégia, partindo para algo mais incisivo. — Você não faz ideia do que sou capaz quando me sinto pressionada e não está me deixando saída.

A ameaça surte efeito contrário. Seu semblante suaviza.

— Desculpe, senhorita, mas eu não vou arredar meu pé enquanto Gael me quiser perto de você — o tom é mais leve, relaxado, talvez. — E, sim, eu imagino do que é capaz. Vi o nariz dele. — Seus lábios reprimem um sorriso torto. — Se quer minha opinião, aquele golpe foi bom pra caralho.

Enrubesco violentamente e inclino a cabeça meio de lado, atenta.

— Ele te contou?

O sujeito assente.

Engulo o constrangimento e estufo o peito.

— Então já sabe — digo firme. — Não fique no meu pé, ou será pior para você.

Pronto, agora o sacana não faz a menor questão de esconder o divertimento ao emitir uma risada baixa, gostosa e levemente rouca.

— Lamento contrariá-la, mas estarei por perto enquanto for necessário. — Levanta-se graciosamente, para um corpo tão cheio de músculos. — Ah, e pode deixar, que vou me lembrar de manter distância dos seus punhos.

Levanto-me rapidamente.

— Não vou tolerar você me seguindo e estou falando muito sério.

Ele me encara perdendo um pouco do humor, tornando-se outra vez impassível.

— Eu também estou.

Cerro os punhos mais apertados ao lado do corpo, tensa. Notando, o cara ameniza.

— É para o seu bem. Goste ou não, ficarei aqui para o seu bem.

Ciente de que ele se dirige à porta, preparando-se para sair da sala, eu o intercepto.

— Espere...

Acena, dando-me atenção.

— Quantas horas você vai ficar aqui, *fazendo a guarda*?

Ao dizer “fazendo a guarda” fui irônica, e ele sabe disso.

— Enquanto Gael exigir, senhorita, e tenho o pressentimento de que não serão apenas *horas* — afirma sem rodeios.

Por Deus. Só podem estar malucos, se acham que eu vou aceitar isso.

— Se quer perder seu tempo aqui, tudo bem, fique à vontade... Só, por favor, pare com esse negócio de “senhorita”. Faz você parecer um robô. Meu nome é Priscila. E depois não diga que não o avisei sobre as consequências.

Ele move a cabeça, quase aceitando. Posso jurar que vi outro meio sorriso nos lábios do cara antes de ele vestir a carapuça de homem mau e sair.

Caio na poltrona, mentalmente exausta por tudo o que vem acontecendo.



Capítulo 25

Priscila

A hora do almoço foi constrangedora. Entrei em um bistrô próximo à agência, e Sebastian discretamente me seguiu e ficou lá também. Na volta para o escritório, a pé, lá estava ele, a cerca de três metros de distância, acompanhando cada passo meu. Isso tem que acabar.

Ligo para Gael, do meu celular, desta vez, e novamente cai na caixa postal. Ele só pode estar fazendo isso de propósito, não vejo outra explicação. Irritada, deixo uma mensagem:

— Gael, seu filho de uma... — mordo a língua para não xingar. — Por que raios você colocou esse Sebastian no meu pé? É algum tipo de punição? Ok... droga... seja como for, eu vou acabar com isso, e é melhor você não aparecer na minha frente, porque sou capaz... nem sei do que sou capaz... — Suspiro. — Maldição, cara, eu não posso acreditar no que você está fazendo... — paro de falar quando escuto um sinal eletrônico encerrando meu tempo.



Mal consigo me concentrar no trabalho. Inventei uma mentira para Luana sobre a presença constante de Sebastian, disse que era um costume russo mandarem alguém para assegurar o sigilo do projeto. Foi péssimo, eu sei, mas não consegui pensar em nada melhor.

Estou uma pilha de nervos pela atitude dominadora daquele cara. Quem ele pensa que é para colocar Sebastian atrás de mim contra minha vontade?

São 4h da tarde, e já não consigo mais focar em nada do que estou fazendo. Decido encerrar o expediente e dar uma passada na academia. Alguns socos num saco de areia podem me ajudar neste momento. Aviso a Luana que estou saindo, passo por Sebastian pisando duro e vou para o meu carro sem dizer nada. Previsivelmente, o homem pega seu próprio veículo, o mesmo que me seguiu na madrugada em que deixei a mansão e me acompanha de perto por todo o

caminho.

Na academia, ele entra, e ninguém coerente se atreve a impedi-lo, pelo contrário, algumas das mulheres que estão ao redor babam indiscretamente. O homem parece uma montanha de músculos e indiferença. Seus óculos escuros escondem os olhos, mas garanto que ele já deve ter passado um raio-x por todo o espaço. Com mais gana, desfiro alguns golpes no saco de areia, depois termino com uma corrida na esteira.

Sebastian agora está ao telefone, provavelmente com Gael, pela maneira como ele assente ao que escuta enquanto olha para onde estou.

Então quer dizer que o babaca não me atende, mas liga para Sebastian. Perfeito. Caminho até ele e paro a sua frente, suando como uma porca velha.

— É o Gael? — inquiri alto.

As sobrancelhas de Sebastian se levantam de surpresa, porém, ele não fala comigo.

— Sim, cara, é ela — responde ao telefone, sem se incomodar comigo.

Aproximo-me do aparelho em seu ouvido, ferina.

— Diga ao seu chefe que ele é um covarde por não me atender e manter você no meu pé feito um cão de guarda. Vocês são um bando de gringos imbecis.

Por um instante, vejo Sebastian quase saindo de seu modo sério, forçando-se a permanecer indiferente a mim. Deixo-o para trás e vou embora para casa.



Passando das 9h da noite, o porteiro me liga, perguntando se eu conheço o sujeito suspeito que está em um carro em frente ao prédio, dizendo ser meu segurança. Vou até a janela para espiar o outro lado da rua, e sim, Sebastian ainda está ali. Eu deveria negar e deixar que chamem a polícia, mas, por alguma razão, confirmo. E decido tentar dormir um pouco. Estou exausta, e quem sabe assim o homem desiste e vai para casa também.



A quarta-feira no trabalho se arrasta como uma lesma. Sebastian continua me seguindo o tempo todo, só faltou ficar comigo na reunião de que participei

durante a tarde. O pior é que tenho uma *tarefa* importante para fazer ao sair do trabalho e não tenho ideia de como me livrar dele. Pensei em várias alternativas, mas estou optando por ser honesta enquanto tento conversar com ele.

Encostada à porta do meu carro, encaro-o com seriedade, não ameaça ou hostilidade, apenas sinceridade (parcial).

— Olhe, é sério: você passou o dia atrás de mim, e eu não impedi, mas o que vou fazer agora... simplesmente não posso permitir que vá junto. É algo pessoal.

Desconfiado ou curioso, ele cruza os braços diante do peito.

— Não vou deixá-la sozinha, mas, se preferir, pode me dizer aonde vamos.

Prendo a respiração para não gritar, frustrada. Se eu lhe desse um golpe na traqueia ou nas bolas, o cara ficaria no chão por tempo suficiente para eu entrar no carro e sair. Entretanto, não quero agir assim. Apesar de tudo, ele está aqui, perdendo seu tempo, para o que *pensa* ser meu bem... Há também a possibilidade de ele estar esperando um ataque meu e provavelmente sabe como bloquear algo assim. É um risco grande.

Mudo a estratégia.

— Tsc, tsc, que coisa mais ridícula, um cara do seu tamanho e preparo físico me seguindo feito um cãozinho.

O insulto não o abala.

— Encare como quiser.

Dou um sorriso venenoso.

— Tudo bem, acho que vou começar a tirar proveito disto. Estou pensando em ir ao shopping e passar algumas horas... — inclino a cabeça mais para ele — *horas* fazendo compras. E terá de me ajudar com as sacolas.

Apesar da sua fachada divertida, sei que a ideia de seguir uma mulher num dia de shopping deve ser o pesadelo para qualquer cara.

— Fique à vontade — oferece, tranquilo —, carregando suas sacolas sozinha. Estarei logo atrás.

— Detestável, isso que faz! — Perco a paciência.

Em um minuto de silêncio, corro o olhar pelo estacionamento da empresa, o céu e retorno para ele.

— Ouça... — por fim, tento falar a verdade — eu vou à casa de uma pessoa, mas você não pode ir junto.

— Que pessoa?

— Alguém que quer sacanear uma amiga minha — e quem sabe, com isso,

ele compreenda. — Não posso ter você lá, entende?

O desgraçado sorri diabolicamente.

— O que pretende fazer com ela?

— Coisas que não são da sua conta.

— Ótimo. Quem sabe eu acabe te ajudando, já pensou nisso?

Paro e o observo com mais atenção... Sebastian é verdadeiramente intimidante... talvez, *talvez* até sirva. E que Deus me ajude.

— Você não pode contar a ninguém — aviso em tom ameaçador.

Ainda sorrindo, o imbecil faz (ao que parece) um sinal de juramento, com dois dedos cruzados em frente ao peito.

Abro a porta do meu carro e lhe lanço um olhar duro por cima do ombro.

— Vou matá-la, e espero que me ajude a sumir com o corpo.

Entro e bato a porta, adorando o fato de ele permanecer parado no mesmo lugar, agora tendo a dúvida como companheira.



Enquanto esperamos Nicole atender, Sebastian está um passo atrás de mim, mais para o lado esquerdo, escondido da visão da porta. Óculos escuros, semblante fechado, postura severa com os braços diante do peito. Atemorizante. Se um cara como ele batesse a minha porta, eu jamais abriria. Contudo, por sorte, Nicole não possui um olho-mágico, tampouco em sua portaria há alguém vigiando. Eu deveria aconselhá-la a se mudar para um local mais seguro, mas a infeliz é uma cadela sacana.

Assim que ela abre a porta, uma fumaça impressionante, cheirando a ervas queimadas, vem junto. Puta merda! Katy brincou que a mulher fumava maconha, para dizer tantas tolices sobre nutrição, mas minha amiga não faz ideia de que estava certa. Quero rir, mas me mantenho inexpressiva.

— Você... — a garota bufa, desdenhosa.

Olho-a melhor. Para alguém com a profissão de modelo profissional, seu estado está bem ruim. Magra demais, descabelada.

— Olá, Nicole. — Mostro os dentes, dissimulada. — Espero não ter chegado numa hora... — inclino o corpo para frente e aspiro — *ruim*.

Ela retorce os lábios, desgostosa, mas abana discretamente a fumaça para trás de seu corpo.

— O que você quer aqui?

— Bem... — Encaro minhas unhas. — Eu poderia dizer que vim fazer uma visita a uma velha amiga, mas acho que ainda não temos intimidade para tanto, não é?

A garota pressiona a porta, fechando-a tanto quando pode, deixando apenas parte do corpo de fora.

— Se veio aqui fazer um acordo, saiba que o Dani já fez isso. Ele só precisa aceitar a minha oferta, então posso até pensar em aliviar o lado da sua amiguinha puta.

Daniel. Eu deveria imaginar que ele faria algo assim. É claro que o cara viria atrás dela e pagaria o que a piranha pediu apenas para livrar a mulher que ama. Sabendo que a situação está se resolvendo, eu poderia virar as costas e ir embora. Porém, não é justo. Não é justo com Daniel e Katy, que já enfrentaram muita coisa para estarem juntos. Uma mentirosa como ela não merece sair disto com o dinheiro deles.

— Você não levará um centavo, nem dele, nem de ninguém. — Espalmo a porta, de repente sentindo vontade de trazer essa desgraçada para fora. — Uma mentirosa como você não merece.

Ela solta um grunhido, pronta para dizer qualquer desaforo.

Sebastian, então, limpa a garganta atrás de mim, e é quando ela o vê. Os olhos, a princípio, pousam gananciosos nele, para depois, a partir de algo que encontra na expressão do cara, arregalarem-se, apavorados.

— Que-quem é ele?

Sorrio. Por dentro, porém, sinto-me péssima por usar o cara como arma. Entretanto, a verdade é que essa cretina não pensou duas vezes em ferrar minha irmã. Se essa sua vingancinha for adiante, Katarina pode ser processada e fichada criminalmente.

— Alguém que ficará feliz em me ajudar a obter a verdade de você.

Nicole tenta fechar a porta, mas eu a impeço, colocando um pé entre ela e o marco.

— Retire esse processo. Ou conte a verdade naquela audiência. Diga que você inventou as acusações somente para ferrar a Katarina por *ciúmes*.

Ela nega com a cabeça, antes de dizer:

— Não farei nada disso.

— Você fará — é ele quem rosna, num tom muito, muito baixo... porém, de arrepiar os pelos da nuca.

O olhar da modelo vai de um para o outro. Sustento a expressão de quem está disposta a tudo.

— Ouviu, não é?

— Você não entende, eu *preciso* dessa grana — ela sibila para que somente eu ouça, como se recorrendo ao meu bom senso.

— Precisa? Então trabalhe. Mas não tente tirar dinheiro dos meus amigos mentindo e ameaçando.

Irredutível, vejo que a infeliz já tem uma meta formada, e nada a fará mudar de opinião.

Inspiro profundamente, desta vez sem tanta culpa.

— Esse cara atrás de mim não tem tanta paciência como eu, Nicole. Retire o processo ou conte a verdade na audiência; se continuar insistindo, nós voltaremos. E não importa o quanto se esconda, eu te encontrarei, aqui ou nas agências em que trabalha. Não se esqueça de que conheço muitas delas, *trabalho* com muitas delas.

À menção das agências, a dúvida surge discretamente nos olhos verdes opacos. Decido, então, tirar uma última carta da manga, aquela que era meu objetivo inicial.

— Olhe, eu posso te ajudar; mas só se você fizer a coisa certa.

— Como? — Ela eleva o queixo, arrogante e desconfiada.

— Indico você para um comercial.

— Que tipo de comercial?

— Abrangência nacional; marca grande. E é o máximo que farei. Então pense com cuidado: quer levar adiante essa mentira ou prefere ter sua carreira alavancada?

— Quem garante que me dará mesmo o comercial?

Estúpida.

— Tenho palavra. Ao contrário de você, não sou uma mentirosa aproveitadora. É pegar ou largar.

— Vou pens...

— *É pegar ou largar* — Sebastian repete naquele tom sombrio.

Medo e ambição se fundem na mulher. Não sei qual dos dois sentimentos prevalece dentro dela, mas um deles a faz mover a cabeça num discreto “sim”, ainda que seus olhos mortos contenham a fúria de quem foi trocada por outra.

— Ótimo. Quando tirar o processo — retiro da bolsa o cartão —, me avise.

Não perco mais tempo. Quando ela apanha o cartão, eu me viro e saio, descendo os dois andares pelas escadas.

— Viu, não foi tão ruim me ter por perto, foi? — Sebastian diz atrás de mim, convencido.

Fito-o por cima do ombro.

— Foi. Eu poderia ter dado um fim nela e não teria de me preocupar com uma testemunha para me prejudicar futuramente.

Sebastian, mostrando um senso de humor maligno, gargalha.

Acabo rindo também, sem que ele veja.

E, para variar, o infeliz me segue até em casa e estaciona na rua, onde fica até que um sujeito mais gordo estaciona atrás dele. Espio pela janela o momento em que os mafiosos trocam de turno. Mando uma mensagem para Daniel, avisando que está tudo resolvido com a Nicole, que ele não precisará pagar a ela coisa alguma, mas peço que guarde segredo... Katy não ficará muito feliz em saber que fui resolver as coisas dela. A garota não engoliu muito bem minha interferência há alguns meses, quando fiz Dani afastá-la daqui para protegê-la daquele chefe bandido.



Capítulo 26

Priscila

O dia de quinta-feira é um espelho do anterior em relação à guarda constante do maldito gringo. O cara se manteve vigilante na porta da empresa a manhã toda. Já Gael não me ligou, nem me atendeu. Por seu silêncio, está claro que o nosso fim é definitivo. Apesar de *eu* ter pedido por essa distância – e no fundo é melhor assim –, não vou negar que a nossa proximidade me fazia bem, e agora estou me sentindo um pouco anestesiada, com uma sensação de aperto no peito... além de uma bela e constante dor de cabeça que remédio nenhum é capaz de tirar.

Katy ligou combinando um barzinho para depois do trabalho. Gabi e Alice confirmaram presença, mas Júlia tem uma audiência importante amanhã logo cedo. A garota não disse o motivo de comemorar. Contudo, imagino que seja sobre Nicole. Recebi uma mensagem daquela infeliz avisando que o advogado dela retirou o processo. Conforme prometido, depois que eu tiver certeza de que ela está dizendo a verdade, eu a encaixarei no comercial do site de viagens. A remuneração do trabalho será boa, terá visibilidade nacional... enfim, ajudará na sua carreira.

O convite de sair com as meninas veio em boa hora. Preciso mesmo esvaziar a cabeça (tirar Gael dela, melhor dizendo). No entanto, a vigilância de Sebastian não faz parte do meu cenário ideal de noite relaxante, e neste exato momento estou elaborando mentalmente um jeito de despistar o grande homem parado na recepção, com cara de poucos amigos. Eu até tentei conversar com ele, dissuadi-lo dessa vigilância, mas o homem é irredutível, então só me resta acabar com isso de uma vez, de maneira prática.

Chamo Luana pelo ramal interno e peço que ela encontre Andrew, o estagiário, e o mande para minha sala. O garoto tem 19 anos, é esperto, e, sempre que estou em um novo projeto, incluo-o na equipe. Dez minutos depois ele entra na sala, magricelo, usando grandes óculos de armação preta, o cabelo caído no rosto, blusão de moletom estampado. O garoto tem um legítimo visual de estudante de publicidade.

— Ei, Andrew, sente-se. — Mostro a cadeira em frente à minha mesa. — Garoto, eu preciso de um favor, mas é sigiloso.

— Pode falar, Priscila. — Ele se senta relaxado.

— Eu nem sei como te pedir isso, mas estou sem muita criatividade para pensar em uma ideia melhor. — Dou um sorriso amarelo. — Tem um cara aí fora...

— O grandalhão com cara de assassino? — interrompe-me, brincalhão.

Reviro os olhos.

— Nem me fale... ele mesmo. — Suspiro dramaticamente. — O cara foi colocado no meu pé para garantir o sigilo daquele projeto das boates, sabe? — Dou de ombros. — Mas o homem já está me deixando maluca...

— E você quer que eu me livre dele? — Andrew arregala os olhos. — Você já viu o tamanho do cara?

Dou uma risada alta.

— Quero, mas não como você está pensando... até porque ele acabaria comigo e com você ao mesmo tempo enquanto lixa as unhas. — Ajeito-me na cadeira. — O plano é menos agressivo, sabe?!

Ele se inclina para frente para me escutar.

— Preciso que você fure dois pneus do carro dele.

— O QUÊ?! — o infeliz praticamente grita, exagerado. — Ele vai me matar se eu fizer isso! Por favor, me peça outra coisa, qualquer outra coisa que não coloque a minha vida em risco.

— Ele não vai te matar se fizermos certinho, Andrew. Escute o meu plano: vou chamar o cara aqui na minha sala e distraí-lo enquanto você faz o serviço.

Dou uma piscadela do tipo “viu como é simples?”.

O menino me estuda por uns instantes, deliberando.

— Faça isso, e eu te coloco nesse projeto — dou a última cartada.

— Tudo bem. — Suspira. — Se ele me pegar furando o pneu, diga a minha família que eu a amo. — Cai para trás na cadeira, teatral.

— Andrew, *um* só pneu não resolve. Você precisa furar *dois*... ele tem estepe.

O garoto avalia minha lógica e concorda.

— Você é tão criativa, chefe, não é à toa que é a melhor aqui — a brincadeira mostra que, como eu esperava, ele é o menino ideal para a tarefa.

— Certo. Em cinco minutos eu o terei aqui. Só não demore e fure bem

furado, ok?

— Positivo. — Faz um sinal com dois dedos na testa, como um militar.

Espero até Andrew sair da sala, dou mais cinco minutos e vou à recepção chamar Sebastian.

— Ainda está aí, homem? — Paro a sua frente, desinteressada.

Ele eleva uma sobrancelha. Percebo que a missão de me vigiar também não o agrada, principalmente pelo tédio de não fazer nada durante todo o dia.

— Aonde mais eu iria?

— Ah, você poderia estar mais animado, olhe para toda esta adrenalina que é a minha vida, Sebastian. — Aponto a minha volta, para o lugar quase vazio.

Recebo uma encarada sem humor enquanto ele cruza os braços em frente ao corpo.

— Ok, minha vida é chata, reconheço. Você pode vir comigo? Eu gostaria de conversar — peço amigavelmente.

Sebastian emite um tipo de grunhido insatisfeito, mas me acompanha. Quando passamos pela mesa de Luana, vejo Andrew disfarçando por ali. Um olhar é o aviso claro para ele agir. Entro na sala com o gringo e fecho a porta.

— Não quero mais você me seguindo — aviso logo de cara, enquanto ele fica em pé olhando para a vidraça que dá vista ao parque.

— Fora de cogitação — devolve firme.

Vou até a mesinha de café recém-colocado pela senhora da copa, a meu pedido. Tudo parte do plano. Sirvo uma xícara pequena, adoço com duas colherinhas de açúcar, sem perguntar se ele prefere assim e a levo até ele.

— Por quê? — argumento enquanto lhe entrego a bebida.

Ele aceita.

— Eu já te disse, Priscila. — Toma um gole pequeno e, pelo jeito, fica satisfeito com o sabor. — Gael foi muito claro sobre eu não deixar você sozinha.

Bufo e me sirvo de uma xícara também antes de me juntar a ele, em frente às janelas.

— Sebastian, nestes três dias comigo, você viu alguma coisa capaz de me colocar em perigo? — Dou de ombros. — Tirando aquele sanduíche horrível que comi no almoço, naquela espelunca.

Consigo arrancar um sorriso pequeno dele enquanto me fita com interesse ou desconfiança antes de dizer:

— Além de sua *visita* de ontem? — Faz um beicinho engraçado,

zombeteiro. — Para mim aquilo é mais do que motivo para estar ao seu lado.

Sei que é sua tentativa de uma piada. Dou uma risada. Sebastian ri também, mostrando dentes alinhados e covinhas. O homem é agradável, eu admito... mas *não* me seguindo feito um cão de guarda. Aproveito, então, o momento de “guarda-baixa” para fazer a pergunta que rondou meus pensamentos nas últimas noites.

— Por que o Gael te pediu para ficar perto de mim? — indago com sincero interesse.

Vejo seu sorriso se esvaír, e alguma coisa em sua expressão revela que há algo a mais nessa história. Decido insistir.

— Vamos lá. Eu tenho o direito de saber, e, pela sua cara, não é coisa boa.

— Sinto muito, Priscila, mas não tenho autorização para falar — ele recupera o tom sério.

— Sebastian, Gael não me atende para explicar, e preciso saber até quando vai essa vigilância. Sério, você viu como minha vida é uma rotina chata, eu trabalho, vou para a academia, vou para casa, e no outro dia é tudo assim novamente. E sei que isto está te cansando também.

O sujeito não diz nada, desvia a atenção para a janela, evitando meu olhar enquanto finaliza o café num gole.

Mudo a tática.

— Tenho uma ideia — a esperança em minha voz é patética. — O que acha de parar de me seguir e a gente não contar para ele?

Recebo um olhar mordaz, do tipo que me encolheria, se eu não estivesse preparada. Elevo os braços em sinal de rendição.

— Tudo bem. Você não pode dizer que eu não tentei. — Faço uma careta de desgosto. — Seu chefe precisa encontrar uma nova distração o quanto antes, do contrário, eu e você ficaremos malucos.

Surpreendendo-me, Sebastian se vira e fica completamente de frente para mim, avaliando-me com dúvida, deliberando sobre algo dentro de si, ao que parece. Acompanho o momento em que suas narinas se dilatam.

— Ouça, menina, Gael não é o tipo de cara que anda por aí pegando bocetas como distração. Você é importante para ele, e, se o cara me pediu para te proteger, é porque ele tem motivo. Portanto, enquanto ele estiver fora, é isso o que vou fazer. Cuidar de você.

Fico sem reação ante a intensidade como isso é colocado. Perguntas passam a encher minha cabeça de todos os lados.

— Por que você diz que ele tem motivos? Eu *estou* em perigo, quero dizer, há mesmo um motivo real para temer?

Surpreendendo-me, ele toca meu ombro de maneira suave, talvez percebendo que me afetou.

— Não se preocupe com essa merda — o tom também se abrandando. — Continue com sua vida cheia de adrenalina e finja que não estou por perto, Priscila. — Sorri, tentando parecer relaxado e diminuir o peso do que disse antes. — Ninguém neste lugar parece me notar, além de você. Logo o cara estará de volta, e vocês conversarão.

A descontração não me convence. Estudo seu rosto de traços firmes, atrás de informações ou pistas. Nem sei ao certo o que pensar. Antes eu achava que a presença constante dele era um capricho daquele homem, agora, já nem sei.

Balanço a cabeça, negando a mim mesma outra preocupação desnecessária.

— Você é quem pensa, está todo mundo morrendo de medo do grandalhão que veio garantir o sigilo no projeto das boates — brinco, empurrando a tensão para longe (ou fingindo bem).

— Foi o que você disse a eles?

Confirmo, sorrindo, apesar de tudo. Eu poderia gostar da companhia de Sebastian e até ser sua amiga. No futuro, quem sabe?

Luana entra, trazendo alguns papéis, um pretexto para avisar que Andrew terminou o serviço. Agradeço e relaxo um pouco.

— Mais café?

— Não. Você é péssima com o açúcar. Vou deixá-la trabalhar um pouco.

Dito isso, ele sai da sala.

Às 7h da noite, termino o dia na agência um pouco mais tranquila... porém, com uma leve sensação de culpa pelo que fiz ao gringo número dois. Passo por Sebastian na recepção e me despeço com alegria. Vejo seu estranhamento, mas não posso parar, então sigo para o meu carro e dou a partida.

Pelo espelho retrovisor, assisto-lhe levar as mãos à cabeça, enfrentando seu contratempo. Não seguro um sorriso de vitória.

Como se eu fosse aceitar isso por muito tempo... Humpf, perderam a cabeça. Os dois.



Capítulo 27

Priscila

Encontro Gabi e Katy no barzinho. As duas também saíram de seus trabalhos e vieram direto para cá. Alice ainda não chegou. Pedimos água e *shots* fraquinhos. A notícia de Katarina é o que eu esperava, Júlia recebeu uma ligação do advogado de Nicole dizendo que ela retirará o processo porque está prestes a viajar a trabalho. Gostei da desculpa da infeliz. Espero que, quando Katarina descobrir que o trabalho partiu da minha agência, não queira me esfolar. Gabrielle também tem uma novidade maravilhosa: dentro de alguns meses ela embarcará para a Semana de Moda de Milão, onde ficará por quase cem dias. Esse é um passo importante em sua carreira, embora eu vá sentir falta de tê-la aqui. Já amo essa garota.

Enquanto as escuto conversar, sinto-me levada à lembrança de Gael. Fico me perguntando para onde ele foi... e se está bem. Por que o infeliz não me ligou mais? Deixei inúmeros recados na maldita secretária eletrônica, e nada, nem uma resposta. O sujeito está me evitando. Droga! Ainda sabendo que foi o que pedi, incomoda-me o fato de não ter qualquer contato com ele. Mal consigo tirá-lo da cabeça.

— Vai me contar o que está acontecendo, gata? — Katy questiona tranquilamente enquanto me observa com disfarçada atenção.

Mascaro o caos dos meus sentimentos e observo um risco na mesa de madeira.

— Coisas do trabalho. — Dou de ombros. — Estou tendo uma semana cheia com um novo cliente.

— Do tipo chato? — Gabi pergunta, tomando um pouco de água.

Eu poderia contar sobre Gael, talvez Gabi até se lembre dele, mas nem sei o que dizer.

— Sei lá, é mais para o tipo complicado.

Katarina tem seus olhos estreitados fixos em mim. A garota é terrível, sei que suas engrenagens estão trabalhando fortemente.

— E ele é interessante? — indaga sem dar ênfase, esperta.

— Não muito. — Mudo o olhar para o bar, cheio de gente, fugindo da mentira deslavada.

— Ei! — Gabi de repente se lembra de algo. — Por falar nisso, Pini, a gente precisa voltar àquela boate.

Sinto-me encolher no lugar e enrubescer feito uma adolescente tola.

— El Diablo? — Katy pergunta falsamente distraída, brincando com uma frutinha em seu drinque.

Se eu não a conhecesse, poderia dizer que ela não está ligando muito para o assunto. No entanto, aquele brilho investigador em seus olhos está bem ali, avaliando-me.

— Sim, um caldeirão de perversão. — Esvazio o drinque num gole, precisando de uma desculpa. — Se vocês me dão licença, vou pegar outro deste — aponto para o copo vazio, levantando-me — e saber qual é a daquele sujeito ali. — Abro um sorriso fugaz, acompanhado de uma piscadela, mostrando um homem engravatado, bonito, sentado sozinho ao balcão. Não que realmente me interesse.

Sem esperar, saio e finalmente consigo respirar livremente. Eu ainda não estou pronta para falar, e minha garota sabe ser bem persuasiva. Peço ao garçom outra bebida, parando ao lado do cara. Sentindo o olhar de Katarina em mim, disponho-me a uma paquera rápida. Na verdade, acho que estou mesmo precisando de uma emoção nova para superar a desordem que aquele gringo deixou em minha cabeça.

— Essas frutinhas enganam — digo enquanto observo o garçom preparar outro drinque. — Você pensa que não está bebendo e, quando percebe...

O loiro me observa com discreto interesse.

— É por isso que eu prefiro estas, — mostra uma *long neck* pela metade, em sua mão —, senhorita...?

— Priscila. — Estendo a mão, sorrindo. — E você, homem da cerveja, é...?

— Leonardo. — Ele sorri sedutor e aperta minha mão. — Gosto de frutas também. — Seu olhar malicioso percorre meu corpo.

Eu deveria estar tentada a continuar com a paquera, mas não sinto nada, absolutamente *nada*. Estou sem nenhuma vontade de flertar, e olha que o homem é até bom de olhar, nada excepcional, como Gael, mas é bom... Raios, olha eu pensando no gringo de novo.

— Quer se sentar um pouco enquanto espera, Priscila? — Aponta para o

lugar vazio ao seu lado.

Uma breve conferida em Katy, atenta a mim, e decido aceitar a oferta. Sinto vontade de rir dessa menina. Outra deixaria passar, mas não *ela*.

Um segundo depois de sentada, percebo os olhos do tal Leonardo crescerem sobre algo acima da minha cabeça. Pressinto que não é boa coisa. Viro-me para encontrar o motivo de seu assombro e me deparo com Sebastian, sustentando um olhar tão furioso que me assusta. Seus olhos se revezam entre mim e o homem ao meu lado enquanto sua mão aperta firme um pobre celular.

— S-Sebastian? — balbucio baixo, surpresa.

— Vamos embora, Priscila — ele exige entredentes. Sua camiseta tem marcas de graxa.

Esforço-me severamente para não rir. Percebendo, o gringo emite um ruído rasgado, como um leão se preparando para a luta.

— Gael não gostou de saber que você está aqui — ele olha para Leonardo — com esse cara.

Como é?

— Você só pode estar brincando... — Uma estranha exaltação começa a crescer no meu peito, reagindo ao comentário territorialista.

Sebastian semicerra os olhos, muito controlado.

— Ele me disse para te tirar daqui. Então você decide, quer ir andando ou prefere que eu te carregue comigo? — Os olhos escuros brilham furiosos por ele ter sido trapaceado. — A escolha é sua.

Observo-o com mais atenção. O sujeito tem o maxilar travado, olhos gélidos, postura rígida... típico russo passional. Estou prestes a mandá-lo à merda, mas percebo Katarina curiosa com o que acontece, enxergando apenas as costas de Sebastian. Se eu aceitar o desafio e enfrentá-lo, provavelmente ele tentará fazer o que está dizendo, e vai ser uma baita confusão com a qual não estou disposta a lidar agora. Conhecendo minhas amigas, se Sebastian tentar me tirar daqui à força, este lugar vai virar um pandemônio.

— Não fale assim comigo — aviso baixo, tentando me manter tranquila. — Vá embora e me deixe em paz, Sebastian.

Ele dá um passo para mais perto, sorrindo com escárnio.

— Realmente não tenho tempo para suas brincadeiras, Priscila. Gael não te quer aqui, então venha comigo. Agora — soa tão ameaçador que o homem ao meu lado não quer pagar para ver. Leonardo se levanta e está saindo de perto. E, para o fim da minha paz, Katy e Gabi já estão se aproximando.

— Tá tudo bem aqui, Pini? — Gabi pergunta para mim, mas atenta a ele.

O desenho aqui fica muito evidente. Elas estão prontas para me defender, mesmo sem saber do quê, e Sebastian, pronto para me atacar. Inferno. Em que confusão eu me meti. Uma segunda olhada para ele, e fico ciente de que não há o que fazer.

Sorrio o mais convincente que posso, fingindo um relaxamento que não sinto.

— Sim, tá tudo bem. Esse aqui é o Sebastian, ele... ele é segurança... — Merda, nem tenho coragem de encará-las.

Katy cruza os braços, esperando por mais.

— Ele veio me avisar que tivemos um problema... com o sigilo de uma campanha, e... — mordo a bochecha, odiando ser uma mentirosa justamente para elas — e eu tenho que ir para lá.

Sebastian descontrai sua postura de ataque, mas Katy agora me encara como se não estivesse acreditando em uma única palavra minha. Nunca menti para elas sobre coisas assim, e, desde que conheci Gael, isso está se tornando um hábito, o que é péssimo.

Levanto-me, virando-me para as duas.

— É uma longa história, mas prometo que vou contar assim que puder — é um pedido silencioso por compreensão, elas sabem.

— Pini — Katarina se coloca entre Sebastian e mim, defensivamente, sem se importar em dar as costas ao cara, dizendo somente aos meus ouvidos —, você está metida em algum problema?

Dou uma risada fraca.

— Não, amiga, não é nada demais... sério. Agora eu preciso ir, mas mais tarde te ligo e explicarei certinho.

Ela ainda me segura por mais alguns segundos, até que algo em minha expressão a tranquiliza. Beijo seu rosto e o de Gabi e me viro para o homem que está em minha lista negra, aliás, antes dele só há outro russo, que pretendo assassinar com minhas mãos.

— Vamos, Sebastian — rosno, passando ao lado do cara sem lhe dirigir um olhar.

Ele acompanha cada passo, numa aura insatisfeita. No estacionamento, vejo-o me seguindo até o meu carro.

— Onde você pensa que vai? — indago, parando com a chave na mão.

— Você me dará carona até a sua casa, já que mandou aquele moleque furar

meus pneus — seu tom não abre brecha para negociação.

— E-eu não sei do que você está falando — finjo-me de desentendida.

— Ah, não sabe? — Cruza os braços diante do largo peito. — Não foi o que aquele magricelo disse.

Tusso e engasgo ao mesmo tempo.

— Que magricelo? — meu temor pela integridade física do pobre Andrew é evidente

Ele sorri com deboche.

— Você achou mesmo que aquele moleque aguentaria a pressão, Priscila?

Sinto minha testa transpirar em gotas.

— O que você fez com ele, Sebastian?

Cerro meus punhos, pronta para socar sua traqueia caso tenha tocado num fio de cabelo do menino.

O imbecil não se contém e ri alto.

— Não fiz nada, ele praticamente se entregou quando me viu um pouco *descontente* por cair na *sua* cilada. Troquei um pneu e, quando percebi, o outro também estava furado. Não precisa ser um gênio para saber que era coisa sua. — Ele aponta para si, sua camiseta suja. — O moleque quase se cagou de medo sem que eu nem mesmo perguntasse.

Relaxo... e me sinto traída. Grande corajoso, aquele menino, foi logo dando com a língua nos dentes.

— E por que eu deveria te dar uma carona? Você estragou a minha noite. — Aponto para o barzinho.

— Porque você ferrou com meus pneus, aliás, irá pagar por eles. E porque eu só estou garantindo a sua segurança.

Deixo minha cabeça cair de lado, do tipo “ah, é?”.

— Até onde eu sei, uma noite divertida não afeta minha segurança, pelo contrário, eu estava indo muito bem, obrigada — digo, irritada.

— Priscila, se o Gael visse aquele cara querendo o que é dele, esteja certa de que este lugar — ele aponta para o bar — seria mandado pelos ares em dois tempos, e aquele seu amigo estaria com mais problemas do que ele pode suportar.

Arregalo os olhos e então os estreito como quem dá um aviso.

— Eu não sou do Gael, Sebastian. Nós não temos *nada* um com o outro.

— Não se engane. — Praticamente me chamando de tola com um arquear

de sobrancelhas, ele então gesticula enquanto fala: — Agora vamos, não é seguro ficarmos aqui, em lugar aberto.

Nem me dou ao trabalho de discutir. Parece que esses russos têm uma ideia distorcida de propriedade.

— Só me responda duas coisas — peço antes de entrar no carro.

Ele acena como se dissesse “pergunte”.

— Se você está sem carro, como foi que chegou aqui?

— Pedi para me trazerem — responde condescendente.

Balanço a cabeça, entendendo.

— E como *sabia* onde eu estava?

Sua segurança vacila.

— Pelo rastreador no seu carro — a voz diminui uma nota.

— Meu carro não tem rastread... — Vejo-o desviando os olhos. — Espera, meu carro *tem* rastreador?

— Sim, instalamos um — pelo menos o homem se dá ao trabalho de soar envergonhado.

— Argh! Onde está o direito de privacidade das pessoas?! Qual o problema de vocês, droga?! — Aponto um dedo para ele. — Eu deveria te deixar aqui sem carona, sabia?! Só não faço isso porque furei mesmo os seus malditos pneus e fiz pouco. Mas essa, eu não vou deixar barato, fique sabendo! E trate de tirar essa porcaria do meu carro! — Aponto um dedo, ameaçador.



Capítulo 28

Priscila

No caminho para casa, noto Sebastian digitando uma mensagem. É tão estranho saber que Gael está se comunicando com ele, mas não me atende. Menos de quatro dias atrás, tínhamos intimidade, agora é como se ele fosse um estranho, e eu, a inconveniente que ele se recusa a atender.

Estaciono na garagem do meu prédio.

— E então, agora que você está sem o carro, vai fazer o quê? Chamar um táxi? — pergunto ainda chateada por essa história de rastreador. Sei que Sebastian não tem culpa, mas me sinto frustrada e invadida.

— Me enviarão outro carro, Priscila — ele informa, ignorando meu tom desagradável. — E vou continuar fazendo a segurança.

Bufo.

— Que saco isso, Sebastian. Você prefere passar a noite em um carro em frente ao meu prédio a admitir que aquele cara perdeu o juízo com esta história toda.

— Você não sabe de nada — resmunga, sem muita vontade de conversar.

— Então me diga, droga! Por que eu preciso de proteção?

Sebastian recua e não responde. Suspiro, cansada desta situação.

— Olhe, liberdade é algo realmente importante para mim, e não posso mais aceitar esta história de você me seguindo. Já perdeu a graça. Se seu chefe fosse um pouco mais inteligente, veria que só está piorando as coisas.

O homem sorve uma respiração profunda, porém, mantém-se silencioso. Ele parece ser um bom cara, não entendo o porquê de aceitar esse papel.

Descemos do carro e caminhamos para chamar o elevador da garagem. Logo que as portas se abrem, deparo-me com o porteiro dentro dele. Pascoal trabalha aqui há muitos anos, sempre no turno da noite. É um homem já na casa dos cinquenta anos, rechonchudo, com pouco cabelo e dono de um bigode grisalho grosso. Sempre sorridente, nunca o vi com essa expressão assustada.

— Dona Priscila! — exclama afobado.

Estranho seu comportamento.

— Boa noite, Pascoal, aconteceu alguma coisa?

Ele mantém a porta aberta e continua com os olhos arregalados.

— Vam-vamos subir — gagueja.

Verifico Sebastian, que já está em seu modo alerta, esperando por uma explicação também, como se soubesse que há algo de errado. Entramos no elevador.

— Eu vi seu carro entrando e decidi vir aqui embaixo. — Transpira, alarmado. — Não faz muito tempo, do-dois sujeitos tentaram entrar no seu apartamento.

Sinto meu corpo gelar instantaneamente.

— Como assim tentaram entrar, Pascoal?

— Há quanto tempo? — Sebastian interfere, frio como gelo.

Pascoal olha entre nós, analisando o sujeito ao meu lado.

— Esse é Sebastian, o segurança... e um amigo — apresento, paciente.

Pascoal assente e responde:

— Já faz mais de uma hora. Por sorte, bem na hora, o morador em frente ao seu apartamento estava saindo de casa e, quando viu os caras tentando arrombar a porta, entrou de novo bem rápido. Acho que eles ficaram com medo do morador chamar a polícia, então acabaram fugindo — o ritmo de sua fala se assemelha a uma metralhadora. — O síndico está uma fera comigo, mas eu nem os vi entrando... nossa, foi tão rápido.

O elevador para no térreo.

— Eu não posso subir lá com vocês, a portaria está sozinha, dona Priscila — o homem olha para Sebastian enquanto fala comigo. — Mas nós chamamos a patrulha da rua, e eles ficarão em alerta. A violência neste bairro está crescendo, infelizmente.

Somente consigo concordar com a cabeça enquanto a porta do elevador deixa o homem para trás.

— Isso não foi uma coincidência, não é? — sussurro, impactada.

O cara não responde, mas seu corpo enrijece.

— Sebastian?

— Eu não sei, Priscila — fala calmo, porém, o semblante fechado revela por si só.

— É uma boa hora para você me contar o que está acontecendo — decido

insistir.

Ele emite uma expiração pesada pelas narinas.

— Você não pode ficar aqui. Nós vamos para a mansão — declara firme, ignorando meu pedido.

— Não — consigo ser tão fria quanto ele. — Não vou sair da minha casa, e você vai me contar o que está acontecendo. Agora.

Ele me fita, seus olhos castanhos dilatados.

— Este não é o momento para teimosia. Priscila, eu preciso te tirar daqui.

Sem perder a calma, mudo meu corpo para ficar a sua frente.

— Ouça com atenção, Sebastian: não irei a lugar nenhum e, se não me disser o que está acontecendo, chamarei a polícia. Ou você é honesto comigo, ou dê o fora do meu prédio.

Seu corpo está todo tenso, posso sentir, mas, teimosamente, ele não diz nada. E então me surpreende assim que chegamos ao meu andar, empurrando-me para trás do seu corpo defensivamente e sacando uma arma.

— Me dê as chaves, vou entrar na frente para ter certeza de que não há ninguém aqui — ordena parecendo estar numa guerra.

Ao ver a arma, minha pressão arterial vai ao céu e volta. Que porcaria está acontecendo? Recebo uma encarada que me mostra que ele não está brincando. De mãos trêmulas, dou-lhe a chave.

Agilmente, ele destranca a porta, com a arma em punho, e entra primeiro. O lugar está escuro, vejo-o espalmado a parede próxima à porta para encontrar o disjuntor, então atravesso meu braço por baixo do seu e acendo a luz. Meu apartamento está intocável.

— Não há ninguém aqui — sussurro. — Pascoal disse que eles estavam tentando entrar, mas não conseguiram.

Sebastian passa um raio-x no imóvel e tranca a porta atrás de nós.

— Pegue suas coisas, você não pode ficar aqui esta noite — orienta sério, guardando a arma na parte de trás da calça, na cintura.

Por sua descrição, eu jamais imaginaria que ele estava armado esse tempo todo.

— Esqueça esse negócio de “pegue suas coisas” — aviso. — Eu não vou sair da minha casa.

Sua paciência, percebe-se, beira o limite. A minha também, para o azar dele.

— Priscila — pronuncia meu nome num rosnado.

— Sebastian — rebato no mesmo tom.

Deixo minha bolsa no sofá e vou para a cozinha. Ele me segue.

— Não seja teimosa agora. Ficar aqui não é seguro. Este prédio nem mesmo tem segurança adequada.

Acho louvável sua tentativa de querer me convencer usando a racionalidade. Tranquila, encho uma chaleira com água, ignorando taxativamente seus argumentos.

— Eu já disse que não — rebato tão serenamente quanto possível, visto que minhas mãos tremem e a adrenalina está nas alturas. — Seja honesto comigo, por que alguém tentaria entrar no meu apartamento, em meio a tantos outros?

— *Nahui!* — Ele desliza os dedos pelo próprio cabelo, exasperado. — Espere até Gael voltar, e vocês conversarão, mas facilite isso para mim, mulher. Por favor, faça o que estou pedindo.

Bato a chaleira em cima do fogão.

— Esqueça.

— Tudo bem. — Ele cruza os braços fortes sobre o peito. — Vou ficar aqui com você.

Sei que é uma ameaça para me dissuadir. Reviro os olhos, o que o deixa ainda mais frustrado, apesar do aparente controle.

— Não vai, não. Eu não o convidei para passar a noite. Nem ao menos tivemos um encontro ou conheci sua família — provoco, porque sinto que, com ele, esse é o caminho.

Entrando no jogo, de canto de olho acompanho-o puxar uma cadeira em frente à mesa e se sentar à vontade, despreocupado. Gosto dele, de suas mudanças de táticas, do pensamento rápido. É esperto.

— Ok, mulher. Você tem duas opções: ou vem comigo para a mansão, ou passarei a noite aqui. Escolha.

— Duas opções... — repito, fingindo refletir. — Na verdade — apoio o quadril na pia —, gosto de seu jeito de jogar, sempre dando opções, como fez ainda há pouco naquele barzinho. É uma pena que comigo isso não funciona.

Arrogantemente, ele arqueia a sobrancelha.

— Mas... — dou uma abertura para negociação — você pode se sentar aí, me contar o que está havendo, e quem sabe eu deixe você continuar me seguindo como o cão de guarda daquele seu chefe covarde que não atende as minhas ligações e que...

— Você pediu a ele um tempo — o imbecil arrogante me corta.

E é o que escutei que me faz perder a linha de pensamento.

— O que disse?

— Você pediu um tempo antes de ele ter de viajar, não?

Sinto chamas de raiva faiscarem em mim.

— E o que isso tem a ver?

— Ele está respeitando.

Sinto a dor das unhas se cravando nas palmas de minhas mãos fechadas em punho.

— Não sabia que russos mafiosos, que andam armados e se comportam como trogloditas eram dados a fofocas.

Ele dá de ombros.

— Não somos. Mas, quando o cara que comanda está de mau humor por causa de sua senhora, todos acabam arcando com as consequências.

Semicerro os olhos sem o menor humor, como quem diz “interessante...”.

— Por que está aqui, Sebastian? Para me punir? Quero dizer, neste caso, *eu* e você estamos sendo punidos, não é?

Ele bufa.

— Gael jamais seria um escroto mesquinho assim. Se estou aqui, é para cuidar de alguém que é realmente importante para ele enquanto ele mesmo não pode fazer. O cara já perdeu muita coisa na vida.

E, com isso, perco um pouco da raiva, da postura de combate. Viro-me de volta para o fogão, ocultando o quanto suas palavras mexem comigo.

— Se é importante para você, fique. Mas dormirá no sofá e saiba que é pior do que o banco do seu carro, então não reclame depois.

— Tudo bem — pego a pontinha de afronta, mas também o momento em que ele relaxa um pouco.

— Gringos arrogantes — resmungo. — E trapaceiros.

Sebastian rosna alguma coisa que eu não entendo, em seu idioma; um xingamento, talvez.

— E amanhã não te quero mais me seguindo.

Ele rebate com outras palavras que não entendo.

— E se eu não souber o que está havendo, se ele não me contar assim que voltar, tomarei minhas próprias medidas.

— Suas próprias medidas envolvem o quê? Dar emprego aos seus inimigos? — zombeteiro, quase posso enxergar seu sorriso às minhas costas.

— Fiz aquilo porque não tive opção. Quando há um cão de guarda me seguindo, preciso esconder minhas verdadeiras intenções. Nunca se sabe se russos não acabam sendo belos dedos-duros nos tribunais.

O imbecil gargalha alto.

— Somos tudo, tudo mesmo. Inclusive delatores, se é isso o que esse seu idioma complicado quer dizer.

— Então minha decisão acabou sendo certa, no final das contas; não fazer mal a ela por enquanto.

— Ou digamos que eu tive de mandar um amigo lá e certificar que a cadela mentirosa cumprisse o acordo...

Viro-me imediatamente.

— Você não...? — questiono até com medo de concluir.

— Não — diz simplesmente, deixando a maldita dúvida no ar. Amanhã ligarei para Nicole. Por segurança. — Relaxe, estou brincando.

Controlo a vontade de mudar de ideia e botar o cara para fora.

— E eu pensando em fazer um jantar...

— Faça, por favor. Estou mesmo com fome, e, pelo visto, ficaremos aqui — algo em seu tom me traz um sentimento de culpa muito forte. É provável que ele mudaria de turno com o homem da outra noite e descansaria, mas está aqui, cuidando de minha segurança.

— Tudo bem, eu jamais negaria comida a alguém tão agradável. — Finjo uma careta.

Sorrindo, Sebastian diz que precisa fazer uma ligação e sai do apartamento. Admito que a ideia de o ter aqui comigo não é tão ruim; de outra forma, eu estaria aterrorizada com a possibilidade de alguém tentando invadir meu apartamento enquanto durmo. Estou certa de que essa história tem relação com esses gringos, do contrário, por que um criminoso entraria justamente no meu apartamento, entre tantos? Eu realmente espero que Gael retorne logo de onde quer que esteja, porque ele tem muito o que explicar.

Meia hora depois que chegamos, tenho um pequeno jantar pronto para dois. Fiz uma salada robusta, batatas cozidas e grelhei alguns bifês. Quando Sebastian retorna, noto seu semblante cansado. Em silêncio, coloco dois pratos no balcão da cozinha e encho duas taças de vinho. Ele se senta à minha frente sem pestanejar e se serve da comida, como se a fome fosse seu ponto fraco.

Após algumas garfadas e um pouco de vinho, o clima já está mais ameno entre nós.

— Me desculpe pela coisa dos pneus — murmuro. — Eu não consegui pensar em uma ideia melhor.

Ele sorri, porém, com sinais de preocupação evidentes em seu rosto.

— Tudo bem, eu deveria ter esperado algo assim vindo da mulher que socou o nariz de Gael Nikolaevich.

Tento evitar um sorriso.

— Vocês, gringos, são tão teimosos, você sabe, não? — Corto o bife. — Estou até agora tentando entender o furacão chamado Gael.

Parando de mastigar, ele me olha intensamente por um momento.

— Ele gosta de você, Priscila. O cara já passou por muita merda, então dê um desconto a ele — o modo como fala demonstra certo afeto. Decido ir mais a fundo.

— Você também é da Rússia — constato, e ele confirma com a cabeça. — Vocês se conhecem há muito tempo?

Ele deixa os talheres no prato e engole todo o vinho.

— Ele te contou sobre a família — não é uma pergunta. Ainda assim, maneo a cabeça afirmando. — A Lara era minha noiva.

A elucidação clareia minhas dúvidas. Sebastian era cunhado de Gael. Estar aqui é uma missão para ele também.

— Eu sinto muito, Sebastian — sussurro, sem saber o que dizer. — Deve ter sido difícil...

Aos poucos e com mais vinho, Sebastian dá detalhes do que Gael não me disse. Lara foi estuprada e espancada antes de ser morta e ainda viu seus sobrinhos serem assassinados a sua frente. Tudo muito cruel e doloroso. As coisas que o homem conta me arrepiam, é doído demais saber em detalhes como alguém importante foi tirado de uma pessoa. Assim como Gael, Sebastian também ficou magoado por Lara não lhe contar no que estava metida. Eles acham que as coisas teriam sido diferentes se ela confiasse a história a eles. A dor e a raiva em seus olhos se assemelham às que eu vi em Gael; noto pela primeira vez. A diferença entre eles é que Sebastian consegue guardar isso muito bem coberto numa névoa de neutralidade, já em Gael, a dor e a raiva crepitam como chama viva naqueles olhos azuis-turquesa.

Após algumas horas de conversa, deixo Sebastian na sala, com um cobertor e um travesseiro, e vou para meu próprio descanso depois de um dia que parece interminável. Não que eu consiga dormir. Pego o celular e, talvez abalada pela conversa com Sebastian, decido gravar uma mensagem para o gringo, pois sei

que falarei diretamente com sua secretária eletrônica.

— Oi... — saúdo quando o sinal diz que a ligação será encaminhada para a caixa de mensagem. — Tô realmente frustrada por não me atender, sabe...? Eu gostaria de poder conversar, te dizer o quanto detesto ser deixada no escuro sobre essa situação, enquanto você está sei lá onde e coloca seu amigo para me vigiar sem eu nem mesmo poder decidir sobre isso... — suspiro, então dou uma pequena pausa. — Detesto ser assim, mas não consigo conviver com a falta de escolha, ela acaba comigo... — paro de falar quando o sinal sonoro avisa que é o fim da mensagem. — E eu sinto sua falta... mais do que eu gostaria de sentir — essa última parte, digo apenas para mim, baixinho, como um segredo.

No entanto, hoje, mais do que nunca, sei que não posso ficar com esse homem. Alguém com a vida tão complicada acabaria me ferrando, mesmo sem intenção... um dano colateral.



Capítulo 29

Priscila

Com um carro que foi deixado para ele, Sebastian me seguiu para mais um dia de trabalho. Contudo, avisou que durante a manhã mandaria outra pessoa para vigiar a entrada da agência, enquanto ele iria a um compromisso. Honestamente, não me incomodei... pelo contrário, estou começando a acreditar que é importante ter alguém por perto, pelo menos até que me expliquem o que está acontecendo.

No início da manhã me certifico de falar com Nicole (por consequência, sei que está bem) e a encaminho, então, para a campanha. Minha situação com ela está resolvida, e não me sinto culpada por ameaçá-la. Na verdade, até estou fazendo um bem à garota, ensinando-lhe a ganhar seu próprio dinheiro sem artimanhas. Então mergulho fundo em ideias no trabalho, até que meu estômago reclama por uma folga. Confirmo o horário, constatando que é quase 1h da tarde.

Pego a carteira, determinada a comer algo no restaurante em frente e passo pela portaria bem a tempo de ver Sebastian dispensando um sujeito muito, muito grande, que estava ali, vigiando. Em vez de ignorá-lo, como fiz nos dias anteriores, vou até ele dar um “oi”.

Assim que me aproximo, vejo um hematoma enorme no olho do gringo. Travo no lugar.

— Bom Deus, o que raios foi isso? — indago sem esconder a surpresa.

Sebastian balança a cabeça, negando a gravidade.

— Alguém não gostou de saber onde passei a noite — é tudo o que ele diz, sorrindo zombeteiro.

Não lembro de ele ter comentado, na noite anterior, que havia uma nova namorada ciumenta na história... No entanto, sinto-me vingada. Eu mesma quis socá-lo algumas vezes nos últimos dias.

— Mande a ela meus cumprimentos — provoco antes de atravessar a rua, com ele logo atrás de mim.

Almoço no pequeno estabelecimento e volto para a agência. Ao escovar os

dentes no banheiro privativo, percebo o quanto estou com uma aparência ruim. Não tenho dormido nada, estou ligeiramente ansiosa. É como regredir todo o trabalho mental que passei anos construindo. Droga.

Retorno à mesa, coloco fones de ouvido para músicas com batidas mais pulsantes, pronta para terminar o briefing que entregarei a Gael sobre a estruturação de sua marca... não que eu realmente acredite que fará qualquer diferença para ele, agora que sei a intenção de suas empresas no país, mas mergulho no trabalho para fazer algo digno de seu investimento.

Por volta das 3h da tarde, meu celular toca sobre a mesa. Verifico o aparelho e... sinto meu coração acelerar o ritmo das batidas, como o de uma adolescente, ao encontrar o nome *dele* na tela. Delibero sobre atender. Gael tem me evitado pelos últimos dias; eu deveria fazer o mesmo.

E é o que faço, guardo o aparelho na bolsa sem atender.

Não demora, o ramal da minha mesa toca.

— Sim? — questiono suavemente, ciente do que se trata.

— Priscila, o senhor Gael Nikolaevich está na linha — Luana diz receosa.

— Lua, por favor, diga a ele que, assim que eu puder, ligarei de volta...

Ela diminui o tom de voz, sem jeito:

— Ele pediu para dizer que virá aqui caso você não atenda.

Respiro fundo. Então é tudo no tempo dele, não é? Cliente, é claro.

— Tudo bem, pode transferir. Obrigada...

Sorvo uma quantidade absurda de ar para acalmar minha ansiedade, até que escuto sua voz rouca do outro lado:

— Há um café na esquina, estou te esperando lá em 15 minutos — informa, assim, como se eu fosse um dos seus soldados.

Decidida a não demonstrar o abalo desconcertante por voltar a ouvi-lo, limpo a garganta.

— Estou bem, obrigada, e você, como vai, senhor Nikolaevich?

Ouçoo suspirando longamente, e logo o silêncio abafa a linha. Chego a pensar que ele desligou, mas não é o caso.

— Eu preciso te ver — o tom baixo, cansado, toca algo profundo dentro de mim.

Mordo o lábio, mortificada e deixo a cabeça cair na mesa.

— Estou no meio do trabalho agora, Gael — sussurro, tentando acalmar meu coração.

— 15 minutos — avisa para logo desligar.

Senhor, para onde minha vida está indo com tudo isto? Estou energizada só por ouvir a voz dele. Meu peito bate descompassado, tenho a sensação de cócegas no estômago. Estou perdida e nem sei exatamente em que momento isto aconteceu, mas é certo que entrei em um labirinto sem saída com todos estes sentimentos malucos e inexplicáveis.

Mantenho a cabeça abaixada na mesa, tentando assimilar o que vou fazer. Ir ao encontro dele é a única coisa a ser feita, pois, tão certo quanto a luz do dia lá fora, se eu não for, ele virá até aqui.

Andando sobre pernas gelatinosas, confusa nos meus passos, caminho para a cafeteria que ele indicou. Nervosa, dobrando a esquina, eu finalmente o vejo, ridiculamente mais lindo do que eu me lembrava. Os cabelos negros sedosos e perfeitamente penteados causam uma coceira na palma das minhas mãos, uma vontade de correr os dedos ali. No seu corpo, um elegante terno escuro sobre a camisa impecavelmente branca e uma gravata fina preta que arremata o visual de tirar o fôlego. Sua barba está maior. Posso verificar também que manchas escuras circundam seus olhos, dando-lhe um aspecto cansado, o que só o deixa ainda mais atraente. Quando nossos olhares se encontram... Deus tenha piedade de mim, é como se eu não soubesse ou desaprendesse a respirar. Por mais incrível que pareça, até mesmo sou capaz de escutar as batidas descompassadas no meu peito, barulhento a ponto de doer. Para finalizar a loucura absurda, é como se minha boca fosse preenchida por algo pesado e ficasse impossibilitada de se abrir.

Sem saber como, continuo caminhando para encontrá-lo. Nossos olhos nunca se deixam. Sua expressão é indecifrável, mas percebo-o travando a respiração e sua garganta se movendo enquanto engole com dificuldade.

Este é o momento em que a vida vem com um carimbo bem grande onde está escrito “você definitivamente se ferrou” e marca sua alma. Não tem volta.

Limpando as mãos suadas na lateral da saia, paro diante dele, transpirando por todos os poros possíveis.

— O... — tento dizer, mas a voz não sai, então limpo a garganta e tento mais uma vez: — Oi, Gael... — cumprimento-o com um sussurro abalado.

Ele me olha com suas turquesas escurecidas, selvagens.

— Oi, Priscila — escuto o ruído grave de meu nome em seus lábios, e é como se a vida retornasse a meu corpo adormecido por muito tempo. — Por favor, sente-se.

Comprimo os lábios e assinto. Desajeitada, eu me sento olhando para

minhas mãos, para a mesa, para a sua xícara, perdendo completamente a coragem de encará-lo novamente.

O silêncio se estende, forçando-me a criar forças para enfrentar a tempestade dentro de mim e encarar o causador dela. Olho para seu rosto, observando o maxilar rígido, o ar saindo com força, alargando suas narinas, o músculo de sua face dançando freneticamente, e os olhos... os malditos olhos cor de turquesa perigosos cravados no meu rosto.

Tenho tanto a dizer e ao mesmo tempo não tenho mais palavras, até que meu olhar cai em sua boca, carnuda como sempre, mas com um hematoma fresco no cantinho. Ele andou brigando. Rapidamente meu cérebro se lembra do estado do olho de Sebastian. Estavam juntos numa briga contra alguém, eu poderia pensar... se não fosse a explicação de Sebastian sobre alguém “não gostar de saber onde ele passou a noite”.

— Então você é a namorada ciumenta — resmungo mais para mim do que para ele.

Gael inclina a cabeça, com aquela expressão sombria, compreendendo a direção dos meus olhos.

— O filho da puta não deveria ter dormido com você.

— Como é? Você... você acha que Sebastian *dormiu* comigo?

Ele arqueia uma sobrancelha grossa, negra, rebelde.

— Dormir na sua casa, dá no mesmo.

Exprimo um riso desprovido de humor.

— Você só pode estar fora da sua mente para me dizer uma coisa dessas. Aliás — ganho energia, lembrando-me de todos esses dias em que me ignorou descaradamente para agora se sentar aqui e me acusar de qualquer coisa —, qual o seu problema? Voc...

Ajeitando a gravata daquele modo intimidante, Gael se inclina para mim, interrompendo-me antes que eu consiga soltar todo o caminhão de coisas que tenho a dizer.

— Meu problema é *você*, *Krasavitsa* — seu tom é acusatório, — dando conversa para um qualquer em um bar, que certamente queria mais do que te pagar uma bebida. Meu problema é você deixando Sebastian dormir na sua casa. É esse tempo que pediu. Meu problema é *você*. — Os olhos brilham intensos, ameaçadores.

Engasgo, sem reação diante do poder que emana dele diretamente para me queimar feito uma fogueira. Entretanto, sacudo a cabeça, tentando sair desta

névoa, deste feitiço.

— Isso soa até engraçado. Você não me atende, não me explica droga nenhuma sobre esta história toda de segurança e quer me fazer parecer culpada só por eu conversar com um cara em um bar e por deixar que seu segurança teimoso me proteja? — Balanço a cabeça. — Eu nem acredito que estamos tendo esta conversa.

Somos interrompidos pela garçonete, trazendo-me um café que eu nem pedi. Ficamos em silêncio enquanto ela o serve e se afasta.

— Por que estava com aquele cara? Estava a fim de sair dali com ele? — Vejo a mágoa e o fio de controle quase tangíveis nele.

Elevo o queixo, um tanto ofendida.

— E se eu estivesse a fim de sair com ele e ir a outro lugar? — enfrento-o para logo me arrepender com a decepção de suas turquesas direcionadas a mim.

Droga, por que me sinto impelida a dizer a verdade, quando ele nem mesmo merece depois de me ignorar tanto? Porque não quero que o infeliz se atormente. Sou uma imbecil fraca, ao que parece.

— Não. Eu não estava a fim disso. — Mexo a colher dentro da xícara. — Pedi uma bebida no bar e decidi me sentar ao lado dele enquanto esperava. Eu estava lá com minhas amigas, e é tudo.

Seu maxilar diminui a pressão, mas os olhos ainda estão selvagens.

— E esse tempo que pediu? — rosna.

— O que tem? — devolvo no mesmo tom.

— Já foi o suficiente para a gente passar por cima desta merda toda e continuar?

Tenho vontade de rir. O homem está aqui, enfrentando-me sem nenhum pudor e indo direto ao ponto. Respire, Priscila, e não se deixe levar por este calor no peito ou o reboliço visceral.

— As coisas não funcionam assim, Gael... — começo honestamente para logo ser interrompida.

— Funcionam assim para mim, Priscila. Eu não quero mais ficar longe de você e sei que sente o mesmo. — Então suaviza e entra no território da honestidade: — Vejo em você. Pela maneira que seus olhos me encaram, sua respiração se agita, eu vejo em você a mesma bagunça que sinto, *Krasavitsa*.

Sugo todo o oxigênio que suporto e encaro o céu azul acima de nossas cabeças. Deus, o que eu devo fazer com esta direção em que a vida está tentando me empurrar? É claro que ele tem razão, não dá para negar que a reação de meu

corpo nos últimos dez minutos não tem nada de normal... No entanto, nem tudo é simples ou fácil assim.

Volto a mirar seu rosto, o mesmo que não saiu da minha cabeça esses dias todos. Há *coisas* entre nós, situações que precisam ser esclarecidas.

— Por que colocou o Sebastian me vigiando?

— Porque preciso que esteja segura.

— Segura de que ou de quem?

— *Krasavitsa*... — ele tenta me dissuadir, sei disso.

— Se não me falar, não posso permitir que continue essa vigilância — e sou franca. — Ter alguém me vigiando, me tirando dos lugares, eu sinto muito, mas não sou essa pessoa que você quer. Não vou aceitar alguém me dizendo para onde devo ir.

A cada palavra, o músculo de sua face salta, exibindo a pressão aplicada na mandíbula.

— Eu preciso te manter segura... — revela quase desesperado, agarrado a um fio de controle. — Já perdi pessoas demais, você sabe disso...

Ao ouvi-lo, tendo ciência de quanto Gael já foi ferrado pela vida, meu coração parece se apertar em nós.

— Eu sei... — sussurro, compreendo-o muito bem, sentindo sua dor me machucar. — Mas não posso te entregar o controle da minha vida, simplesmente não posso.

— Não quero o controle sobre você, Priscila! — defende com ferocidade seu ponto de vista. — Eu jamais faria isso. Mas preciso que esteja protegida contra aqueles que querem me atingir.

Respiro de modo entrecortado, o peito subindo e descendo rapidamente. Notando meu estado, ele me estende a mão, dedos grandes, naturalmente bronzeados.

— Esqueça essa besteira de tempo. Venha para casa comigo — o apelo forte e franco me torna fraca. — Vamos ficar juntos um pouco, tô precisando disso, precisando só estar perto de você. Os últimos dias foram um inferno.

Maldito homem, que diz coisas assim.

— Eu não posso... — sussurro, apegando-me ao mínimo de força de vontade e racionalidade que ainda possuo.

Ele toma a minha mão por cima da mesa, e sinto a potência de uma descarga elétrica percorrer cada grama em meu corpo. Sem nem perceber como, sou levada para seu colo.

Gael afunda a cabeça na curva do meu pescoço e aspira meu cheiro, emitindo um gemido abafado ao primeiro contato contra a minha pele, algo gutural que parecia preso dentro dele. Incapaz de resistir, absorvo a sensação feito uma droga necessária para um viciado, deslizando os dedos pelo cabelo de fios negros como a noite sem estrelas, macios, perfumados. Suas mãos apertam minha cintura, firmes, trazendo-me para si. A impressão é de que o mundo simplesmente parou para nós; como se estivéssemos somente os dois. É difícil lutar contra isso, quase impossível.

Lentamente Gael vai se afastando de minha pele para então encarar meu rosto. O olhar desliza pelo meu, pairando sobre a minha boca. Respiro fundo, abalada com nossa proximidade e, ao fazê-lo, sorvo o cheiro de sua pele, a essência de seu perfume masculino poderoso. Com o sentimento de perder uma guerra, sou eu a acabar com a polegada de espaço entre nós e deixo meus instintos me guiarem para beijá-lo de maneira intensa, sofrida, necessária.

Entrego-me ao toque de nossas bocas com urgência e apego, lenta e firmemente, de forma dura e macia. Quase sem fôlego, nós nos afastamos, presos a uma atmosfera densa, olho no olho, sentimentos ocultos sendo desmascarados.

— Onde você esteve? — sussurro.

— Cuidando de algumas coisas — murmura, nossos lábios se roçando.

— Por que não me atendeu?

— Eu queria te dar espaço para pensar — assume, derrotado.

— O que está havendo realmente, Gael? Por que preciso de segurança? Quem tentou entrar na minha casa?

E, olhando diretamente em seus olhos, fico ciente de que ele não responderá as perguntas que preciso. Ele acha que, agindo assim, está me protegendo e talvez não entenda a necessidade que tenho de precisar conhecer meus inimigos, aqueles que querem me colocar em risco.

Por ser ignorante quanto a quem temer, uma vez fui presa, estuprada, espancada, ultrajada, reduzida a nada... Não. Não posso deixar meu destino nas mãos de mais ninguém.

— Não posso viver assim — digo honestamente, fitando seus olhos escurecidos. — Infelizmente, para mim não dá.

— Não faça isso com a gente... — tenta impedir o que sabe ser inevitável.

— Eu sinto muito...



Capítulo 30

Priscila

O caminho de volta para o escritório foi mecânico. Deixei Gael para trás, e precisou tudo de mim para eu tomar essa decisão. Meu coração parece apertado, estou com uma vontade desgraçada de voltar lá e esquecer todo o resto. Há muito anos, quando eu ainda era só uma menina quebrada do pior jeito pelas mãos de um maldito cara, a única coisa que eu queria era sumir do mundo. Naquela época eu estava morta em vida. Nunca pensei que eu pudesse gostar ou confiar em um homem novamente, que algum sentimento bom fosse restaurado em mim... até esse maldito gringo aparecer.

E o que eu faço agora com tudo isso? Com essa loucura que é quando estou junto dele, ou com a angústia profunda em estar longe? Eu nem mesmo sei se isso é saudável, querer tanto alguém desse jeito, ter seu corpo entrando em colapso apenas por estar perto da pessoa.

Contudo, a troco de que estou me privando dele? Medo de ser ferida outra vez por alguém que lhe quer mal? Gael nunca permitiria que me tocassem daquele jeito, que um monstro me machucasse. Sinto que, de uma forma não-convencional, ele é um tipo de anjo. Alguns são puros, com aura e asas brancas como a neve e habitam um local de paz e tranquilidade; outros, talvez por terem suas almas destruídas, são anjos caídos, com enormes asas negras, pecados indizíveis, devassidão, mas também uma fúria protetora feral. Gael é isso, um anjo caído atrás de vingança contra os verdadeiros demônios.

É errado comigo mesma me acovardar. Na verdade, viver assim já não está mais funcionando. Não posso deixar que o passado continue dirigindo meu futuro. Coisas ruins acontecem o tempo todo, o perigo está em toda a parte, e é para isso que venho me fortalecendo, afinal, para conviver com ele, lutar contra ele. Nunca senti nada parecido por ninguém, e ignorar este sentimento por puro medo não faz nenhum sentido, racionalmente falando.

É isso. Levanto a cabeça da mesa, só então me dando conta de que já escureceu e passou muitas horas de meu horário de sempre. Todavia, agora tenho uma decisão tomada. E ela inclui *não* me afastar mais daquele maldito russo.



Sebastian

Estranho a demora de Priscila. A uma hora dessa, ela já estaria em sua casa. Entretanto, permanece ali, entocada no maldito escritório. Algo me diz que a conversa que teve com aquele puto não foi boa. *Yeb vas*, sei como essa merda toda está pesando sobre o cara. Vi seu estado essa manhã. A guerra que travamos aqui tem cobrado preços altos a todos nós, mas principalmente a ele. E agora há essa menina em seu coração. Ela é importante para ele. A loira talvez nem imagine o quanto, mas, em muitos anos, essa é a primeira vez em que vi o foco de Gael ser direcionado para além de nossos inimigos, a primeira vez em que ele se importa com alguém a ponto de contar toda a verdade e mostrar quem realmente é. O problema é que, com isso, ele desenhou um alvo no meio das costas dela. E Gael sabe disso, culpa-se por ter arrastado Priscila para nosso inferno.

Quando me chamou, há algumas noites, contando que viu aquele monte de lixo rondando o prédio onde ela vive, eu vi a fúria e o desespero dele. Caçar a informação que descobriu se tornou uma questão de honra, ele não podia mandar outra pessoa. Eu teria ido em seu lugar, mas entendi quando me pediu para cuidar dela do modo como ele mesmo faria. Eu teria agido assim para proteger a Lara, se ela malditamente tivesse confiado em mim, se não ferrasse tudo agindo pelas minhas costas.

Esfrego o rosto com força. Essa merda ainda dói *pra* caralho. Cada gota de sangue correndo em meu corpo sente, mas é no peito onde a dor parece mais concentrada. E é sempre assim toda vez que penso em seu rosto, no último sorriso que vi naquele aeroporto, nos malditos olhos tão excêntricos e calorosos, em como eles me transportavam para um lugar bom onde só havia promessas de um futuro; eu sinto a maldita dor. Ela é a única certeza de que ainda estou vivo. É por ela que estou aqui, que passei a caçar e matar esses desgraçados.

Tenho de abrir a janela do carro e permitir que o vento da noite entre para conseguir voltar a respirar. Então eu vejo Priscila; a mulher finalmente está saindo do escritório. Estranho a maneira como corre em direção ao próprio carro e penso em abrir a porta, saltar para fora e correr até ela para descobrir o que há de errado, mas é o sorriso maluco em seus lábios que me impede. Acho que é a primeira vez que enxergo esse tipo de expressão em seu rosto. É assustadoramente intrigante e, sem querer, faz-me rir. Conviver com Priscila tão

diretamente tem me feito entender o que o cara viu nela. Além da beleza física (porque, de fato, ela é linda, e qualquer um pode ver isso), há algo *nela, dentro dela*, uma força, um espírito constante de guerra, o olhar e boca afiados que intriga, faz querer domar e proteger... mas se engana o sujeito que se achar capaz disso. Ninguém pode conter uma força da natureza como essa mulher. Meu cunhado é inteligente o bastante para saber disso, e talvez seja justamente essa característica que o atraiu.

Honestamente, estou feliz por ele. Ainda que esse relacionamento venha num momento ruim para a operação, estou feliz... embora o imbecil tenha me golpeado até a morte essa manhã por eu ter dormido naquele apartamento. Antes de acertar o soco mais ofensivo, diretamente no olho, acho que ouvi dele algo como “ela nunca me chamou para ir lá”. Talvez seja esse o verdadeiro motivo que o levou a descarregar a merda em mim. Rio sozinho, lembrando-me de sua reação ao telefone quando eu disse que a mulher estava irredutível quanto a passar a noite na mansão e eu teria de dormir no apartamento dela. Ele me lançou ameaças feito um maluco. Porra, mas o que eu poderia fazer? A mulher que ele escolheu é teimosa. Pensando bem, acho que teimosia é uma característica inerente às mulheres. Dizem, na Rússia, que é mais fácil para o cavalo quando a mulher está fora da carroça, e a daquele puto ciumento do caralho parece ser a pior delas.

Ligo o motor, pronto para segui-la pelos dois prováveis caminhos: ou sua casa, ou a academia, mas a direção que toma me surpreende. Ao virar à esquerda, entra na avenida que leva diretamente ao bairro onde fica a mansão de Gael. Sigo-a bem de perto para ter certeza de que esse é o seu destino e, quando ela dobra à direita, estou certo de que é.

Nahui. Eu não tenho certeza se é bom negócio deixá-la ir até lá, principalmente com o que deve estar acontecendo neste exato momento. Aperto o comando de voz do celular no controle do volante e peço discagem para o número de Gael; preciso avisá-lo. Desligado. O puto deixou o celular desligado. Disco para o Elliot, que faz parte disto.

— *Yeb vas!* — Caixa postal também. O que esses imbecis têm na cabeça para desligar a porcaria do telefone?!

Tento o de Bola, e nada.

Quando Priscila para em frente aos portões, dou sinal de luz para que não o abram. Por já terem visto o carro dela ali, fazem justamente o contrário. E ela, então, dirige para dentro. Foda-se! Gael disse que contou tudo a ela, então, seja lá o que ele e os caras estejam fazendo, não será nenhuma surpresa para essa mulher... é o que espero.



Priscila

Sebastian, para variar, seguiu-me até aqui. Homem irritante.

Decidi vir à mansão e resolver minha situação com Gael de uma vez por todas. Ficar longe dele não está funcionando para mim. Finalmente tomei consciência disso. No caminho para cá, vim repassando em voz alta tudo o que quero dizer: não posso abrir mão do controle, mas posso estar ao seu lado e aceitar a segurança, desde que me conte o que eu devo temer, *quem* eu devo temer. Jogo aberto entre nós. E a próxima coisa que farei é encarar as ligações de Katarina e das meninas (que evitei durante o dia) e contar que estou apaixonada. Pela primeira vez na vida me sinto assim, embora a palavra “apaixonada” pareça superficial para o colapso que o sujeito provoca em mim.

Estaciono o carro e, num impulso, saio rapidamente... só para não perder a coragem de conseguir dizer tudo. Empurro a suntuosa porta e encontro a grande sala vazia. De relance, noto o escritório no escuro. Penso em subir os degraus correndo, mas então ouço a voz de Gael vinda de um cômodo mais ao fundo e decido segui-la para encontrá-lo. Não entendo bem o que diz, mas com certeza Gael está falando com alguém. Percebo que ele parece muito, muito *mortal*, o tom vibra em espirais, deixando o ambiente pesado. Contudo, sigo dando os passos restantes até o ambiente, e é quando algo acontece comigo. Antes mesmo de eu botar os olhos nas pessoas lá dentro, um arrepio gelado percorre minha espinha desde a base até a nuca.

— Eu quero a porra de um nome...! — seu rosnado sombrio é ameaçador de uma maneira que eu ainda não tinha escutado dele, e olha que já vi esse homem intimidante com raiva. Porém, Gael nunca falou desse jeito comigo ou perto de mim, nem mesmo quando afugentou o Eric do escritório dias atrás (mas parecem meses).

Dou o passo final para a porta aberta. Então vejo a última, e talvez a pior, coisa em que eu poderia pôr meus olhos. Não. Isso não pode ser real. É um pesadelo, é só mais um daqueles pesadelos horríveis. No entanto, parece real. Real demais.



Capítulo 31

Sebastian

Observo Priscila subitamente perder a cor até se tornar do mais branco tom de papel enquanto permanece parada à porta. Seu rosto, antes suave, agora está tomado pelo absoluto terror. Os olhos, que parecem esmeraldas raras, conseguem ficar ainda maiores, os lábios se separam, formando um som vazio de espanto. Da posição onde estou, tenho a impressão de que ela está prestes a se quebrar como um frágil copo de cristal. A evidência maior fica por conta de suas mãos. Em mais de uma situação vi a mulher fechar os punhos em posição de combate; agora elas tremem freneticamente, caídas inertes ao lado do corpo. Não reconheço nada daquela mulher forte nessa figura a minha frente.

Uma sensação sombria atravessa meu estômago enquanto me pergunto que porra está havendo com ela. Sigo a direção de seus olhos, para onde Gael tem sua pistola mirada no centro da cabeça de um fodido desgraçado todo arreventado e coberto de sangue. Ao lado de Gael, está Elliot, com as mangas arregaçadas e os punhos cobertos do líquido vermelho que certamente não é dele, provavelmente pertence ao pedaço de merda caído de joelhos no chão. E, mais atrás de Gael, está o imbecil do Jonathan, em seu terno apertado e com aquela porcaria de cabelo intocável, observando com ansiedade o fodido que está prestes a morrer.

Volto a observar o rosto da menina e vejo que seus olhos estão no merda do Jonathan. Seus lábios sibilam algo como “não”.

Dois segundos é o tempo que leva para os caras perceberem a presença dela.

E tudo acontece rápido demais.

Jonathan, depois de lançar um olhar sinistro na direção da mulher, saca a própria arma e faz um disparo na cabeça do cara no chão, finalizando o sujeito. Priscila se vira para correr, parecendo ter enxergado um fantasma, apavorada como eu nunca vi nenhuma outra pessoa igual (e olha que já presenciei caras à beira da morte que não chegavam nem perto de estar assim). Alguns passos, e ela se choca contra meu peito. Seguro seus braços frios como gelo e a sinto

tremor como se estivesse doente ou prestes a convulsionar.

— Eu preciso sair... — ela geme inaudível, tenho que ler seus lábios arroxeados para entender.

Segurando a menina, olho por cima de sua cabeça, e meu olhar cruza com o de Gael. O rosto, antes severo e mortal, de repente também se torna pálido, apavorado, pedindo-me silenciosamente para ajudá-lo com a garota quebrada em minhas mãos.

— Shiii... calma, calma... — tento abrandar minha voz para chegar até ela, mas a impressão que tenho é de que a menina está imergindo dentro de si mesma, num lugar onde ninguém pode alcançá-la, ainda que tentando, sem forças, sair do meu aperto para continuar sua fuga.

De dor, eu realmente entendo, e talvez por isso capto a dela com muita precisão. Aceno para Gael, avisando que vou cuidar disto e saio da sala, trazendo a menina comigo. Ela está mole, tremendo, repetindo palavras sussurradas que não consigo compreender.

Na garagem, enquanto me viro com as chaves, ela simplesmente desaba sentada no chão e se enrola em uma bola, abraçando as pernas. Espessas lágrimas escorrem por suas bochechas salientes, através dos olhos fechados tão apertados que impressionam, como se, para ela, quanto mais os fechar, mais possa espantar da mente uma imagem.

Caralho! Passo a realmente me preocupar. Essa menina não está normal. Abaixo-me para pegá-la. Ela se debate contra mim, lutando com uma carga vazia de energia, mas lutando.

— Priscila, querida, fique calma. Sou eu, Sebastian. Por favor, fale comigo.

Sem saber o que fazer, levanto-a no colo e a levo até o banco do carona do meu carro. Eu nunca presenciei um ataque de pânico, mas sei com toda a certeza que Priscila está tendo um severo.

Dentro da mansão, um rugido fodido do meu cunhado ecoa, tão profundo que impressiona. Decido arrancar com o carro e tirar a menina daqui.

Nahui. Eu sabia. Avisei Gael sobre o risco de se envolver com ela enquanto estamos numa missão. Lá, naquele dia na boate, por alguma razão, vi nos olhos do cara que a coisa fugiria do controle. Ele nunca olhou ninguém daquele jeito. As mulheres que passaram por sua cama nos últimos anos mal tiveram uma palavra dele, e para Priscila ele quis dar tudo. Com um maldito olhar, ele quis dar tudo.

Enquanto dirijo concentrado em não fazer nenhum movimento brusco ou falar alguma palavra que a assuste, a mulher parece perdida, as pernas puxadas

até a altura do peito, encolhida, olhando para fora hipnotizada. Percebo seu peito subindo e descendo como se estivesse com dificuldade para respirar. Ela precisa de ajuda agora mesmo.

— Vou te levar a um médico — aviso em voz baixa.

Pego o momento em que seus olhos vidrados encontram os meus... E, porra, a angústia ali é cruel para uma pessoa que, momentos antes, sorria daquele jeito no estacionamento.

— Q-Quero ir para casa — balbucia, um sopro sem vida.

Aperto firme o volante, em dúvida do que fazer por um instante, mas por fim decido seguir para sua casa.

Yeb vas! O que aquele fodido do Jonathan tem na cabeça para atirar no cara em frente a ela? Aliás, quem o desgraçado lambão pensa que é para direcionar aquele olhar para a mulher do chefe dele? Aterrorizando a menina por prazer, é isso? Terei uma conversa pessoalmente com ele... Ah, sim, terei.

Abandono o carro de qualquer jeito na entrada do prédio onde Priscila mora, retiro-a de dentro lançando palavras suaves para que ela se situe de quem é, onde está. Levo-a no colo até subir os degraus da portaria, então a coloco no chão.

— Você está em casa — sussurro próximo ao topo de sua cabeça antes de a porta automática se abrir.

E, quando estamos dentro do hall, no minuto em que processo a visão dos presentes na portaria, sei, apenas sei, que estou fodido.

— Inferno...

Com os braços cruzados sobre o peito enquanto conversa com o porteiro, está a mulher que Priscila chamou de Katy ontem, no bar, e mais outras duas que não conheço. Assim que as atenções das três mulheres se voltam para nossa entrada, o caos acontece. Sou praticamente arrastado para longe de Priscila. Duas delas a agarram, tomando-a nos braços, enquanto a tal Katy vem para cima de mim feito um animal maluco e enfurecido.

— O que você fez com ela?! — a garota grita apontando o dedo contra o meu peito.

Esquivo-me de seu ataque enquanto tento dizer qualquer coisa. A energia enfurecida da pequena mulher parece não ter limites. Sou obrigado a, por fim, assumir um tom e postura letais enquanto falo firme:

— Eu não fiz nada. Priscila precisa de vocês. Vá lá e cuide dela. Agora.

— Ora, seu... seu...! — No entanto, ela tem o bom senso de olhar para trás,

onde suas amigas seguram a loira inerte a tudo o que se passa a sua volta, esperando o elevador.

A cena é difícil de assistir sem se deixar abalar. E percebo a dúvida da tal Katy entre socorrer a amiga ou me assassinar.

— Eu vou te encontrar, desgraçado. Vou te encontrar! — ela ameaça, e eu acredito profundamente no que diz, porém, ela cede e vai até elas, tão apavorada e assustada quanto as amigas.

Não sei se me sinto aliviado por afastar a louca descontrolada de mim ou mortificado por encontrar Priscila nessa situação, perdida dentro de si, pálida, imóvel, sem foco. Não posso negar que meu peito se aperta por ela. E sei que meu cunhado também deve estar angustiado.

Saio para o meu destino com uma dúvida martelando a mente, não sem antes mandar que alguém venha para o prédio de Priscila para cuidar da sua segurança. Ainda há risco à solta.



Katarina

Alice volta para a sala e se senta no braço do sofá depois de ajudar minha amiga a se enrolar na cama. Olho para minhas irmãs, tão assombradas e confusas quanto eu. O que foi que aconteceu para deixar Pini desse jeito? Eu nunca a tinha visto assim, nem mesmo imaginei que um dia veria.

— Ela não disse uma palavra coerente desde que chegou. Você esteve com ela ontem, Katy, e nos chamou para vir aqui. O que está acontecendo? — Júlia pergunta baixo, para que Priscila, de seu quarto, não nos ouça.

Mordo o lábio, arrancado a pele ressecada. Estou tão perdida quanto elas.

— Eu não faço ideia... — sussurro, mal reconhecendo minha voz.

Eu não deveria tê-la deixado sair com aquele cara ontem. Alguma coisa dentro de mim me dizia que algo estava errado com ela. Não consegui saber o que... porcaria! Priscila é sempre tão reticente com algumas questões, está sempre despistando, levando as coisas na brincadeira quando a pressionamos.

— Eu acho que ela teve um ataque de pânico... — reflito em voz baixa.

Minhas irmãs de coração se calam, chegando talvez à mesma conclusão.

Aquele homem tem alguma coisa a ver com isso, sinto que sim, mas o quê? O que ele pode ter feito? Não, não arredo o pé daqui sem que ela nos diga o que

houve. Sou capaz de ir para a prisão, Deus me perdoe, mas eu mato aquele sujeito se ele é o responsável por deixá-la assim.

Vê-la desse jeito acabou comigo, acabou com todas nós, basta olhar a minha volta. Alice e Júlia estão pálidas, atordoadas. Devo estar assim também. Dói muito ver alguém que você ama sofrendo. Essas mulheres são minha família, não posso sequer sonhar com a ideia de uma delas ferida. Eu daria a minha vida por qualquer uma aqui sem pensar duas vezes.

— Eu nunca vi a Pini desse jeito — Alice murmura mortificada.

Apenas concordamos com a cabeça.

Envio uma mensagem de texto para o Dani, avisando que estou na Pini e que provavelmente ficarei até de manhã, visto que já passa da meia-noite. Sei que ele não gostou da ideia, por isso respondo com um “confie em mim, Pini precisa de mim agora”, e basta isso para que ele compreenda. Acho que uma das infinitas razões por que o amo é justamente por ele respeitar esse laço que nós quatro temos.

Depois de algum tempo num clima fúnebre, pesado, um rangido no chão anuncia que Pini está vindo para a sala. Se fosse possível, meu coração se quebraria em um milhão de pedaços pela dor em seu rosto. Porcaria. Meus olhos se enchem de lágrimas somente por olhá-la nesse estado. Ela nem se parece com a amiga que conheço há uma vida inteira.

Em silêncio, Alice, Júlia e eu prestamos atenção em cada passo que ela dá, praticamente não respiramos, nos movemos ou emitimos qualquer ruído. Em meio à iluminação fraca de apenas os abajures nos cantos, como um zumbi, focada no nada, ela então pisca algumas vezes e se senta no sofá, entre Alice, que está no braço, e Júlia, na outra ponta.

Ficamos todas em espera, petrificadas, até que um murmúrio fraquinho deixa seus lábios sem cor. O som é tão baixo que tenho de olhar para minhas amigas e confirmar que ela disse mesmo o que escutei.

— Eu preciso contar para vocês uma coisa que eu guardei por muito tempo — o tom distante agita um medo terrível em mim. Fico com a certeza antecipada de que o que virá dela agora será capaz de arrebentar com todas nós... porque com certeza a arrebentou primeiro.



Capítulo 32

Priscila

Tenho a sensação de estar sufocando e sendo puxada para um lugar escuro onde não quero estar novamente. Escutando os sussurros aflitos das minhas irmãs vindos da sala, sei que não posso mais fugir, é hora de falar, de contar a elas tudo o que guardei por muito anos. Não é fácil falar, mergulhar naquele buraco negro e vazio que me engole a cada respiração... mas eu preciso sair daqui, preciso que alguém me ajude a sair dele.

Caminho como se estivesse flutuando sobre minhas pernas e me sento no sofá. Sinto seus olhos em mim. Elas esperaram esse momento por muitos anos; no fundo, todas nós sabemos disso. Eu me odeio por estar prestes a causar essa dor nelas, odeio-me por não conseguir guardá-la para sempre somente comigo.

— Eu preciso contar para vocês uma coisa que eu guardei por muito tempo — o som sai rasgando minha garganta. Luto com todas as forças para não desistir.

Com dificuldade, acalmo a queimação que se estende por minha língua, boca, traqueia, o suficiente para me fazer ser ouvida. Entretanto, nem mesmo consigo respirar. E Katarina entende. Ela vai até a janela e a abre, deixando o vento frio da madrugada entrar.

Respiro a brisa, pedindo coragem. Sequer sei ao certo por onde começar, que palavras usar, mas sei que preciso ir em frente. Abro a boca para as palavras saírem, fecho os olhos e viajo de volta para aquele maldito dia, o dia em que entrei naquela casa, caí na armadilha previamente tecida pelo homem que eu conhecia fazia um ano e considerava um amigo.



— Repeti a pergunta a ele: *Por que você trancou a porta, Jonathan?* Estava assustada com a frieza perversa nos olhos do garoto, algo que jamais vi nele ou em qualquer outra pessoa. Nos de minha mãe havia a frieza ressentida, mas

aquilo era diferente. Analisando bem, foi naquele minuto que, pela primeira vez na vida, eu pude enxergar toda a feiura que um ser humano pode conter dentro de si. Seus olhos não tinham vida nem brilho, só contemplavam um vazio sombrio e feio. Muito feio.

“Lembro como se fosse hoje a sensação de medo que eu senti do sorriso nos lábios dele. Foi um medo tão real que eu podia tocá-lo. Constantemente, flashes de cenas daqueles dias passam pela minha mente e fico me perguntando se tudo não passou de um sonho ruim, se não foi somente fruto da minha imaginação, mas a realidade vem logo em seguida, com todos os detalhes tão vívidos e inegáveis.”

“Após ouvir o meu questionamento sobre ele nos trancar, a sua resposta foi me empurrar contra a porta fechada, suspendendo-me pela garganta com tanta força que eu não conseguia respirar. Vi a vida deixando o meu corpo enquanto eu me debatia e tentava me desvencilhar. Sua boca molhada encostou no meu ouvido e ele sussurrou numa voz tão nojenta que senti o gosto do vômito me preencher: *Você nunca vai se esquecer de mim, Priscila. ‘Nunca’* – a voz era triunfante, com uma diversão corrompida.”

“Lembro-me de fechar os olhos e pedir para Deus me tirar daquele seu aperto estrangulador e acho que cheguei a desmaiar em algum momento, pois não sei bem como, quando dei por mim, eu estava com a boca amordaçada, minhas mãos, amarradas, assim como meus pés. Ele disse: *Meus pais foram viajar, docinho, e meu irmão passará o fim de semana fora, então teremos esta casa só para nós dois.*”

“Eu tentava falar, gritar, mas aquele tecido apertando minha boca me anulava. Minha garganta passou a queimar de eu tanto tentar. As lágrimas a princípio me impediam de ver o que ele estava fazendo, mas depois, por entre elas, eu vi. Enquanto eu estava presa sentada em uma cadeira, ele estava sentado num sofá verde envelhecido que cheirava a mofo, o corpo debruçado para a frente e o nariz sugando uma carreira grande de um pó branco sobre a mesa de vidro. O miserável sugou tudo aquilo, e seu rosto simplesmente *mudou*. Ficou pior. Seus olhos se esbugalharam, vermelhos e vidrados, o sorriso com escárnio se alargou. E ele veio lentamente em minha direção, como num daqueles malditos filmes de horror.”

“Ele me desferiu um tapa no rosto, tão forte e dolorido que me arremessou direto ao chão. Caí meio de lado, meu vestido subiu, mostrando as pernas, e ali, com ele me olhando do alto, eu soube o que aconteceria. Sem poder falar, pedir, implorar por causa daquela maldita mordaca, ele me teve, arrancando minha calcinha com rasgos de suas unhas, que atravessavam minha pele, e sem

qualquer hesitação ele se enfiou em mim, duro, seco, violento, levando consigo meu sangue, minha virgindade, minha inocência e minha fé nas pessoas.”

“Enquanto ele empurrava seu pênis dentro de mim, eu só conseguia pedir silenciosamente para que aquilo acabasse logo e eu pudesse ir para casa tomar banho e arrancar a sensação dele do meu corpo. Todavia, a sexta-feira virou sábado, e o sábado virou domingo, sem um único minuto de paz. A cada vez que eu pensava que ele me mandaria para casa, eu me enganava miseravelmente, porque aquele pó branco era como um combustível que o deixava ainda mais violento e cruel.”

“Todos os modos que ele podia usar para me estuprar e me ferir, usou. Quando minhas lágrimas já estavam secas de eu tanto chorar, ele encontrava um novo jeito de me mostrar que eu ainda não tinha visto o pior dele. Nada coerente saía de sua boca. O tempo todo ele me ofendia, alucinado e inventando histórias doentes. Num momento, ele deixou a amarra da minha boca cair, exigindo que eu dissesse que eu nunca tinha tido um pau mais gostoso que o dele. Eu estava com tanta, mas tanta raiva de tudo, que gritei que tinha nojo daquele maldito... A rebeldia custou inúmeros chutes contra minha barriga e cabeça, até eu perder a consciência.”

“Acordei amarrada à cama de seus pais, uma cama de madeira escura, entalhada com ramos e flores pequenas... Só Deus sabe quantos pesadelos já tive com aquela cama. Meus seios estavam sendo marcados com as iniciais de seu nome por um maldito canivete afundado em minha carne. Por Deus, eu achei que ele deceparia meus mamilos somente por diversão. Quando a pele sangrou, ele veio com a boca nojenta e lambeu o sangue, fincando inúmeras vezes os dentes ao redor, fazendo marcas mais e mais profundas. Eu urrava de dor sob a mordida, e ele gargalhava de excitação. Me debati tanto contra a cabeceira daquela cama que os nós das cordas que prendiam meus punhos quase os estrangularam. Eu já não tinha mais esperança de sair daquela casa com vida. Acho que, na verdade, eu nem gostaria de ter vida depois daquilo.”

“Na noite de domingo, eu o vi indo tomar um banho pela primeira vez desde que entrei naquela casa. Ele saiu do chuveiro aparentando lucidez; já não estava mais sob o efeito de todo aquele pó branco. Fiquei olhando em seus olhos, esperando pelo arrependimento, porque, afinal, ele estava drogado quando fez tudo isso; mas não. Não havia arrependimento, piedade ou qualquer sentimento humano. Ele me desamarrou e disse com uma indiferença surreal: *Vá para casa, você está fedendo*. Me deu as costas e foi saindo, me deixando ali, mas, antes de sumir do quarto, se virou e me encarou, parecendo um monstro ainda pior, me ameaçando: *Não conte a ninguém o que fizemos. Será um segredo nosso. Você*

pediu por isso, e eu te dei.”

“Fiquei imóvel, sem saber o que fazer. Eu finalmente podia ir para casa. O pesadelo tinha acabado. Contudo, eu não tinha forças. Estava coberta de urina – minha e dele, porque, sim, ele urinou em mim –, sangue, fluídos, suor. Eu estava podre por dentro e por fora. Me arrastando, fraca e tremendo, eu saí de sua casa pela porta da frente, atravessei a rua e andei para a minha casa. No caminho, eu ficava pensando que minha mãe me ajudaria quando eu chegasse, que ela provavelmente estaria me procurando por todos os lugares, aflita. Um engano. Seu olhar superior e uma frase debochada sobre eu não estar tão bonita naquele momento terminou o trabalho que Jonathan começou: me quebrou permanentemente.”

“Lembro-me de entrar no banheiro, ligar o chuveiro e cair ao chão. Devo ter ficado lá por mais de quatro horas. Nem a água fervendo era capaz de levar a sensação de sujeira para longe. Meu coração doía, e eu nem sabia que era possível. Naquele dia eu soube que nunca poderia contar com a minha mãe... e que não deveria confiar em ninguém, exceto em vocês, minhas irmãs.”

Quando abro os olhos, dou-me conta de que, pela primeira vez na minha vida, relatei aquele pesadelo em voz alta. Dizem que relembrar é como viver a experiência novamente. Eu revivi, aqui, em minha pele, todas as sensações que me perturbam noites e noites, repetindo-se em meus pesadelos.

Agradecida por conseguir segurar o enjoo pelo tempo suficiente para me lançar contra um vaso de planta na varanda, o lugar mais perto que encontrei, vomito todo o conteúdo do meu estômago. E sigo vomitando até estar de joelhos no chão, agarrada ao vaso bonito que Alice trouxe um dia.

Ao fundo, o pranto delas, tão copioso e profundo, multiplica minha dor.



Capítulo 33

Priscila

Depois de um longo tempo de choro baixo, soluços recolhidos e mais vômito, finalmente sou capaz de contar mais coisas sobre o passado, como, por exemplo, o que eu fiz na manhã seguinte aos momentos de horror naquela casa. Eu estava tão enojada e envergonhada que fui incapaz de ter forças para procurar qualquer uma de minhas amigas ou até mesmo a mãe de Alice e contar o que aconteceu. Nunca eu tinha me sentido tão sozinha. Uma jovem que acabara de completar 17 anos, perdida, ferida, sem entender o que fez de errado para que uma coisa dessas acontecesse.

Naquele dia, quando clareou, cobri-me com um moletom para esconder os hematomas e caminhei até a biblioteca. Entrei na internet e pesquisei o que vítimas de estupro deveriam fazer. Denunciar o monstro estava fora de cogitação, eu era menor de idade e não poderia contar com a ajuda da minha mãe, além do sentimento de vergonha e humilhação muito, muito fortes. Vi então que existiam alguns exames e remédios para assegurar que eu não estava infectada por alguma doença ou até mesmo grávida. Sozinha, comprei a pílula do dia seguinte na farmácia, que impediria uma suposta gravidez, e paguei um laboratório particular para fazer exames de sangue. Menti a minha idade no laboratório, e eles nem fizeram questão de averiguar. Graças a Deus eu não estava nem grávida, nem infectada. Por um milagre.

Fiquei quase um mês trancada em casa, desejando morrer, desejando que a dor e a sensação de sujeira fossem arrancadas de mim. Ouvi Elizabeth mentir para minhas amigas dizendo que eu estava na casa do meu pai. Não entendi seus motivos, até porque meu pai nunca se importou comigo, mas foi a única coisa boa que ela fez por mim; eu não seria capaz de suportar que elas me vissem naquele estado.

Pouco meses depois daqueles dias – e com a relação com minha mãe insustentável –, certa tarde eu ouvi a voz de Jonathan no andar de baixo da minha casa, em nossa sala. Ele e Elizabeth estavam rindo alto, curtindo uma cerveja juntos, como dois velhos amigos. Certamente sua presença na minha casa era para me intimidar, porque eles mal se conheciam para, de repente, estarem tão

íntimos, com Elizabeth rasgando charme para o monstro. Aquilo foi a gota d'água. Procurei um lugar e me mandei da casa dela para nunca mais voltar.

Inevitavelmente conto a minhas amigas sobre Gael e sobre como descobri que ele e o monstro do Jonathan são aliados. Essa parte me quebra em mais alguns pedaços.



O dia está praticamente clareando quando a exaustão nos consome. Assim como fazíamos na adolescência, jogamos algumas almofadas no chão e cada uma se ajeita, cansada, tendo um silêncio triste nos enviando para o descanso. Minhas amigas estão desoladas, mas também decepcionadas comigo. Hoje elas somente me deixaram falar. Entretanto, sinto o quanto eu as feri escondendo tanta coisa. Sei que vou ter de lidar com isso uma hora ou outra.

No silêncio da sala, a cabeça pesando uma tonelada, luto por uma trégua provisória da imagem de Gael. O primeiro cara que deixei entrar em meu coração é aliado do cara que me obrigou a criar uma barreira contra os sentimentos. A vida nos prega algumas peças malditamente cômicas.

Meus pensamentos se voltam, então, para o rosto da última pessoa que eu gostaria de rever. A escuridão nos olhos de Jonathan permanece lá, assim como no passado, mas agora ele parece pior, mais frio, mais monstruoso, matando aquele homem a sangue-frio, enviando-me uma mensagem inegável, querendo me intimidar. Minha guarda, mais do que nunca, precisa estar levantada. Eu não sou mais aquela menina inocente; se ele fizer um movimento em minha direção, eu estarei preparada.

Só não estava preparada para descobrir que ele é aliado de Gael. *Aliado*, mas agora, custe o que custar, aquele gringo e toda a sua carga serão banidos da minha cabeça, do meu coração e da minha vida. Hoje selamos os nossos destinos.



Acordo com a sensação de ressaca, mas esta é mais como uma daquelas da alma. Estou enjoada, dolorida, envergonhada, triste, tudo misturado. Nem tenho certeza de como saí da mansão ontem. Contudo, pelo silêncio que me cerca, sei

que a parte de eu ter revelado todas as coisas para minhas irmãs não foi só um sonho.

Levanto-me do chão com o corpo dolorido.

Júlia está silenciosamente na cozinha, preparando alguma coisa. Alice está na varanda, com a postura derrotada, regando as plantas, provavelmente depois de limpar minha bagunça. Não vejo Katy pela sala. Sinto que elas ainda estão processando tudo o que eu contei.

Arrastando meu corpo, vou para o banheiro e me demoro no banho, deixando algumas lágrimas saírem. Minha mente está um caos, com um turbilhão de pensamentos. Eu preciso esquecer Gael, isso é fato, só que, neste momento, estou sem forças para um confronto. Talvez eu deva me afastar por alguns dias da agência, evitá-lo para ganhar um pouco de tempo e decidir com clareza o que fazer.

A única certeza que tenho é de que Jonathan agora sabe do meu envolvimento com Gael, e certamente aquele tiro foi para me botar medo. Um arrepio frio atravessa minha espinha com a ideia daquele miserável perto de mim novamente.



As meninas permaneceram em minha casa durante a tarde e ainda estão aqui agora, no comecinho da noite. Não saí e deixei Gabor saber de que preciso de uma semana afastada. Aleguei que estou doente e, na verdade, acho que estou mesmo. Inferno, a proximidade com o monstro tirou o melhor de mim. Mesmo que eu não queira, ele conseguiu me jogar para baixo novamente.

Por que Gael se aproximaria de um cara como ele? Eu tentei ver nobreza naquele gringo, justificar seus métodos como uma forma de justiça, mas nunca aquele ditado popular fez tanto sentido: “diga-me com quem andas, e eu te direi quem és”. Aliar-se a um estuprador e assassino sem caráter é como se igualar a ele.

Deus, eu preciso arrancar Gael do meu peito e esquecer que um dia pensei em seguir em frente com ele. Ceder resultou em me colocar perto daquele monstro novamente, e eu prometi a mim mesma que nunca mais deixaria ninguém me fazer mal, e assim vai ser.



Sebastian

Faz uma semana desde que eu levei Priscila para sua casa depois de ver o quão aquela noite na mansão a perturbou. Deixei alguns caras de confiança vigiando seu prédio e, até onde sei, ela não pôs os pés para fora e suas amigas se revezam em dormir ali. Honestamente, não faço ideia de como ela está. Aquele magricelo medroso que furou meus pneus disse que Priscila não trabalhou durante a semana porque estava doente.

Gael, por sua vez, não está nada bem. Aquele fodido está trancado em seu escritório desde aquela noite, consumindo garrafa após garrafa de umas porcarias de vodcas produzidas sabe-se lá onde; de nossa terra é que não são. *Yeb vas*, o puto não come ou dorme, está parecendo um mendigo mal-humorado do caralho, cercado pelo caos que ele mesmo instaurou arremessando tudo o que via pela frente. Preferi sair de perto dele para não descer a porrada e trazê-lo de volta à razão. O idiota ficou repetindo que perdeu sua *Krasavitsa*, que ela sente nojo dele, que viu seu olhar de desprezo por ele.

Inferno, não foi o que eu vi. Estou fazendo minha própria investigação desde então e não estou gostando do que descobri até agora. O relatório em minhas mãos traz algumas informações que pedi a um velho conhecido para levantar. Jonathan Samuel Abud Moraes. Leio o nome e alguns detalhes pessoais de sua mãe, pai e do único irmão, Jamal. Seus pais se mudam de endereço constantemente. O tal irmão não tem nenhuma movimentação oficial nos últimos cinco anos que dê sua localização. Tantas lacunas abertas, isso não me cheira bem.

Viro a página seguinte, confrontando os dados. Algo me dizia que Jonathan e Priscila já se conheciam, pela maneira como aquele merda olhou para a menina e pela reação dela. Meus instintos dificilmente falham. O tempo trabalhando nas forças armadas russas me ensinou alguma coisa sobre as pessoas. E aqui está. Como eu previa, ele morou por alguns poucos anos na mesma rua em que a mãe dela teve uma casa registrada. Eu sabia. Aquela porra de olhar que ele jogou para ela não foi um acaso. O filho da puta colocou medo nela, e estou a alguns minutos de descobrir o motivo.



Capítulo 34

Sebastian

O porteiro de Priscila não tentou me impedir; se o fizesse, seria pior para ele. Toco a campainha do apartamento e espero. Sei que ela está sozinha e, para ser honesto, não tenho nenhuma esperança de que vá falar comigo. Porém, não custa tentar. De uma forma ou de outra vou descobrir o que está acontecendo, e então o próximo passo é devolver algum juízo à cabeça daquele puto do Gael e tirá-lo de cima da própria bunda para lhe contar minhas suspeitas. Meu cunhado é o cara mais inteligente que já conheci, admiro-o desde moleque. No entanto, neste momento ele se parece com uma mulherzinha mal-humorada e desiludida.

Demora muito, e nada de ela abrir. Tenho a sensação de que a mulher está me olhando por essa porra de buraco e não vai me atender.

— Deixe-me entrar, Priscila. Eu preciso falar com você — exijo firme.

Nada.

Dou duas batidas com os punhos cerrados na porta.

— Fale comigo por cinco minutos e prometo que vou embora — insisto, mostrando-lhe que não sairei sem isso.

Mais algum tempo, e escuto o barulho da chave destravando a porta.



Priscila

Sebastian está à minha porta, insistente, e, conhecendo um pouco sobre esse bando de russos que resolveu bagunçar a minha vida, ele é teimoso demais para desistir. Se eu for sincera, estou com medo de abrir a porta; já não tenho certeza se ele é o amigo ou inimigo à espreita. Fico do lado de dentro, encarando a madeira e ponderando as coisas que sei sobre ele, tudo o que já conversamos, o fato de ele passar aqui uma noite... se é que realmente foi para me proteger.

Todavia, ele me trouxe em segurança para casa mesmo depois de eu

testemunhar um assassinato de sua gangue, ou seja lá como eles se denominam. Isso deve significar alguma coisa.

Respiro fundo, tremendo e abro uma pequena fresta da porta, mantendo a corrente.

— O que você quer? — pergunto séria, sustentando uma postura segura. Contudo, minhas mãos tremem enquanto seguro a madeira.

Ele semicerra os olhos castanhos ante minha atitude de não o convidar a entrar.

— Vim ver como você está — fala suavemente, apesar do ar afiado de desconfiança que penso enxergar.

Aperto mais a porta entre os dedos.

— Eu estou bem. Se é só isso, já pode ir.

Seu semblante se torna mais severo, mas não do tipo de botar medo, é mais como o de quem está realmente ofendido por minha recepção fria. Porcaria. Olhando-me assim, ele me faz parecer uma ingrata.

Delibero sobre os riscos de deixá-lo entrar. Talvez ele tenha vindo me dar um aviso de que é para eu manter segredo sobre o que vi na mansão; talvez até mesmo saiba tudo sobre o Jonathan, ou não. Difícil saber. Analisando minha intuição, ela nunca levantou qualquer alerta em relação a ele.

Por fim, destranco e abro a porta completamente, confiando nele por algum motivo.

— Ok, entre, diga o que você quer e vá embora — minha voz quase falha, revelando o tremor.

Sebastian assente e aceita a oferta. O homem lentamente caminha para o centro da sala, olhando em volta, analisando meu apartamento, despretensiosamente com as mãos nos bolsos do jeans. Fico próxima à porta – para caso eu precise sair correndo por ela –, mas não abaixo a cabeça.

— E então? — indago seca.

Ele se vira para me estudar.

— Com que frequência você fica daquele jeito? — vai direto ao ponto.

Desvio-me de seus olhos, sentindo a vergonha se aproximar do meu rosto.

— De que jeito?

Pela visão periférica, noto-o inclinar a cabeça. Arrisco encará-lo; seu rosto sério me fita como se estivesse exigindo a verdade.

— Raramente. Acho que minha pressão caiu... Não é todo dia que eu vejo um cara levando um tiro na cabeça.

Sei que o argumento é bom o suficiente para justificar o estado em que ele me viu. Porém, não parece convencê-lo. Sebastian cruza os braços sobre o peito numa postura de enfrentamento.

Abraço meu corpo, desejando que ele vá embora logo.

— Não me pareceu só isso...

Não consigo manter-me encarando seu olhar inquisidor. Mordo o interior da bochecha bem forte para que a dor me distraia.

— De onde você conhece o Jonathan? — a questão é forte e segura.

Arregalo os olhos, meu corpo estremece e preciso apoiar disfarçadamente o ombro contra a parede para não me estatelar no chão. Diabos, o que ele sabe?

— Não sei quem é esse... — resmungo arrogantemente, mas minha garganta queima tanto que a voz sai enfraquecida e rouca.

Sebastian suspira fazendo um som alto, deixando claro que não acredita em mim.

— Se precisa mentir sobre isso é porque minhas suspeitas têm fundamento.

Enquanto ele estuda minha reação, pensamentos fervilham de todos os lados. Aonde ele quer chegar com isso? Quer que eu fale de seu parceiro para saber o quanto eu sei dele? Isto é um daqueles testes letais em que a resposta errada me leva a uma vala? Por que ele afirmou que eu estou mentindo com tanta convicção? O que esse sujeito sabe, Senhor? Não é seguro ficar em sua presença.

— Por favor, vá embora. — Abro a porta e a seguro. — Eu te agradeço por me ajudar naquele dia, mas nós não temos mais nada para falar.

O olhar esperto me analisa, e, ao contrário do que eu esperava, Sebastian balança lentamente a cabeça, assentindo e caminha para onde estou. Passa por mim, mas para na entrada.

— Não se engane, Priscila, eu vou descobrir o que quer que esteja escondendo. — Há uma intensidade assustadora em cada parte dele. — E meus homens continuarão te vigiando por mais um tempo.

Sinto minha pulsação acelerar. Isso significa que estarei protegida ou é uma ameaça para eu não abrir a boca?

— Gael está na lona, se te interessa saber — lança já no corredor antes de sumir de vista.

Escoro-me à porta já fechada. O estômago embrulhado agita-se, pronto para pôr tudo para fora. Por Deus, eu vou enlouquecer se tiver de conviver com ameaças. O que esse homem pretende, afinal?

Aprendi a confiar nos meus instintos, e algo sobre Sebastian me faz querer confiar nele. O problema é que, neste momento, não estou com a cabeça no lugar para analisar as coisas com clareza. Jonathan me mostrou que as pessoas podem fingir que são boas e confiáveis, quando, na verdade, são o oposto. E essa lição, eu aprendi com louvor. Fato é que já se passou uma semana desde aquele dia. Ou ele mandou Sebastian aqui para me dar um aviso para manter a boca fechada, ou está esperando o momento certo para fazer algo contra mim. Seja como for, não serei mais refém dele ou de qualquer pessoa. Minha vida é feita de luta e assim continuará.



Capítulo 35

Priscila

Depois de tantos dias, saio de casa pela primeira vez para ir à academia esta tarde. Sebastian não mentiu; estou sendo seguida não por um, mas dois seguranças. O pessoal no lugar onde me exercito já está até desconfiado de mim e dos “montanhas” ao meu redor. Seja como for, eles não se meteram no meu caminho, não tentaram conversar comigo, seriam quase invisíveis se não fossem enormes.

Por sorte, meu instrutor está aqui também, e aproveito para treinar por quase duas horas, golpe atrás de golpe. O homem não fica contente por constatar que eu emagreci quase cinco quilos, mas invento uma desculpa esfarrapada para justificar minha aparência mórbida. Enquanto me ataca duramente e exige uma defesa, ele joga seu lema aos berros: “espere o melhor, prepare-se para o pior!”. Parece que sua frase foi feita para mim e me veste como uma luva. No fundo preciso estar pronta para o que tiver de vir.

Mesmo com todo o esgotamento físico desta tarde, ainda me sinto ansiosa, temendo fraquejar e deixar que aquele lugar ruim dentro de mim leve a melhor. Talvez, se Gabi estivesse na cidade, eu a chamaria para um drinque depois, para fugir um pouco desta sensação sufocante.

Precisando preencher a cabeça, decido ir ao Centro Comunitário de Dominic. Deixo Alice saber para onde estou indo, pois ela viria para cá esta noite. Minhas amigas não me deixaram sozinha nem por uma noite nesta semana. Elas decidiram se revezar para dormir em minha casa, mesmo eu dizendo que era desnecessário. Seus homens não devem estar muito felizes comigo neste momento. Tentei evitar isso, para ser honesta, estou começando a polir meu comportamento em frente a elas, voltando a me fazer de forte, porque está me machucando vê-las tão preocupadas comigo.

Katy, Alice e Júlia ainda não engoliram tudo o que eu omiti. Sinto a mágoa e a dor em seus olhares. Se eu pudesse voltar no tempo, teria feito diferente... aliás, eu teria feito tudo diferente, inclusive confiar no monstro. Contudo, mudar o passado é impossível.

Depois de avisar Alice, desligo meu aparelho sem conferir as chamadas e mensagens. Mantive meu celular desligado quase o tempo todo, não fiquei disponível nem para o trabalho... no fundo, morrendo de medo de Gael tentar contato comigo e eu não ser forte o suficiente para resistir. Lutei contra esse sentimento, tentei renegá-lo, mas a verdade é que eu gosto dele e está muito difícil não pensar naquele homem.



Estar no Centro Comunitário é como um oásis em meio ao caos. Ver todas estas pessoas com problemas reais, lutando dia após dia para sobreviver, reforça em mim a certeza de que cada um tem uma cruz para carregar, algumas mais leves, outras mais pesadas, o que nos torna diferentes é a maneira como escolhemos lidar com elas. Amo minhas irmãs. No entanto, o modo condescendente com que senti seus olhares em mim durante toda a semana – e até mesmo agora, quando resolveram vir para cá também – me incomoda. Não quero que tenham pena de mim, não quero me colocar no papel de vítima. Mesmo sendo uma, essa posição não me agrada, só faz com que eu me sinta mais fraca, e talvez foi isso que tentei evitar. Procurei ser forte, protegê-las, eu queria ser a fortaleza da única família que conheci e acho que não estou sabendo lidar com a mudança desse cenário – *eu* sendo aquela que precisa de cuidados.

As pessoas estão se alimentando no salão, então saio para o ar da noite, necessitando respirar um pouco. Ao longe, vejo os dois seguranças. Não saber se são defensores ou intimidadores está me matando. Tudo o que tem acontecido, na verdade, está me matando. De repente tudo se acumulou e estourou como uma bomba: Gael surgiu do nada e se transformou em um elemento vital – e mortal – que eu não consigo esquecer; sou seguida para cima e para baixo por estranhos; Jonathan, o meu maior pesadelo, retorna dos mortos; minhas amigas, que antes me viam como uma pessoa forte, estão se derretendo em preocupação ao meu redor quase constantemente, com a piedade em seus olhos.

— Droga, o que aconteceu com a minha vida? — resmungo baixo, olhando para o céu estrelado, recebendo o ar fresco contra a pele.

— Aqui é um bom lugar para questionamentos assim — a voz tranquila de Dominic me surpreende.

Olho para trás, vendo-o se aproximar serenamente de mim.

— Oi... — é só o que meu raciocínio lento me permite falar.

— Eu te vi saindo — diz sereno ao me fitar com os olhos acinzentados mais impressionantes que já vi. — Não tivemos muito tempo para conversar hoje, com todo o trabalho. — Dominic para ao meu lado, contemplando o teto de estrelas sobre nossas cabeças. — Como você está?

Sua presença me transmite paz, coisa que há muito tempo não tenho conseguido. Respiro fundo, soltando o ar devagar pelos lábios. Eu poderia responder com um “estou bem”, ou um “sim, está tudo ótimo, e você?”, porém, seria uma mentira imensa.

— Tão bem quanto possível... — Meu cansaço emocional está evidente. — Só tentando administrar algumas coisas, sabe...?

Encolho os ombros e volto a olhar o céu.

— Às vezes os problemas vêm para nos fazer mais fortes — seu tom amigo parece reconhecer em mim a necessidade de ouvir coisas assim.

Mantenho a atenção no céu e delibero sobre suas palavras.

— Eu não sei... ser forte está se tornando difícil — sussurro, a voz embargada.

— Nesses momentos você pode contar com seus amigos. — Sinto seus olhos em mim. — Dividir não é fraquejar.

Engulo a saliva com dificuldade, sentindo como se Dominic pudesse ler minha mente.

— Você viu como elas me olham? — pergunto franca; provavelmente ele percebeu isso também.

Ele sorri de um jeito simples.

— Sim, eu vi, e isso diz o quanto elas gostam de você. Seja o que for, você sempre poderá contar com aquelas meninas, Priscila.

Mordo o lábio, controlando a língua para não derramar nele toda a confusão da minha cabeça ou chorar. Nunca desabafei com ninguém até uma semana atrás e não quero fazer disso um hábito, mas Dominic é um grande cara, meus instintos me disseram isso na primeira vez em que coloquei os olhos nele. Decido abrir um pequeno pedaço da ferida.

— Eu escondi uma coisa importante delas por muito tempo. Elas estão magoadas comigo, e a verdade é que eu não me sinto confortável para falar tudo o que está guardado aqui — toco meu peito —, porque não quero que elas sofram mais por mim, entende?

Ele dá um leve aceno com a cabeça, fazendo-me saber que compreende.

— Mas não foi o seu silêncio que as deixou assim? — sabiamente, chega ao

cerne da questão.

Abaixo o olhar para meus pés, aquecidos nas botas sem salto, aveludadas por dentro.

— Eu estou num ponto em que já não suporto mais, Dominic. Estou lutando para resistir, mas há um lugar escuro que está me atraindo, e, a cada minuto, é como se eu estivesse mais perto de cair. — Meus olhos ardem com lágrimas novas. — Como vou falar com alguém se eu mesma nem sei o que está acontecendo? Eu olho para frente, e tudo o que vejo é o vazio... não vejo o futuro, a luz no fim do túnel ou toda essa coisa que normalmente faz alguém levantar de manhã... Pense em como elas ficarão se souberem como eu realmente me sinto

Respiro fundo para não derrubar as lágrimas, mas elas caem assim mesmo.

Dominic me puxa para junto de seu peito e me aperta num abraço acolhedor, que recebo como uma pequena tábua de salvação. Nem sei por que eu disse isso a ele, mas o fato é que tudo que falei é verdade. Estou sentindo grandes paredes me esmagarem, uma sensação de estrangulamento, sem conseguir reagir.

Depois de algum tempo em silêncio, apenas me amparando, Dominic me afasta de seus braços. Ele puxa sua carteira do bolso traseiro, vasculha algo nela e me entrega um papel.

— Eu gostaria que você falasse com essa pessoa, Priscila... — Olho para o cartão e de volta para os seus olhos prateados sérios. — Se não por você, faça isso por aquelas meninas.

Leio o que há ali e... devo estar parecendo pior do que eu pensava.



Capítulo 36

Gael

Recebo a imagem na tela do celular e a observo fixamente, prestando atenção em cada maldito detalhe por um momento. Então afasto o aparelho para longe, contrariando as mãos que tremem, implorando para arremessá-lo contra a parede. Não o faço; já destruí coisas demais no cômodo, e nem isso fez o aperto ir embora. Se não bastasse eu presenciar a reação dela confirmando o monstro que sou e a maneira como ela fugiu assustada daqui, acabo de receber de Ed uma foto tirada do celular dele agora mesmo, mostrando Priscila abraçada a outro cara. *Abraçada* do mesmo modo como me abraçou há alguns dias.

Levo os dedos à junção entre os olhos e aperto ali, forte, esperando um mínimo de alívio para a dor de cabeça.

— Elliot — chamo, moderando o tom de minha voz, pois até mesmo isso intensifica a dor. Não preciso gritar; o cara está por perto, mesmo que eu não o veja, ele está sempre por perto. É o terceiro na linha de comando.

Quando seus passos silenciosos entram no escritório, apoio a cabeça calmamente no encosto da poltrona atrás de minha mesa. Ao se colocar diante de mim, vejo nele o que parece ser receio. Um tanto patético, se levarmos em conta sua experiência nos piores campos de guerra do Oriente Médio. Ele e Sebastian são os sujeitos mais letais que as forças russas já tiveram, *snipers* chamados para limpar a bagunça sempre que a coisa ficava fora de controle. E meus amigos de infância. Porém, nesses últimos dias, eles parecem querer me evitar tanto quanto possível. Não os culpo. Inferno! Até *eu*, se pudesse, me evitaria. Estou sem uma fodida gota de paciência para qualquer coisa.

Pela primeira vez em todos esses anos após o assassinato de minha família e a caçada que deflagrei contra os malditos culpados, é a primeira vez em que me encontro desconcentrado do que realmente vim fazer aqui. Um imbecil passional que mal reconhece esta maldita sensação de vazio que a ausência e o desprezo daquela menina me causa. Priscila viu quem eu sou com seus próprios olhos e fugiu. Quando revelei a ela o que me foi tirado, pensei, por um momento, que fosse o suficiente para que compreendesse minhas ações. No

entanto, não foi.

— Onde está o Sebastian?

— Fora. Disse que retorna em algumas horas... — Dá de ombros. — Talvez esteja com algumas das garotas da boate.

Um leve esgar, sombra de um sorriso repuxa meus lábios para o lado. Pelo menos alguém tem de ter algum prazer numa semana infernal como esta.

— Por que tenho de saber pelo Ed que ele e Bola estão vigiando ela e não o desgraçado do Sebastian, como instruí?

Praguejo mentalmente. Fui muito claro sobre quem eu queria cuidando de Priscila. Meu cunhado é o melhor aqui. Aquela mulher é importante demais para arriscar estar à mercê de um ataque traiçoeiro daqueles desgraçados.

Pelo olhar de desgosto do cara, ele discorda de meu comando, discorda do fato de eu colocar nosso melhor homem fora da missão principal. Contudo, ainda assim, nenhum deles jamais me contrariaria. Estamos numa guerra. Sou o líder aqui. Todos sabem.

— Ele não disse o motivo, mas manteve um olhar nela o tempo todo.

Observo quando a atenção dele percorre o escritório, desaprovando a bagunça que provoquei aqui naquela noite. Ainda não deixei ninguém entrar para limpar. No fundo, o que há nele é uma preocupação real de um amigo, pois é o que somos. É por mim que todos estão aqui. Ciente, porém, elevo uma sobrancelha, avisando que isso não é assunto dele.

— Encontre-o. Eu o quero aqui. Agora — rosno e faço um sinal para dispensá-lo.

Respiro profundamente ao estar sozinho outra vez. Preciso me reerguer e seguir o plano. O problema é que não sei nem por onde começar a tirar Priscila da cabeça. Errei a colocando nisso... errei acreditando que poderia haver um futuro entre ela e alguém como eu. Nem que eu viva pela eternidade, poderei esquecer o olhar de profundo pânico que a menina me direcionou. Todos os outros, dos aquecidos aos suaves que já vi nela, foram enterrados por aquele em que ela evidenciou o quanto abomina o que faço.

Não posso mudar e parar agora. Devo isto aos meus filhos, à minha irmã. Cheguei a ter esperança de que Priscila me entendesse, mas, *yeb vas*, ela tem razão. A decisão mais inteligente que tomou foi se afastar de mim, mesmo que doa *pra* caralho, mesmo que me faça querer ir atrás dela de novo, como já fiz algumas vezes desde que a conheci, porque, no fundo, eu sempre soube que ela valia a pena. Insistir com ela valia.

Observo a garrafa de vodca ruim, e, só de pensar em consumi-la, a cabeça

volta a pesar.



Priscila

Depois de uma longa noite refletindo sobre os prós e contras, encontro-me no endereço que está escrito no cartão que Dominic me entregou. Liguei e marquei um horário para esta manhã.

Com receio, tensa e um pouco perdida, encaminho-me para a recepção, onde uma garota jovem está atendendo ao telefone. Ela me faz um sinal com o dedo, pedindo um minuto. Aceno com a cabeça. Logo que desliga, tenho sua atenção.

— Meu nome é Priscila, eu liguei mais cedo — falo baixo, um pouco envergonhada.

A garota sorri e verifica sua agenda.

— Ah, sim. A doutora Rachel logo irá atendê-la, queira se sentar, por favor.

Faço o que diz e me sento, olhando para a recepção aconchegante do consultório da terapeuta. Travei uma grande luta interna para tomar a decisão de vir. Não foi fácil ceder, mas, na atual conjuntura, por que não tentar? Passei mais de dez anos lutando sozinha, talvez seja a hora de pedir ajuda.

Logo que a tal doutora Rachel chama, surpreendo-me com sua aparência. Ela deve ter no máximo uns cinquenta anos, uma mulher elegante, loira, com cabelo ao estilo chanel, com um sorriso acolhedor, sem nenhum tipo de julgamento em seus olhos. Confesso que estava esperando uma senhora de idade, fria, indiferente, sei lá.

Entro em sua sala, diferente do que eu imaginava, sem divã ou aquele aspecto de consultório. Parece mais com uma sala de estar. Sento-me em um sofá, e a mulher se senta em outro, à minha frente. Olho ao redor, avalio o local, fito minhas mãos, miro suas orquídeas e mantenho meus olhos lá enquanto sinto os minutos passarem.

— São lindas, não? — ela quebra o silêncio.

Encaro a mulher, que tem seus olhos em mim.

— Aham... — concordo, constrangida.

Ela sorri, agradável.

— Eu gostaria de dizer que, antes de mais nada, Priscila, estou aqui para te

ouvir. Quero que você se sinta confortável para me falar o que você quiser. Estou aqui para escutar e, na medida do possível, ajudar com algumas questões que deseje compartilhar.

Respiro fundo.

— Eu nem sei o que dizer ou por onde começar... — sussurro honestamente.

— Você pode começar por me contar o que te motivou a vir aqui — sua voz é uma teia delicada e envolvente.

Mordo o interior da bochecha.

— Estou em um momento um pouco complicado... mas não sou muito boa com essa coisa de falar, sabe? — Encolho meus ombros, desconfortável.

Aos poucos e com perguntas aparentemente despretensiosas, a mulher consegue que eu lhe diga algumas coisas. Compartilho um pouco da situação com minhas amigas, pego-me confessando que não sei como lidar com a preocupação e decepção delas. Não me abro sobre o monstro, mas digo meio superficialmente que eu tive um momento difícil no passado... e finalmente me vejo falando de Gael e de todo o maldito sentimento que eu não estou sabendo controlar.

Fico mais de uma hora em seu consultório e saio com a sensação de que não foi tão ruim. Rachel deixou em minhas mãos a decisão de voltar a vê-la ou não. E, assim como ela disse que faria, não me encheu de perguntas, deixou que eu falasse no meu tempo, vez ou outra tirando alguma dúvida, mas não foi invasiva como achei que coisas assim seriam. Acho que meu maior medo era ser tratada como uma doente.

Sem que ela tenha me dito o que fazer, decido que já é hora de retornar ao trabalho. Estou afastada há mais de uma semana e sentindo a necessidade de voltar à ativa.

Ligo para Gabor, deixando-o saber que amanhã estarei na agência. Apesar da ansiedade por toda a situação com Gael como cliente, sei que é o certo a fazer. Mudar de emprego agora só bagunçaria ainda mais o que estou tentando colocar na normalidade.



Saí logo cedo de casa, pronta para retornar à ativa. Entrei na agência antes das 8h da manhã, abri alguns e-mails, até que Luana chegou e me colocou por

dentro de alguns acontecimentos da semana, nenhum que envolvia a mim ou a conta sob minha responsabilidade.

Tenho a má-sorte de ser visitada por Eric em minha sala, assim que sabe que voltei. O réptil diz que quer me checar e ter certeza de que não menti a Gabor sobre estar doente. Nem tenho vontade de mandá-lo à merda. Então talvez essa apatia e algo que ele percebe em minha aparência o deixam distorcidamente satisfeito.

— É, você ainda parece doente... — comenta com um sorrisinho idiota antes de sair.

Um dia, vai chegar um dia em que toda a pouca paciência que ainda tenho com ele se esgotará. E, nesse dia, cada golpe daqueles que aprendo diariamente nos treinos será aplicado contra esse imbecil. Ou talvez eu compre uma arma... Ando pensando em ter uma, de qualquer jeito.

Abro o *planner* da conta das boates e reinicio os trabalhos. Antes de eu me distanciar, fiz contato com uma famosa marca de bebidas de luxo, propondo-lhes um evento de divulgação nas boates. É uma maneira de movimentar algumas mídias digitais e associar as boates à imagem de exclusividade, de algo acessível a poucos. As pessoas gostam do exclusivo. Pondero muito sobre isso; certamente, para aquele gringo, não importará a estratégia que eu resolvi adotar.

Passo o dia trabalhando em alguns materiais e deixo a parceria engatilhada. Se Gael topar, crio uma campanha, divulgo-a pelas mídias, contrato algumas personalidades famosas e pronto, as boates serão conhecidas como consumo de luxo. Isso honrará o orçamento gigante que ele disponibilizou e finalizará meu trabalho.

Reúno-me com Gabor e algumas pessoas da equipe de apoio. Para todos, eu realmente estive uma semana doente, e isso me deixa mais relaxada. Apresento o meu material, delibero sobre o *brainstorming*, e chegamos a um produto para exhibir a Gael. Esse é o ponto que retorce minhas vísceras, ter de revê-lo.

No meio da tarde, finalmente peço a Luana que marque uma reunião com ele para amanhã de manhã. Instruo a ela que consiga que a reunião seja aqui, na agência, e fico aguardando a resposta (mais ansiosa do que de costume). Quando ela retorna com a informação, para minha surpresa, de que ele não fez objeções sobre o local, uma sensação de desconfiança me faz passar algumas horas tentando compreender por que ele aceitou tão fácil. Isso não faz o tipo dele. Normalmente, aquele homem é o único a exigir e querer as coisas de seu jeito.

Bem, seja lá como for, pelo menos será aqui, onde me sinto segura. Depois dessa reunião, não precisarei mais ter contato com ele, basta afinarmos os

detalhes, e do resto eu cuidarei à distância.

Distância... Acho que somente o tempo e a distância me farão esquecê-lo. Fico enjoada com a ideia, aliás, tanta tensão está me deixando doente do estômago, mal consigo segurar um alimento.



Sebastian

Verifico o espaço à nossa volta e percebo que o puto finalmente resolveu reagir. A equipe de limpeza contratada levou a bagunça embora, vidros foram restaurados, as cortinas, abertas. Até mesmo sua aparência parece melhor, ainda que ele não tenha dito nada desde que nos sentamos de volta no escritório, com as portas fechadas; monossilábico, seu humor, no entanto, não se alterou, ou talvez sim – nunca esteve *pior*. Em parte, por eu ter delegado minha tarefa de segurança exclusivo da menina a Ed e Bola (os linguarudos desgraçados); em parte porque amanhã de manhã haverá uma reunião na agência onde Priscila trabalha.

Se ele perguntasse a mim, eu diria que não vá a essa porra de teatro. Em primeiro lugar porque aquilo foi uma forma de estar perto dela; nada sobre as boates realmente importa. E em segundo, porque Priscila é a *kryptonita* dele. Por mais que Gael não queira admitir, ela tira o foco do que é importante, ainda mais quando estamos prestes a dar a cartada final aqui.

Sento-me relaxadamente contra a cadeira depois de retirar o pacote de dentro do bolso da jaqueta e o colocar sobre a mesa, aos olhos dos dois. Nossa reunião aqui é sigilosa, ninguém além de Elliot e Gael sabe que tomei posse disto.

Ed e Bola estão fora, vigiando Priscila. Em outros, eu não confio, principalmente no *bem-intencionado* Jonathan.

— O que é isso? — o cara rosna, encarando o objeto.

Elliot também estuda o pacote.

— Abra — digo com um sorriso – que o irritará – plantado em meu rosto.

Gael abre o envelope dobrado ao meio com um elástico e retira o HD ali de dentro. Estávamos esperando por isso há meses, o HD retirado do computador pessoal de Lara, aquele que misteriosamente sumiu das coisas dela. Descobrimos, mais tarde, que estava em posse de agentes da Interpol.

— Consegui também um nome.

A atenção de ambos está fixada em mim.

— Diga! — meu amigo ordena, e nunca o vi mais sombrio. — Diga o nome.

— Tony. Por enquanto, apenas isso. Mas o que tem aí — aponto com o queixo — poderá nos levar a ele.

— O traidor? — é Elliot quem faz a pergunta.

Sento-me ereto.

— O líder. Mas Lara trocou e-mails com o traidor, estão todos codificados. Um cara virá analisar o conteúdo. Amanhã saberemos quem é, rastreamos o IP e chegaremos ao desgraçado...

— E mataremos os dois — é Gael que diz em voz alta nossa missão. Esses dois são as peças faltantes, os últimos que ainda não foram punidos.

Até o pôr do sol de amanhã, teremos os últimos nomes de uma extensa lista banhada em sangue, todos encaminhados ao inferno. Tony será meu, mas prometi a Gael que o traidor será dele. Nosso objetivo aqui está no fim. Terminaremos e poderemos finalmente voltar para casa.

O silêncio que se estende no local é a evidência de que estamos todos pensando nisto. Foram alguns anos neste país de merda.

— Qual foi o preço? — Elliot é quem faz a pergunta.

Não precisa de explicação para saber do que está falando. Para obter esse HD com aqueles agentes, fiz um acordo que me custará mais do que esta missão me cobrou. Sei disso. Um compromisso tácito foi firmado. O que terei de fazer em troca não demorará a ser revelado, e, baseado em meu conhecimento de guerra, sou ciente de que há missões às quais nenhum indivíduo de bom senso *escolhe* ser enviado. Bom para eles que, neste caso, eu não tive escolha.

— Comprometi minha alma... — viro-me para fitá-lo, abrindo um sorriso torto. — E talvez a sua também.

Guerra é guerra. Não importa o que a maldita Interpol cobrará em troca.



Priscila

Caminho de um lado para o outro na minha sala, tremendo e transpirando. Não me lembro de estar tão nervosa assim em um longo tempo. Daqui a alguns

minutos, estarei subindo para a sala de reuniões e verei aquele homem possivelmente pela última vez. Ciente disso, todos os sintomas de pânico parecem forçar sua entrada no meu corpo, o que me obriga a lutar um pouco mais forte para me manter tranquila. Antes de vir para a agência hoje cedo, corri por quase seis quilômetros para diminuir a adrenalina, e não resolveu. Botei a metade do meu café da manhã para fora, ansiosa.

Bem, isso vai acontecer, eu controlando essas sensações ou não. Gael e eu estaremos no mesmo ambiente.

Quando o telefone da minha mesa toca, meu coração martela alto com o sinal de que a hora chegou. E tudo de repente parece menor, mais sufocante. Corro as mãos ansiosas pela saia, alisando-a, pelos cabelos presos no rabo de cavalo e acabo escorando-as na mesa, onde me apoio, encarando fixamente o chão. Será a última vez. Nunca mais vou encontrá-lo. É para o meu bem.

Recolho o material de que necessito, mas, antes de sair, sorvo respirações curtas, apaziguando o redemoinho dentro de mim... e então vou para o confronto.

Diante da porta da sala de reuniões fechada, surpreende-me o fato de sentir nossa proximidade mesmo antes de vê-lo. Estou a um passo de empurrar a porta da sala de reuniões e sinto, literalmente *sinto* a presença de Gael. É tão forte quanto surreal. O sangue flui livremente pelo corpo, o peito se agita, o estômago revira, até meu sexo desperta. Tudo isso beira à insanidade... e me faz muito consciente de que será extremamente difícil realmente esquecê-lo.

Toco o trinco ostentoso da sala mais cara deste lugar e o abro.



Capítulo 37

Priscila

Ele está aqui. O homem que mudou meu mundo, para o bem e para o mal, que despertou o melhor e o pior de mim, que me trouxe vida, mas também desenterrou meus mortos. Paralisada, vendo-o do outro lado da sala, tudo de repente se transforma em nada. Não há cadeiras, mesa, móveis, pessoas, apenas *ele...* ele e a sensação de agulhas penetrando meu corpo, preso por um laço invisível que nos une.

Seu rosto, mais pálido, em uma máscara dura; os olhos fundos rodeados por manchas escuras, turquesas escurecidas, porém, mais intensas e penetrantes do que nunca; a barba com aspecto de recém-aparada; seus cabelos, um pouco mais longos, penteados daquele jeito despretenso que o volve atraente de um modo selvagem. De repente o oxigênio do ambiente se torna insuficiente diante das memórias avassaladoras que me vem à cabeça, suas palavras na cafeteria, dizendo-me que queria estar comigo, seu toque, o cheiro tão particular, *tão* dele.

E então me lembro de sua expressão cruel com a arma apontada para a cabeça daquele homem... e o monstro a seu lado.

Saudade, medo, agonia... e amor. Só Gael poderia despertar tantos sentimentos ao mesmo tempo.

— Bom dia — sussurro para todos na sala, quebrando nossa conexão.

Gabor, Luana e dois outros funcionários da empresa estão na reunião também. De certo modo, dei um jeito de não ficar sozinha com Gael, porque não confio em nós.

Obrigando minhas pernas a se moverem, vou até ele, na cabeceira da mesa, em seu modo intrinsecamente dominante, grande, imponente, fazendo dos outros meros súditos. Gael se levanta, fechando um botão de seu terno perfeitamente encaixado ao corpo.

Estendo a mão trêmula.

— Como vai, senhor Nikolaevich? — minha voz é fraca, ao passo que me forço a olhar em seu rosto.

E ele me toca... Sua mão quente toma a minha num aperto suave, segurando um pouco mais de tempo que o necessário, e nossos olhos se conectam. Posso estar imaginando coisas, mas tenho a sensação latente de que Gael sustenta uma angústia muito crua por trás do semblante impassível, bem parecida com a minha.

Seu cheiro *tão seu* chega a meu nariz, criando uma sensação insuportavelmente familiar.

— Priscila — a voz é forjada de um tecido docemente rouco, alisando minha alma feito seda contra a pele.

— Gael — pego-me sussurrando seu nome, hipnotizada, esquecendo por instantes onde estamos.

— Como você está? — pergunta tão baixo que só eu posso escutar.

Engulo a saliva, deixando a boca ainda mais seca e aceno com a cabeça, querendo passar a mensagem de que estou bem. Uma mentira estúpida. Libero-me de seu toque e deslizo minhas mãos pela saia, outra vez desamarrotando um enrugado inexistente. Desviando o olhar para o chão, dou dois passos atrás.

— Nós gostaríamos de apresentar uma proposta para a campanha de suas boates — falo ajustando suavemente meu tom, entrando no modo profissional.

Não perco o discreto grunhido desgostoso, talvez me chamando de covarde.

— Eu quero que *você* me apresente. *Só você* — surpreende a todos com a exigência, de maneira que não permite argumentação, mesmo tão compenetrado e sereno como esboça estar.

Assisto à expressão ligeiramente aguçada que ele direciona a Gabor, praticamente ordenando que todos saiam sem mais palavras. Meu chefe, novamente demonstrando que está nas mãos desse gringo e sem questionar, levanta-se, sendo acompanhado pelos outros. Nenhuma novidade. Mais uma vez, ele impõe, e os pobres mortais acatam. Sinto a bile vir amargando o caminho até a ponta da língua. Por reflexo, levo a mão à boca, prevenindo o risco de despejar o pouco conteúdo do meu estômago no elegante terno bem-costurado, em seu corpo impenetrável.

Uma olhadela sob o ombro e pego a expressão curiosa de Luana, a última a sair e fechar a porta atrás de si. Mordo o interior da bochecha, já ferida pelo mau hábito, percebendo que, sozinhos, tudo de mim passa a estar mais vivo, ligado, vibrante.

Viro-me para ele desprevenidamente, mergulhando diretamente nas turquesas, magnetizada, sem palavras. O coração bate descompassado, alto, tenho a impressão de que Gael pode escutá-lo. Permanecemos nos olhando em

silêncio, apenas concentrados em nós por um tempo que parece infinito. Como vencer este sentimento, quando meu corpo implora por ele, por um abraço, por ouvir seu peito batendo sob minha bochecha? Esse é um tipo de duelo em que não há vencedor.

Pesando dentro da boca, a língua seca atrapalha-se com as palavras quando sou a primeira a dizer alguma coisa:

— Vamos nos sentar? — murmuro, impotente em tirar os olhos dele.

Acenando com um imperceptível movimento de cabeça, prendendo-me pela alma, ele concorda.

Eu poderia me afastar um pouco ou deixar pelo menos uma cadeira de distância entre nós à grande mesa, mas não o faço; não consigo, fraquejo e me sento à parte lateral, o lugar mais próximo a ele.

— Eu gostaria de apresentar a proposta que a agência elaborou — desvio minha atenção para a enorme tela à frente, falando calmamente, contrariando a bagunça predominante em meu interior.

Gael concorda com outro aceno de “vá em frente”. Sinto seus olhos afiados me perfurando enquanto meus dedos trêmulos apertam alguns botões do controle-remoto, iniciando a apresentação no monitor.

Respiro fundo, preparando-me, mas, antes que eu pense em começar a falar, ele me interrompe:

— Estive no inferno esta semana — não há qualquer tentativa de sedução, apenas um fato exposto no timbre grave, baixo, aniquilado. — Gostaria que soubesse.

Inspiro em fragmentos entrecortados, encolhendo-me um pouco no lugar, mas, apesar de sentir toda a inquietude e intensidade vinda dele, não o olho diretamente; se o fizer, muito provavelmente falharei comigo mesma e me permitirei uma recaída em seus braços aqui e agora.

— Gael, por favor, não vamos fazer isso... — peço calma, a garganta embargada.

Ouço-o sorver uma respiração profunda.

— Diga que não sente o mesmo por mim, Priscila, e prometo que não me verá novamente — as palavras suaves e ao mesmo tempo exigentes entram no meu peito feito um punhal afiado, pioradas pelo toque de sua mão, que vem sobre a minha por cima da mesa, roçando uma carícia gentil, imediatamente sentida em todas as partes do meu corpo.

Tenho vontade de chorar. Aliás, ultimamente virei uma chorona de merda,

e... covarde, pois não tenho coragem de dizer o que ele está pedindo. Gael é um homem de palavra, sei que basta eu dizer que não o quero e o terei fora da minha vida. Ele está me oferecendo um bilhete para a liberdade. Parece simples, uma frase e toda esta bagunça vai embora... então por que não consigo dizer?

Mastigo o interior do lábio, punindo-me ou impedindo-me, não sei bem.

— Não importa o que eu sinto... — é o que consigo falar.

Aliviado por eu não negar o que sinto ou talvez irritado por ouvir que isso não importa (apesar do que a neutralidade controlada de seu rosto revela), ele desliza vagarosamente a mão para longe da minha e se recosta na cadeira opulenta de couro, colocando alguns centímetros entre nós, espaço suficiente para me estudar minuciosamente.

Ignoro o calor, o desconforto e me agarro ao momento em que o primeiro slide surge na tela, feito uma tábua de salvação. Limpo a garganta, pronta para recorrer ao solo seguro.

— Sobre nossa proposta... — Aponto com o queixo para a tela e passo a falar.

Slide após slide, digo tudo o que preciso, explico a ideia central praticamente sem lhe dar uma segunda olhada. Gael não pergunta nada, mas percebo sua atenção vacilar entre mim e a apresentação em um dado momento, curioso pela maneira como estou vendendo a ideia, possivelmente. Sei que ele não está interessado no conteúdo em si, e é essa certeza que faz meu rosto ruborizar, o corpo se tornar mais sensível a sua presença... e, no fundo, o coração se apertar por saber que, a cada novo minuto, é um minuto a menos com ele. Estamos prestes a encerrar tudo para provavelmente nunca mais nos encontrarmos.

Ao final de uma apresentação que era para durar uma hora (se composta também por debates e explicações, como normalmente ocorre), mas que é feita em 10 ou 15 minutos, finalmente desligo o monitor e me viro para ele, na cadeira, esperando sua opinião.

— O que acha, Gael? — tenho o cuidado de permanecer profissional, assim como durante a apresentação.

— Eu confio em você e no que quer fazer — afirma, direto. — A verdade é que estou pouco me lixando para as malditas boates, Priscila. Minha vinda aqui é a porra de uma desculpa para te ver, e você sabe disso.

Gael se inclina para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa, nossos rostos a poucos centímetros de distância.

— Você está desconfortável com a minha presença, *Krasavitsa*. — O olhar

sério captura o meu. — O motivo disso é o que me intriga. Você obviamente me quer tão intensamente como eu a quero, mas está aí, lutando contra isso, tentando convencer a si mesma de que me afastar é o melhor. — A máscara racional contraria a intensidade das íris escurecidas. — Antes de eu ir embora, que é o que você está implorando que aconteça, quero deixar uma coisa esclarecida.

Cada parte de seu semblante é composta por uma mistura de raiva controlada e ressentimento.

— Você desistiu de mim por que presenciou o que eu faria com aquele cara, certo? — exige saber.

Não respondo.

Gael interpreta meu silêncio como resposta e continua:

— O que imagino que não saiba é que aquele pedaço de merda é um fodido estuprador, sádico, que violenta e mata meninas, praticamente crianças. Ele é membro de um esquema que sequestra e vende essas jovens para a prostituição sem que elas nunca mais tenham chance de voltar para casa — a fúria na voz mortalmente calma é quase palpável. — Aquele desgraçado tentou invadir sua casa, Priscila, e o que acha que ele faria se você estivesse lá?

Um enjoo que vem das vísceras me bate forte, frio, feito uma pancada. Tapo a boca discretamente.

— Está me condenando pela morte dele. Mas responda honestamente, você acredita na justiça de seu país? Acha que se, eu disse *se*, ele fosse para a prisão, voltaria redimido e nunca mais machucaria essas garotas? — Gael sorri friamente. — Para sua informação, ele já foi preso *duas vezes*. E só não vai mais ferir ninguém porque agora está no inferno, que é o lugar dele.

Eu... eu nem sei o que dizer. Este é o momento para questionar seus motivos nobres, quando ele tem ao seu lado um cara tão ruim quanto o sujeito que acabou de descrever, que me estuprou por três dias e me feriu como se eu fosse um pedaço de lixo indigno de compaixão?

Começo a tremer de raiva, de pavor, de vontade de gritar que não existem dois pesos e duas medidas, mas o medo daquele imundo vir atrás de mim novamente me paralisa.

Gael não me dá uma segunda chance; levantando-se e abotoando o blazer, ele me lança um último olhar, gélido, decepcionado.

— Se estou sendo punido por evitar que você seja a próxima vítima de um filho da puta como aquele, então eu aceito a punição, *Krasavitsa*.

Cimento prende minha língua.

E ele se vai. Com passos suaves, mas decididos, ele sai, deixando-me com o peito inflado, amando-o com toda a minha alma e odiando tudo o que ele representa.

Desta vez a náusea não vem sozinha. Corro para o banheiro anexo e dispenso a outra metade do que ingeri no café da manhã.



Capítulo 38

Priscila

Finalmente sozinha em meu apartamento, caminho pelo lugar sem me preocupar em acender a luz, completamente na escuridão, assim como eu mesma me sinto. Desde a saída de Gael nessa manhã, estou naquele estado de espírito indescritível. Não chamo de tristeza, é mais para baixo. Talvez um vazio profundo e angustiante definiria, superficialmente... e o pior é que não consigo evitar. Durante muitos anos lutei contra este lugar escuro aqui dentro, batalhei para não sucumbir ao sentimento de sujeira, de me sentir pequena, imunda, sem nenhum valor, de estar perdida. Batalhei duro... mas, maldição, acho que cheguei a um ponto em que estou cansada demais para continuar.

Cansada demais.

E, reconhecendo, a escuridão presente neste vazio hoje parece mais forte, mais tentadora. Sedutora. Dizendo baixinho ao meu ouvido: “desista”; “pare de resistir a mim”.

Eu já estive neste ponto antes... vezes demais.

Sento-me no chão do banheiro, na penumbra, escorando as costas contra o armário da pia.

Nada, eu não consigo sentir nada além do vazio. As paredes daquela casa, daquele quarto estão a minha volta. A cama entalhada com ramos e flores está logo atrás de mim, dentro de mim, amarrando-me a ela outra vez.

“Suja”; “pequena”.

Talvez eu devesse aceitar o que o vazio está tão tentadoramente oferecendo. Se fecho os olhos, tudo o que tenho é a visão de uma pessoa parecida comigo prestes a se afogar num oceano revolto, perturbador e ainda insistindo em brigar contra a correnteza, contra uma força muito, muito maior do que ela, apenas prolongando sua agonia sem que haja qualquer chance no final das contas. Não faz sentido resistir e se debater.

“Desista”.

Bato a cabeça contra a porta do armário, detestando este sentimento. E só

percebo o que estou fazendo quando abro a gaveta, tateando no escuro atrás do objeto esquecido ali há alguns anos, num dia em que estive nesse mesmo ponto, mas me acovardei, movida pela incapacidade de ferir aquelas que amo. Entretanto, hoje é diferente. Elas já não precisam mais de mim. Encontraram seus caminhos.

“Desista de lutar”.

Localizo o objeto fino, lá no cantinho mais afastado. Uma única lâmina, afiada, fria, ávida por receber calor.

Por que continuar lutando para expulsar a sujeira, quando ela insiste em não sair? Estou presa àquela cama, meu corpo sujo, minha alma suja. Os ramos e flores riem de mim, estrangulam meus pulsos. O teto manchado de infiltração e mofo está cedendo, chegando mais perto, empurrando-me contra o colchão fedido.

Encosto o metal gelado sobre meu pulso, onde o batimento se agita, esperando por isto. Fecho os olhos, e então a imagem de Gael surge com perfeição, os olhos gélidos e ao mesmo tempo incandescentes, o sorriso leve somente meu, o calor do seu peito nu debaixo do meu rosto... e de repente a máscara cruel e sombria daquele monstro ao seu lado.

Uma lágrima quente acaricia meu rosto. Pressiono o objeto contra a pele, reunindo a coragem para deslizá-lo ali e acabar com isso.

Eu deixei a escuridão ganhar. Ela finalmente levou a melhor sobre mim. Sucumbi ao vazio.

E, como se meu estômago previsse o momento de agir, numa espécie de autodefesa rebelde de todo o sistema, ele lança o pior e mais forte enjoo que eu já tive nos últimos dias. A lâmina cai ao chão quando, por reflexo, levo as mãos para tapar a boca. Escuto o tilintar do metal no azulejo, e o objeto se perde no escuro.

Algo se retorce no meu ventre, envolvendo minhas entranhas. Paro de respirar quando uma possibilidade ínfima de repente vem criando um pontinho pequeno de luz... muito pequeno, mas, conforme os segundos vão passando, ele se torna maior e maior e...

Pisco uma vez. E não me movo.

Não.

Impossível.

Lanço-me para fora do chão, trêmula, atordoada. Acendo a luz e abro a primeira gaveta. Fico olhando para o conteúdo, sem reação, sentindo a respiração falhar e as pernas enfraquecerem.

A caixa de absorventes está intacta; minha cartela de pílulas, falhada.

Isso só pode ser uma brincadeira. Eu não posso estar... *grávida*... posso?

Confiro meu reflexo no espelho. Olhos arregalados, bochechas começando a ganhar um tom avermelhado. Com as mãos parecendo varetas finas ao vento, deslizo a blusa para cima e encontro minha barriga lisa, quente. Descanso a mão ali, tentando sentir alguma coisa. Qualquer coisa.

Um segundo a mais, e eu simplesmente me pego gargalhando, rindo tanto que praticamente choro, histérica. Qual a possibilidade de o destino me pregar uma peça destas? Eu... eu estou com uma sementinha gringa aqui dentro? Um gringinho teimoso que me impediu de tirar minha vida? Não. Não pode ser!

Mas e se for? Cacete, se estou realmente grávida, Deus tenha piedade, eu estava prestes a acabar comigo e com ele.

Respire. Respire. Respire, droga! Preciso tirar esta dúvida!

Correndo pela casa, batendo em alguns móveis, acendo a luz da sala e encontro minha bolsa. O elevador demora uma eternidade. Pego o carro e saio em disparada para a farmácia, seguida de perto por algum dos homens de Gael. Entro na loja mal controlando a ansiedade, mas dou tudo de mim para pegar discretamente o que preciso sem que consigam ver lá de fora. Por garantia, levo um teste de cada marca. Pago tudo e volto para casa me policiando para não pisar fundo no acelerador.

Minha adrenalina está nas alturas. O coração dispara, parecendo querer sair para fora do corpo e vir conferir pessoalmente o que está acontecendo.

Coloco a sacola no balcão da cozinha e começo a abrir as embalagens, verificando como usar estas coisinhas que podem mudar minha vida para sempre. O mais estranho é que sinto que já sei a resposta destes testes, é como um sexto sentido, não sei bem explicar.

E ainda assim faço xixi, não uma, mas cinco vezes... espero, espero, espero... O tempo passa rápido quando não queremos, e demorado quando estamos quase enfartando. Estranho, não?

Finalmente os minutos mais longos da minha vida, sem dúvida nenhuma, passam. Pego os palitos, examino as descrições dos fabricantes... e, não...

Não.

Não pode ser!

Sim! Grávida! Cinco vezes confirmado, para não restar dúvida. Deus Todo Poderoso! Aquele gringo pôs um filho aqui! Toco a barriga, aturdida tanto pela notícia quanto pela consciência do que estive prestes a fazer

— Gringozinho... — não seguro as lágrimas — me perdoe.

Feito uma maluca, volto a rir e a chorar copiosamente, ao mesmo tempo.

Você nos salvou! Minha luz na escuridão.

Não posso explicar em palavras o que estou sentindo. É surreal saber que há vida dentro de mim. Uma sementinha que me impediu de cometer um grande erro. Esta é a luz no fim do túnel, é meu novo e maior motivo para viver. Meu *filho*, gringozinho ou gringazinha. O que eu devo fazer agora?

“Conte para o Gael”, é a primeira frase a martelar na minha cabeça desde que os palitinhos mudaram de cor. Eu jamais poderia privá-lo de saber. Contudo, onde isso nos deixa?

Preciso de tempo para pensar. Deveria procurar um médico, obter confirmação através de um exame confiável – embora eu não tenha dúvida. Parece precipitado conversar com ele antes disso.

Aliso minha barriga mais uma vez, a milésima, como se eu pudesse tocar minha sementinha gringa.

— Você é a minha salvação, Sementinha.

Com uma mensagem rápida, marco com Katy, Júlia e Alice para me encontrarem amanhã à noite. Eu já escondi coisas demais delas, e minhas irmãs merecem saber em primeira mão que minha Sementinha está aqui.



Capítulo 39

Sebastian

O nerd de TI chegou cedo e já está trabalhando no HD. Coloquei tanta expectativa em tudo isto que não consigo parar de andar em torno do garoto. Nenhum de nós consegue. Pensei que seria mais rápido obter acesso ao conteúdo.

— São muitos bloqueios. — Transpirando, talvez pela pressão, o garoto empurra os óculos contra o nariz.

— Faça no seu tempo. — Dou um aperto em seu ombro. — Você não sairá daqui enquanto não tivermos tudo.

Apesar da *cordialidade*, estou certo de que ele entendeu. Hoje. Queremos descobrir as informações sobre o traidor ainda *hoje*. Será nossa primeira informação concreta depois de anos caçando e acabando com seus cúmplices sem que nunca dissessem um nome.

Elliot me lança um meneio de cabeça quase imperceptível para qualquer olhar desatento, mas reconheço o que significa: estamos prontos para entrar em ação. Deixo-o sozinho com o garoto e vou até meu cunhado. Sei que o cara está tão ansioso quanto todos nós. Meu sangue corre até mais rápido, ciente de que falta pouco. No entanto, há mais coisas acontecendo com o cara. Ele voltou mais fechado da reunião com Priscila. Pelo semblante de poucos amigos, qualquer esperança de se entenderem fracassou.

— Você gosta dela... — Apanho um peso de papel de sua mesa apenas para irritá-lo. — Está aí, fodido, porque mal sabe o que fazer.

— Acabou? Agora saia.

— O que ela te disse?

Quero rir por conseguir despertar a ira dele com tanta facilidade. Está estampado na maldita cara do puto ao subir os olhos para mim, tão iguais e tão diferentes dos da irmã. Onde nele há sombra, em Lara havia vida em abundância. Evito pensar, evito me lembrar dela. É a única coisa que não me deixa pirar completamente.

— Qual é a porra do seu interesse no que se refere a ela, Sebastian? — qualquer outro se ajoelharia diante dele e imploraria por piedade apenas por causa desse maldito tom ameaçador.

Abro um sorriso preguiçoso.

— Estou curioso sobre a mulher que consegue te deixar com um humor pior do que o do diabo e essa sua expressão de que está planejando sequestrá-la para pôr algum sentimento dentro daquele coração de pedra.

O desgraçado rosna, *rosna!* Como é divertido vê-lo finalmente sucumbindo a uma mulher. Quando jovens, dizíamos que Gael tinha um pau no lugar do coração. E assim ele seguiu por mais de uma década, dando razão à fama, até o dia em que aquela mulher apareceu grávida à sua porta. Confesso, foi uma surpresa sua decisão de ficar com os filhos. Uma atitude nobre, que somente um cara como ele teria. Gael, o mais sério e concentrado de todos nós, o engenheiro do petróleo, estava feliz no papel de pai. Tudo estava onde deveria, até aqueles pedaços de merda cruzarem nossas vidas.

— Guarde sua maldita curiosidade para você. E se afaste dela.

Lanço o peso para cima e o pego no ar.

— Decida, você me quer seguindo a encenqueira ou longe dela?

Posso ver o resíduo de paciência se esvair dele ao cerrar os punhos, pronto para uma briga. Eu deveria lhe dar isso, um meio para descarregar a energia contida. Socar alguma coisa vai fazer bem ao cara, ainda que seja a mim. Entretanto, no momento não tenho tempo. Minhas perguntas sobre sua menina são, na verdade, para saber se ele obteve qualquer pista do que a perturbou naquele dia. Eu deveria revelar minhas suspeitas, mas, antes mesmo que eu terminasse de falar, Jonathan seria lançado numa vala sem que eu tivesse confirmação.

Já que Priscila não me deu respostas, vou atrás de outra fonte.

— Esqueça. Não precisa responder — mantenho o tom de gozação. — Vou dar uma saída agora. Me avise se obtiver qualqu...

— Ele conseguiu algo... — Elliot aponta a cabeça para dentro do escritório.

Sem esperar, Gael e eu estamos voando para cima do garoto, colado ao computador enquanto a impressora cospe papéis sem parar.

— O que você tem? — meu cunhado exige, focado, exalando a adrenalina que corre em todos nós.

— Recuperarei os e-mails... — O nerd aponta para a impressora, mas, a esta altura, já estamos com as folhas nas mãos.

São trocas de mensagens entre Lara e um sujeito que ela chama de Sam. Corro os olhos por uma delas e, inferno, sinto minhas entranhas serem esmagadas, a ira correndo junto ao sangue. *Estamos perto de encontrá-los, meu amigo. Sua irmã não morreu em vão.* Ela acreditava mesmo na história dele, do maldito mentiroso e traidor. Lara, de bom coração, confiou nele, quis ajudá-lo e foi levada à morte.

— Eu quero o nome completo, um IP, o endereço ou qualquer outra porra para localizá-lo — Gael ordena, letal, sua fúria fria evidente enquanto folheia as conversas do maldito com sua irmã.

Transpirando, assombrado, o nerd assente.

— Estou desbloqueando as defesas dele. A pessoa migrou em muitos servidores para não ser encontrado, leva um pouco de tempo.

— Faça o que tiver de fazer. Ache esse cara.

Jogo a folha sobre a mesa de centro.

Eu preciso de distração. Preciso sair desta casa e respirar. Se eu ficar aqui, vou acabar atrapalhando o garoto, porque, pela honra, agora sei que Sam é o nome de alguém que não encontrará um novo amanhecer. Não o desgraçado que se aproveitou de uma menina decente, ávida por encontrar a amiga desaparecida. Minha única chance de felicidade. Lara era minha única chance. Todas as minhas missões como oficial faziam sentido, pois eu tinha *ela* me esperando em nossa casa. Minha alma retornava do trabalho nas Forças Armadas cada vez mais corrompida. No entanto, a bondade em seu rosto me fazia lembrar por que eu lutava. E ela foi tirada de mim.

Pego a jaqueta de couro da cadeira onde a deixei e me preparo para sair. Dar espaço ao garoto acaba também me oferecendo algumas horas para resolver outra questão que está me incomodando *pra caralho*.

Faço um pedido a Elliot antes de deixar a mansão.

No caminho para o meu destino, começo a relembrar como foi que Jonathan chegou até nós e se tornou uma fonte de informações.

Quando Gael me ligou dando a notícia sobre o que havia sido feito com sua família, eu estava no meio de uma missão importante da FAR no Oriente Médio, mas a abandonei, abandonei tudo e fui ao encontro dele. Bastou-me um olhar para saber o que a cólera em seus olhos significava. Vingança. Meu cunhado estava disposto a começar uma caçada atrás de vingança. Eu mesmo a sentia correr livremente por minhas veias, era parte de mim, do ar em meus pulmões; o alimento em meu corpo. Não havia nada mais forte do que a necessidade de arrancar o coração dos responsáveis. Então demos início ao plano. Elliot se

juntou a nós, trazendo as primeiras pistas a partir de seus contatos com os Federais. A morte de Lara tinha relação com o desaparecimento de sua melhor amiga. Uma trilha havia sido deixada. Estávamos lidando com a escória responsável pelo tráfico internacional de pessoas, e um braço importante dela estava bem aqui, neste solo.

Infiltrar-se nos negócios deles, em *todos* os negócios, era fundamental, boates, exportação ilegal de armas, tudo o que pudesse nos oferecer nomes. E assim fizemos. Nós nos tornamos conhecidos oferecendo nossos serviços. Não muito tempo depois, um traficante nos procurou. Ele precisava desenrolar o transporte de um carregamento de Fuzis AK47 russos, e nós tínhamos um esquema de livre acesso da Rússia até o porto daqui. O fodido nos propôs um tipo de sociedade: nós traríamos a carga, e, em troca, ele nos daria informações que precisávamos além de um grande volume de dinheiro. A porra da grana pouco importava. Todavia, não podíamos nos mostrar tão desesperados por informações. É um jogo. Tudo se resume a não deixar o oponente conhecer suas fraquezas.

Acertamos tudo com o sujeito. A transação aconteceria no porto. Nós entregaríamos o contêiner com as armas, o cara nos daria a grana e contaria detalhes sobre o esquema blindado de tráfico de mulheres e os nomes que procurávamos; algumas horas antes dessa troca acontecer, no entanto, Jonathan apareceu nos oferecendo sua lealdade, trazendo a informação de que o fodido traficante estava armando para cima da gente. O pedaço de merda não pensava em nos dar dinheiro algum, pelo contrário, colocaria seus atiradores escondidos para uma emboscada. Era óbvio que nós esperávamos por isso. Elliot já vinha monitorando a situação.

Fato é que o merda do Jonathan mostrou que poderia ser um aliado importante. E, mesmo que seus motivos para delatar o traficante não fossem nobres, ele não nos escondeu sua intenção: Jonathan queria assumir o esquema de armas. Ele trabalhava para o cara e queria tomar seu lugar. Sabendo, por meio do traficante, as informações que procurávamos, ele se ofereceu para nos ajudar a localizar o chefe do esquema de prostituição em troca do carregamento.

Um merda corrupto, mas que nos seria de alguma utilidade. É assim que encaramos a presença de Jonathan. Nós o *toleramos* em nosso meio.



Priscila

As meninas se mostraram tão emocionadas quanto eu quando lhes contei sobre a gravidez. Combinamos de jantar neste restaurante, onde normalmente comemoramos alguma notícia, e isso por si só já lhes deu uma pista de que havia algo de novo acontecendo. Quando contei sobre a gestação, a comoção foi geral. Um misto de incredulidade e profunda alegria tomou conta da mesa. Eu as compreendo, pois é como me sinto. Quase 24 horas depois de descobrir, ainda estou parcialmente anestesiada. Mal posso acreditar como tudo de repente mudou de perspectiva. Passei a perceber sensações que antes eu nem mesmo sabia serem possíveis, uma sensibilidade, um senso maior de querer proteger, lutar. Enfim, aconteça o que acontecer, esta é minha nova motivação de vida.

— Minha Sementinha... — Toco meu estômago enquanto limpo uma lágrima prestes a cair.

— É assim que você está chamando nosso sobrinho? — Alice pergunta sorrindo enquanto observa meu movimento.

Reprimo um sorriso bobo.

— Ou sobrinha. Já pensou numa loirinha de olhos enormes correndo por aí, com a bundinha empinada? — Katy pisca seus cílios com doçura, fazendo uma provocação sobre minha anatomia.

— Olhos enormes, garota? — finjo indignação. — Nem são tão grandes assim.

Rimos à toa, pois é este o clima nos encobrendo como um manto claro depois de uma semana difícil para todas nós.

— Nem acredito que esse dia chegou. Eu ficava me perguntando como seria quando a primeira de nós engravidasse — Júlia delibera, aérea. — É surreal saber que, num piscar de olhos, nós crescemos e estamos aqui, comemorando este dia.

— O tempo passou muito rápido — Katy reflete.

— E nós permanecemos juntas — Alice acrescenta, limpando lágrimas em seu rosto.

Por Deus, eu amo tanto essas mulheres... Tanto! Irmãs, em um elo mais forte do que o sangue. Tudo teria sido muito diferente se, em algum momento da infância, nossos caminhos não tivessem se cruzado. Abençoado seja aquele dia, embora eu nem mesmo me lembre de quando foi.

Verifico a tela do meu celular; uma mensagem de Gabrielle. Leio-a e então a mostro para as meninas.

— Gabi não conseguiu sair da reunião a tempo para o jantar, mas disse que o assistente dela descolou entradas para o camarote VIP da Verum. Quer saber o que achamos de ir para lá.

É a boate mais exclusiva da cidade, ou pelo menos *era*, antes de El Diablo.

— Por mim tudo bem. Peguei passe livre para a noite. — Katy dá de ombros. — Mas será bom para a Sementinha?

Ouvir a preocupação com o bebê preenche meu coração. Rindo tolamente, jogo o braço por cima do ombro dela e a puxo para um abraço.

— Eu te amo, garota. Amo todas vocês. — Encaro as outras duas do lado de lá da mesa.



Sebastian

Pedi a Elliot que mantenha Jonathan ocupado por algumas horas enquanto entro sorrateiramente em seu apartamento, um lugar tão pomposo quanto o imbecil. Não sei o que, exatamente, estou procurando. Todavia, meu instinto me diz que há algo estranho nesse cara. Por já ter visto o pior da escória, acho que desenvolvi um tipo de radar para detectar a sujeira além da superfície. *Nahui*, o imbecil parece um maldito cão fuçando nossas merdas, espreitando. Reviro algumas gavetas e não me surpreendo ao encontrar o pó amalocado. *Cheirador* do caralho.

Por alguma razão, Priscila tem medo dele e mentiu quando disse que não o conhecia. Somente um idiota deixaria isto para lá. Pode ser que não seja nada relevante, mas nunca fui com a cara dele, de qualquer modo. Preciso apenas de um motivo para esmagar seu nariz com o punho.

Chuto algumas coisas pelo caminho até o quarto, o único no apartamento. Reviro gavetas, armários, encontro uma pistola entre as roupas dobradas e a guardo comigo, talvez para irritá-lo, pois, aparentemente, não há nada aqui que revele qualquer coisa. Não nego, estou decepcionado.

Desfiro um soco frustrado contra a parede de fundo do guarda-roupa, pronto para desistir... No entanto, é o som do golpe que me surpreende. Oco. Nada do que eu esperava. Sorrindo semelhante a uma raposa no galinheiro, dou outro pequeno golpe contra a parede de madeira. Vazia. Vou sondando o som até encontrar o elo. Interessante. O imbecil tem um compartimento secreto dentro do armário. Jogo os cabides de roupas caras engomadas no chão, de qualquer jeito,

sentindo certo prazer nisto e encontro o dispositivo de abertura. Puxo-o e me deparo com um quadrado de meio metro de área, um tipo de cofre aberto. Documentos, outra arma e um notebook.

Apanho os papéis, contendo nomes e números e os enfio no bolso interno da jaqueta para uma análise futura. A pistola também se junta à outra em minha cintura. Eu deveria agradecer pelos presentes... mas é o notebook que me atrai, curioso pelo motivo de ele o *esconder* ali. Retiro-o e o ligo. O merda estúpido é tão confiante que não colocou a porra de uma senha. Reviro alguns arquivos e vou sentindo meu sangue gelar a cada clique. São fotos de garotas seminuas amarradas, em sua maioria amordaçadas, forçadas a encarar a câmera. O pavor em cada par de olhos clicado é real. Quanto mais acesso, pior vai ficando. Por que esse bosta teria essas fotos? Isso não me parece com imagens retiradas da internet. São caseiras, aparentemente tiradas de um celular, e, *nahui*, os arquivos estão identificados por nome e idade das garotas... parecendo a porra de um mostruário.

De repente, um ícone em formato de envelope surge da barra inferior na tela. Uma nova mensagem. Clico sobre ela, ansioso pela sensação apertando as entranhas, e sou direcionado à caixa de e-mails. A primeira coisa que meus olhos rastreiam é seu endereço de usuário. Encaro o maldito nome fixamente, pela *segunda* vez no dia. Nem fodendo!

— Desgraçado filho da puta!

Sam. Jonathan é o maldito Sam! O verme aproximou-se de nós oferecendo ajuda, e *ele* é o traidor! Como não vimos isso acontecendo? Estava aqui o tempo todo, diante de nossos narizes. Jonathan Samuel Abud Murad. O maldito Sam!

Cerro os punhos, com vontade de socar a primeira porcaria a minha frente. Meu corpo treme violentamente, assimilando a informação. O tempo todo nós estivemos um passo atrás. O desgraçado nos dava pistas falsas enquanto se divertia a nossa custa. Agora tudo faz sentido. Aqueles caras tentaram atingir Priscila não somente para se vingar de Gael, mas para calá-la a mando do Jonathan. Cedo ou tarde, Priscila cruzaria com o desgraçado na mansão e provavelmente contaria algo sobre ele, algo que seria importante para nós.

Rio de mim mesmo com desgosto. É tão evidente. A menina olhava para ele com completo pavor, amedrontada até a alma. E, quando Gael estava prestes a obter a informação, o fodido tratou de eliminar a ameaça antes que pudesse abrir a boca sobre quem os contratou. Com aquele disparo, ele não só livrou sua pele como garantiu o silêncio de Priscila.

Encarando a tela do computador, sinto que estou perdendo algo importante

aqui, uma peça que não se encaixa. Ele não é líder, é o traidor. Infiltrou-se entre nós para nos despistar, mas, sabendo do que somos capazes, por que se arriscar tanto? Por que vir diretamente ao covil poderoso o bastante para aniquilá-lo? A menos que estivesse *protegendo* alguém. Repasso mentalmente o que li no relatório sobre Jonathan, cada informação, por mais insignificante que pareça, não deixando escapar nada, até que algo sobre sua família... Jamal Antony Abud Murad, o irmão sem paradeiro oficial nos últimos cinco anos. Antony... *Tony*.

Fecho a tela do computador num baque. Os desgraçados são irmãos! O maldito traficante que ordenou a morte da mulher que amo é irmão do Jonathan.

Sem poder explicar o que estou sentindo no momento, saio do apartamento trazendo comigo as provas. Nunca, nunca desejei tanto colocar as mãos em alguém. Nem mesmo reconheço o sentimento sombrio que mal me permite respirar.



Capítulo 40

Priscila

Verum é um lugar legal. Já vim aqui algumas vezes, acreditava que era o melhor que a cidade tinha, até conhecer El Diablo. Evito pensar nisso e nas lembranças que aquele lugar traz. Minha situação com Gael, diante dos novos fatos, ainda está suspensa, incerta. Realmente não sei que caminho seguir. Imagino que a notícia de que será pai novamente mexerá muito com ele, mas não posso sequer cogitar a possibilidade de ter *aquele* monstro próximo ao meu filho. Não. Sou capaz de fugir, sumir no mundo antes disso.

Passamos pela entrada e a pista de dança para encontrar Gabrielle nos esperando na área VIP. Faz alguns dias que eu não a vejo, pois Gabi estava viajando a trabalho. E, nesta noite, ela parece especialmente mais bonita.

Sou recebida com um abraço apertado.

— Ei, cuidado com a nossa Sementinha — Katy brinca ao afastá-la de mim. Gabi lhe lança um olhar confuso, realmente confuso.

— É que a Pini... — Alice verifica em mim um sinal de que pode contar a novidade; sorrio em resposta. — Pini está grávida, Gabi.

O olhar da loira deslumbrante sai delas e vem para mim, então cai em minha barriga. Tenho a ligeira sensação de que ela empalidece por um momento, realmente perde a cor. Porém, é muito rápido. Logo um sorriso largo desliza pelos lábios carnudos, sincero.

— Não posso acreditar...

— Sim, garota — Alice afirma. — Eu tive a mesma reação.

— Deus do Céu... isso é... — Ela para de falar e inclina o rosto meio de lado, observando-me com cuidado. — Você está feliz?

Uma pergunta franca de uma amiga. Suspiro.

— É maluco... mas eu tô. Nem consigo entender direito o que significa. A sensação de que serei mãe é diferente de qualquer coisa que já senti, de um jeito bom.

— Sei como é.

— Sabe? — questiono, curiosa.

Ela limpa a garganta, sorri, talvez desconcertada, porém, não diz nada. E o momento se perde quando nos envolvemos numa conversa sobre bebês e drinques, que mal acompanho. Por alguma razão, minha atenção permanece em Gabrielle, na quase imperceptível melancolia que captei em seus olhos azuis grandes e honestos. Sem saber o porquê, pego-me a abraçando outra vez, sentindo que ambas precisamos disto.

Um famoso DJ australiano é quem comanda o som. Não demora, nossas bebidas chegam, e, dominada pela sensação de emergir da escuridão, desta vez de verdade, elevo minha taça (coquetel de frutas vermelhas sem álcool) ao ar, brindando com elas.

— À Sementinha! — digo feliz.

— À Sementinha! — elas gritam juntas, talvez mais leves e felizes do que eu me lembrava.

Apoiadas na barra que dá vista ao palco, acompanhamos a batida pulsante do DJ, animadas, exorcizando os fantasmas da semana, as lágrimas que derramamos, a aura de mágoa e decepção entre elas por eu lhes ter escondido por tanto tempo algo que me machucou no passado. Aqui somos nós, verdadeiras, sem mais omissões. É a primeira vez que me sinto real ao lado delas, e não uma fraude.

Não faço ideia de como o assistente de Gabi consegue essas coisas, mas estamos no melhor camarote. Garçons reabastecem o balde com champanhe, tequila e água, embora nenhuma de nós esteja inclinada a realmente encher a cara... estamos ficando velhas demais para isso. A tolerância ao álcool vai se tornando menor com o passar do tempo.

Concentrada no movimento da multidão lá embaixo, de repente um vento gelado sopra, arrepiando os pelos da nuca. Um vibrar inquietante, familiar, de um jeito que somente *uma* pessoa em todo o mundo é capaz de causar. Aperto a barra entre os dedos, segurando-me em busca de equilíbrio quando o peito dispara maluco e o calor se constrói nos lugares mais indizíveis.

Instintivamente e com uma lentidão sobre-humana, viro-me para a entrada do camarote e me deparo com as turquesas profundas prendendo meu olhar, fixamente, penetrante, perfurando as barreiras da pele. Tudo em mim se revolta, atraída por ele, presa pelo magnetismo estranho que somente Gael tem sobre mim.

Apoiado contra a parede como se estivesse ali há mais tempo do que reconheci, ele parece mal respirar, concentrado em mim, numa situação tão

difícil quanto a minha, intenso, intimidante.

Pego-me sibilando seu nome feito uma reza... até que, uma fração de segundos mais tarde, dou-me conta de que Gael não está sozinho. Ao seu lado, *Jonathan*, o mostro.

Minha mão enfraquece e a taça despenca no chão, partindo-se em mil pedaços.



Gael

Eu não esperava encontrar Priscila aqui. Raramente venho a este lugar ou a qualquer umas das boates. Um problema me trouxe, e eu estava prestes a partir quando a vi entrar. Linda, Priscila sempre estará linda, não importa o que vista. E hoje, ao atravessar aquela porta, parecia particularmente mais brilhante, *vibrante*... ironicamente, no momento em que me sinto um pedaço oco de merda. No entanto, seria injusto culpá-la por seguir em frente. Priscila nunca tentou me enganar ou fez qualquer promessa, pelo contrário: me afastou a cada maldita oportunidade que teve.

Insistir foi um erro *consciente*, assim como estar aqui agora, neste camarote, observando-a pelas costas, pois outra vez não consegui me manter longe, não quando sei que ela está tão perto. Essa menina tem um poder estranho sobre mim e nem faz ideia. Se fizesse, não desistiria de nós como uma covarde.

Assistindo à apresentação do tal DJ, que custou uma fortuna aos cofres da boate, seu quadril delicioso balança suavemente de um lado para o outro, em ondas que fazem meu corpo reagir, rígido, desesperado por alcançá-la, reivindicá-la. Guardo as mãos nos bolsos, num esforço para combater a necessidade se formando a partir das pontas dos dedos. Foi assim, como um maldito voyeur, assistindo-a dançar, que a vi pela primeira vez e, não importa onde, eu sempre serei atraído por essa mulher.

As outras quatro movem-se mais intensamente, pulam à medida que as batidas se tornam mais intensas. Contudo, minha atenção nunca sai *dela*. *Yeb vas*, é necessário mais força de vontade do que jamais precisei para não a levar daqui comigo para outro lugar, qualquer lugar onde possamos ficar sozinhos, onde sejamos apenas nós, livres de todos os problemas e da realidade esmagadora que nos separa, onde eu não seja o assassino frio que ela enxerga em mim.

Conforme sua bunda se move dentro da calça jeans apertada, sinto-me mais duro, mais perdido na imagem dela. Elliot e Jonathan assistem a tudo silenciosamente, como se soubessem que a ordem é manter-se malditamente invisíveis, já que me seguiram até aqui sem nenhum convite.

E então, como se pudesse reconhecer minha presença, meu estado, a mulher se vira e toma consciência de que estou aqui. Por um maldito segundo seus olhos me dizem que ela é minha. Eu posso sentir a porra da conexão avassaladora que nos une... para logo em seguida seu sorriso morrer e os olhos perderem o brilho.

E me rasgar em mais alguns pedaços.

O estardalhaço de sua taça encontrando o chão chama a atenção de suas amigas.

— Pini? — uma delas se vira para Priscila, atenta.

A preocupação na voz da mulher chama a atenção das outras três. Enquanto minha *Krasavitsa* parece entrar em um tipo de transe – e dói como o inferno saber que causei esse tipo de reação nela –, suas amigas procuram a razão de sua perturbação. Quando me encontram aqui, tudo acontece muito rápido, sequer tenho tempo de reagir ou compreender.

— Katy, não! — uma delas grita, tentando deter a mulher que avança em velocidade em minha direção.

Espero seu ataque, pela fúria com que ela se aproxima... e, *yeb vas*, surpreendo-me quando a garota se lança para cima de Jonathan.

— Seu maldito estuprador! — Crava as unhas no rosto do cara.

Outra delas vem na mesma velocidade.

— Júlia! — a loira grita, aparentemente tão confusa quanto eu.

Elliot dá um passo para trás e levanta as mãos em sinal de rendição, saindo da frente da tal Júlia, não menos furiosa do que a primeira. Jonathan, que não percebe a aproximação enquanto tenta se livrar daquela chamada Katy, não tem tempo de reagir aos golpes que recebe na cabeça, braços e onde mais Júlia consegue atingir.

— Seu desgraçado, nós confiamos em você! Meu irmão te trouxe a minha casa! Como você foi capaz?! — ruge transtornada.

Uma delas, a mais baixa, morena de pele branca, observa a tudo sem saber se ajuda as amigas ou se quebra-se em centenas de pedaços ao se aproximar dele. De repente algo grande, fúria, cresce, transformando seu rosto de traços delicados. Ela move a mão da tal Katy apenas por tempo suficiente para... cuspir na cara do sujeito.

— O que fez a ela... — Sacode a cabeça, com desprezo e dor cortantes. — Eu tenho nojo de você, nojo!

É somente então que passo a realmente prestar atenção às acusações que fazem enquanto o atacam e começo a ter um terrível mau pressentimento. Um muito, muito terrível. Estou prestes a exigir que expliquem o que, maldição, está havendo aqui, mas é a loira alta (que até o momento assistia a tudo completamente confusa) a indagar por mim.

— Alice — chama mortificada, colocando-se na frente da cuspidora. — O que... o que está acontecendo? Quem é esse cara?

Derrubando lágrimas espessas, a tal Alice tenta se afastar da barreira imposta pela loira para também ter acesso ao sujeito.

— E-esse monstro estuprou a Pini, Gabi!

Não preciso de legenda para saber *quem* elas chamam de Pini. E, se houvesse dúvida, o olhar assombrado da tal Gabi em Priscila explicaria por si só.

O chão se move sob meus pés. O tumulto delas passa a ser um ruído fraco distante quando o foco do meu mundo volta para minha *Krasavitsa*, alheia ao caos, arfando, olhos arregalados, rosto sem cor, perdida em um mundo paralelo a este.

Sem tirar os olhos dela, as trevas mais profundas em mim se pronunciam:

— O que foi que você disse?

Medo. O som álgido de minha voz desperta medo em cada pessoa presente, inclusive nelas, que somente então parecem se dar conta de que estou aqui. E, por um momento, há apenas o silêncio esmagador, expectador.

No entanto, apenas a reação de *uma* pessoa me interessa.

Ao me ouvir, algo muda em Priscila. Ela pisca uma única vez, parecendo sair de onde quer que estivesse. Um ruído baixo, solitário, como um gemido de espanto e agonia sai por entre seus lábios macios separados. Não sei precisar quanto tempo o silêncio a nossa volta perdura, pois, ao sinal da primeira lágrima grossa caindo livremente por seu rosto, o inferno retorna, e suas amigas voltam a atacar Jonathan com mais gana, misturando seus golpes, lágrimas e gritos. Gabi, como foi chamada, junta-se a elas cegamente.

Contudo, ele é meu.

— Elliot.

Ciente do que estou pedindo sem que eu precise verbalizar, meu terceiro homem no comando afasta as mulheres de Jonathan, deixando-o livre para mim. Somente para mim. Antes que ele emita o primeiro suspiro de alívio por se ver

livre delas, com mais força do que posso controlar, eu o tenho preso pelo pescoço, esmagado contra a parede. Assisto a sua pele se transformar no tom mais vivo de vermelho.

— De que porra elas estão falando? — rosno muito, muito calmo, a centímetros do seu rosto.

Basta um olhar assustado em mim para que ele entenda o perigo iminente. Tarde demais para ele, a verdade é exibida no fundo vazio de seus malditos olhos. Aquelas cicatrizes nos seios dela, as regras que ela colocou entre nós, o pavor no modo como me olhou há poucos minutos.

Eu vou matá-lo. Aqui, esmagando sua maldita traqueia, eu vou matar esse desgraçado com minhas próprias mãos. Ele sabe disso. Seu corpo se debate, implorando por misericórdia quando meus dedos se encontram perto, muito perto de quebrar seu pescoço. O cheiro da morte, aquele odor único, quase pode ser sentido. As veias do seu rosto se dilatam em meio à vermelhidão, pulsam desesperadas, antecipando a explosão que acontecerá dentro de seu cérebro.

Contudo, é meu nome baixinho, pronunciado num soluço pelos lábios de Priscila que me devolve um mínimo de racionalidade, pouca, quase perdida entre a fúria, mas o suficiente para me impedir de fazer o que meu instinto exige.

— Não aqui — sussurro tão perto que só ele pode me ouvir e sou contemplado por seu olhar aterrorizado.

Sorrio como símbolo do prazer que terei em dar a ele sua sentença.

— Elliot.

À ordem, Elliot assume a frente, tomando o desgraçado de mim e o levando para fora do camarote, diretamente ao lugar em que encontrará o abraço frio de seu destino. As amigas de Priscila assistem a tudo paralisadas. Não protestam enquanto o lixo é levado de suas garras para longe. Mal sabem que é a última vez que o verão. Corro um olhar por elas, pegando suas expressões em misto de admiração e surpresa. Rosno, talvez o único som que consigo emitir, um *aviso*.

E finalmente dou passos firmes em direção *a ela*, a mulher que se enraizou profundamente sob minha carne, que me afastou, escondeu coisas, levou-me ao inferno. Conforme vou me aproximando sem um grama de humor ou qualquer sentimento bom, aqueles olhos verdes incrivelmente expressivos vão se ajustando a mim. Calada, assustada... temerosa. No entanto, não faz qualquer movimento para fugir ou se afastar dessa vez.

Ela é minha. Cada parte de mim a reconhece como minha. Priscila reconhece isso.

— Você vem comigo.

A partir da maneira impressionada como seus lábios se separam, formando um “oh” sem som, sei que meu tom soou ameaçador.

Foda-se.

Sem nenhuma polidez, apanho sua mão, avisando que, para o bem dela, é melhor que me siga.

As quatro mulheres tentam intervir; pela visão periférica, noto o exato momento em que se apressam para ficar entre nós.

— Não — dou um aviso claro. — Isto é entre ela e mim.

Compreendem, talvez por medo ou bom senso, que não sou alguém a quem queiram enfrentar; ou apenas percebem que Priscila e eu precisamos disto. Independentemente do motivo, as mulheres simplesmente recuam.

Todavia, não posso dizer que tomaram a melhor decisão. Eu não deveria falar com Priscila agora. Não estou certo se posso controlar toda essa energia furiosa vindo à superfície. Seria mais prudente me acalmar um pouco antes de confrontá-la. *Prudência*: está aí algo que nunca tenho quando o assunto é essa mulher. Percebo meu erro agora, ao descobrir que guardou de mim seu segredo mesmo quando lhe dei oportunidade de contar. Eu revelei os meus, confiei nela... mas Priscila foi incapaz de confiar em mim, fez-me descobrir da maneira mais covarde que o causador daquelas marcas estava tão perto de mim.



Capítulo 41

Sebastian

Elliot me enviou uma mensagem avisando que teriam de vir à Verum, mas trariam Jonathan junto. Respondi que não se afastasse do cara nem por um minuto. O pedaço de lixo é meu. Estaciono o carro na aérea privada da boate hoje lotada. Evitando todas as pessoas que tentarão me parar pelo caminho – mulheres atrás de atenção; caras que trabalham aqui provavelmente querendo me empurrar alguma merda de problema causado pela multidão atraída pelo show do tal DJ australiano –, opto por entrar pelos fundos, apressado e, no caminho, acabo trombando com Eli, uma das garçonetes, pronta para levar uma bandeja de *shots* sobre o ombro.

— Ai!

— Foi mal, querida — ronrono tranquilamente, ajudando-a a reequilibrar a bandeja. — Você viu Elliot?

A garota provocadora pisca sob os cílios cobertos de maquiagem, jogando a habitual sedução enquanto seus seios espremidos pelo generoso decote se movimentam para cima e para baixo em respirações curtas. Em outra noite, eu aceitaria a oferta, a menina é deliciosa, mas não hoje. Hoje meus planos não envolvem foder alguém no bom sentido da palavra.

— Nos camarotes, com o chefe — sua voz é melosa, cheia de esperanças.

Dou-lhe um sorriso preguiçoso, deixando as portas abertas para quem sabe uma boa trepada no futuro e me afasto. Subo as escadas de dois em dois degraus, cada vez mais perto de pôr as mãos no maldito traiçoeiro. Entro no corredor que leva às áreas exclusivas e... paro, pego de surpresa pela cena de Gael trazendo Priscila consigo para fora de um dos camarotes. A expressão do cara é tão furiosa que, por um momento, chego a me preocupar com ela. Instintivamente vou ao encontro dos dois, pronto para tirá-la dele se necessário.

Ao me aproximar, detenho-me no rosto dela, fantasmagórico, semelhante a quando a tirei da mansão.

Paro em frente ao puto, impedindo seu caminho.

— Ela está bem? — indago em russo.

— Não é da sua maldita conta! — é o que ele responde, também em nosso idioma, ao me fitar de modo letal, pronto para me arremessar para longe. Contudo, pelo menos confirmo que a mulher está segura. Enxergo em meu cunhado a preocupação desesperada que ele tenta esconder.

— Preciso falar com você, mano — aviso, longe dos ouvidos dela.

— Agora não — grunhe, exigindo que eu recue.

— Cara, tem de ser *agora* — rosno baixo, duro, e dou a ele um olhar que diz o quanto a merda é séria.

Sua expressão furiosa vacila, mas não parece mudar de ideia.

Priscila está imóvel logo atrás dele. Silenciosa demais.

Foda. Que merda está havendo?

— Na mansão. Agora *saia* — ordena a contragosto.

— Não demore, é sobre Sam.

O nome o faz apertar os olhos. Confirmo com um aceno que descobri, finalmente, quem o desgraçado é. Com isso, estou-lhe dando motivo mais do que suficientes para que deixe seu assunto com essa mulher de lado e venha comigo. No entanto, ao que parece, Priscila está acima de qualquer coisa para esse cara, até mesmo de sua missão aqui.

Surpreende-me... mas não é ruim, pelo contrário, mostra que o cara está finalmente pronto para reconstruir seu caminho quando tudo isto acabar. Não será seu fim.



Priscila

Gael me leva, determinado, para dentro de uma sala da boate. Verifico o lugar e me dou conta de que é um escritório. O aperto de sua mão na minha é firme, mas, ainda assim, estou tremendo tanto que ele mal consegue impedir. Quando finalmente me solta, o homem tranca a porta e começa a andar de um lado para o outro a minha frente. Seus dedos deslizam pelo cabelo de maneira nervosa, resmungando palavras em seu idioma, praguejando, possivelmente. O conjunto se assemelha a um urso furioso.

Tenho vontade de me movimentar também, mas estou paralisada de medo, confusão, ansiedade. Receando pelo que devo esperar dessa conversa ou mesmo dele, encosto-me à mesa em busca de apoio.

Abruptamente Gael vem diante de mim, olhos enegrecidos, jugular rígida, transtornando, numa mistura de dor e raiva. O corpo poderoso, ameaçador paira a centímetros do meu.

— Foi ele, não foi? — a voz é tão baixa e perturbada que sou incapaz de abrir a boca.

Acho que encolho um pouco.

— Foi ele? — repete se possível de forma mais intimidante.

— Fo-foi ele o quê? — sussurro me apegando ao último vestígio de orgulho dentro de mim, apesar do entorpecimento.

O som de escárnio feral vindo diretamente do peito dele me assusta.

— Não. Se. Atreva — baixa o tom de voz para algo mais frio, um alerta de que está no limite. — Não se atreva a mentir sobre isso.

Engulo em seco. Dou apenas um aceno com a cabeça, confirmando enquanto encaro o chão. Minhas mãos agarram firmemente as bordas da mesa para me assegurar de que não despencarei.

Seu rosto chega ainda mais perto de mim, sombrio.

— *Fale*. Eu quero ouvir você *falar*.

O aviso é claro. Ele quer a verdade completa, sem mais rodeios e segredos. E este é aquele momento determinante, quando as cartas devem ser colocadas sobre a mesa.

— Sim... — admito com a garganta embargada, criando coragem para enfrentar a tempestade revolta nas turquesas escurecidas. — Jonathan me estuprou. As cicatrizes... foi ele.

É doloroso confessar em voz alta, reconhecer para esse homem que, em algum momento, fui uma vítima, incapaz de me defender de um monstro.

Observando a face rígida de Gael, percebo como minhas palavras o deixam furioso. Um músculo de sua face se agita, demonstrando a força no aperto da mandíbula, as narinas se dilatam, o corpo parece vibrar violentamente; escuto até mesmo o rangido de seus dentes.

— Quando?

Desvio o olhar, encarando seu peito.

— Há muito tempo... — Respiro fundo. — Eu tinha 17 anos.

Não preciso tocá-lo para sentir a energia perigosa. A fúria o toma por inteiro.

— Por que não me contou?

Expiro o ar devagar.

— Eu não queria que ninguém soubesse — minha voz falha.

Gael parece rir. No entanto, não sou tola de acreditar que há qualquer humor nisso.

— Eu sou a porra de um ninguém para você, Priscila?

Meneio a cabeça num aceno simples que não quer dizer coisa alguma.

— Responda.

Volto a encará-lo.

— Eu nunca tinha falado sobre isso, Gael. Guardei só para mim... — Evitando que ele veja as lágrimas que ameaçam cair, abaixo a cabeça. — Até semana passada, nem aquelas meninas lá foram, que são como minhas irmãs, sabiam...

Não me permitindo fugir, Gael segura meu queixo, inclina meu rosto para a mesma linha do seu, frente a frente.

— Você o viu na minha casa naquele dia. Foi por isso que ficou daquele jeito, não foi? — a mágoa na questão é clara, palpável.

— Sim.

Como se a verdade o ferisse, ele se afasta com um passo atrás.

— *Yeb vas!* Esse tempo todo pensei que estivesse com medo de mim, que tivesse fugido porque não aguentou ver o que eu estava prestes a fazer com aquele cara. E você estava com medo daquele filho da puta?

Lágrimas nublam meus olhos a ponto de eu não poder mais impedi-las quando Gael se afasta ainda mais, indo para o outro lado como se mal pudesse me olhar.

— Eu confiei em você. — Os músculos de suas costas se contraem. —

Confiei e te contei toda a minha merda. E você não me deu um único voto de confiança.

— Não é fácil contar — sibilo somente para mim.

— Responda honestamente, Priscila, você pretendia algum dia me contar que aquele fodido tocou em você? — é uma acusação, mais do que uma pergunta.

Balanço a cabeça. Não, eu não contaria. Mesmo de costas, ele sabe a resposta.

— Preferiu me afastar a falar — conclui.

— Você não entenderia...

Minhas palavras o transportam para um novo nível. Não é mais a irritação falando por ele, é o desprezo, ao se virar:

— O *que* eu não entenderia? Que para você o que temos não tem nenhuma importância e que não sou digno de sua confiança? Que preferiu se afastar a confiar em mim? O que, *exatamente*, eu não entenderia?

Odeio a condescendência aplicada em suas palavras para me ferir. Ela ferve dentro de mim, faz-me sentir culpada, mas culpada de quê? Por não querer que ninguém saiba o quanto aquele monstro me machucou? Ou por descobrir que Jonathan e ele são aliados e querer simplesmente me proteger?

Antes que eu me impeça, estou me defendendo acaloradamente, com raiva dele, de mim e de tudo:

— Essa história me faz mal, ok?! Eu disse a você naquele dia que havia *coisas...* coisas sobre mim e meu passado que eu não contaria a ninguém! E, depois que eu o vi na sua casa, o que esperava que eu fizesse, droga?! Que eu não sentisse medo?

Sinto que o atingi em cheio. A surpresa estampada em seu rosto é quase semelhante à do dia em que acertei aquele golpe em seu nariz. Entretanto, aqui, hoje, há também uma descrença glacial, decepção.

— Você teve *medo de mim*?

— E-eu tive medo *dele* e... e pavor de saber que você é aliado daquele tipo de pessoa. Você não sabe, não faz ideia nenhuma do que eu passei nas mãos daquele monstro... — Mais lágrimas caem enquanto sacudo a cabeça, implorando para que as lembranças não voltem, para que a sensação de sujeira nunca mais chegue perto de mim.

Gael se aproxima outra vez, como se precisasse me conferir de perto para acreditar em seus ouvidos.

— Eu *nunca* te faria mal. O que acha que sou? Eu te disse o quanto você é importante para mim! O que... o que, inferno, você acha que eu sou, Priscila? — Segura meus braços como se tentasse me trazer alguma razão. — Eu te protegeria com a minha vida sem pensar duas vezes! — Ele vem bem perto, bem, *bem* perto. — *Yeb vas*, eu te amo, menina. Mesmo que isso não signifique nada para você, eu te amo.

Ouvindo-o, de repente meu coração dispara, louco, transformando minha respiração em lufadas rápidas, agitadas.

— Significa — sussurro, sem poder evitar o que estou prestes a dizer: — Significa, porque eu também te amo, Gael. Droga, eu... eu te amo!

Por Deus, eu o amo... É maluco e poderoso poder finalmente compreender essa agonia desesperada que sinto a cada minuto desde que o conheci.

Recebo um olhar ferido, mas também impactado. Ele não diz nada e não me deixa dizer, em vez disso ataca minha boca com raiva, feroz e duro, como se me impedindo de tomar as palavras de volta ou me arrepender de confessar que também o amo. Sua língua busca a minha com voracidade.

Como é possível sentir meu peito sendo rasgado e logo em seguida receber todo o sangue vibrante o devolvendo à vida? Agarro sua nuca, apertando-o contra mim para saber que é real. Sinto meu próprio gosto salgado pelas lágrimas invadindo o beijo. Mutuamente nos punimos com mordidas lascivas e nos adoramos numa dança desesperada. Se eu pudesse ter um único desejo atendido neste momento, seria que o mundo parasse e essa sensação de plenitude permanecesse para sempre.

Aos poucos, com nossas respirações ofegantes, nós nos afastamos. Gael encosta sua testa na minha, segurando meu rosto com ambas as mãos, deixando os minutos se passarem.

— Você não faz ideia do inferno em que tenho vivido... — seu tom rouco invade o silêncio.

Não digo nada. Não sei o que falar.

Seus braços fortes me envolvem num abraço protetor, aquele que achei que nunca mais fosse receber. Senti falta disso, falta dele. Aqui, aconchegada ao seu corpo, tenho a sensação de, enfim, estar de volta à casa, ao meu lugar no mundo. O rugido poderoso de seu coração abaixo do terno caro, limpo, contendo seu cheiro, demonstra que ele compreende o que sinto.

— Não há nada que eu não faria por você.

E sei que é absolutamente honesto. Esse homem é uma força da natureza. Não conhece limites, vai até o fim atrás de suas convicções. A presença dele

neste país é um exemplo.

— Pare de fugir de mim, Priscila. Pare de me afastar.

Prendo o lábio, comprimindo-o entre os dentes. Um resquício de lágrima termina de cair, umedecendo sua camisa imaculada.

— Eu estou cansada de fugir... — reconheço com honestidade. Porém, lembro-me da razão de eu ser assim em primeiro lugar e de *como* foi que meu pior pesadelo retornou à minha vida, *quem* o trouxe. — Quando falo isso, estou realmente sendo sincera, espero que saiba. — Afasto-me para encarar seu rosto, pois isto precisa ser feito olhando-o nos olhos. — No entanto, há coisas que eu não posso ignorar. Simplesmente não posso.

Um aceno de cabeça é seu modo de dizer para que eu prossiga, embora a selvageria presente em seus olhos contradiga a tentativa de parecer sereno.

— Naquela noite, fui à sua casa para dizer que estava decidida a mergulhar fundo nessa *situação* entre nós...

— Relacionamento — corrige-me, interrompendo-me como se fosse importante nomear.

— Sim — concordo, adaptando-me à palavra que nunca usei ou pensei que usaria. — Mergulhar fundo num relacionamento entre nós. Nosso encontro na cafeteria me fez perceber o quanto você era *vital* para mim. Vital, parece até exagero, mas foi o que senti ao te ver lá, sabe?! Fiquei assustada com o quanto eu *precisava* estar com você.

— Senti o mesmo, acredite. Mas, por favor, apenas diga o que quer dizer, Priscila — pede, objetivo, ciente de que há um “mas” em tudo isso.

Certo.

— Ver aquele cara lá e saber que vocês são amigos — balanço a cabeça após uma pausa — é demais para mim. Independentemente do que sinto... droga, independentemente de eu te amar de um jeito que parece absurdo, simplesmente não posso conviver com esta situação na minha vida, ainda mais neste momento.

Noto uma tranquilidade muito suspeita, quase prazerosa vagarosamente cobrir suas feições, contrastando com a seriedade do assunto. Contudo, continuo:

— Sei que você não é como ele. Respeito o que veio fazer aqui e prometi a mim mesma não te julgar. Você escolheu o caminho da vingança, e é um direito seu... mas eu não vou estar perto de alguém que é aliado de monstros como Jonathan. Não posso e não vou.

— É isso? — questiona insondável.

— Sim. — Elevo o queixo para que não haja dúvida.

Enrugando os lábios para o lado, ele me estuda como quem escolhe a melhor maneira de dizer algo. E, pelo jeito, encontra.

— Ouça com atenção. Aquele cara *não é*, nem nunca foi um amigo. — Um sorriso sinistro, perverso repuxa o canto de sua boca. — Ele sequer será amigo de qualquer um depois desta noite.

Congelo, não esperando ouvir isso.

— O que... o que quer dizer? — encontro dificuldade em articular as palavras, como se minha boca não conseguisse se mover.

Seu rosto assume uma neutralidade muito cuidadosa.

— Nada. Não quero dizer nada. — De repente, com agilidade, senta-me em cima da mesa, encaixando-se entre minhas pernas sem se preocupar com os papéis que caem ao chão. As mãos quentes pousam sobre minhas coxas, apertando-as levemente. — Agora vamos falar sobre nós...

— Gael, seja lá o que tenha em mente a respeito daquele cara....

Ele me impede de concluir, com seriedade indiscutível.

— Por favor, não questione minha maneira de resolver as coisas, Priscila.

Observo os detalhes de sua gravata chumbo com quadriculados um tom mais claro, pensando no que implica fechar os olhos às suas palavras. Não tenho um bom pressentimento quanto ao que ele fará a Jonathan e nem mesmo sei quais as consequências ou o peso disso sobre nossas consciências, nossas almas, apesar de tudo o que o desgraçado fez.

— Não é um pedido fácil — pego-me dizendo.

— Não estou dizendo que é, mas prometeu respeitar E não quero falar sobre ele, e sim sobre nós. Precisamos esclarecer as coisas definitivamente, *Krasavitsa*.

É justo. Aquele monstro não é mais importante do que isso, Gael e eu, neste momento, quando algo muito mais grandioso está em jogo: nosso filho crescendo dentro de mim. E justamente por essa criança, afasto qualquer preocupação e me concentro nele.

As mãos sobre minhas coxas sobem e descem, acariciando, e então param no meio delas. Os dedos longos, morenos, espalmam-se tão distraidamente que é como se cada parte do meu corpo fosse apenas uma extensão da sua, um lugar familiar.

Percebendo a direção de meu olhar no toque ali, ele segura meu queixo e o ergue para fitar seu rosto.

— Olhe para mim — o pedido brando não engana e nem é essa a intenção;

basta eu fazer o que pede e me vejo confrontando a intensidade de Gael em carga total. — Um dia eu te disse que tudo o que faço, estando certo ou não, é para que os responsáveis paguem pelo mal que fizeram à minha família e para evitar que continuem fazendo mais vítimas, você se lembra?

Sim, lembro também do que disse sobre quem era aquele cara assassinado em sua casa.

— Gael, eu respeito suas...

— Me escute. *Preciso* que as coisas fiquem claras, pois, ao que parece, não ficaram antes — e aqui o sotaque russo se faz mais presente. — Não sou como eles. Não faço mal a pessoas inocentes, e essa é a *única* regra que tenho.

— Eu sei disso. Nunca duvidei.

— Não, mas teve medo de mim — há uma sutil acusação implícita. — E a ideia de que pensou isso me quebra. *Quebra*, Priscila. Eu daria a minha vida para te proteger e não estou brincando. Por você eu realmente faria.

Tomada pela necessidade de remover de Gael qualquer impressão de que eu duvide sobre quem ele realmente é, deslizo os dedos suavemente por seu rosto, a partir da linha do maxilar quadrado, robusto, lábios firmes, nariz imponente de traços retos, sentindo cada pequena parte, deliciando-me pela intimidade reafirmada, até chegar ao vinco em sua testa, aquele sinal de que esse homem está sempre pronto para a guerra. Um lutador feral.

— Tenho certeza disso. Você é um anjo; apesar do que faz, é um belo anjo com enormes asas negras.

Um sorriso inesperado, surpreso, o primeiro em muito tempo, percorre taciturnamente seus lábios, charmoso, zombeteiro, daquele jeito especial que, sinto, sou a única a ter acesso.

— Anjo?

— Aham... — Prendo o lábio para não rir, contagiada pelo desconcerto divertido despontando nele.

Esse homem se tornou alguém tão brutal que parece não saber lidar com uma opinião positiva a seu respeito.

— Deixe-me adivinhar: um anjo mau? — finge desgosto.

Lindo. Gael, assim, mais leve, é o homem mais lindo que já vi... E quando está furioso, é o filho da mãe mais excitante que já existiu.

Faço uma expressão afirmativa.

— Sim, um anjo caído, vingador, justiceiro, mas não deixa de ser um anjo.

Carinhosamente, mostrando aquele outro lado seu, ele guarda meu cabelo

atrás da orelha e salpica um dedo na ponta do meu nariz.

— Ficar longe de mim mexeu com sua cabeça, *Krasavitsa*.

Dou um soco leve em seu estômago.

— Arrogante convencido.

E então, rindo, finalmente ambos respiramos como se as coisas agora, sim, estivessem voltando ao lugar.

Gael volta a encostar sua testa contra a minha.

— Percebi que não posso mais ficar longe de você. Minha escuridão precisa da sua luz.

E é a coisa mais linda e poderosa que ele poderia me dizer. Lembro-me imediatamente de como me senti ao descobrir nosso filho crescendo aqui dentro. A luz na escuridão. Preciso contar-lhe sobre a Sementinha.

Abro a boca e a fecho, tentando elaborar um bom jeito, mas a mente fica simplesmente em branco... Gente, como é que se dá uma notícia assim a um homem com a carga dele, numa situação como a nossa?

Perco a oportunidade quando o zumbido de seu telefone nos interrompe. Retirando o aparelho do bolso do paletó, Gael faz um pedido silencioso de desculpas, avisando que precisa atender, ao deslizar o dedo pela tela.

— Fale — rosna, mudando o tom para impenetrável.

Acompanho a transformação acontecendo em suas feições conforme ele vai ouvindo quem quer que seja: os olhos perdem o brilho, os lábios se contraem, os ombros assumem uma postura rígida. Só então percebo que esse, na verdade, é quem ele é para o mundo, a imagem que passa, o homem que precisou se transformar numa máquina impiedosa e sem sentimentos. Sinto-me egoistamente orgulhosa por ter acesso ao seu outro “eu”, o carinhoso, protetor, cheio de paixão e intensidade.

Após desligar, ele me observa como se lesse meus pensamentos e encontrasse algo de precioso a sua frente. Amo esse cara. Amo de verdade, e é legal poder sentir isso por alguém.

— Venha para casa comigo. Vamos terminar nossa conversa lá.

Involuntariamente, toco minha barriga.

Sim, precisamos terminar essa conversa.



Capítulo 42

Priscila

Gael me deu alguns minutos de privacidade com as meninas, que me esperavam apreensivas no camarote, em clima de tensão, ignorando a alegria da multidão lá embaixo. Conteí a elas que ele não sabia sobre Jonathan e revelei que iria para a casa dele, pois precisava contar sobre a criança em meu ventre. Todas concordaram que era o melhor a fazer. Acho que, no fundo, o que testemunharam de Gael aqui as fez nutrir algum tipo de respeito por ele; Katarina, no entanto, pediu-me que tomasse cuidado. Ela, de todas, talvez foi a única a perceber o tipo de pessoa que o pai de meu filho realmente é, um assassino frio.

O caminho para a mansão é feito num silêncio bem-vindo, mas noto Gael mais pensativo do que o habitual, além da escuridão mais profunda em seus olhos.

Ao chegarmos, Gael sobe comigo diretamente ao seu quarto; não perco, no entanto, o vazio estranho lá embaixo, onde há vários veículos pretos estacionados em fila no quintal. Na suíte, percebo que nada mudou, tudo permanece exatamente como da última vez em que dormi aqui. Distraidamente corro os dedos pelo edredom macio, lembrando-me de como me senti segura naquele dia, em paz.

— Eu senti sua falta — a voz baixa vem da porta, de onde ele me observa.

Mesmo distante, ela eriça meu corpo, de repente tornando tudo mais denso, íntimo.

— Eu também senti — confesso num fio de voz.

Viro-me para ele e sinto meu coração se apertar no peito quando me dou conta de que, mesmo com toda a paixão que sei que ele sente por mim, a mágoa também está ali, poderosa. Por mais que ele tente controlar, vejo a decepção na postura calma, e é muito mais doloroso do que se houvesse raiva.

Sento-me na borda da cama, de cabeça baixa.

— Nunca tive a intenção de te magoar escondendo meu passado... de magoar ninguém, na verdade, mas no final acabei fazendo isso com todo mundo

que eu amo. — Cutuco a cutícula da unha, ferindo um ponto, causando dor deliberada para amenizar a queimação comendo a minha garganta. — Minhas irmãs, você...

Uma vibração diferente ondula de Gael, quase posso tocá-la.

— A verdade é que eu sequer conseguia dizer em voz alta para mim mesma que tudo o que eu vivi foi real...

Acho que, não conseguindo mais se manter distante, silenciosamente ele vem até mim, devagar, as mãos nos bolsos, e para em pé a minha frente, tenso, controlando a si mesmo de revelar o que realmente pensa, talvez de confirmar que estou certa quanto ao ressentimento.

— *Elas* jamais me perguntaram diretamente, mas acho que, no fundo, sabiam que eu escondia algo... já você, por outro lado, me deu diversas oportunidades para me abrir, mas fui covarde...

— Não a considero covarde, Priscila — murmura enganosamente controlado.

Subo o olhar para ele.

— Eu fui, Gael. Tive medo e vergonha. Você me olha como se eu fosse especial, e... e eu não...

— Você é especial.

Ignoro a defesa.

— Tive medo de que descobrisse, medo de que sentisse nojo. Medo de que a maneira bonita em que eu me via em seu olhar desaparecesse e você começasse a me ver como uma mulher nojenta, digna de pena ou repulsa. — Encolho os ombros. — Eu mesma tenho nojo de mim quando me lembro de tudo aquilo.

Como se um botão fosse acionado, seu corpo grande, perfeitamente composto dentro da roupa elegante, vibra visivelmente.

— *Yeb vas*, ouça o que está dizendo!

— Espere — acalmo-o, limpando com o dorso da mão uma lágrima que percorre minha bochecha. — Estou contando isto porque não quero que fique pensando que eu não te acho digno de confiança. Seria muita hipocrisia eu continuar sustentando isso, quando a verdade é que eu só não me abri por medo de que descobrisse como realmente sou.

Respiro fundo, fechando os olhos.

— Eu era só uma menina, confiava nas pessoas. Acima de tudo, eu valorizava os amigos, porque sabia que, no final das contas, família de sangue

não significava muita coisa na minha vida. Meu coração era aberto para receber todas as pessoas que se aproximavam. E foi assim com aquele... cara.

Gael solta um grunhido sufocado. Entretanto, dessa vez não me detém de continuar:

— Ele se aproximou de todos nós, recém-chegado ao bairro e se mostrando tão gentil, tão legal que não havia por que não o ter como um amigo também. Aos poucos foi conquistando a todos e a mim... até que um dia ele me atraiu para aquela casa.

— Pare — ouço seu rosnado de aviso, talvez me pedindo que não siga em frente, por mim ou por ele, não sei.

— Por favor, eu *preciso* que você saiba de tudo.

Não há maneira de ele me amar de verdade sem me conhecer verdadeiramente. Gael precisa ouvir. Só se pode sentir algo assim por alguém conhecendo todos os seus lados, e, assim como ele já me mostrou o dele, eu preciso falar sobre meus próprios demônios.

Enfrento o tremor, o enjoo, a perturbação e continuo:

— Jonathan me manteve presa por três dias. Durante esse tempo ele me estuprou, me feriu... e me quebrou. — Com os dedos trêmulos, começo a desabotoar minha camisa de seda *rosé*. — De todas as formas que você pode pensar, ele se apropriou do meu corpo. — Retiro a camisa devagar e começo a abrir o sutiã, levando as mãos às costas. Sinto o olhar selvagem vigiando cada movimento. — Eu era virgem, inocente, mas isso não importou, acho que só tornou a coisa mais excitante para ele. Eu apanhei, recebi sua urina em mim — deixo o sutiã cair — e estas marcas. — Exponho as cicatrizes em meus seios, feias, em relevos grossos, num tom mais escuro de pele, cruzando-se, misturadas a sinais em formato de pequenos meio-círculos, mordidas brutais, desuniformes, que se estendem manchando os seios.

— Ele me disse que eu nunca iria esquecê-lo. — Sorrio sem humor. — E o cara encontrou uma maneira bem original de me fazer lembrar todos os dias. — Volto a enfrentar seu rosto. — Como eu posso pedir que não tenha nojo de mim, quando eu mesma me sinto enojada?

Todavia, esse homem não olha para as marcas. Não faz nada além de me perfurar o rosto, queimar com labaredas incandescentes. Não há nojo, como eu esperava, há algo pior, ódio intrincado, transferindo-me ondulações de energia bestial.

— Não se atreva... — grunhe.

Ignoro-o.

— As regras eram justamente para evitar a piedade, a repulsa, evitar que descubram que, no final, sou só uma mulher suja, marcada por um monstro.

Repentinamente, sem que eu perceba como, Gael me eleva da beirada da cama e me solta estendida sobre o colchão, deitada de costas. Então aqui está ele, prendendo-me, dominando cada espaço meu com seu corpo, sua fúria.

— Não se atreva a continuar dizendo essas malditas coisas sobre si, está me ouvindo?

Encaro-o atordoadada, a centímetros de seu rosto, tendo a confirmação em primeira mão do sangue protetor feroz que corre sob sua pele.

— Como pode sequer cogitar que algum dia eu sentiria nojo de você, te querendo como um maluco como quero? — A boca se aproxima do meu ouvido, causando calafrios pelo meu corpo ante o escárnio: — Desejando você com todas as malditas células do meu corpo? — Desliza para o meu pescoço. — Eu sou viciado em você, *Krasavitsa*.

Os lábios agressivos dão beijos lascivos, úmidos, que se transformam em lambidas descendo minha pele, no caminho para o busto, fazendo meu sangue fluir para todos os locais, pulsando efervescido. Sinto um cobertor de necessidade a partir dos pés até a nuca, mas mais forte e dolorido na fenda entre minhas pernas.

Com a boca a centímetros do meu mamilo, Gael me lança um olhar desafiador por baixo dos cílios negros, que se curvam feito uma cortina sobre as íris de um azul-esverdeado semelhantes às turquesas mais raras e preciosas que já existiram.

— Eu te amo, Priscila. Coloque isso nessa sua cabeça teimosa de uma vez por todas. Te desejo a cada minuto do dia e da noite. — Roça meu mamilo, mais provocando do que acalentando. — Você me deixa duro o tempo todo. — Pressiona nossas virilhas uma contra a outra, deixando-me saber da reação feral de seu corpo. — O maldito tempo todo. Fico duro e necessitado por você. — O atrito de seu corpo me excita dolorosamente. — E, ao mesmo tempo, você também tem o poder de fazer com que eu me sinta um miserável quando me afasta. Eu nunca mais quero me sentir assim.

Predadora, sua boca atinge o pico do seio, prendendo o mamilo entre os dentes suavemente. Arqueio a coluna, sensível, emitindo um pequeno gemido. Estimulado pelo som, ele então abocanha tudo com verdadeira devoção. Quando um mamilo está formigando, sensível, ele vai para o outro, formando uma tortura impossível de suportar.

Choramingo entre os dentes.

— Você é minha, *Krasavitsa*! — o grunhido apaixonado não impede que a boca continue a tortura maravilhosa. — Inteiramente minha, para te amar, para proteger, entenda isto.

E é sua capacidade de dizer a coisa certa, de me mostrar em palavras e atos o que sente por mim, que me faz aceitar e querer *ser* dele, quando jamais quis essa nomeação de pertencer a alguém. Assim como ele também é meu, suas nuances, a ferocidade, a intensidade perigosa, mas também a paixão que flui livremente dele para mim, envolvendo-me, entranhando-se.

Eu me rendo a ele, hoje eu definitivamente me rendo a ele. Aceito o que Gael representa na minha vida, aceito que não sou mais a mesma e me rendo. Parecendo enxergar a decisão, a entrega, ele a aceita. Mais do que isso, ele a agarra com a propriedade de quem nunca me devolverá um presente dado.

Com mãos, boca, língua, ele então adora meu corpo, todos os pedaços dele, chegando a me fazer implorar para que pare ou prossiga, para que me dê tudo. Aqui, estou sendo punida por não confiar nele e presenteada por finalmente entender que esse homem é importante demais para mim. Quando por fim ele me penetra, ruge alto, um animal marcando sua fêmea.

Deixo hoje de ser racional quanto ao que temos. Encaro essa química visceral como uma benção, uma dádiva que poucos na vida têm a graça de encontrar.

Fraca demais para protestar, não reajo quando ele me aconchega na cama, cobrindo-me com o edredom.

— Descanse um pouco, minha *Krasavitsa*.

Não quero dormir, não agora, mas esta sensação de relaxamento é tão forte, tão boa. Eu nem mesmo percebi o quanto estava cansada e precisando de um cochilo... Bocejo e então me lembro de que ainda não contei a ele sobre o principal.

— Preciso te... — No entanto, mal consigo terminar de dizer... nunca senti tanto sono.

— Depois, *Krasavitsa*. Nós teremos todo o tempo do mundo. — Suavemente, pousa os lábios sobre minha bochecha, friccionando um carinho gostoso por entre meus cabelos, um cafuné.

O cansaço emocional leva a melhor, e me pego deixando o peso dos olhos assumir o controle. O clique da porta é a última coisa de que me lembro.



Capítulo 43

Sebastian

Enquanto mostro as imagens, Gael se mantém em silêncio. Os olhos frios do cara refletem minha própria gana.

— Por que não me contou que o estava investigando? — indaga em russo.

E então passamos a falar somente em nosso idioma nativo. Fecho a tela, ciente de aonde a fúria do cara vai nos levar.

— *Nahui*, como eu ia te falar? Você estava sentado na própria bunda há dias.

— Você *deveria* ter me falado — a calma letal assustaria qualquer outro cagão, principalmente ao fechar os punhos, pronto para me acertar.

— Guarde para ele — aviso. — Eu não tinha certeza do que estava procurando. — Afasto-me para verter uma dose de uísque para mim e outra para ele em copos com gelo. — E, se você não estivesse tão concentrado em si mesmo, teria visto o olhar de pânico no rosto dela quando viu o desgraçado aqui.

— Pensei que fosse para mim — percebo a derrota na admissão.

Volto para a mesa, entrego-lhe o copo; ele o pega, mas, em vez de tomar a bebida, leva-o à frente, encostando-o ali para talvez amenizar uma dor de cabeça. Há algo a mais acontecendo. Eu o conheço o suficiente para saber. Tenho um pressentimento de que Priscila possui relação com isso.

— O que está havendo, cara? — Escoro-me contra a lateral da mesa.

Gael engole toda a bebida de merda de uma vez antes de derrubar as costas contra o encosto da cadeira no escritório, pesado, olhos e punhos fechados. A guerra está nele hoje mais do que nunca. Aprendi a reconhecer quando um sujeito está em seu limite.

— Ele a estuprou — demora a revelar, mas, quando o faz, num som abafado, excruciante, porra, sinto o baque em mim. Não preciso perguntar para saber de quem está falando.

— Filho da puta do caralho! — Aperto o copo entre meus dedos a ponto de ouvi-lo trincar. — Eu vou arrancar o intestino dele pelo rabo e depois enforcá-lo

com as tripas!

Gael se levanta, ajeitando os punhos da camisa branca. A gravata e o paletó não estão mais em seu corpo desde que desceu do quarto, há alguns minutos. Pelo brilho nos olhos, um que eu já vi outras vezes, sei que está pronto para ir ao subsolo. Todos estamos. Esperamos muito tempo por isto.

— E o irmão, o que você sabe?

Engulo o líquido amargo, que mal faz efeito.

— Elliot está atrás dele agora.



Gael

Quando comprei esta casa, eu sabia exatamente o que estava procurando. Um local acima de quaisquer suspeitas, que oferecesse privacidade e, principalmente, onde eu pudesse construir o ambiente perfeito para receber os desgraçados que jogaram minha família numa vala. E aqui estou, descendo as escadas para o subsolo da mansão, ansiando por olhar para a escória que me trouxe a uma caçada neste país. A vida é mesmo cheia de surpresas, em sua maioria desagradáveis, visto que hoje descobri que o traidor responsável por levar minha família à morte é também quem feriu a mulher que eu amo, a mulher que me evitou por achar que eu sentiria nojo pelo que o desgraçado fez a ela... por pensar que eu era amigo dele.

Nojo... Se Priscila fizesse a menor ideia do quanto sou maluco por ela, jamais diria algo tão estúpido. Porém, fato é que ele estava bem debaixo do meu nariz e se safou por anos... *até agora*.

Algemado a uma cadeira no centro do recinto, sob a luz, assim como ordenei, Jonathan está intocado, sem um único machucado, exceto onde as amigas de minha mulher o atingiram. Devo admitir, elas sabem dar uma lição em um cara, e, de certa forma, é reconfortante saber que Priscila cresceu sob esse tipo de proteção, já que a cadela velha que a pôs no mundo não passa de uma egoísta desequilibrada. Hoje, ao vê-la vulnerável, pude compreender Priscila como quem lê um livro. A atitude defensiva; o ato de me acertar aquele golpe quando a pressionei demais; a recusa em se envolver; as regras, tudo fruto de uma barreira que ela teve de construir ao redor de si mesma, uma defesa. Aquela mulher é valente, teimosa, não abaixa a cabeça ou cede, mas descobri que tem um ponto fraco: as pessoas que ama. Ontem Sebastian me contou sobre a visita

dela à tal modelo que tentou sacanear uma de suas amigas. É isso o que Priscila é: alguém capaz de tudo para defender os que ama, tanto que guardou somente para si o horror que passou nas mãos desse merda, para protegê-las do sofrimento. E tudo só é assim porque, um dia, esse lixo em meu porão cruzou o caminho dela.

Com passos lentos, sem nenhuma pressa, ando para a luz, onde ele pode me ver e paro a poucos metros de distância, observando-o.

— Cara, ainda bem que você chegou — diz aliviado. — Esses filhos da puta me mantiveram aqui preso, você acredita? Tudo porque aquelas loucas me confundiram com alguém.

Uma coisa que sempre me chamou a atenção sobre Jonathan é o estilo impecável de se vestir e a maneira educada de falar, como se o conjunto o tornasse menos assustador em detrimento ao mundo sujo onde está mergulhado. As fotos no computador que Sebastian me mostrou há pouco revelam garotas jovens, bonitas e que provavelmente fizeram um julgamento errado de seu caráter, levadas pela aparência bem-vestida, bem-comportada que esse pedaço de merda exterioriza. Deve ser por isso que Lara confiou nele.

Nunca lhe dei um tratamento justo, aliás, o desprezo que eu sentia por tipos como ele me inibia de ser qualquer coisa parecida com amigável, embora o sujeito sempre nos rodeasse com informações e oferecendo sua, digamos, mais *sincera* ajuda. Agora, olhando para o desgraçado, eu reconheço que meus instintos o repeliam.

Deixo minha cabeça cair para um lado e depois para o outro, aliviando a tensão do pescoço.

— Eu, no seu lugar, não estaria tão feliz em me ver. — Controlo meu temperamento e dou-lhe um sorriso.

Vejo o suor brotar na testa do canalha. Os malditos olhos mentirosos se arregalam. Entretanto, dou-lhe o crédito quando sorri de volta. Um jogador.

— Você não está acreditando no que aquelas vadias disseram, está?

Mantenho a boca fechada, dando-lhe mais corda.

— Cara, eu mal conheço aquelas malucas... Eu... eu só sei que uma delas é sua puta porque a vi aqui outro dia.

Aperto meu nariz. *Yeb vas*, acreditei que eu teria mais paciência e faria deste momento prolongado o suficiente para me satisfazer, mas esse traiçoeiro está dificultando as coisas.

— Você terá uma longa noite para se lembrar, não se preocupe.

O imbecil me estuda tentando bravamente não parecer aterrorizado.

— Sabe, Jonathan, eu nunca entendi uma coisa. — Arrasto uma cadeira e me sento a sua frente, descansando o tornozelo por cima do joelho, relaxado. — Mesmo depois que nós te deixamos ficar com aquele carregamento, você continuou voltando e sempre com novas informações.

— Sim, porque você me ajudou, cara, e nós somos parceiros. Eu estou tentando te ajudar também.

O blefe me faz rir. Balanço a cabeça, controlado.

— Você achou mesmo que nós nunca chegaríamos a você, não é?

A palidez que o torna amarelo é comovente.

— Não sei do que você está falando...

Levanto-me lentamente, arrasto a cadeira para o lado e começo a dobrar as mangas de minha camisa branca até a altura dos cotovelos. Eu gosto desta cor e desta peça. Gosto mesmo, reflito, enquanto falo:

— Parece que não mesmo.

Faço um sinal para um dos meus homens, ordenando que o soltem. Bola tira suas algemas. Surpreso, Jonathan exercita os pulsos, livrando-se da dor de ser imobilizado. “Não me prenda” – a regra de Priscila vem cortante, trazendo sangue ao meu rosto. Canalizo a raiva enquanto observo a dúvida pairando na expressão do sujeito, talvez se perguntando se o deixarei livre.

— Eu disse que você terá a noite inteira para se lembrar. E vou te ajudar — aviso-o, deleitando-me com o momento.

Jonathan recua um passo, com temor, enquanto eu dou um à frente. Sem que ele possa fugir, encaro-o de verdade, esperando que ele leia o que terá de mim.

Outro sorriso calculado, de prazer, corta meus lábios.

— É isso mesmo. Eu estou te dando uma chance de luta justa, o que é mais do que você já fez por aquelas garotas, não concorda?

— Que garotas?

Aproximo a cabeça e diminuo meu tom de voz:

— As que você estuprou, amarrando-as, incapacitando-as, feito um pedaço de lixo covarde que você é.

Volto para a posição a sua frente, praticamente liberando o caminho para que dê o primeiro golpe. E ele tenta. Esquivo-me, rindo mais. E a próxima coisa que faço é lançar um golpe contra sua mandíbula. Sinto os ossos dele afundarem com o impacto. Cambaleante, ele dá um passo atrás, segurando a região onde o

acertei. Inferno! O covarde é muito bom em subjugar mulheres, mas mal sabe se defender em uma luta.

— Eu não sei do que você está falando ou por que está agindo assim... — Cospe uma bola de sangue no chão. — Eu como putas que querem me dar, se te encheram os ouvidos com qualquer outra coisa, é mentira.

Tentar desacreditar minha mulher é muito baixo, mas esperado para alguém como ele. Como eu não o enxerguei antes? Estava tão cego atrás de caçar que não farejei a podridão tão perto. E é isso o que me faz lançar outra pancada, dessa vez no nariz. O baque alto e o sangue jorrando revelam que quebrei o nariz do filho da puta.

A dor finalmente derruba o muro da falsidade, e seus olhos vazios me encaram com um misto de dor e satisfação.

— Você quer saber se eu comi a tua mulher? — deboche e sangue se misturam em suas palavras.

Ao mencioná-la, uma atmosfera negra arruína meu controle. Desta vez, meu golpe vai para seu estômago, agudo o suficiente para ele se arquear, perdendo o fôlego.

— Sim! — grita raivoso em meio a uma tosse desesperada por oxigênio. — Eu fodi ela! Fui o primeiro a enfiar um pau naquela boceta molhada, naquele cu apertado! Até na boca dela eu meti! E a cadela pedia por mais!

A bile quase me atrapalha. Cego, enfio soco atrás de soco em Jonathan até que ele cai ao chão. E então meus chutes arreventam seus ossos. Bato até o filho da puta desmaiar e só paro quando Sebastian toca meu ombro, um lembrete de que uma morte rápida é tudo o que não planejei para ele.



Sebastian

Mesa de estiramento. Lembro o dia em que a peça foi descarregada do caminhão e trazida ao subsolo. Rindo, perguntei ao puto onde, merda, ele havia conseguido aquilo.

— No inferno — Gael respondeu enigmático. Estudei sua expressão fria e a mesa e cheguei à conclusão de que era exatamente isso mesmo.

Um artefato nada agradável de se ver, feito para alongar e esticar ossos e músculos, pernas e braços. A mesa traz consigo os gritos de todos que passaram

por ela durante a história. Esse é o tamanho da raiva do cara, quando arquitetou nossa missão: fazer com que nossos inimigos sentissem na pele a pior dor que já existiu.

Durante todos os anos em que fui o principal *sniper* da FAR, nunca, realmente, senti prazer em matar. Chamado normalmente para resgatar nossos homens em campo de batalha e limpar a bagunça colateral, a cada vez que eu puxava o gatilho do meu McMillan TAC-338A com alcance de um quilômetro, fazia-o ciente de que era necessário. Porém, não hoje. Hoje aprecio enquanto assisto Ed jogar um balde de água na cara de Jonathan, esperando que ele acorde de uma vez e veja onde está.

Ao meu redor, Bola e Gael estão na mesma expectativa perversa. No entanto, enquanto Bola ri, sacana, Gael exhibe seu lado mais negro, impassível, como se não houvesse um coração batendo em seu peito ou sequer houvesse humanidade nele.

Quando o desgraçado desperta, tossindo, e se dá conta de que está completamente imobilizado, o pânico em seus olhos se torna um tipo distorcido de alimento para a minha alma. Não me reconheço aqui, não reconheço este cara em que me tornei, tampouco me importo. Lara, a minha única chance de felicidade, o que eu tinha de melhor em mim, foi-me tirado por causa desse desgraçado.

— Porra, você é tão forte para machucar garotinhas, mas não sabe nem lutar uma boa briga? — Ed debocha, arrancando risadas. — Jonathan, Jonathan, o chefe te deu a chance de se defender, cara. Que *arregão*.

— Aposto que, se eu fosse uma daquelas meninas amarradas, ele saberia o que fazer, Ed — Gael comenta, tranquilo, exibindo indiferença ao observá-lo.

É um erro acreditar nessa *tranquilidade* ou mesmo na indiferença. Reconheço o que corre nas veias dele neste momento.

O miserável, somente então, dá-se conta de sua situação. De *onde* está.

— Se debater é inútil — aviso.

Jonathan se apavora, berrando para que o tirem dali. Por sorte, o local possui isolamento acústico.

— Levante a cabeça e veja em que você está amarrado — meu cunhado aconselha, sombrio.

O merda o faz. Tremendo-se todo, ele olha a sua volta.

— Chama-se mesa de estiramento — começa a explicar Gael como quem conta uma história qualquer. — Um objeto de tortura da Idade Média, com a capacidade de desmembrar lenta e dolorosamente. Claro, já não é mais fabricado

há muitos séculos. — Faz uma pausa proposital. — Embora, sob uma quantia certa, digamos que sempre é possível encontrar alguém disposto a recriá-la. Me diga, Sam, ela é confortável?

À menção de seu nome, Jonathan compreende o tamanho de seu problema.

— E-eu não sei do...

Gael sinaliza para mim.

— Poupe energia, você vai precisar dela — o puto fala de um jeito tão amigável que surpreende. — Sebastian, mostre a Jonathan como funciona esse brinquedo.

— Com prazer, chefe — respondo preguiçosamente, administrando minha própria raiva.

Sorrindo com escárnio para o desgraçado, giro vagarosamente a engrenagem, até que o corpo do cara começa a ser alongado. As primeiras sensações, li a respeito, são de um alongamento agradável, talvez semelhantes aos aparelhos de Pilates pelos quais as mulheres de hoje pagam verdadeiras fortunas para ter acesso. Fica ruim mesmo quando as junções e ligamentos dos joelhos, ombros e cotovelos são testados, e é justamente neste instante que Jonathan urra, debatendo-se com mais energia.

— Baixa tolerância à dor? — debocho. — Isto só está ficando melhor.

Gael puxa uma cadeira e se senta arrogantemente. A ira torna seu semblante mais letal do que jamais vi. Esperamos demais para este momento. E chegou, com a agravante de que o homem preso à mesa também feriu alguém que se tornou importante para Gael.

— Sabe, Sam, não houve um só dia em que eu não desejei colocar minhas mãos em você. Sonhei muitas vezes com este momento. Eu imaginava sua vida indo embora por minhas mãos... mas, é claro, eu sempre te trazia de volta, jamais te deixava partir, e sabe por quê? — Arqueia a sobrancelha como quem espera uma resposta, o que é óbvio que não virá. — Porque eu não te daria uma morte rápida. Um tiro ou dois foi como matei todos aqueles lixos, mas você... ah, você eu não achava digno de receber dádiva assim.

Com um aceno, faço Bola tomar o meu lugar. Ele espera que Gael lhe dê o comando e, quando o tem, move a engrenagem até que os sons reverberando dos braços e pernas do miserável se tornam mais altos.

— Você estuprou minha mulher, traiu minha irmã e levou minha família para a morte. O que acha que merece de mim, Jonathan?

O cara não responde nada, só grita de dor. Elevo minha voz sobre seus gritos:

— Ele está esperando uma resposta.

A máquina o puxa impiedosa, parecendo que, a qualquer momento, os membros do cara serão arrancados.

— Ela era uma burra! — grita, por fim, e um silêncio letal se forma no porão. Todos nós simplesmente paramos para ter certeza de que ouvimos corretamente. Aproveitando-se, Jonathan debocha, ciente de que não há volta para sua situação. — Lara era uma estúpida burra que se meteu onde não deveria. — A risada que dá ondula em ecos. — E, se ainda não sabe, eu fodi sua irmã também!

Gael se levanta abruptamente, pronto para matar o cara com as próprias mãos, mas chego antes, agarrando a gola da camisa engomada do maldito, disposto a socar a cabeça dele diversas vezes contra a mesa até vê-la explodir.

— Seu pedaço de lixo desgraçado...

O foco do cara passa para mim, histérico.

— Eu estava lá, Sebastian. Eu a fodi bem gostoso antes de ela morrer. Lara chorava e gritava que eu era um traidor, enquanto eu metia até o fundo. Quando enfiei meu pau na boca dela, ela vomitou em mim, você acredita? Vomitou.

Com uma porrada, eu arranco a porra dos seus dentes da frente. O sangue jorra para os lados, inundando seu rosto já fodido. Estou prestes a repetir o golpe, cego, até que Gael toca meu ombro com mais força.

— Não assim, irmão — detém-me, dizendo em russo.

Desço o olhar para o objeto em suas mãos... mas nem isso me faz soltar o traidor imundo imediatamente. Quando a perversidade ganha sob a passionalidade, eu me viro para o cara e sorrio de verdade, com um prazer que acaba de levar minha alma ao inferno.

— Eu não gostaria de ser você agora, amigão.

Minha mudança o assusta. E a satisfação de enxergar o desespero estampado em meio ao sangue alimenta algo de ruim em mim. Um lado a que eu temia dar voz.

Gael reassume.

— Na nossa terra, quando alguém nos presta um favor, nos lhe devolvemos outro. É uma tradição. Você foi um informante valioso nos últimos anos, Jonathan, e, como sou um homem que respeita tradições, comprei um presente especialmente para agradecer — diz, e eu me afasto de lado para que o merda não perca nada quando o objeto de metal é levantado à linha de seus olhos. — Acho que você não arriscaria dizer qual é a utilidade dele, não é?

Bola, mais afastado, instintivamente leva a mão à própria virilha, antecipando a dor do cara.

— Ed, o que acha de prepararmos nosso informante para descobrir por ele mesmo?

Ed se aproxima de Jonathan.

— Cara, hoje não é seu dia de sorte — resmunga de forma condescendente enquanto faz o que é necessário. — Pela Mãe, hoje *não* é mesmo seu maldito dia de sorte.

Quando se dá conta da pinça enorme que Ed pega e do que pretende fazer com ela, puta merda, o lixo berra a plenos pulmões, pedindo misericórdia. Ele obviamente entendeu o que está havendo.

— Chama-se removedor de testículos — meu cunhado explica, sério, compenetrado, ainda segurando o objeto de tortura. — Chego a pensar que a Idade Média era muito pior do que a nossa, não acha?

A verdade é que não há um único homem nesta sala que não se assuste com o instrumento, embora toda esta encenação seja um grande momento para todos nós, uma dança que ensaiávamos e esperávamos. Lamento por Elliot não estar presente.

Ed posiciona as bolas do cara no instrumento, entre as morsas.

— Diga-me novamente o que fez com a minha irmã, Jonathan — Gael desafia.

O cara chora como uma menininha. E se mija todo.

— Inferno, mijar na mesa? Que falta de educação, cara, logo você, um engomadinho do caralho, cheio de bons modos? — debocho.

— Meu irmão vai saber disso, vocês todos vão pagar — o sujeito ainda tenta. — Não coloque essa merda em mim, meu irmão vai te matar!

— Ele não está aqui agora, está?

— Não coloque essa merda em mim! — berra mais uma vez.

Impiedosamente, Gael afasta Ed de lado e toma para si a função. Letal, vai esmagando as bolas do sujeito. Ninguém ri ou debocha, nem mesmo é engraçado para ele. Não, para o irmão da mulher que amei, isso é o símbolo do que veio fazer neste país, da vida que renunciou atrás de justiça. Eu o admiro.

O olhar frio dele se detém em mim, e, sem que palavras sejam ditas, nós nos compreendemos. Sobre o caixão de Lara, prometemos um ao outro que a vingariamos. Estamos cumprindo a promessa.

Então ele olha dentro dos olhos do traidor.

— Você não é digno de ter bolas, Jonathan; não passa de um estuprador, um covarde. O mundo será um lugar melhor sem elas — a sentença é declarada.

Acho que nunca vou esquecer o som dos testículos explodindo, seguido pelo urro de agonia.

— Maldito desgraçado! — Jonathan chora e ri ao mesmo tempo. — Fodam-se vocês todos! Sabe qual foi o melhor momento da minha vida? Rir de você, sabendo que fui o último a ouvir seus filhos chamando desesperadamente pelo pai. Isso você nunca poderá mudar!

Com uma bala nove milímetros de uma MP-448 Skyph russa direto entre os olhos, Jonathan faz sua passagem para o inferno.



Capítulo 44

Priscila

Acordo envolvida por um calor confortável preenchendo todas as partes do meu corpo. Mesmo meus pés, sempre frios, estão aquecidos. Uma indicação de onde estou é a semiereção separando os lados de minha bunda, e o ronco baixinho atrás de mim. Não me lembro de já ter dormido tanto em um longo tempo, tampouco sentir essa leveza e paz de espírito. Depois que Gael me deixou no quarto, adormeci e só acordei quando senti seu corpo nu, úmido como após um banho recém-tomado me puxar para si, buscando o meu. O banho não foi tomado neste quarto, eu saberia, e me pergunto o porquê. Talvez por não querer me acordar. Depois disso tornei a dormir.

Tento reprimir um gemido de satisfação. Eu poderia me acostumar a isso, a esta sensação leve. Involuntariamente toco meu ventre, perguntando-me como será daqui para frente, com esta criança a caminho. Não quero me afastar de Gael, quero criar esse filho ao seu lado. Já testemunhei o quanto esse homem pode ser um bom pai e, se eu tivesse que escolher um pai para meu filho, teria sido exatamente ele. Gael é uma força da natureza em todos os aspectos: de uma beleza feral; temperamento determinado; não é um cara fraco e mostrou isso ao não desistir de mim, mesmo quando fiz todo o possível para afugentá-lo. Se isso não quer dizer o quanto ele vale a pena... realmente não faço ideia do que poderia.

Aproveitando-se de seu ronco baixinho, converso com o pequeno grão em minha barriga.

— A mamãe se transformou numa tola apaixonada.

Fico sob o conforto da cama por alguns minutos, até que a bexiga aperta. Lentamente, para não o despertar, saio de seus braços e me sento na cama. Ajeito meu cabelo em um coque alto. Droga, nem preciso de um espelho para saber que devo estar uma bagunça, despenteada, com maquiagem escorrida. Procuro sair da cama silenciosamente; não quero que o gringo acorde. Coloco o primeiro pé no chão e...

Tarde demais. Sou capturada pela cintura, o braço grosso cheia de veias e

pele oliva me imobiliza.

— Você nunca mais vai sair desta cama, *Krasavitsa* — resmunga, ainda de olhos fechados, preguiçosos, a voz rouca daquele jeito atraente que queima a pele.

Dou uma risada. Uma feliz. Feliz de verdade. Como é bom estar em paz comigo, com esse homem.

— Eu preciso fazer xixi — sussurro, não querendo despertá-lo por inteiro.

Um franzir de cenho lindamente descontente o faz parecer dez anos mais jovem.

— Você tem dois minutos.

Sacudo a cabeça, mal acreditando na arrogância desse homem. Sob sua *permissão* cronometrada, corro para o banheiro e... suspiro profundamente, aliviada que aquele gringo não abriu os olhos para falar comigo, do contrário, teria visto o tornado que passou pelo meu rosto e cabelo. Não tem outro jeito. Preciso de um banho.

Ligo o chuveiro, deliciada com a temperatura morna da cascata. Uso o xampu dele, massageando meu couro cabeludo com cuidado, pois sinto um leve latejar nas têmporas, fruto de toda a carga emocional de ontem. Embora todo o resto pareça *melhor* do que nunca. Não sei bem o que mudou, mas alguma coisa hoje me fez despertar mais forte, com mais coragem e contemplando um futuro, um real, em que eu tenha paz de espírito para cuidar de mim e do meu filho. Talvez a sensação de libertação se deva a eu ter contado a Gael sobre meus demônios, sem mais segredos ou omissões, tirando um peso que eu nem mesmo percebia carregar de tão acostumada.

A pergunta que acaba inevitavelmente vindo à mente é: o que Gael pretende fazer agora que sabe sobre Jonathan? Não quero irritar aquele miserável, já não estou sozinha, preciso proteger a mim e, principalmente, a vida crescendo aqui dentro.

Apoio as mãos contra o azulejo úmido, fecho os olhos e deixo a água bater diretamente no rosto, levando com ela qualquer sentimento de inquietação. Não mais. Eu confio em Gael. Simplesmente confio que ele fará o melhor por mim, por seu filho.

A imagem das mulheres que são parte de minha família surge, trazendo um sorriso ao meu rosto. Como eu pude subestimá-las por tantos anos? É claro que elas lutariam por mim, assim como eu por elas, isso é família. Se qualquer uma delas, Júlia, Alice, Katy ou até mesmo Gabi me ligasse dizendo que matou alguém, eu certamente ajudaria a sumir com o corpo sem nem questionar seus

motivos... Se bem que, de todas elas, Katy é, talvez, a única que faria algo assim, ou talvez Gabrielle também. Sim, Katy e Gabi, definitivamente.

De repente, braços fortes envolvem minha cintura novamente. Desta vez me puxam contra uma parede quente de pele e puro músculo. A ereção é esmagada contra o estômago plano por minha bunda.

— Dois minutos sem mim. Esse é o máximo de tempo que vou te dar — a voz grossa sussurra deliciosamente baixo contra meu ouvido.

Lanço a cabeça para trás e a apoio nele, dando-lhe livre acesso ao meu pescoço.

— Me perguntei se demoraria a vir... — provoco, empinando-me.

Mãos poderosos sobem pelas laterais do meu corpo até encontrarem meus seios e se fecham em concha sobre eles.

— Quero ter isso todos os dias.

Balanço as costas de um lado para o outro, lentamente, criando atrito entre nossos corpos e a água.

— Você enjoará.

Meus cabelos cheios de condicionador são colocados de lado, e ele respira sobre a pele do meu pescoço. Arrepios ainda mais intensos me eriçam.

— Nunca. Nada de você nunca é o suficiente. — Mordica sobre a veia pulsante. — Você é meu vício.

Inclino o rosto rumo ao seu para encontrar sua boca. Gael roça o nariz no meu antes de brincar com o contorno dos meus lábios, numa carícia mal-intencionada. Não fecho os olhos, não consigo, quero simplesmente lhe assistir assim, silenciosamente selvagem, narinas dilatadas, rosto fechado, parecendo saborear o momento, predatório.

A paixão desse homem é poderosa, ele ama e fode com tudo de si.

E, como se soubesse o quanto me excita por ser assim, o quanto estou molhada por minha própria natureza, abruptamente Gael me gira de frente para si, bate minhas costas contra a parede gelada para então me suspender em seu colo. Em suas mãos, não peso os 66kg habituais, sou leve, sinto-me leve. Enquanto me mantém suspensa pelo braço ao entorno de mim, a outra mão desce até o membro majestoso e o guia para minha entrada, parando na porta, entre os lábios.

— Se você soubesse o quanto eu te quero, menina... — rosna baixinho, atraente.

— Coloque — incentivo num sussurro, encarando diretamente suas pupilas

expandidas.

— Às vezes sinto que posso até te machucar — o sotaque russo, nos momentos em que está no limite, como agora, é como fósforo sobre o combustível. — Ele dói por você. Dói pra caralho! — Empurra um pouquinho.

Recebo na carne um tipo de dor também, física, ao ser dilatada, porém, muito prazerosa. Acabo rindo, amando essa conversa safada.

— Se colocar só mais um pouquinho, talvez doa menos — zombo, roçando seus lábios contraídos com os meus, enquanto empurro suavemente o quadril para frente.

Ele entra alguns centímetros, mas a tortura permanece.

— Eu quero tudo de você. Tudo. Quero ter isso todos os dias, aqui, ou na cama, ou em qualquer lugar em que estivermos.

— Qualquer lugar? — Planto um beijo indolente em seu ombro deliciosamente morno. — Não sei na Rússia, mas aqui, transar em público é crime, sabe?!

Sua potência entra um pouco mais, forçando o espaço. Suspiro de maneira entrecortada, ofegante.

— Estou falando sério! — E então golpeia até o fundo desta vez, subitamente, pegando-me de surpresa. Arfo de dor. — Quero tudo, Priscila.

E entendo o que está dizendo, o que está me forçando a admitir.

— Também quero, Gael. — Seguro seu rosto entre as mãos, roçando os polegares pelos sinais de barba em seu rosto. — Quero um futuro ao seu lado.

E isso tem o mesmo efeito de dizer “me dê o seu melhor aqui, homem”, pois, no instante seguinte, sou amada com a brutalidade, desejo, fúria que somente ele é capaz. Sou marcada em cada ataque de sua língua dentro de minha boca; nas batidas de sua virilha contra a minha, ecoando ruidosas por causa da acústica do banheiro; pelas mãos moendo minha bunda. Entre respirações falhadas, gemidos meus e palavras em russo altamente sensuais – mesmo que eu não saiba o significado –, permito que Gael me marque. Dou a ele autorização para isso.



Envolvida num roupão de banho grande e fofo, recebo o café da manhã na cama. Enquanto eu estava me secando, Gael fez uma ligação para alguém da

casa, que preparou uma bandeja enorme cheia de alimentos. Essa deve ser a parte legal de ter tanto dinheiro.

Minha barriga ronca mais alto do que o costume, talvez um modo do serzinho exigir que seja alimentado. Tão temperamental quanto o pai. Aliso-o discretamente. O que um filho, nessa fase de sua vida, significaria para ele? Como Gael receberá essa notícia de que, de repente, será pai outra vez, depois de passar por tudo aquilo? É difícil dizer. Em circunstâncias normais, num relacionamento tão recente como o nosso, uma gravidez já é impactante, imagine para quem passou os últimos anos focado apenas em vingar a morte dos filhos?

Seja como for, esconder não é uma opção. Não, não é. A questão é como abordar o assunto. “Ei, Gael, advinha só?”, ele responderia “o quê, Priscila?”, aí eu sorriria e responderia “você vai ser papai! Surpresa!”.

Droga, sou ridícula.

— Do que está rindo?

Pisco, confrontada pelo meio sorriso curioso em seu rosto.

— Gael... — pronuncio o seu nome, testando o som.

— Priscila — responde, paciente, embora com um humor irritantemente atraente.

Bom humor é uma boa coisa, na verdade.

— Há algo que eu gostaria de te contar... — Enrolo as mãos nas mangas do roupão de banho e respiro fundo.

— E eu adoraria ouvir. — Os olhos se estreitam diante do meu nervosismo; o sorriso torto, no entanto, fica bem ali.

Respiro fundo de novo.

— O que vou falar não tem um jeito certo de ser contado.

Semicerrando os olhos, Gael solta a xícara na bandeja, dando-me toda a atenção e perdendo um pouco da diversão.

— Então me diga do jeito que *você* acha que deve ser — há simulada condescendência no incentivo. — Desde que não envolva nada que vá nos manter afastados.

Depende. Isso inclui uma gravidez?

— Vai depender de você... — Perco um pouco da coragem.

O homem, com sua habilidade felina indiscutível, retira a bandeja da cama, a única coisa entre nós, tão calmo que beira o perigoso.

— Fale. No que depender de mim, você é minha para o resto da vida, e nada poderá mudar isso.

— Ok, bem...

— Fale de uma vez, Priscila! — objetivo, quase ansioso.

— Certo... — Aperto a corda do roupão. — Você e o seu... — olho para a cueca boxer preta bem preenchida — andaram plantando uma semente.

Espero sua reação; nada acontece.

Cacete! Ou eu não fui clara o bastante e ele não compreendeu, ou o homem está tendo um momento de apoplexia. Comprimos os lábios antes de voltar a falar:

— Ok. Acho que isso não saiu muito bem. O que quero dizer é que estou...

— Grávida — completa num timbre de voz que nem se parece com o dele. Não chega a ser sombrio, tampouco expressa qualquer emoção. Então me encara fixamente, dentro dos meus olhos, parecendo me ver pela primeira vez, assustadoramente inexpressivo. — Você está grávida?

Não sei exatamente o porquê, mas meu corpo reage com um calafrio que vem a partir da base da coluna até a nuca. Um pico de dor em meu abdômen revela que estou segurando o nó do cordão com mais força, como quem se protege.

— Responda.

Elevo o queixo, pronta para confirmar e agir defensivamente.

— Sim. Eu estou grávida.

Uma frase curta em russo é expressada, não sei se um praguejar ou agradecimento, mas é o modo como diz que impressiona. A intensidade. E então ele abaixa a cabeça, leva os dedos longos entre os fios do cabelo negro como a noite e diz outra coisa, dessa vez no *meu* idioma:

— Um filho.

E, nas duas palavras simples e claras, eu percebo o impacto, a grandiosidade do que isso representa para ele.

— Sim — minha voz fica embargada, naquele limite entre o riso e o choro.
— Nossa Sementinha.

Uma fração infinita de segundos se passa até que nossos olhares se conectem outra vez. Senhor, eu poderia ter morrido e ressuscitado apenas com esse olhar, um de admiração, de amor tão visceral que ultrapassa os limites de nossa mortalidade. Eu o ouço sem que ele diga absolutamente nada. Ouço, vejo, toco sua felicidade.

De repente, sua risada alta corta os limites da celebração silenciosa, e, num piscar de olhos, tenho meu corpo sendo rolado pela cama, sob o dele, que me fita

daquele jeito que somente Gael é capaz.

— Grávida, *Krasavitsa*? — Um sorriso completo e raro ilumina os traços sempre tão tensos.

Mordo novamente meu lábio, reprimindo meu próprio sorriso e confirmo com um aceno.

— Como você se sente sobre isso?

— Ah, *yeb vas!* Como acha que me sinto? Um filho meu está aqui! — A mão enorme se espalma sobre minha barriga, num símbolo de adoração. — Dentro de *você* — ao enfatizar “você”, tenho a sensação de que, para ele, é exatamente como foi para mim ao descobrir: se eu tivesse de escolher, não seria outro homem senão Gael. Rindo, ele ainda sacode a cabeça, parecendo assimilar. — Eu sabia...

Avalio-o com cuidado.

— O que quer dizer com “eu sabia”? Você por acaso...?

— De propósito? — Lança a cabeça para trás e gargalha, um som rouco delicioso. — Não, não, mas confesso que tive esperanças.

— *Esperanças*? — indago com descrença.

— Sim. — Olha-me como quem diz “bobinha”. — Um homem pode sonhar em enlaçar a mulher da sua vida permanentemente, não pode?

— Tão arrogante... *e trapaceiro* — faço questão de destacar.

Os lábios fortes, macios, descem aos meus.

— Culpado — sussurra, provocando.

Bufo, mas não evito cruzar os dedos atrás de sua nuca, onde apanho uma mecha dos cabelos macios.

Pergunto-me como esta criança será: olhos turquesas profundos e intempestivos ou verdes e opacos; cabelos grossos e negros feito uma noite sem luar, ou loiros; ou mesmo uma mistura de nós dois...? Seja como for, algo me diz que o gênio de Gael é forte demais para não ser repassado por seu DNA.

Num instante de hesitação, ele se afasta alguns centímetros, apenas para me conferir.

— Quando soube?

Reconheço, dentro da pergunta, aquela fagulha de mágoa pelos dias em que o mantive longe, e a dúvida de que, se ele não descobrisse sobre Jonathan, eu também não teria revelado e, por consequência, esconderia esta gravidez dele.

— Descobri antes de ontem, à noite — respondo, franca.

— Então ontem...?

— Sim — compreendo o que quer saber. — Eu estava lá para comemorar com elas.

Quase imperceptivelmente, seu corpo endurece sobre o meu. Os olhos ganham um pouco mais de foco.

— Eu não teria escondido de você — adianto-me à dúvida que o mastiga por dentro. — Teria esperado um pouco mais de tempo, mas encontraria um jeito de te contar. Sei o quanto isso é importante para você.

Ao assistir às suas narinas dilatarem com uma passagem de ar mais densa, sei que é um bom sinal. É o sentimento de rejeição abandonando seu corpo. Aliso uma de suas sobrancelhas grossas, tão escuras quanto os cabelos.

— Este filho também é seu, eu jamais faria isso — amenizo, porém, procuro dizer com franqueza, para que não reste qualquer resquício de desconfiança.

Um beijo na palma de minha mão, a mesma que o acaricia, é um sinal de que ele acredita em mim.

— Você foi ao médico?

— Huhum...

Estreita as turquesas expressivas, sem afastar os lábios de minha mão.

— O que “huhum” quer dizer?

— Ainda não fui. — Traço o dedo indicador pelo canto de seu olho. — Fiz testes de farmácia. Cinco deles. Todos positivos.

Seu peito se estufa de satisfação.

— Ótimo. Iremos a um juntos.

Faço uma careta reprovadora.

— Ei, senhor general, não use esse tom de comando comigo.

— General?

— Sim, esse seu modo de dar ordens; precisamos conversar sobre isso.

Rindo, ele suga a pontinha do meu polegar, suja de geleia – coisa que eu nem mesmo tinha percebido –, de um jeito nada inocente.

— Mais tarde, *Krasavitsa*, mais tarde. — Envolve o dedo com a língua, fazendo o calor úmido se refletir diretamente entre minhas pernas. — Agora precisamos comemorar essa notícia...



Capítulo 45

Priscila

Pouco menos de um mês de gestação. Ao meu lado no consultório, Gael fez questão de fazer perguntas sobre minha saúde; recomendações quanto à alimentação; cuidados que eu devo ter... enfim, o infeliz questionou mais do que eu.

Ao sairmos do médico, peço que me deixe na agência. Eu liguei para Gabor, avisando que me atrasaria. Gael faz questão de dizer que alguém chamado Elliot ficará fazendo minha segurança durante o trabalho. O problema é que marquei uma nova sessão com a terapeuta, Dra. Raquel, para depois do trabalho – gostei de como me senti conversando com ela e achei que seria bom retornar –, mas não quero que ele saiba, não quero que se preocupe com meu estado mental ou algo assim, muito menos que alguém me siga até lá.

— Elliot vai ficar — *avisa* irredutível.

— Gael... — Busco não perder a paciência, apelando para sua compreensão. — Eu preciso passar em um lugar depois do trabalho e não gostaria que ele me seguisse.

— Que lugar?

Ter de dar satisfação é mais complicado para mim do que pensei, percebo agora. Talvez por viver livremente por tantos anos, não sei, sinto que devo preservar minha privacidade. E, ao preservá-la, é como proteger uma parte importante de quem sou.

Cogito não revelar, e é o que estou prestes a fazer ao me virar para ele, dentro do carro. Contudo, noto sua atenção fixada em mim, interessado na resposta. Droga, talvez relacionamentos sejam assim, afinal, ceder em algumas partes para que realmente funcione. Aparar arestas.

— Uma terapeuta — conto por fim. — Será a segunda vez em que irei vê-la.

Ele me observa cuidadosamente por alguns instantes, surpreso, provavelmente, porém, não deixa transparecer.

— Elliot irá com você.

Certo, abrir mão em alguns pontos não significa se sujeitar a tudo.

— Tudo bem, eu posso aceitar que ele vá junto, mas não que você use esse tom de ordem comigo — e, ao dizer isso, estou sendo absolutamente honesta.

O que escuta o desagrada, fica evidente. Cada parte de seu corpo se faz um pouco mais presente ao enrijecer discretamente, mas o suficiente para eu perceber; já o conheço.

— Não estou ordenando.

Mudo o olhar para a janela oposta.

— Não, está impondo.

Sei que o atinjo. Contudo, Gael toma a decisão de se calar, apesar da atmosfera tensa dentro do carro. Em frente ao trabalho, antes que eu pense em descer sem uma despedida, ele me apanha pela nuca e me beija. Pensei que seria um daqueles beijos agressivos, cheios de explosão, pela forma como me trouxe até sua boca, talvez por punição pelo meu “mau comportamento”. No entanto, em vez disso, o beijo é lento, envolvente, vai aos poucos levando a densidade para longe e trazendo a luxúria ao lugar, arrebatadora, até que ele de repente me solta.

— Te vejo mais tarde.

É então que percebo: a punição está justamente em me deixar ardendo de desejo por ele, sem poder fazer nada a respeito.



Semelhante à primeira vez em que vim aqui, estou sentada no sofá, olhando as flores do consultório, ansiosa, mas sem saber por onde começar ou o que eu gostaria de compartilhar com ela, embora Dominic tenha acertado ao me aconselhar a vê-la, fez-me bem.

— Alice, minha amiga, tem uma floricultura — conto distraidamente.

Idiota. Estou parecendo uma idiota.

A doutora Rachel sorri com simpatia.

— E como está seu relacionamento com a Alice e as outras meninas desde a última vez em que conversamos? — a voz suave atinge seu objetivo.

Suspiro, aliviada. É fácil falar sobre elas. É como entrar num território seguro. Aos poucos, relato algumas coisas, até que toco no assunto da gravidez.

Então consigo relatar a forma vazia como eu me senti naquela noite e quão próximo à borda do abismo eu estive. É doloroso falar, e fácil reconhecer que estive prestes a me render à fraqueza escura, lugar onde nunca mais quero estar.

Depois de uma hora, saio com o conselho de fazer uma autocrítica sobre meus medos e os ideais que construí ao meu redor, na verdade, uma forma de deixar o mundo do lado de fora. Raquel me fez enxergar que, pela primeira vez, posso realmente ter o controle de minha vida – e não apenas a *sensação* de tê-lo com a intenção de querer demonstrá-lo ao mundo, do tipo “não me ataque, porque sei me defender”, como sempre fiz.

No caminho de volta para a mansão, puxo conversa com Elliot. O homem também é russo; tem uma aparência assustadora – de todos, é dele que eu teria medo, apesar da voz doce.

— Do que você mais sente falta na Rússia, Elliot? — pergunto por curiosidade.

Ele me lança um olhar firme pelo retrovisor, já que estou de carona.

— Da temperatura, sem dúvida. Inferno, o clima aqui está sempre oscilando — seu sotaque é mais carregado que o dos outros, também. — Lá não. Frio é frio e pronto.

Dou uma risadinha. Ele tem toda razão, nesta cidade, em um único dia nós temos praticamente as quatro estações.

Estacionando na mansão, Elliot me ajuda a descer e avisa que Gael está me esperando em seu escritório. Caminho até o cômodo suntuoso e me deparo com Gael atrás de uma mesa grande, perfeitamente compenetrado em alguns papéis à sua frente. Quando me vê, tenho a sensação de que seu rosto suaviza, tornando-se ainda mais belo. Acabo prendendo a respiração brevemente, perguntando-me quando é que vou me acostumar a isso.

Ele se levanta e contorna a mesa.

— Senti sua falta — o timbre baixo, gostoso de ouvir, não dá qualquer indício de que esteve chateado comigo, principalmente ao enfiar sua língua áspera numa carícia contra a minha enquanto me envolve num abraço. Quando finalmente se afasta o suficiente para ver meu rosto, brinco:

— E isso é que eu só estive longe algumas horas.

— Um minuto, uma hora é sempre tempo demais — rebate com certa provocação.

Bom que temos isso entre nós, de não precisar pisar em ovos... e, por falar nisto...

— Nós precisamos conversar... sobre hoje — ele sabe a que me refiro.

É claro que noto a seriedade ou a forma como observa meus olhos. No entanto, ele não se impede de deslizar um último roçar de sua boca contra meus lábios fechados. Gael conhece o efeito que tem sobre mim, o quanto amo cada pequeno toque entre nós e não se sente envergonhado de jogar com as armas que tem.

— Tudo bem. — Aquece meus braços gelados (de quem saiu com uma regata escolhida com pressa em meu apartamento, essa manhã, e foi surpreendida pelo vento frio no início da noite, pega desprevenida pelo clima, tal qual Elliot reclamou). — Mas primeiro gostaria que se alimentasse. Não quero nossa criança sentindo fome.

Nossa criança. Não evito sorrir como uma tola.

— Ainda estou satisfeita com o *almoço*, é sério — e é também uma reprimenda pelo tanto de comida que Gael mandou entregar na agência, como uma mensagem fofa de “Alimentem-se bem”, no plural!

— Você pode estar; meu filho, no entanto, tem o apetite do pai e precisa de toda a comida disponível para crescer forte aqui. — Acaricia minha barriga, como se esperasse o dia todo por isso.

— Como sabe que ele tem seu apetite? — Ergo a sobrancelha.

— Vi seu café da manhã, menina bonita. — Sorri, charmoso.

Um rubor ridículo se apropria de minhas bochechas, em parte por tê-lo dizendo que como demais – o que é uma verdade absoluta –, e em parte pelo que despertou tamanho apetite essa manhã – e tem a ver com a forma desse homem de comemorar.

— Você não vai fazer esta gravidez fácil para mim, não é? — é mais um lamento do que uma indagação.

Adorando me deixar assim, Gael nos conduz para a impressionante cozinha – tanto em tamanho quanto em equipamentos, semelhante à de um restaurante sofisticado. Cogito perguntar de onde vem sua fortuna, mas há coisas que é melhor não questionar.



Depois de me fazer comer mais carboidratos do que preciso, retornarmos ao escritório. Em vez de me deixar tomar um lugar na cadeira em frente à sua mesa, Gael me leva consigo para a poltrona de couro, senta-se e me puxa para o seu

colo. Os movimentos circulares de suas mãos em minhas costas me fazem relaxar e pousar a cabeça contra seu ombro. Ficamos assim por alguns minutos, antes de ele me ajeitar de lado, numa posição em que posso ver seu rosto.

— Você disse que precisávamos conversar.

Concordo, ainda que surpresa por ser *ele* a tocar no assunto, quando pensei que evitaria.

— Sim, e fico feliz que tenha dado importância a isso, honestamente. Significa muito para mim, sabe...? — Gesticulo. — Essa coisa de ser levada a sério.

— Eu sempre a levarei.

E é uma verdade absoluta.

— Obrigada... — Ajeito-me em seu colo, organizando as palavras, enquanto corro os dedos suavemente pela lapela do seu paletó. — Você já deve saber que não sou uma pessoa exatamente *fácil*. Acho que nenhum de nós é, na verdade. E justamente por isso sinto que precisamos falar sobre coisas que nos incomodam, aparar arestas, entende?

— A segurança em torno de você é uma delas, presumo.

— Sim, é.

Balança a cabeça devagar, sem perder o ar compenetrado.

— Bem, sobre isso — seu peito se move sob meus dedos —, pressinto que, infelizmente, você não vai gostar do que tenho a dizer.

Presto atenção nele, no alerta, principalmente no tom de voz.

— E por quê?

— Sei que não quer alguém atrás de você, te seguindo, como disse hoje mais cedo — há um sutil toque de reprovação, tão sutil que quase passa despercebido. — Mas a segurança irá permanecer.

Calor começa a aquecer meu rosto... É o tom, o maldito tom de comando que realmente me incomoda.

— Ah, vai?

— Sim. Com uma diferença de trajeto — diz e espera. Ele simplesmente espera que eu pergunte, e, é claro, eu o faço:

— Que tipo de mudança? — E, juro, tenho até medo de saber.

— Você virá morar aqui, pelo menos até que a situação se resolva.

Não é possível que Gael não se dê conta...

— Percebe o que faz? — Coloco um dos pés no chão, pronta para me

levantar, porém, o braço em minha cintura passa a exercer um pouco mais de controle. Que se dane! — Essa... essa *coisa* que você tem de querer dar ordens, é sério, não funciona comigo!

Talvez meu tom acusatório, ou a escolha das palavras, ou o conjunto todo, mas fato é que ele enrijece por inteiro, e, em seu colo, sinto cada músculo se contraindo.

— Não te dou ordens, o que faço é para mantê-la segura, Priscila.

— “Você virá morar aqui” — imito-o. — Isso é *não* dar ordens, para você?

— Tenho motivos. — E sabe parecer glacial quando quer.

— Tem? — Forço a saída de seu colo, e, por alguma razão, ele permite. — Então, por favor, os compartilhe comigo, porque não dá... esse tipo de comportamento para cima de mim não dá, Gael. Eu juro que estou disposta a ceder em muitas coisas, mas não posso aceitar que me diga o que fazer assim...

Os olhos bonitos do infeliz se apertam ligeiramente, enquanto todo o resto continua impassível, em sua glória bem-vestida no habitual terno de três peças cinza chumbo, feito sob medida, camisa impecavelmente branca, gravata de um azul cobalto, cabelos negros ondulados bem penteados e brilhosos. Tudo nesse homem exala luxo e poder, despretensiosamente feito para atrair ou intimidar. Todavia, é a profundidade de sua íris a denunciar que impassibilidade é tudo o que ele não possui.

— Eu gostaria de poupá-la de algumas coisas, mas você é teimosa demais para isto, não é?

Inclino a cabeça, subitamente mais curiosa do que ofendida

— Me poupar de quê?

Enrugando os lábios para o lado, avaliativo, ele me fita daquele jeito de quem não sabe ao certo o que fazer comigo, embora vislumbre algumas opções (que não parecem boas). Então corre um dedo comprido vagarosamente pelo braço da poltrona, como uma garra, tão lenta e suavemente que me distrai por um instante. Parece loucura, mas sinto o toque viajar diretamente por minha pele, numa carícia. E então sorri feito o Lobo Mau da história da Chapeuzinho Vermelho.

— Quando tudo isso acabar, eu e você teremos um longo trabalho. — O olhar recai sobre meus lábios, e, apesar da expressão séria, há um cunho altamente sacana no timbre deliciosamente grave. — Longo trabalho, minha querida.

— Uma ameaça?

— Eu chamaria de *promessa*. — Move levemente o queixo. — E não as faço se não posso cumprir.

Sorrio mostrando os dentes.

— Adoro promessas.

Ante o desafio, perigo sinaliza em luz vermelha no centro de sua testa cor de oliva, enquanto nos fitamos, eu em pé, e ele num aparente relaxamento que não sente, na majestosa poltrona de couro. A tensão entre nós, sobretudo sexual, é visível aos olhos.

E então ele exala uma expiração profunda.

— Inferno, coloque sua bunda aqui novamente, se vamos ter mesmo esta conversa.

Inacreditável. Pior ainda é eu fazer exatamente o que ele exige, feito uma boa menina.

Acomodada no lugar, Gael atrevidamente suga meu lábio para logo em seguida cravar os dentes neles, um lembrete de que não está feliz comigo no momento. E é assim, somos iguais no que se trata de determinação (ou teimosia). Assisto, então, a ele abrir uma gaveta e retirar dela um notebook. Coloca-o sobre a mesa e observa o eletrônico alguns segundos antes de voltar sua atenção a mim.

— Esse computador era de Jonathan — alerta.

E espera uma reação. Forço-me a me conservar tranquila, mesmo com o calafrio ruim percorrendo cada parte do meu corpo à menção desse nome. Gael nota.

— Serei honesto com você, Priscila. Assim como fui sobre a minha família — seu tom é uma advertência de que algo ruim está por vir, e eu pedi por isso. Concordo com a cabeça, incapaz de abrir a boca. — Lembra quando contei que minha irmã confiou a alguém sua investigação particular e paradeiro, e essa pessoa a traiu?

— Sim.

— Jonathan fez isso — não há qualquer emoção aparente em sua fala.

Sinto como se eu recebesse um soco, um muito forte diretamente no estômago e, em consequência, me fosse arrancado o ar abruptamente.

— Co-como você sabe?

— Sebastian desconfiou que havia algo de errado com aquele pedaço de merda depois da maneira que você ficou quando o viu aqui, e então o investigou. — Gael desvia seus olhos de mim para o notebook. — Ele encontrou isso no

apartamento de Jonathan.

Ele liga a tela, corre o cursor por algumas pastas e – ao me lançar um último olhar de aviso – abre uma cheia de imagens que... lembram muito a mim mesma nos dias de terror naquela casa. Garotas jovens, entre 15 e 25 anos, de lingerie, quando não nuas, algumas com a maquiagem arruinada por lágrimas, outras, apenas com lágrimas, amarradas, e, em sua maioria, amordaçadas. Jonathan fez isso a todas elas, não preciso que Gael confirme, eu apenas sei, pois me vejo ali.

O enjoo violento que sobe à garganta me obriga a, discretamente, tapar a boca por alguns segundos. Quando consigo resistir ao vômito, pergunto:

— Isso — aponto para as imagens — liga ele ao assassinato da sua família? — o som de minha voz é quase inaudível.

Gael sabe o que as imagens fazem comigo e fecha a pasta abruptamente.

— Sebastian viu nesse notebook o e-mail de Jonathan, o nome que ele usava, “Sam”. E o fodido confessou — a raiva em suas palavras quase pode ser tocada.

Respiro fundo, sem saber o que dizer. Aquele monstro é muito, muito pior do que eu pensava. Involuntariamente, toco minha barriga, minha Sementinha, desejando protegê-la com tudo de mim.

— E agora? — sussurro.

A força aplicada na mandíbula de Gael leva uma agitação à veia que percorre a lateral de seu rosto, fazendo-a se sobressair.

— Jonathan não será mais um problema.

O sentimento de alívio que vem crescendo dentro de mim ao reconhecer o que sua afirmação significa me assusta. Nunca desejei mal a alguém, nem mesmo ao monstro, mas, diante de tudo o que agora sei, Deus me perdoe, desejo que Jonathan queime no fogo do inferno pela eternidade.

— O que você sabe sobre o irmão dele? — Gael inquire.

— Irmão? — indago, surpreendida pela pergunta.

Ele ajeita as costas contra o encosto, mas eu me mantenho ereta, apesar de estar em seu colo.

— Ele tem um irmão, Priscila. Esse cara é o chefe da quadrilha que trafica mulheres. Foi a mando dele que minha família foi executada.

Se fosse possível, acho que eu sentiria ainda mais asco. Dois irmãos monstros, que tipo de família é essa? Desvio os olhos para o chão e tento me concentrar no que me lembro sobre o tal irmão. Eu bloqueei tanto quanto

possível as memórias sobre Jonathan e tudo o que o envolvia e as guardei em um lugar profundo da minha mente, atrás de uma parede. Nem mesmo me lembro de sua mãe ou se já a vi alguma vez.

— Eu não sei muito sobre ele, Gael. Nem mesmo o nome. Acho que nunca o vi, na verdade. Mas lembro que Jonathan o mencionou algumas vezes.

Gael apanha minhas mãos geladas e as aquece, esfregando seus polegares sobre os dorsos.

— Há algumas coisas que descobrimos... — revela com cuidado.

O arrepio frio atravessa minha nuca mais violentamente, tanto que estremeço. As mãos dele, então, vão para os meus braços, deslizando para cima e para baixo, transmitindo o calor de suas palmas.

— Temos um relatório bastante extenso, levantado ainda há pouco.

Incentivo-o a ir em frente.

— Jonathan era um aprendiz do irmão. Copiou seus passos. Os dois têm diversas acusações de estupro durante a adolescência e juventude, mas os processos nunca foram levados adiante porque as vítimas desistiam na última hora. — Sorri, irritado. — Coagidas pelos covardes, é claro.

Engulo o gosto metálico de sangue em minha boca, causado pela mordida mais aguerrida no interior da bochecha.

— Os pais daqueles vermes acobertavam tudo, se mudando constantemente para protegê-los.

Merda. Dói forte, e eu nem sei onde. Saber que outras mulheres passaram por tudo aquilo que passei, que devem estar sofrendo até hoje, como eu mesma, com os reflexos daquela crueldade causa um sentimento de revolta incomensurável. É quando compreendo algo que coloca tudo sob nova perspectiva. Eu não fui um alvo ao acaso ou fiz alguma coisa errada que atraiu aquilo para mim (como me culpei por alguns anos). Eles faziam isso de forma articulada, safando-se a cada novo endereço e ameaçando a vítima, como aconteceu comigo. Jonathan planejou se aproximar, ganhou minha confiança, provavelmente percebeu que eu era o elo frágil do grupo, porque tinha uma mãe omissa que pouco ligaria se algo ruim me acontecesse. E bastou me ameaçar, e tudo ficou por isso mesmo.

De repente, eu quero gritar. Gritar com todas as minhas forças, de raiva. Muita raiva dele, do irmão, dos pais. Malditos, todos eles!

— Isso não é tudo — a voz de Gael vem distante, sobrepujando a raiva. — Elliot e alguns homens estavam na caça do Tony, esse é o nome dele, mas o cara conseguiu fugir. Ele já sabe que pegamos o Jonathan e, se for como eu penso,

tentará se vingar.

Balanço a cabeça com a intenção de fazê-lo saber que estou entendendo, mas meus olhos estão vidrados no chão.

— Priscila — chama mais firme para que eu me concentre nele.

E eu o faço completamente.

— Agora você consegue entender por que a quero aqui? Por que mantenho meus homens por perto?

Meus lábios estão comprimidos, como se os abrir fosse dar vazão a toda a raiva crescente. Então faço o que posso para acenar um “sim”.

— Seu apartamento não é seguro, você sabe disso. E, quando determino que a vigiem, não faço isso para sobrepor meus desejos aos seus ou tirar-lhe a liberdade, se é o que pensa. Faço para te manter segura. — Alisa minha barriga, suavizando a voz: — Manter *nostra família* segura. Venha morar comigo, confie em mim e me deixe cuidar de vocês.

O pedido é tão sério e honesto, a preocupação tão coerente. Não há nenhuma outra resposta certa, que não:

— Confio em você, Gael, com a minha vida e a de nosso filho.

Como se um peso a menos comprimisse suas costas, ele me puxa contra seu peito, e posso sentir a importância disso para ele, a grandiosidade que é manter-nos seguros. Um guerreiro pronto para defender o que agora somos: sua família. Contudo, quem irá protegê-lo?

— Eu só quero paz para todos nós...

— Nós teremos, amor. Quando tudo isto acabar, e será em breve, nós teremos paz para criar nosso filho. Prometo a você.

E o que promete, ele cumpre.



Capítulo 46

Priscila

— Quatro semanas, ele disse — conto a Alice, ao telefone, sobre a primeira visita ao médico essa manhã. Foi um momento bem especial, gostaria que elas estivessem lá. — Na próxima consulta será possível ouvir o coraçãozinho, e quero muito que venham comigo, Ali.

— É claro que iremos, Pini — o timbre doce vem trazendo conforto aos ouvidos, um tipo familiar de quietude. — Estaremos sempre com você e esse bebezinho.

Eu estava precisando ouvir a voz dela. Ando muito sensível ultimamente, principalmente nos últimos três dias. Foram tantas coisas acontecendo: a descoberta de que carrego um filho dentro de mim; Gael de volta a minha vida; tudo o que revelou sobre Jonathan e sua família perversa. Eu precisava conversar com alguém que me lembrasse de quem eu sou no meio disto tudo.

Emotiva, pego-me dizendo:

— Eu te amo, garota. Acho que nunca disse o quanto sou grata por tudo o que já vivemos. Muito grata mesmo. Nem tenho ideia de como minha vida teria sido sem vocês...

— Também te amo. Todas nós amamos — noto o som abafado de sua voz, aquele que ondula mais baixo, emocionado, do jeito que somente Alice é capaz de fazer. — Não importa o quê, seremos sempre uma família.

— Sempre... — Toco minha barriga distraidamente.

— Descanse, nos vemos no almoço.

— Certo, vou passar na floricultura para te dar uma carona, o que acha?

— Sim, venha. Vou ver se as meninas não querem fazer o mesmo, aí vamos todas em seu carro.

— Te vejo amanhã, Ali...

— Até, Pini. Fiquem bem.

Desligo e recosto a cabeça contra a cabeceira da cama, na suíte da mansão. Enquanto encaro o lustre no teto, penso em como será quando esse bebê chegar,

ou em como ficará nosso arranjo de família quando Gael terminar o que veio fazer aqui. Subi ainda há pouco, depois que ele me mostrou aquelas imagens. Não me sentia bem para continuar naquele escritório, as paredes pareciam se fechar a minha volta ao descobrir que aquele terror que eu vivi era, na verdade, o *modus operandi* daqueles irmãos. A raiva, foi a raiva que senti que realmente me impressionou... e me fez compreender algo importante, talvez o divisor de águas no meu relacionamento com Gael: há coisas que *precisam* ser feitas independentemente de que pareçam erradas. A vingança nada mais é do que tirar do universo a decisão de *quando* fazer justiça e a tomar para si. Jonathan e Tony merecem pagar por todo o mal que fizeram.

Com este pensamento, vou ao banheiro, ligo o chuveiro e deixo que a água lave de mim qualquer sentimento ruim que possa, de alguma forma, afetar meu filho. Não. Os monstros não vencerão. Ensaboo-me como quem lava a própria alma, seco o corpo, enrolo-me na toalha e, descalça, vou ao closet de Gael, de onde retiro uma de suas camisetas, cinza. Visto-a sem nada por baixo e me esgueiro de volta para o calor da cama. Fecho os olhos, mas não durmo, e, não demora, sinto a presença dele aqui, sem nem mesmo precisar vê-lo.

— Venha aqui... — peço baixinho antes de levantar a cabeça e encontrá-lo encostado ao batente da porta, observando-me de maneira compenetrada. As mãos repousadas nos bolsos lhe conferem um aspecto ligeiramente descontraído, mas é o que há em seus olhos que põe abaixo o disfarce.

Levanto a ponta do edredom, num convite. Ele sorri, nada que não passe de um entortar de lábios, sério, preocupado, eu acho.

— Como você se sente? — pergunta baixinho, analisando meu rosto, ao chegar ao lado da cama.

— Bem, mas meus pés estão terrivelmente frios — brinco, mas não minto. — Deite aqui um pouquinho.

A negativa está em sua expressão, pronta para deixar seus lábios e dizer que precisa de um banho antes, mas insisto.

— Só um pouco, apenas o suficiente para me esquentar.

Achando certa graça, ele acaba se deitando parcialmente, de terno e tudo, deixando apenas os pés para fora, nos lustrosos sapatos de couro italiano.

— Não há nada que eu não faça por você, menina. Nada.

A afirmação simples não poderia ser mais verdadeira. Reflito um pouco e, de repente, dou-me conta de que a recíproca é verdadeira. Gael entrou para aquele rol de pessoas pelas quais eu daria até mesmo minha vida. Júlia, Alice, Katarina, hoje Gabrielle... e agora ele. A lista está ficando grande.

— Minha vida está mudando — reflito em voz baixa, aconchegando o rosto em seu peito.

— Isso é bom ou ruim? — noto um pequeno e muito curioso sinal de insegurança. Não. Gael é forte e determinado demais para se sentir inseguro sobre qualquer aspecto. O homem parece uma rocha gigante e impenetrável.

— Mudanças sempre têm os dois lados, não? — respondo com outra pergunta.

Dedos habilidosos se embrenham por meus cabelos e criam um ritmo gostoso de carícia, uma massagem.

— *Eu* fui uma mudança boa ou ruim para você? — reformula a questão.

— Ainda não sei dizer...

Gael não encara como uma tentativa de piada de minha parte, apesar de ser exatamente isso. Sei pelo som que ouço, de quem sorve uma respiração, mas a mantém dentro do peito.

— Foi uma brincadeira — explico. Percebendo seu silêncio, decido me abrir um pouco. — Você me tirou da minha zona de conforto, isso é um fato — revelo resoluta. — Antes de você, eu vivia sabendo exatamente o que estava fazendo, para onde estava indo, evitando o que eu achava que precisava ser evitado... e me aventurando em coisas mais rasas...

— Não me parece ruim viver assim — um teste expressado numa admirável impassibilidade.

— Eu achava que não era mesmo, pois estava funcionando para mim. Até eu te conhecer e descobrir o que é viver de verdade. — Subo o rosto para encará-lo com honestidade. — Você é como uma tempestade silenciosa, daquelas que chegam sem alarde e de repente estão levando o teto de sua casa embora furiosamente, sabe? — Sacudo de leve a cabeça, fingindo desgosto. — Perigo gritava feito um placar luminoso bem no meio do seu rosto bonito. — Roço o dedo no queixo bem-talhado. — E o pior, o pior era o modo como me olhava. Parecia uma ave de rapina pronta para pôr as garras sobre a caça no primeiro vacilo... e eu era a caça.

— Mas não fugiu.

— Sim, tem razão. Eu podia ter te tirado do caminho com um...

— Golpe no nariz? — corta-me, fazendo graça.

— Bem, eu ia dizer com um aviso de “se afaste, idiota”, que normalmente funcionava com todos aqueles caras chatos habituados a cercar a gente dentro dessas boates. Mas não fiz. Eu curti aquela coisa que havia em você... fiquei

curiosa sobre o que eu podia encontrar por baixo da atitude de homem mau.

— E gostou do que encontrou? — Sorri de lado suavemente, convencido.

— Com cada pedaço de mim. Gostei com *cada pequeno pedaço de mim*. No dia seguinte cheguei a duvidar de que havia sido tão bom quanto eu me lembrava. Não podia ser, talvez eu estivesse apenas imaginando aquela química toda... mas você se mostrou também um perseguidor, não é?

Move as sobrancelhas como quem diz “não me envergonho”.

— Fez todo aquele teatro de me contratar, pior, me passou aquele discurso ridículo sobre o que fizemos bem em frente ao meu colega odioso.

O olhar, antes divertido, fica um pouco mais sério.

— Por que o chama assim?

Dou de ombros, amenizando.

— Você não nos viu lá? Eric e eu somos muito competitivos quando há um cliente em jogo. Nenhum de nós liga muito para cortesias se há uma boa conta envolvida.

— E alguma vez ele passou dos limites?

Bufo, desdenhosa.

— Ele não é louco. Eu arrancaria as bolas dele.

As suas feições suavizam um pouco.

— Não me sinto muito confortável com você falando em chegar perto das bolas dele — há quase uma zombaria nisso, mesmo com o tom tranquilo.

— *Touché...* nem eu gostaria de tocá-las, eca.

Rimos, os dois. E, após um momento, continuo a falar enquanto corro os dedos livremente pelo contorno de seu rosto:

— Mas fato é que você e toda essa intensidade que possui me arrastaram para fora daquela vida segura em que eu vivia, e eu gostei de como me senti. Gostei de ser desafiada... e, talvez seja errado, mas gostei de como me defendeu naquele hospital. Aquilo mexeu muito comigo, sabe?

— Me pareceu que sim — ele brinca. *Brinca!* — Você até aceitou sair do país comigo no comando de um jatinho.

Suspiro, dramática.

— Nem me fale, que loucura, arrisquei minha vida. Só falta agora você me dizer que nunca tinha guiado aquilo antes...

O infeliz não rebate, adorando o suspense. Porém, é claro que estou zoando. Gael nos levou e trouxe com completa precisão.

Uno nossos dedos, entrelaçando-os, absorvendo e transmitindo calor, enquanto observo o formato de suas mãos grandes, a força implícita nas veias despontando. Mãos grossas e macias.

— Ficar afastada de você foi uma das coisas mais difíceis para mim... — relembro, com certo arrependimento na voz. — Sair e te deixar naquela cafeteria, droga, aquilo me pôs em frangalhos...

— Não vai mais acontecer — afirma com grande convicção. — Não nos separaremos mais.

Penso em dizer que não há como sabermos o futuro, mas não quero estragar o momento. Quero que sua palavra me baste. No entanto, parecendo compreender o que penso, volta a afirmar:

— Há um filho meu em seu ventre. Você e essa criança são as coisas mais importantes da minha vida agora, Priscila. E, se esse bebê não for o suficiente para garantir que fiquemos juntos, então o amor que temos é. É a primeira vez que realmente amo uma mulher assim. Você me faz querer ser melhor, querer coisas que eu não achava mais possíveis.

“Querer coisas que não achava possíveis”, exatamente como me senti uma vida inteira.

— E agora, o que acontece? — vejo-me perguntando, sem saber ao certo o quê.

— Agora eu gostaria que se casasse comigo.



Capítulo 47

Priscila

Diante das amostras de materiais enviadas pelos designers, pego-me pensando na conversa de ontem à noite, depois daquele... pedido. Droga, eu não disse nada, eu não *pude* dizer. Na hora eu me senti tão estranha, oprimida pelas implicações que simplesmente o beijei... Não, não, eu praticamente *o calei* com aquele beijo e depois com o amor lento e forte, suave e duro, em ondas de intensidade que misturavam paixão e medo. Medo do que mudará se eu disser uma palavra, apenas uma palavra. A vida dele não está aqui, *a vingança*, sim, mas a vida, não. E quando tudo isso acabar, e vai acabar, onde nós dois nos encontraremos nesta história? Minha família, ou quem eu escolhi para ser, está aqui. A de Gael está no outro lado do mundo, longe, bem longe. E entre nós, nosso elo, um sentimento avassalador e uma criança.

Eu deveria ter me habituado. Nada nunca me foi dado fácil, por que com o cara que amo seria diferente?

Não quero ter de pensar nisso agora, temos *tempo*, tempo para que as coisas se direcionem aos seus lugares. Além de que nada foi dito, não me foi pedido que escolhesse entre ele e qualquer outra coisa, entre aqui e seu país. Foi apenas um pedido de: una-se a mim para sempre. Sempre. Quanta dura sempre? Essa felicidade que sinto ao seu lado vai durar para sempre?

Vê-lo se arrumando para o trabalho hoje de manhã me trouxe uma sensação de familiaridade, de rotina boa. Uma que eu gostaria de ter. Uma que ele quer também. Gael não disse nada, nem ontem, depois que caímos suados e exaustos, tampouco hoje, enquanto me levava para meu apartamento, onde peguei uma bolsa pequena de roupas e meu carro. A bolsa, eu lhe entreguei, como um símbolo de “toma, aqui está minha aceitação de morar com você enquanto isso durar” ... mas sei que ele queria mais, muito mais. Um “sim” que não lhe dei ontem à noite.

Completamente absorta em pensamentos, demoro a reagir ante uma batida na porta da minha sala.

— Entre — digo em voz baixa, esperando que Luana entre.

Entretanto, não é ela que vejo assim que a porta se abre timidamente. Eric, o réptil, coloca a cabeça para dentro.

— Posso entrar? — o tom cuidadoso, não vou negar, surpreende-me.

Elevo uma sobrancelha em estranhamento.

— Que opção eu tenho?

O homem caminha para dentro da sala em movimentos modestos e expressão pacífica. Confesso que esse seu comportamento é novidade para mim. Em todos esses anos, ele sempre se comportou de maneira hostil, para não dizer desagradável, tampouco bateu na porta antes de entrar sequer uma vez.

— Você tem um tempinho para conversarmos agora?

Observo-o com mais cautela, de cima a baixo, em dúvida, tentando entender qual é a sua jogada agora.

— Sobre o quê?

— Posso? — Aponta para a cadeira.

Não, esse definitivamente não é Eric. Todavia, estou curiosa demais com a nova abordagem para deixar isso passar.

— Por favor. — Sorrio agradavelmente, oferecendo o assento.

Demonstrando algo semelhante à insegurança, ele se senta. Ah, pela bendita madrugada, eu bati com a cabeça, ou esse homem está diferente hoje?!

Após observar cada pequeno objeto sobre a mesa e então as janelas, o teto, o chão, o infeliz finalmente toma coragem de me encarar.

Vamos, qual é a sua, réptil, conte de uma vez...

— Gostaria de me desculpar com você, Priscila, pelo meu comportamento, pela provocação do outro dia. — O desconforto é tão visível que chega a dar pena. — Eu mereci aquela joelhada.

Fico esperando a piada que virá na sequência. Esperando pacientemente... mas não vem. Droga, ele quer que *eu* comece a discussão, para depois ir correndo reclamar com Gabor e dizer que tentou, certeza. Meu chefe andou chamando a atenção dele. Ou é isso, ou...

Pelos diabos!

— Muito bem. Aonde você quer chegar com isso, Eric? — Desisto de esperar, sou ansiosa demais para aguardar resignadamente uma briga.

— Lugar nenhum. — Levanta as sobrancelhas, quase (*quase*) ultrajado, para então se encolher como um pecador diante do pastor que o declarará livre dos pecados. — Eu só refleti sobre a maneira como agi te falando todas aquelas coisas e percebi o quanto fui horrível com você.

Encaro-o fixamente. Para seu crédito, ele sustenta meu olhar sem vacilar. E passo a ter medo dessa mudança.

— Você está bem? — checo.

— Sim, e não me ofende que tenha desconfiança. Eu mereço.

Faço um beicinho investigativo.

— Bebeu alguma coisa hoje?

Sorri de um jeito afável.

— Além daquele café ruim na copa? Nada. Estou limpo.

Vendo que não reagi à piada, ele se inclina para frente na cadeira, como quem me lançará um olhar franco, o que quase acontece, se seus olhos não mudassem de direção no último segundo, quando eu também me ajeitei na cadeira para lhe dar toda a minha atenção.

— Desculpe mesmo, eu fui um idiota.

Batuco a caneta contra a mesa, escrutinando, apenas para vê-lo avermelhar e esperar.

— Tudo bem. — Bufo, por fim, reprimindo a exasperação ao perceber que o pedido é sério. — Está desculpado. Aproveito para pedir que me perdoe também pela joelhada... — Aponto com a mão na direção onde o acertei dias atrás.

Sua resposta é sorrir de um jeito feio, mas o que se pode fazer se essa é a sua cara e o homem está dando o seu melhor, não é?

Espero que ele se levante e saia. Entretanto, não acontece. Era só o que me faltava, foi um réptil desagradável por anos e agora quer ficar aqui para o que, pôr o papo em dia?

Aguardo.

Eric limpa a garganta.

— Bem. Agora que estamos resolvidos, eu gostaria de te pedir um favor, Priscila...

Ha, eu sabia! Estava bom demais para ser verdade.

— É mesmo? — indago, séria, segurando-me para não rir de sua inacreditável estratégia de aproximação.

Vejo-o deliberando, provavelmente sobre como abordar o assunto.

— Seja direto — aconselho.

— Tudo bem. Esta tarde tenho uma reunião no escritório de um cliente com orçamento grande — explica comendo as palavras, apressado. — Mas é uma

concorrência aberta, e o cara quer que eu apresente uma proposta da agência ainda hoje.

Aceno com a cabeça, compreendendo. Detesto clientes imediatistas, eles normalmente são os piores, acham que temos ideias prontas para todos os negócios. E, quando há concorrência aberta, é ainda pior, todas as agências da cidade digladiam para fisgar a conta. Orçamento alto, cliente imediatista e concorrência aberta juntos são o inferno de qualquer publicitário. Só acho estranho Gabor não ter me incluído nessa.

— E o que você quer que eu faça? — questiono sem rodeios, até compadecida por sua situação.

Ele se joga mais relaxado na cadeira, como quem deixa a máscara cair.

— Venha comigo à reunião e me ajude a compreender o que o cara quer. — Apanha meu grampeador e distraidamente passa a apertá-lo, liberando os grampos desnecessariamente. — É uma aposta muito alta e um prazo muito curto para entregar uma proposta. Não posso errar, Priscila. E tenho de reconhecer que você tem uma percepção melhor do que eu para entender a cabeça desses caras. — Um sorriso amarelo se estende, não chegando aos olhos.

Surpresa. Isso, sim, é uma grande surpresa, Eric me pedindo ajuda com um cliente. E, para se submeter a encenar esse pedido de desculpas ridículo, é porque realmente acredita que posso ajudá-lo. Porém, por que *eu* faria isso? O cara passou anos me boicotando, nunca me tratou de forma justa, sempre me menosprezou e ofendeu.

Miserável. Ele sabe que eu não negaria ajuda numa situação dessas, nem mesmo para ele. E sabe também que terá uma dívida comigo, o que me dará muita diversão no futuro.

— Largue meu grampeador — aviso antes de mais nada. Eric é um afanador deslavado. — Que horas é a reunião? — não me esforço para manter simpatia. Não somos simpáticos um com o outro. Nunca. Não será diferente agora.

Ciente de que cedi, os olhos do homem brilham de um jeito feio. Ignoro-o.

— Às 15h.

Suspiro, sentindo um latejar nas têmporas só de pensar em aguentar o ego de Eric numa reunião.

— Tudo bem, me informe o endereço, e eu te encontro lá.

— Podemos sair daqui juntos — oferece, amigável demais para ser o Eric que conheço.

— Não force a barra, réptil. Você só me pediu desculpas por causa dessa conta — digo sem humor. — Mande o endereço para o meu telefone, e eu te encontro lá.

Ele dá uma risada alta, achando graça da nossa trégua momentânea.



Chego por volta das 11h30 da manhã na floricultura da Alice, um pouco mais cedo do que o combinado para nosso almoço. Estaciono em frente à loja e não vejo o carro das meninas por perto, somente o de Sebastian. O leal Sebastian, com quem tenho uma dívida eterna. Ele me tirou daquela casa em meu pior momento, ciente de que eu *precisava* de ajuda. Viu o que nem mesmo Gael notou. E mais, foi atrás de descobrir a verdade, fuçar a sujeira. Agora entendo aquela sua visita em meu apartamento, as perguntas. Ele queria que *eu* lhe dissesse, mas não confiei o suficiente nele. Se não fosse por Sebastian, nunca saberiam que Jonathan não era um simples monstro doméstico de oportunidade, mas um predador desgraçado que deixava um rastro de dor por onde passava.

Queime no inferno, penso. Porém, no instante seguinte, pulverizo essa energia para longe de mim e de minha Sementinha.

Entro na loja tomada de flores de todos os tipos. Aspiro os perfumes frescos que se misturam no ar, criando um aroma único, uma identidade do lugar. Onde eu estiver, se penso no negócio de Alice, associo a esse cheiro.

Ao me aproximar do balcão, avisto Ali do lado de trás dele e percebo algo de errado nela. Seu rosto delicado parece avermelhar, abre os lábios, mas os fecha, tentando pacientemente argumentar com uma mulher volumosa do lado de cá. Noto um dedo... um dedo *impertinente* apontado para o rosto de minha amiga enquanto sua dona dispara acusações em voz alta:

— ...jogou fora! — capto o fim do que a mulher estranha grita.

— Senhora, eu sinto muito que ele tenha agido assim, mas...

O tom compreensivo de Alice não surte qualquer efeito sobre a mulher, que mal a deixa falar, apontando o maldito dedo para mais e mais perto.

— Não preciso que sinta nada, só devolva meu dinheiro agora! — Estende a outra mão aberta com a palma para cima, como se esperasse que notas caíssem ali, ao seu comando.

Paro logo atrás dela, que nem me nota, concentrada em esbravejar.

— Por favor, entenda, se ele jogou as flores fora, como está dizendo, nós

lamentamos muito, mas nossa loja fez o que foi solicitado — Sabrine, a gerente junto de Alice, intercede. — Entregamos as flores que pediu, o cartão, tudo de acordo com sua vontade.

A infeliz bate o pé forte contra o piso de madeira, parecendo uma criança birrenta.

— Vocês não fizeram direito, suas imbecis!

Quando percebo que ela se inclina sobre o balcão disposta a obter um pedaço de Alice para si, talvez o cabelo, intervenho.

— Abaixе essa mão — aviso.

Ignoro o olhar assombrado de Alice em mim e presto atenção na maneira súbita como a cliente gira num pulo, pega de surpresa, para logo em seguida redirecionar sua raiva

— Não tem ninguém aqui pedindo sua opinião, loira aguada — ameaça bem perto do meu rosto. O corpo opulento, de seios fartos, passa a me peitar.

— Pini...

— Não, não tem. Mas vi o que estava prestes a fazer e te aconselho a se acalmar e resolver seu problema como uma adulta.

— Se não o quê?

— Pini... — Alice chama de novo.

O hálito da mulher toca meu rosto.

— Se não se acalmar, ou se tentar tocar novamente em um só fio de cabelo da minha amiga, eu a colocarei para fora daqui.

— Sua amiga é uma picareta! — Aponta o dedo odioso para mim, quase, *quase* tocando meu rosto. — Se não devolverem meu dinheiro, sou eu é que vou...

— Tire esse dedo daí — advirto.

No entanto, no piscar de olhos seguinte, tudo acontece. A maluca arma as duas mãos em garras para agarrar meu cabelo, Alice grita meu nome, e eu... antes que eu perceba, estou levando a base de minha mão rígida contra o nariz dela, de baixo para cima. A mulher cambaleia e cai sentada estrondosamente. Os seios enormes sobem e descem.

Droga!

— Puta merda...

— Você quebrou meu nariz! — ela grita mais chorosa e mais irritada.

Fico petrificada, sem saber se a ajudo ou me preparo para lutar mais,

quando ela empurra as mãos de cada lado do seu corpo contra o chão para se impulsionar, levantar, mas desiste.

— *Quebrou* meu nariz, cadela! — repete agora segurando o rosto.

Culpa. Culpa muito, muito forte me pega de jeito quando me dou conta de seu estado não físico, mas emocional. Ela passa a chorar como uma garotinha, os ombros largos se sacodem. O pranto copioso nem mesmo parece ser pelo nariz.

Ajoelho-me diante dela.

— Droga, moça. Me desculpe... você mal me escutou, veio logo com essas unhas para me atacar.

— Eu só vim pedir o meu dinheiro! — Chora escandalosamente. — Se essas picaretas me devolvessem de uma vez, eu teria ido!

Sabrine e Alice, que por um momento pareciam estátuas ali, finalmente contornam o balcão, ambas pálidas.

— Preciso de papel toalha — peço baixo a qualquer uma delas, mas é Sabine que se afasta para buscar, correndo.

Após observá-la com cuidado, Alice se ajoelha diante de nós e toca no joelho dela. Talvez minha amiga tenha notado que a estranha mal está ligando para o nariz.

— Eu sinto muito... — começa do jeito doce que lembra o de uma mãe amorosa. Apanha a caixa de lenços de Sabine e retira um punhado, entregando-o a ela. — Aqui — oferece.

A mulher pega os lenços e limpa o nariz sem delicadeza, fungando, reclamando. Posso então ver que não há sangue, apenas as secreções do nariz, na verdade.

— Eu só quero o meu dinheiro de volta! — ela berra de uma maneira infantil. — Ele não quer voltar comigo, então não vou mais gastar um centavo com ele!

Olho para Alice ali, nervosa, olhos repletos de piedade, e então respiro fundo; não sei se sinto pena ou raiva.

— Quanto é a droga desse dinheiro?

— Trinta! — a maluca, dona de enormes unhas cor-de-rosa, vestindo um micro short que mal lhe cabe, grita, parecendo uma menininha injustiçada.

Sacudo a cabeça, enquanto Alice e Sabine se comunicam entre si.

— Ele não te merece, você tem razão em não querer gastar. — *Ninguém te merece*, penso, enquanto tento chegar ao meu bom senso. — Mas, ouça, você não pode descontar nas pessoas a raiva que o infeliz te faz passar, mulher. Olhe em

volta, estão todos trabalhando aqui, lutando.

— Toma, pegue o dinheiro de volta — Sabrine estende as notas.

A mulher agarra o dinheiro nas mãos como um troféu, sem nenhuma vergonha. Um troféu contra um homem que a deixou. Ganhar a batalha renova suas energias para se levantar do chão, limpar a bunda e guardar as notas no bolso detrás do short jeans. E então, feito um galo de rinha, sem uma despedida, sai pisando duro, orgulhosa de si mesma. No caminho para a porta, ela passa por Katy, Júlia e Gabi.

Minhas irmãs entram sorrindo, mas seus sorrisos logo se transformam em uma sinfonia silenciosa de “oh” quando nos enxergam.

— Que raios aconteceu com seu rosto, Pini? — Katy pergunta séria.

Alice e Sabrine me olham e se juntam aos “oh”.

— O quê? — indago.

No banheiro, posso ver o arranhão em carne viva que aquela miserável fez do centro de minha testa até a raiz dos cabelos.

Alguns minutos depois, já no restaurante, tenho de aguentar suas piadinhas sobre o acontecimento.

— Os trinta mais caros que eu já vi! — Bufo, querendo não rir da confusão estúpida.

Gabi lança seu braço por cima do meu ombro, trazendo-me para perto.

— Meu chefe é um cretino peçonhento, você bem poderia dar um jeito nele, o que acha? — E ri, a infeliz que mais parece uma divindade da beleza ri sem vergonha.

— Acho que tenho dó dele, garota. Você é um risco para o pobre homem.

— Gabi o comparou a Miranda Priestly outro dia. — Katy enfia uma batata na boca, distraidamente, referindo-se à megera do filme *O Diabo veste Prada*.

— Bem, nesse caso, eu não seria louca de mexer com ele... — Encolho os ombros como quem diz “sinto muito, amiga”.

Júlia faz um estalinho com a língua, reprovando.

— Você não deveria ficar se metendo em confusão, quando nossa Sementinha está aí dentro.

Ninguém mais ri. Sei que ela está certa, foi uma estupidez sem tamanho... mas como ficar parada se a mulher estava prestes a agredir Alice, justamente a Ali, que é a pessoa mais gentil que conheço?

— Na hora eu nem pensei muito — é minha forma de pedir desculpas.

Depois de tudo, o almoço finalmente acaba, com essas mulheres me pegando pelo pé.



No horário marcado com o réptil interesseiro, encontro-o no saguão de um prédio baixo numa região não tão boa da cidade. Como um cliente com bom orçamento se fixa num prédio velho desse? “Ricos são ricos porque sabem gastar”, lembro-me de uma frase de autoajuda financeira lida em algum lugar, que pode explicar a escolha de endereço comercial desse cliente.

O carro de Sebastian estaciona ao lado, na rua, em frente ao lugar, mas ele não desce.

Esperando o elevador, tento perguntar a Eric um pouco mais sobre esse cliente. No entanto, o homem parece saber menos do que nada. Como ele vem a uma reunião assim, sem saber o básico?

No elevador, observo Eric transpirando além do normal, talvez pensando em todas as estratégias para fisgar essa conta, afinal, será a comissão rentável que lhe garantirá a manutenção da vidinha de garotão tresloucado que vem vivendo, apesar de já passar dos quarenta.

Bem, se ele conseguir não pifar antes de entrarmos na reunião, já será um grande começo, a contar por sua pele esverdeada.

— Não vá desmaiar em frente a seu cliente milionário, réptil — alfineto, tentando fazê-lo reagir, recompor-se com a provocação.

Ele mal se move. Sem comentários ácidos, respostas ofensivas ou deboche, nada. Caramba, a coisa deve estar mesmo feia. Fito-o com mais atenção, constatando o tremor, palidez, transpiração excessiva. O conjunto demonstra um aspecto doentio.

— Eric, você está bem? — inquiri séria, começando a me preocupar.

— Estou — é só o que responde, de maneira um tanto seca.

— Se comeu alguma coisa que não te fez bem no almoço, avise, não fique segurando para bancar o forte. Posso entrar lá sem você, se quiser... — Como não tenho hábito de manter a paz por tempo o bastante com esse homem, cutuco-o de novo, desta vez observando o painel que mostra os andares. — Me deixar sozinha não mudará minha opinião sobre você, réptil, além de que já se humilhou me pedindo ajuda, de qualquer modo. Este dia ficará eternizado.

Espero uma reação. Qualquer reação. Nada. Tudo bem, se é assim, ele não

pode dizer que não tentei ajudar. Dou de ombros.

O elevador chega a um corredor estreito, cheio de portas fechadas, em sua maioria em mau estado. O amarelo mostarda nas paredes, descascando em algumas partes, oprime a luz tremulante de dois focos, um deles piscando, parecendo prestes a apagar de vez. Entretanto, é o cheiro de mofo e infiltração que se sobressai, e, quando ele entra em meu organismo, sinto-me enjoar. No entanto, mal tenho tempo de estar aqui o bastante para absorver o aspecto sombrio do lugar, pois, a menos de dois metros, está a nossa porta. Com duas batidas, ela se abre, e Eric entra, comigo a um passo atrás dele, prestes a entrar também.

O que acontece em seguida é muito confuso. De um segundo para outro, um estranho calafrio – *estranho e avassalador* – percorre todo o meu corpo, como uma energia cortante que ricocheteia a pele por dentro e por fora, tão forte que atordoa... mas não consegue me impedir de dar o passo final para dentro.

Um movimento de braço, afastando-me para o lado, um clique, e meu colega fecha a porta, trancando-nos.

Inferno!

— Então essa é a puta do russo — a voz debochada vem do lado oposto.

Tiro meu olhar da porta, assustada, e sigo a direção do som. Não preciso de mais nada para compreender minha situação... para reconhecer o homem nesta sala. Uma versão mais velha e mais ruiva de Jonathan, em pé atrás de uma mesa, sorri com um brilho perverso de satisfação.

— Deus, o que você fez, Eric?



Capítulo 48

Priscila

— O dinheiro acaba de ser transferido para sua conta — Tony, o irmão de Jonathan, comunica a Eric enquanto se aproxima de onde estamos a passos rastejantes, feito uma cobra. Prazer e rancor disparam dele a cada passo.

Tiro os olhos do homem brevemente para encarar meu colega, o réptil traidor que transpira parecendo prestes a entrar em colapso, mas não retribui meu olhar. Eu poderia dizer que ele está tão amedrontado quanto eu, porém, seria uma mentira. Estou apavorada, meu coração dispara louco dentro do peito, arrancando a adrenalina de onde quer que ela repouse dentro de mim.

— O que você vai fazer com ela?

— Isso não é da sua conta.

Conforme ele chega mais e mais perto, vou pensando desesperadamente numa maneira de me defender. Na mão do cara há um pano alaranjado contendo forte cheiro de algum produto químico, que, pelo jeito, tenciona usar contra mim.

Não, não, não!

— Espere trinta minutos e vá embora — o sujeito ordena a Eric.

— Não me toque... — Separo ligeiramente as pernas, calculando como me defender do que quer que ele tenha intenção de fazer. Acho que nunca tremi tanto.

Ele avança mais, rindo como quem vê um filhotinho de gato coberto de piche.

Dou um passo atrás para me afastar e percebo que não há saída quando esbarro na parede às minhas costas.

— Não me toque! — desta vez grito, um som horrível, entre luta e desespero.

Cara a cara comigo, percebo a diferença opressora entre nossos tamanhos. Tony é o cara mais alto que eu já vi pessoalmente, grande, ombros largos, braços e pernas compridos, pelo menos trinta centímetros a mais do que eu, ou um

pouco além. Calculo que pese cerca de 130kg e sei que minhas chances de derrubar um cara assim são muito próximas de zero.

— Eric, por favor... — sibilo num último pedido angustiado.

Eric não se move além de um passo para o lado, saindo completamente do caminho. Sem pensar, subo o joelho para golpear o meio das pernas do cara, mas o pavor me faz calcular errado, atingindo-o na parte interna da coxa. Ele ri, mal sentindo a pancada. Levanto a mão para então ferir seu nariz. A insuficiência de espaço me faz fracassar para logo em seguida ter meu pulso esmagado contra a parede.

Tudo o que consigo, imobilizada, é lutar e me debater contra aquele pano centímetro a centímetro sendo trazido ao meu rosto. O cara é grande demais, e estou muito apavorada, dois fatores ruins para uma defesa.

Debato-me o quanto posso, inutilmente. O cheiro no pano é insuportável, queima as narinas. Agarro seus braços, fincando as unhas contra a pele e... sinto a força se esvaír aos poucos, quando meus sentidos vão se perdendo, a vista, embaçando, e o odor químico, dissipando a consciência.

Apago, mergulhando na escuridão, tendo um único pensamento: o filho dentro de mim, fruto do amor absurdo que sinto por aquele homem.



Um sacolejo incômodo e contínuo debaixo do meu corpo; zunido entre os sons distantes; enjoo profundo; cada ínfima sensação vai me colocando minimamente desperta, apesar de mal poder me mover. Encolhida, *espremida*, melhor dizendo, tento esticar o corpo, mas meus pés encontram uma barreira sólida.

Abrindo os olhos lentamente, só há escuridão. Demora para que minha mente consiga elaborar qualquer raciocínio decente que justifique meu corpo em posição fetal, encurralada por paredes, em meio à escuridão.

A percepção é aterrorizante. É um porta-malas! Deus do Céu, estou presa em um porta-malas de um carro em movimento.

Começo a me debater e chutar o lugar, fraca, tentando abri-lo inutilmente, enquanto sou lançada de um lado para o outro conforme o veículo faz curvas e acelera. Inspiro e expiro profundamente, num exercício para não entrar em pânico... até que o carro para. Passa-se alguns minutos no mais absoluto silêncio, os piores, onde forço-me a tentar obter qualquer pista, qualquer coisa que me dê

uma direção, enquanto ainda tenho de lidar com o pânico e a expectativa. E então a porta do bagageiro é aberta.

O céu estrelado é a primeira coisa que noto para então ser surpreendida pelo rosto sinistro de Tony, que parece ter obtido algum tipo de alegria infantil e distorcida ao me dar segundos de um bom vislumbre da noite.

— Chegamos, querida. — Tudo nele é sujo, denota prazer e perversão.

Sou arrastada para fora do carro quando ele me arranca pelos braços. Freneticamente vou olhando em volta, tentando reconhecer o lugar, encontrar um meio de sair daqui. Estamos num tipo enorme de estacionamento. Ao longe, há contêineres empilhados. Não há qualquer sinal de vida em volta, o lugar parece abandonado, a não ser por alguns postes de iluminação acesos. A consciência de que minhas chances são nulas quase me faz vomitar.

— Não se debata — ronrona enquanto me arrasta cambaleante com destino a um contêiner separado dos demais, adaptado com janela e porta, possivelmente um escritório ou quarto. — Será pior para você.

Grosseiramente ele abre a porta e me lança para dentro. Posso, então, confirmar que se trata de um escritório, quando um foco de luz é aceso. Fico livre de seus braços por tempo suficiente para dois passos, e então Tony me força sobre uma cadeira velha. *Uma cadeira*, o pesadelo se repetindo.

— Me solta! Me solta!

— Cale a boca, prostituta dos porcos! — Empurra meus pulsos para trás.

Sacudo o corpo, dificultando para ele enquanto grito para que tire as mãos de mim. Numa tentativa desesperada, afundo o salto em seu pé com toda a força. Mesmo sobre o tênis, o desgraçado sente e urra e, por reflexo ou prazer, desfere uma bofetada pesada, que pega parte do meu ouvido e bochecha. Um zunido agudo semelhante a um sino de igreja ecoa de todos os lados, atordoante, junto da risada dele.

A risada carregada de escárnio. É ela que me faz compreender que é assim que ele se satisfaz. Seu deleite vem de causar dor, subjugar. Minha resistência o alimenta.

E, num instante de razão, paro de resistir, movida por um instinto muito, muito poderoso, primitivo. *Instinto materno.* Um vertiginoso, que grita “proteja seu filho, proteja seu filho!”. É só em que consigo pensar.

Quando paro de lutar, ele recua pouco mais de um metro, desistindo momentaneamente de amarrar meus pulsos. O espaço entre nós é utilizado para me analisar com mais calma, limpando a boca com o dorso da mão, quase como se mal pudesse acreditar na sorte que teve. Sinistro. Através da visão periférica,

confiro em volta, sem nunca o perder de foco, esperando seu próximo movimento. Além da porta e da pequena janela, não há qualquer outra saída.

— Sam me falou sobre você. Ele me contou tudo o que vocês fizeram, aquele garoto esperto.

Fico quieta. Meu cérebro está trabalhando fortemente. Um bom ponto é que eu não o vi trancando a porta. Busco com os olhos algum objeto que eu possa usar como arma, sem nunca baixar a guarda.

— Acho que você não se lembra de mim, mas eu me lembro de você. Foi eu que a escolhi para ele — conta orgulhoso. — A mais gostosinha de todas, filha da puta bêbada, sem pai ou irmãos. Perfeita para aperfeiçoar meu menino.

Náusea vem à minha boca, e me obrigo a engolir, treinando meus pensamentos para não ceder aos sintomas do pânico.

Minha Sementinha. Tudo por ela.

— Fui eu também a escolher o dia. Afastei nossos velhos para a porra de um retiro qualquer, deixando a casa somente para vocês — em suas palavras não há qualquer respeito por seus pais, aliás, elas soam como se o desgraçado tivesse algum domínio sobre eles. — Eu até fiquei tentado a participar da festinha, mas achei melhor dar alguma privacidade ao garoto, você entende, sem pressão. — Ri, deliciado.

Mordo aquele ponto já machucado da parte interna da bochecha até sentir o sangue. O desejo de gritar o meu nojo por ele e seu maldito irmão é torrencial. Malditos doentes!

Tentado a obter uma reação, ele volta a se aproximar; pega uma mexa do meu cabelo e a desliza entre os dedos, da raiz à ponta. Outra golfada de enjoo me amarga a boca.

— Você gostou? — amacia a voz. — Ouvi dizer que vocês aproveitaram bastante.

— Eu tenho nojo de vocês — cuspo, sem conseguir evitar.

Ele estala a língua, num som provocador.

— Bem, se você achou aquilo nojento, acho que não vai gostar muito do que tenho em mente, querida.

Corre os nós dos dedos por meu rosto do queixo à raiz dos cabelos.

— Jonathan me contou que você é a puta do russo agora. Ele estava morrendo de medo de você dar com a língua nos dentes. — Os olhos diabólicos perseguem os meus. — Mas, em vez de resolver o problema ele mesmo, como *eu* teria feito, o idiota resolveu contratar dois burros incompetentes.

E, de repente, o humor se perde, ódio puro e alucinado salpica manchas feias em seus olhos vidrados. Os dedos infiltram-se em meu cabelo, apanhando um chumaço com brutalidade, violentamente, puxando minha cabeça para cima.

— Aqueles filhos da puta o mataram, você sabia? Mandaram pedaços de meu irmão para todos os lugares, querendo me transmitir um recado. Esses desgraçados vieram para cá, metendo o nariz nos negócios, assustando meus aliados, tirando minha credibilidade. *Meus sócios!* Meus sócios tentaram se livrar de mim porque estavam morrendo de medo desses estrangeiros imbecis. — Sacode a cabeça, sem nunca me soltar. — Eu deveria ter agido antes, mas Jonathan me convenceu a se infiltrar entre eles e despistar, disse que, se girassem como baratas tontas e não encontrassem nada, logo iriam embora. Mas eles não foram! Não foram e continuaram atrapalhando!

O cara, rosto a rosto comigo, é um psicopata, a raiva fluindo se funde com triunfo, escárnio, tristeza. Eu nem mesmo posso dizer o que prevalece.

— Eles tomaram algo importante. Estou tomando de volta.

Engulo em seco, ciente de que sou eu e apenas eu a maneira que ele encontrou para revidar. Ele se abaixa e aspira meu cheiro como quem saboreia um bom prato.

— Eu deveria matar você também, não acha? — sussurra pertinho do meu ouvido. — Sua morte seria uma boa troca... — Dedos pegajosos circundam meu pescoço, exibindo como poderia facilmente me partir. — Mas não. — Lambe minha orelha, rosto, cabelos. — Você é valiosa demais e pode me render uma boa grana.

Golfo e acabo me engasgando com meu próprio vômito. Sou tomada por um ataque de tosse violento, arrancando lágrimas dos olhos.

— Shiii... não fique tão ansiosa — provoca. — Nós vamos nos divertir primeiro. Você será minha puta a noite toda, até eu ficar bem satisfeito. — A maldita mão livre vagarosamente se arrasta para o alto da minha camisa, mergulhando dentro dela. Outra golfada violenta me vem à boca. — Depois vamos tirar algumas fotos, e vou ganhar uma grana alta com você. — Ri, tenebroso, tateando o caminho para meu seio dentro do sutiã.

Num ato impensado, quando o sinto contra a minha pele, finco as unhas em seu rosto, rasgando-o de cima a baixo enquanto tento me levantar da cadeira. Gritando, ele arranca a mão do meu seio, sem nunca soltar meu cabelo, leva-a para cima... Fecho os olhos para receber o impacto, que chega ensurdecedor. Tony é estupidamente forte, grande demais. Tudo passa a girar.

Ele agarra meu queixo.

— Deixa eu te contar um segredinho, vadia. Tenho um cliente do outro lado do oceano que vai adorar uma belezinha rebelde como você. O cara leva uma carga todos os meses, todas assim, ariscas, e, acredite: nos joguinhos que ele gosta, nenhuma delas chega ao final, não importa o quanto tentem. Esse é o meu presente para aquele russo fodido, mandar a mulher dele para o pior lugar em que alguém desejaria estar.

Ele não está blefando, posso ver em seus olhos vazios que cada palavra em sua boca é verdade. Ele me mandará para algum monstro doente, talvez pior do que ele e seu irmão.

— Por favor, por favor, me deixe ir, eu não tenho nada a ver com a guerra entre vocês, Tony — tento apelar para qualquer humanidade que possa haver nele, mesmo sabendo de antemão que é inútil. — Por favor, seu irmão já me fez mal o bastante...

— Não, não — nega com diversão, por entre as marcas vincadas que deixei em seu rosto. — Jonathan não fez com você nada nem perto do que eu faria.

E, para provar, subitamente ele me arranca da cadeira como se eu não pesasse nada e me joga com força em cima de um sofá. Caio inerte, tremendo, momentaneamente paralisada, tendo a mais maldita certeza de que aquilo vai acontecer de novo. Nem todo o treinamento de defesa pessoal que tive na última década, nem qualquer força física que eu pense ter me poupará disso. Esse cara vai me estuprar. Uma lágrima escorre no meu rosto.

O miserável começa a desafivelar seu cinto e abrir o zíper da calça.

— Seja boazinha comigo — ronrona. — Mas, se você quiser duro, eu gosto também.

Suas calças descem à altura das coxas, e ele vem ereto, esfomeado como um animal.

Não posso deixar, não posso! Há algo de precioso dentro de mim que não pode ser contaminado por ele. E, com este espírito, tirando energia de algum lugar profundo não sei bem como, no próximo segundo tenho suas bolas sendo esmagadas em minhas mãos. Aperto-as mais e mais forte, vendo-o urrar de dor e cair de joelhos.

Aproveito para acertar minha mão rígida em sua traqueia, com toda a força, direto sobre o pomo de adão. O corpo desaba em curva. A instrução do professor vem com clareza: “seu agressor ficará sem ar por tempo o bastante para que fuja”.

E eu o faço. Abandono os sapatos e corro para fora, agradecendo por ele ser um miserável convencido que não trancou a porta. A toda velocidade, ordeno

que minhas pernas se mantenham em movimento, mas não sei bem em que direção ir. Há nada por todos os lados, apenas a noite escura e alguns postes de luz acesos.

Corro, corro para longe, atravesso um gramado descalça, e nada parece levar a lugar algum... até que sou agarrada pelos cabelos e trazida para trás numa brutalidade descomunal.

— Puta dos infernos! Você vai pagar por isso! — grita Tony, elevando-me do chão pelos cabelos.

Grito também, de dor, uma que corta minha cabeça de fora a fora. É como se todos os fios estivessem sendo arrancados de uma só vez. Minha salvação vem da música em seu celular, que o faz me colocar de volta no chão.

— O que é?! — rosna ao atender e escuta imóvel por alguns segundos. — Eu não falo com porcos!

No entanto, enquanto continua escutando, vai me arrastando para o lado oposto do escritório, em direção aos contêineres. Suas calças parcialmente de volta ao lugar, presas de qualquer jeito, revelam a ereção ainda ali, demonstrando que minha fuga foi, para ele, um jogo divertido. Grito por socorro, para quem quer que esteja ao telefone, ou aqui, ou qualquer ajuda que eu possa ter. De súbito, Tony me pega pelo pescoço e termina o caminho me levando pela garganta, sem nunca deixar o telefone.

— Você me espera aqui. O que é seu, te darei no meu tempo — avisa, abrindo a tranca e me jogando para dentro de um contêiner absurdamente escuro. Sou trancada no lugar com um baque forte.

Meus temores só pioram quando ouço o que parece ser resmungos abafados pela escuridão. Não estou sozinha.

— Tem alguém aqui? — chio baixinho, apavorada.

Os choramingos aumentam. E sei que são sons de desespero. Apesar do pavor, vou, então, tateando no escuro, tentando encontrar. Caminho alguns passos e trombo com o joelho em algo, alguém. Movo os braços no ar, mas não há nada. Abaixo-me e sinto cabelos sob meus dedos. Cabelos longos. E o ombro de uma mulher, que se agita ainda mais, resmungando mais e mais alto, sentada no chão.

— Eu vou te ajudar — aviso cegamente, subindo as mãos em direção à sua cabeça, rosto, nariz... e encontro a boca sob um tecido. Amordaçada, tal qual Jonathan já fez comigo. “O cara leva uma carga todos os meses”... as palavras de Tony vêm com clareza. Há mulheres aqui que serão enviadas ao tal monstro imundo que gosta de jogos.

Tateio a extensão da mordaca, encontrando o nó cego na nuca. É impossível desatá-lo.

— Não dá para desatar o nó — sussurro bem perto. — Eu terei de puxar — um aviso de que doerá.

— Aham, aham, aham! — Respira de forma mais agitada.

Deslizo os dedos entre sua pele e o tecido e vou puxando, forçando para baixo. Quando a mordaca cai, ela geme alto, chora, grita histérica.

— Shiii, não, não. Fique quieta! — Tapo sua boca com a mão. — Ele vai nos ouvir! Ele vai ouvir e vir aqui!

Quando ela se encolhe sob a perspectiva, eu a solto devagar.

— Meu Deus, o-obrigada, obrigada! — sussurra em agonia.

— Há quantas mulheres aqui?

— Cinco, eu acho — responde chorosa. — Esse cara é maluco. Ele vai matar a gente!

Não, ele irá vendê-las para alguém pior do que ele, penso, mas não conto, enquanto corro as mãos por seus braços, até as amarras atrás das costas. Os pulsos estão envolvidos pelo que parece ser um tipo de fita.

— Vou tentar te desamarrar, mas acho que não vai dar tempo de ajudar a todas, ele vai voltar logo, então me escute — concentro-me em transmitir segurança, acima de meu próprio medo. — Se ele vier e me tirar daqui, precisa soltar as outras. Você entendeu?

Seu chorinho baixo assustado exprime que sim.

Arrasto-me para trás dela, levanto seus braços unidos nas costas ao mesmo tempo em que inclino a boca até seus pulsos. Vou tentando rasgar a fita com os dentes, porém, há camadas e mais camadas, leva tempo, estou nervosa demais. Tudo parece ser contra.

Demora, mas a fita é rompida.

— Agora me ajude a desamarrar seus pés — peço, e nós duas nos abaixamos, no mais pleno breu, tentando rasgar o adesivo.

Um barulho no trinco lá fora nos paralisa.

— Ele está voltando — murmuro, querendo não parecer apavorada. — Fique rente à parede, abaixe a cabeça e coloque as mãos nas costas, está muito escuro, ele não vai te ver.

— Não me deixe aqui, por favor, por favor!

— Desamarre essas mulheres e, na primeira oportunidade, apenas corra, ok? E-eu não sei como será, mas teremos mais chance se ninguém estiver

amarrada — e estou sendo absolutamente honesta.

E trato de me afastar, retornar na direção do som da tranca lá fora.

Com a porta aberta e eu tão perto dela, Tony não vê a garota quando me agarra para fora pelos cabelos. De volta ao seu escritório, sou pega desprevenida por um soco de punho fechado diretamente na boca. E então sou empurrada pelo pescoço contra a parede. Sangue quente escorre pelos meus lábios, enquanto a passagem de oxigênio vai sendo limitada conforme ele me aperta. Penso que desmaiarei, mas Tony solta... para rasgar minha camiseta num puxão que não denota nenhum esforço físico a alguém tão grande. Botões saltam pelo chão.

— Eu iria tirar essas malditas fotos depois, prostituta de porcos, mas, no estado que eu pretendo te deixar pela manhã, meu cliente não te compraria nem para limpar um canil.

Feito um animal, ele me tira da parede para me girar de costas para si e voltar a me empurrar contra ela. Meu sutiã é aberto, então a calça de alfaiataria, rasgada. Não há saída... ele é grande demais, forte demais. Sua respiração lembra a de um cão ofegante, excitado. Isso é um jogo para ele.

A ideia de que serei estuprada outra vez vem devastadora, seguida por uma vertigem agressiva. Chego a acreditar que um desmaio seja o modo de meu organismo lidar com isso.

— Vire! — late.

Resista, Priscila, você não está sozinha.

Faço o que pede, fico de frente para ele. Seios nus, calça em retalhos no chão, apenas a calcinha permanece em meu corpo. Não quero chorar, não quero. Ele não merece esse triunfo... mas, por meu filho, por não poder protegê-lo, não consigo evitar as lágrimas de irromperem, pois algo dentro de mim pressente que este é o fim. Esse homem é ainda pior do que o irmão. Posso morrer tentando me defender do que ele tentará fazer esta noite e levar minha Sementinha comigo ou aceitar o que está por vir, para logo depois desaparecer do mapa como todas aquelas mulheres, vendidas a algum homem cruel.

Um filme começa a rodar na minha mente. O sorriso de Gael quando descobriu sobre a gravidez, mais feliz do que jamais o vi. Aquele pedido de casamento. Os traços abstratos de minha Sementinha na tela do ultrassom. O almoço de algumas horas atrás com Júlia, Alice, Kate e Gabi e de como me senti bem... todas as pessoas que amo e que possivelmente nunca mais verei.

As lágrimas já não são mais controladas. Eu choro pelo meu filho, por cada uma das pessoas que tanto amo e por saber que, desta vez, não há maneira de me reerguer.

— Olhe pra mim, vadia!

Fecho os olhos enquanto flashes disparam do eletrônico.

— Olhe. Pra. Porra. Da. Câmera! — Empurra minha testa para trás. — Acredite, me deixar mais irritado não é uma boa ideia. — Clica, e um flash dispara. — Depois que eu acabar com você, vou ter prazer em tirar mais fotos e mandar para aquele estrangeiro filho da...

Para de falar ou de se mover para prestar atenção a um som lá fora, mais e mais perto, barulhento como hélices de um... helicóptero.

— Merda! — xinga e se afasta correndo pelo contêiner, vai até o outro lado, abre uma gaveta e retira uma arma de dentro dela. Abastece-a com um pente de balas, sempre monitorando a entrada, e a empunha. Quando se movimenta para vir até mim, um estrondo rompe a porta e o faz ficar no lugar, braço esticado, pronto para atirar.

Num segundo, lágrimas embaçam meus olhos, no próximo, giro o rosto e estou olhando para ele ali, em pé diante da porta, uma arma em punho: Gael, desfigurado pela fúria ao lançar um olhar em mim e conferir meu estado. Nunca vou me esquecer desta imagem, a associação que fiz dele com um anjo hoje é ilustrada, quase posso ver suas asas negras estendidas, letais.

Gael diz algo no seu idioma, tão denso e profundo que sei ser uma declaração de morte.

E tudo acontece muito rápido. Dois disparos são dados quase simultaneamente. Tony cai, mas Gael não se detém, vai até ele, ajoelha-se sobre o corpo agonizando e passa a disferir soco atrás de soco, pancadas ensanguentadas, barulhentas, cheias de fúria. A intenção, na brutalidade, é clara: Gael quer tirar a vida do desgraçado com as próprias mãos. Ele não permitirá que a bala mate o animal sádico, não, a ira em seus punhos é a do pai daquelas duas crianças, do irmão de Lara, do meu amante. É pessoal demais para ser limpo.

E, quando Tony emite o último som apavorante antes de encarar os braços da morte, os olhos do meu anjo vingador finalmente voltam a encarar os meus.

Não, não, não, não, não!

— Gael...

Os olhos azuis-turquesa sempre cheios de brilho, profundos, intensos, que facilmente substituem as palavras, agora estão vazios, perdendo gradativamente o brilho e entrando em um modo vidrado... Em seu abdômen, na camisa, o sangue floresce em torno de um buraco, espalhando-se e modificando a cor do tecido do branco imaculado para o vermelho vivo do mau presságio. Ele também

foi ferido. Ambos se feriram mutuamente com os disparos, mas a vingança correndo nas veias de Gael não o derrubaria enquanto não acertasse suas contas com as próprias mãos.

Enxergo a vida abandonando seu corpo. Meu gringo está indo embora. O único homem que eu já amei está partindo diante dos meus olhos.

Caio de joelhos a sua frente, sentindo a pior dor que meu corpo já recebeu. Nada, absolutamente nada se compara a isso. Gael está morrendo!

— GAEL! — grito com toda a minha força, com toda a minha alma... mas não me ouço ou sinto.

Não sinto porque acho que estou morrendo junto dele.



Capítulo 49

Sebastian

— Na hora certa, eu estarei lá. — Elliot bate no meu ombro segundos antes de o helicóptero chegar ao local rastreado. Ele se refere à ligação que tive de fazer para conseguir aquele número de telefone. Prometi coisas a determinadas pessoas que farão questão de cobrar e sinto que será muito em breve. Contudo, foi necessário. Bastava que Gael mantivesse o desgraçado na linha por três minutos, e teríamos sua localização. Não importa quanto o miserável tivesse pedido, meu cunhado teria aceitado pagar o resgate... se fôssemos trouxas o suficiente para acreditar que Tony devolveria Priscila com vida.

O pedaço de merda nunca faria isso, mandamos partes de seu irmão por toda a cidade, atraindo o maldito coelho para fora da toca. Estávamos esperando seu ataque, só não pensei que seria debaixo do meu nariz. Nunca vou me perdoar se algo acontecer à mulher do cara. Gael não disse em palavras, mas fracassei ao não cuidar dela como deveria.

Antes mesmo de o helicóptero tocar o chão, Gael, Ed, Bola, Elliot e eu saltamos para fora. Um sinal, e cada um vai para um lado no velho depósito de contêineres. Vou me esgueirando por trás das caixas de aço, uma a uma, até que ouço gemidinhos, conversas ali dentro. Com a arma em punho, abro a porta e... porra, deparo-me com gritos femininos histéricos, amedrontados.

— *Nahui!* — xingo baixo. — Calem a boca, estou aqui para ajudar!

As mulheres não se movem, e eu nem tenho tempo para isso agora, pois dois disparos distantes, quase juntos, cortam o barulho do vento.

— Saiam e se escondam — ordeno enquanto vou rastreando o sentido dos tiros no silêncio vazio, mas não demora e sinto o chão tremer sob meus pés.

Meu corpo inteiro reverbera ante o som agudo. Um grito de dor... o nome de Gael.

Disparo o mais depressa que consigo, orientando-me através da noite para o som. Ao longe, um contêiner com janela e luz lá dentro indica de onde ele veio. Quando finalmente estou diante da porta aberta, mal consigo compreender a situação. Dois corpos caídos, uma mulher nua sobre um deles e o inferno em

sangue.

— Fique comigo, Gael, fique comigo, fique comigo! — Priscila grita dolorosamente, ajoelhada, com as mãos manchadas do líquido vermelho, pressionando o abdômen do homem.

Maldição, não!

Por uma fração de segundos, a porra da minha mente não faz outra coisa que não gritar “ele está morto! Não há o que fazer!”. O cara que considero como um grande irmão, a quem eu confiaria minha vida, está caído em uma poça de seu próprio sangue, a pele sem nenhuma cor. Inferno! Já presenciei muitos caras em seus últimos minutos de vida para reconhecer um quando o vejo.

— Não! — espanto-me com meu próprio grunhido rouco, um que se recusa a aceitar isso assim, tão fácil.

Os olhos inundados e enormes da menina sobem para mim.

— Por favor, ajude ele, Sebastian! Ele não pode morrer, por favor! Por favor! Salve ele! — o tom, uma agonia desesperada, corta meu peito como uma faca forjada na brasa.

Sem pensar, caminho para dentro do local enquanto arranco minha camisa.

— Vista. — Não a olho para saber se pegou a peça no ar. Preocupo-me apenas em rastrear rapidamente o local atrás de algo que ajude antes de me concentrar no corpo inerte do cara.

Pego uma toalha sobre o sofá e me ajoelho diante do corpo desfalecido. Dói *pra* caralho vê-lo beijando a dama da morte, mas não me permito sucumbir. Rasgo a camisa inutilizada, querendo entender qual é a dimensão real do ferimento. Um disparo no abdômen, muito próximo ao peito. Puxo o telefone do bolso com uma das mãos enquanto a outra pressiona o pano, tentando estancar o sangue.

A discagem rápida cai diretamente no telefone de Elliot.

— O Gael foi ferido. Venha agora.

Deixo o aparelho cair e me concentro no que tenho a minha frente, ciente de que ele nos localizará. Toco a carótida atrás de um sinal, uma pulsação que indique sinal de vida, a cada segundo mais inexistente. Ela pulsa, fraca.

— Agente firme, cara, nós vamos te tirar dessa — falo enquanto pressiono mais o buraco jorrando impiedosamente. Tinha que ser assim, a morte não teria um trabalho fácil, não com esse cara.

Perto dele há o corpo de quem presumo ser o maldito Tony, arrebatado, sangue no peito provocado por um disparo, mas seu rosto completamente

destruído, presumo que pelos punhos de Gael.

— Salve ele, Sebastian! Por favor, por favor, salve ele... — recita como um mantra.

— Nada acontecerá, Priscila.

Não a encaro, pois nem mesmo eu acredito nisso. Ao ver Elliot explodir pela porta é que finalmente volto a respirar. Se há alguém que sabe o que fazer nesta situação, é esse cara. Ele foi treinado para resgatar nossos homens nas piores situações nos campos de guerra. Levanto-me de minha posição e dou as costas a eles enquanto passo um comando para Ed pelo celular.

— Liguem o helicóptero. Agora.

— Você não pode nos deixar, gringo. Nossa Sementinha precisa de você — escuto a voz fraca de Priscila.



Priscila

Estive com ele no período em que a viagem de helicóptero durou, sem nunca soltar sua mão fria.

— Você me pediu em casamento, não pode voltar atrás agora. Fique comigo — imploro, sussurrando, já sem voz, próximo ao seu ouvido. — Fique com a gente, com nosso filho.

Nem mesmo o soltei quando médicos e enfermeiros o colocaram numa maca, no terraço do hospital. Não quis ver na expressão de todos que o cara que amo praticamente não tem chances de sobreviver. Rezo como nunca rezei antes, apegada a todas as probabilidades. E não o solto, até que eles entram no elevador e Sebastian me impede de ir junto.

— Deixe que cuidem dele, Priscila — apesar da voz branda, o toque em meu braço é um aperto firme. — Ele vai ficar bem. Vai dar tudo certo.

Sua fala, por alguma razão, não me tranquiliza ou transmite segurança. Talvez porque Sebastian também não tenha essa certeza.

— Ele não pode morrer, simplesmente não pode. — Não consigo não chorar agora; segurei durante o trajeto até aqui para que Gael não duvidasse de minha fé, mesmo inconsciente, mas já não consigo suportar.

Sebastian me traz contra seu peito sem pedir permissão e me abraça. Desesperada, derrubo a cabeça contra seu ombro e deixo que a droga da agonia

tome o controle. Choro e desabo feito uma criança ferida, sem barreiras.

— Nós vamos ter um filho — gemo entre soluços profundos. — Ele não pode me deixar agora, Sebastian, não pode.

Em resposta, ele movimenta as mãos em círculos por minhas costas, como quem diz “fique tranquila. Seu filho terá o pai ao lado”... mas não diz em voz alta, o que só me quebra um pouco mais.



Sebastian

A menina está despedaçada. Nada do que eu fale amenizará seu sofrimento, então opto por me calar. *Nahui*, eu nem mesmo sei se o cara vai conseguir superar essa. Ele perdeu muito sangue, e a pulsação estava fraca demais. Elliot, apoiado em uma parede mais afastada de nós, não tem uma expressão muito boa em seu rosto. Eu o conheço, o cenário não é bom.

O silêncio só é quebrado pelos soluços baixos da garota. Porra, é de cortar o peito.

Eu deveria ligar para os pais de Gael, mas sei que o puto não gostaria que eu fizesse isso. Os Nikolaevich estão longe demais e nada poderiam fazer. Essa informação só lhes trará maior sofrimento. Perder uma filha e, poucos anos depois, descobrir que o filho está entre a vida e a morte, do outro lado do planeta, irá acabar com eles.

Mais de três horas esperando por notícias, até que o médico finalmente entra na sala onde estamos, o jaleco ainda sujo de sangue, trazendo no rosto uma placidez nada apaziguadora.

— Vocês são da família do senhor Nikolaevich? — pergunta como se não tivesse nos visto trazendo Gael pelo telhado do seu hospital.

— Como ele está? — Priscila salta da cadeira, ansiosa, o rosto pálido manchado de lágrimas, ignorando a pergunta do médico.

Minha camiseta ainda está em seu corpo. Uma calça do tipo que as mulheres usam para fazer ginástica foi comprada para ela numa loja aqui perto, por Ed, assim como uma camiseta nova para mim.

Sua esperança é de ferir o coração mais duro – *como o meu*, penso amargamente.

— A lesão foi muito grave — o médico explica, procurando a melhor

maneira de dar uma notícia ruim, qualquer um pode ver. — A bala entrou causando uma ruptura do baço e, por alguns centímetros, não atingiu outros órgãos. O agravante é a quantidade de sangue que o paciente perdeu, havia por toda a cavidade, tivemos dificuldade em estabilizar os sinais vitais.

Priscila pisca algumas vezes, com enormes olhos arregalados para o médico, em uma expectativa gritante.

— Como ele realmente está, doutor? — interfiro, exigindo que o sujeito vá logo ao ponto que nos interessa.

— Eu lamento ter de dizer isto, mas o estado de saúde do senhor Gael é bastante delicado. As próximas 12 horas serão cruciais. — O homem me encara firmemente, transmitindo a mensagem. — Se há alguém que desejem comunicar, eu sugiro que façam agora.

Sinto o golpe diretamente no peito, ao mesmo tempo em que o corpo da mulher na sala cai desmaiado.

— *Yeb vas!* — Culpo-me por não chegar a ela a tempo. Eu deveria ter previsto. Priscila estava pálida desde que a encontrei sobre Gael. Sabe-se lá o que o pedaço de lixo fez a ela antes de chegarmos. A contar pela nudez e o ferimento nos lábios, a perspectiva não é boa.



Capítulo 50

Priscila

Abro os olhos, zozna, e encaro o teto branco de luz fria. E então me dou conta de onde e por que estou aqui.

— Gael! — choramingo, resgatando a dor no peito, que parece me rasgar, e tento me levantar rapidamente, mas sou impedida pela voz do outro lado do quarto.

— Você precisa ficar aí, Priscila, está sob observação. — Sebastian se aproxima e segura meu antebraço rente à cama. — Eu lamento muito por tudo isso — a voz abatida me alarma.

— Sente muito pelo quê, Sebastian, como ele está? Por favor, por favor não me diga que... — mal posso dizer a palavra em voz alta, dói demais.

— Não, se acalme. Gael ainda está na mesma.

— Ele está morrendo — murmuro, fechando os olhos, desejando com toda a minha vida poder fazer algo, trocar minha vida pela dele, se fosse permitido.

— Aquele cara é muito forte. Ele vai lutar, como sempre fez, tenha fé.

Fé. É tudo o que me segura. Toco minha barriga, sentindo por mim e por nosso filho. Eu realmente, realmente não sei o que será de mim, de nós, se eu perder o Gael. O amor que sinto, droga, esse amor é tudo o que me mantém querendo viver. Eu queria ser uma mãe melhor, queria ser uma pessoa melhor, mas hoje me sinto uma egoísta.

— Vou chamar a enfermeira. Eles só estavam esperando você acordar para fazer alguns exames e garantir que estão bem. — Muda o tom para algo mais cauteloso: — Eu lhes avisei que está grávida, e eles acharam melhor verificar.

Como se fosse possível, sinto-me ainda pior. Sebastian sai da sala e, quando retorna, está acompanhado de uma enfermeira exageradamente sorridente, não sei se por me ver acordada ou para chamar a atenção do sujeito atraente.

— Olá — cumprimenta-me com uma alegria fora de lugar. — Por favor, eu preciso que vista este avental e me acompanhe para verificarmos como está seu bebezinho.

Olho para Sebastian, desejando matar essa mulher por estar tão vibrante num momento tão horrível para mim. Meu acompanhante me devolve um breve olhar cúmplice, como se compartilhasse a opinião.

Poucos minutos depois, estou deitada em uma cama enquanto uma jovem médica passa o gel gelado sobre minha barriga.

— Agora vamos ver como está o coraçãozinho desta belezinha — ela brinca, apontando para o monitor, prestes a colocar o equipamento em cima do gel.

— Eu posso fazer esse exame de novo em tão curto espaço de tempo? — de repente me preocupo com a ideia.

Ela para o movimento no ar para me observar com mais atenção.

— Quando foi que fez o último?

Esfrego o rosto, primeiro me situando. Foi há dois dias, já que é madrugada... embora pareça que se passou muito mais tempo. Na verdade, acho que envelheci anos nas últimas horas.

— Dois dias — respondo por fim.

Pensativa, a doutora delibera consigo mesma antes de se pronunciar:

— Não é recomendado, mas, nestas circunstâncias, em razão das emoções que passou e talvez a violência — insinua a partir da situação em meu rosto —, é preferível que façamos, para ter certeza de que o bebê aí está bem.

Agarro as laterais da cama de maneira tensa, mas aceno, permitindo.

Conforme sua mão vai deslizando, a tela começa a expor a imagem de chuviscos em preto e branco. Inesperadamente ouço um “tum, tum, tum” incompreensível. *Os batimentos*, a médica explica, batimentos bem, bem fraquinhos, embora acelerados, coisa que não foi possível ouvir antes. A emoção de escutar este som é indescritível em palavras. Parece que agora, sim, tornou-se real, há uma vida dentro de mim, própria, feroz. E então compreendo por que somente hoje se fez presente: minha Sementinha também passou por um abalo que fez seu coraçãozinho reagir.

Lágrimas marejam meus olhos. “Esteja bem, bebezinho, por favor, esteja bem”, é só o que penso. Tiro os olhos do monitor para observar as reações da médica e checar se o barulho tão baixinho assim é normal. Noto seu rosto se modificando, ficando mais sério, concentrado na tela quando a ferramenta em sua mão para num ponto específico do abdômen.

— Quando você descobriu a gravidez, Priscila? — pergunta calmamente.

Meu peito se acelera, temendo o que está por vir.

— Há menos de uma semana, primeiro fiz o teste de farmácia, por quê? Meu filho está bem? — um gosto amargo vem junto com a questão.

A mulher assente.

— Sim, eles estão — responde tranquilamente.

— *Eles?*

— Isso, você carrega dois bebês.

Meu mundo simplesmente para de girar.

— Co-como assim? — gaguejo mal escutando minha própria voz. — Eu fiz um ultrassom há menos de dois dias... e... não, isso deve ser um engano — nego, confiante, inclinando-me suavemente para checar o monitor mais de perto.

Ela sorri com uma espécie de serenidade profissional de quem já viu isso incontáveis vezes.

— Bem, Priscila, o que posso dizer a você sem nenhuma dúvida é que sua gestação é gemelar. — Aponta para um sinal abstrato na tela. — Em alguns casos, os primeiros exames não conseguem identificar a existência de mais de um embrião, mais comumente em função do posicionamento dentro do saco gestacional, compartilhado ou não. Posso dizer que você teve sorte, algumas gestantes costumam descobrir somente a partir da sexta, sétima semana.

Balanço a cabeça, ainda muda, sem saber o que dizer, mas rindo comigo mesma. Somente filhos do impaciente Gael poderiam se revelar tão cedo.

— Então... isso é certo? — Respiro com dificuldade. — Que-quero dizer, eu estou mesmo grávida de gêmeos?

O olhar confiante da mulher diz tudo.

Gêmeos.

Duas Sementinhas.

E um pai entre a vida e a morte.



Capítulo 51

Priscila

Saio da sala da doutora mal sentindo minhas pernas, que parecem flutuar, sem comando. Esfrego o rosto com as duas mãos e me repreendo em seguida ao ser lembrada da dor latejante nos lábios feridos pelo soco que recebi daquele desgraçado. Deus, como eu gostaria de poder voltar algumas horas no tempo, para aquele momento em que Gael disse que queria se casar comigo. Sim, eu teria dito sim, sim, sim mil vezes

Rezo com todas as minhas forças para que eu tenha a oportunidade de dizer isso a ele pessoalmente. Mais do que nunca, eu preciso desse homem aqui comigo. Quero contar-lhe que não há *uma* Sementinha dentro de mim, mas *duas*, somente para ver aquele sorriso lindo outra vez.

Aquele homem é tão surpreendente, ele tem essa... essa intensidade, esse poder de chegar e marcar tudo como seu de forma definitiva, feito um rolo compressor. Não, ele não poderia *apenas* me engravidar, tinha de colocar logo duas crianças dentro de mim. Se isso não é possessividade, pelos Céus, eu não sei o que é. E sem contar que ele conquistou a façanha de ser pai de gêmeos duas vezes, quero dizer, isso é ao menos possível? Existe algum homem que engravidou duas mulheres diferentes com gêmeos? Eu não duvidaria se fosse uma exceção, tudo nele é.

Lembro quando retornamos a El Diablo, e ele se sentou comigo naquele bar para contar sobre como desmascarou minha mentira. Ali eu pensei: “bem, esse infeliz é tão atraente que eu poderia abrir uma exceção sobre dormir com o mesmo homem mais de uma vez.” Depois veio aquele dia, quando retornamos da visita a Elizabeth e nos hospedamos naquele hotel. Pensei: “esse cara é tão determinado que eu poderia abrir uma exceção sobre relacionamentos.” Ou seja, tudo, tudo é do jeito *dele*, e o mundo, natureza, universo, ou como queiram chamar, simplesmente se curva às suas determinações.

Eu me curvei a ele. Com tudo de mim, eu me curvei a esse amor. Se me fosse possível escolher, eu daria minha vida em troca da dele, para vê-lo criar nossas Sementinhas. O cara é um excelente homem e pai, cuidaria melhor destas

crianças do que eu.

— Você precisa se alimentar — a voz baixa de Elliot me tira de meu próprio mundo quando ele se senta ao meu lado.

Viro-me para ele, na sala de espera – onde eu nem me dei conta de já estar –, com o coração quebrado por Gael, mas repleto de gratidão por esse homem a minha frente.

— Obrigada pelo que fez, Elliot, de todo o coração. Você cuidou dele até aqui.

O sujeito tenciona os músculos, mas seu rosto duro amolece um pouco.

— Aquele cara faria o mesmo por mim, Priscila. Sempre foi assim.

Suspiro, de repente imaginando meu gringo mafioso como um garotinho de lindas turquesas e um sorriso hipnotizante.

— Fico bem feliz que vocês se conhecem há bastante tempo e têm esse tipo de sentimento uns pelos outros, sabe...?

Elliot sorri com o olhar distante, melancólico.

— Esse puto sempre nos meteu em confusão. O maldito tem um imã para problemas.

— Ele vai ficar bem — afirmo mais para mim do que para ele, tocando em seu braço firmemente.

— E, até lá, você precisa se alimentar. Gael não vai gostar nada de saber que anda desmaiando.

Balanço a cabeça, concordando. Eu tenho de acreditar nisso, tenho de ter fé.

Parecendo prever o momento, Sebastian se aproxima de onde estamos, trazendo um copo consigo.

— Chá. — Entrega-me a bebida.

Cogito recusar, estou sem a menor vontade de colocar qualquer coisa na boca. Contudo, basta um olhar de esguelha para os dois sujeitos, e sei que a briga é desnecessária. Eu perderia.

— Obrigada — aceito. Ao abrir o copo, sou agraciada pelo aroma suave da camomila.

— A enfermeira disse que seria bom — Sebastian afirma sem me olhar.

— Alguma notícia? — pergunto temerosa.

— Por enquanto, nenhuma. Mas, assim que você terminar esse chá, nós poderemos vê-lo na UTI.

Olho rapidamente para ele.

— Sério?

— Sim. Beba.

Faço o que ele diz, em grandes goladas, mas reflito um pouco.

— Latir ordens deve ser coisa de vocês, russos — reflito calmamente, somente para registrar.

Elliot ri, Sebastian revira os olhos. Entretanto, o fato de podermos relaxar minimamente serve de um pequeno acalento.

Menos de dez minutos depois, estou caminhando ao lado de Sebastian pelo corredor, que parece exageradamente longo. Estou nervosa demais, ansiosa para ver Gael logo e me certificar de que tudo ficará bem. Não aceito qualquer outra possibilidade. Não quero pensar que ele não irá sobreviver.

Por trás do vidro, eu o vejo. A imagem tem o poder de me quebrar em outros mil pedaços. Deitado em uma cama, atrelado a diversos fios e máquinas, ele parece tão frágil. Sua pele sempre bronzeada, contrastando com os olhos de uma turquesa profunda, agora está pálida, sem vida. O som lento de um monitor espelha seus batimentos apáticos.

Toco no vidro frio, apoiando-me para não desabar. A respiração pesada de Sebastian não é um conforto. Vejo o reflexo da minha própria dor em seus olhos.

— Eu o quero de volta.

— Ele voltará.

— Você não entende. Não entende o que é estar morta por dentro durante uma vida inteira e, de repente, ser trazida de volta. É isso o que ele fez comigo, Gael me salvou, quando eu nem mesmo sabia que precisava ser salva.

— Você também o salvou, Priscila. Jamais pensei que aquele cara pudesse recomeçar, depois de tudo. Mas aí estão vocês, prontos para isso.

Lá dentro, duas enfermeiras verificam as informações dos equipamentos. Não há qualquer otimismo em nenhuma delas. O olhar que a mais baixa nos lança é preenchido de condescendência.

Não digo nada, não consigo.

— Seu filho. Pense no seu filho — aconselha Sebastian, como se enxergasse o que aquele olhar faz comigo. — Aguarde firme por todos vocês.

Para completar a desesperança, o médico nos avisa que devemos estar preparados, as próximas horas serão difíceis. Sem forças, deslizo pela parede e me sento no chão. Não há uma única parte de mim imune à dor.

— Não estou pronta para perdê-lo...

— Nem eu... — Sebastian diz ao se juntar a mim na superfície fria e

derrubar a cabeça.

A montanha de força indestrutível chamada Sebastian também está sucumbindo. Sei pouco sobre ele, mas aqui, ao meu lado, está o homem que perdeu a mulher que amava e está prestes a perder alguém que considera como irmão.

Tateio sua mão e a uno à minha, silenciosamente compartilhando o medo absurdo.



O dia finalmente está clareando. Passei a madrugada em vigília, e minhas Sementinhas colaboraram, sem qualquer enjoo ou tontura. Sebastian me trouxe outro daqueles chás.

— Beba, você não comeu nada. Não é saudável para o bebê — fala tranquilo, mas não perco o tom de repreensão.

Aspiro o vapor quente do copo. O problema é que meu estômago realmente não está querendo nada, não até eu saber que meu gringo saiu dessa.

— Acho que ele vai ficar bem — digo confiante, encarando seriamente o copo de isopor. — Sinto isso.

— Ele vai. — Senta-se ao meu lado, sem qualquer vestígio do cara que há algumas horas fraquejou naquele chão. — O puto é um lutador. Aliás, vocês dois são.

Encaro seu perfil duro, mas suave.

— Não tenho tanta certeza se sou uma lutadora, Sebastian — minha voz é um fio. — Eu nunca senti tanto medo na minha vida...

O homem sorri.

— Sim, você é... e é também uma brigona — não perco o humor em sua afirmação.

Estreito os olhos.

— Eu vi você atingindo aquela mulher lá na floricultura. — O sorriso se alarga. — Inferno, mulher, onde foi que você aprendeu a usar esses punhos?

Sorrio também, com pouca vontade, mas finalmente consigo me sentir um pouco melhor em horas.

— Aula de defesa pessoal. — Dou de ombros. — Eu precisava aprender a me defender depois de tudo... — Meu sorriso morre um pouco. — Jonathan —

explico.

Ele balança a cabeça, encarando a parede a sua frente.

— Por falar nisso, como foi que vocês descobriram?

Sebastian enrijece. Qualquer traço de relaxamento se esvai dele.

— Aquele imbecil que trabalha com você...

Balanço a cabeça, lembrando-me do que o réptil mentiroso foi capaz de fazer. Nunca pensei que nossa animosidade pudesse ir tão longe. Um concorrente desleal e arrogante, sim, mas um bandido? É demais para acreditar. Eric me entregou de bandeja a um doente e recebeu dinheiro por isso. Eu poderia estar morta agora ou sendo enviada a um perverso em algum lugar do mundo.

— Quando ele voltou sem você, percebi que havia algo errado. Bastou uma prensa para que revelasse ter te vendido ao filho da puta.

— Eu vou denunciá-lo à polícia — digo convicta. — Eric precisa pagar pelo que fez.

Um meio sorriso frio toma os lábios do homem ao meu lado.

— Acho que ele já está pagando.

— Como assim, Sebastian? Por favor, não me diga que Eric está mor...

— Não morto — nega tranquilamente. — Mas estamos dando a ele um tempo agradável com Ed e Bola. Acho que aquele verme vai pensar duas vezes antes de trair a confiança de alguém novamente. E vai sumir da cidade por um tempo.

Decido me calar. Se for uma surra que ele recebeu, é o que ele merece. Eu mesma teria feito isso se houvesse uma oportunidade.



Sebastian

Não digo a verdade à menina. Ela não precisa de mais uma preocupação em sua cabeça já bagunçada. Seu colega está agora em um sono profundo no fundo das águas movimentadas do Atlântico, junto ao outro fodido. Aquele patético imbecil venderia a própria mãe para pagar suas dívidas. Ele estava com a corda no pescoço, era só uma questão de tempo para cometer uma burrada assim. Vender Priscila foi sua pior jogada, e última.



Capítulo 52

Priscila

Essa manhã, depois de três dias do meu gringo em coma induzido, o médico nos disse que estava tirando os medicamentos dele. Os dias críticos já passaram, e agora Gael está por sua própria conta, podendo acordar a qualquer momento. A notícia tanto me anima quanto me apavora depois de algumas coisas que o doutor informou. A perda excessiva de sangue e a falta de oxigenação durante uma parada cardíaca podem ter provocando danos profundos em seu tecido cerebral, e, com ele estando em coma, não há como detectar a extensão, até que acorde.

Sebastian alugou um quarto de hotel aqui perto, onde pude tomar banho e trocar de roupa, mas não dormi ou passei mais de uma hora longe do hospital. Minhas irmãs vieram ficar comigo tanto quanto possível depois que algumas enfermeiras reclamaram sobre haver gente demais na ala. Alice, Júlia e Katarina aprovam Gael em minha vida, e isso se confirmou quando souberam sobre a morte de Tony.

Não contei a ninguém a boa nova das Sementinhas, eu quero guardar a notícia para Gael. Quero que ele seja o primeiro a saber. E tenho fé que tudo ficará bem.

Confiro o horário na tela do celular, estamos entrando na madrugada. Faz algumas horas desde que a sedação foi suspensa, e nada acontece. Meu homem continua adormecido, e, no fundo, a apreensão se torna mais forte a cada novo minuto. A serenidade dos batimentos cardíacos no aparelho ao lado da cama não dá qualquer sinal do que ocorre dentro dele, de como reagirá, e, por Deus, se reagirá. Corro as pontas dos dedos suavemente pelos traços imponentes de seu belo rosto de anjo rebelde, repousando de uma batalha. *O tempo de guerra acabou, meu amor, viva pela paz que prometeu a mim, a nossos filhos.*

Cansada, sento na poltrona ao lado do leito e descanso a bochecha contra sua mão, hoje quentinha em comparação à temperatura em que se encontrava dentro daquele helicóptero. Foi por pouco, por muito pouco. Só Deus sabe quantas promessas fiz para que ele sobrevivesse; algumas delas, tenho quase

certeza, serão difíceis de cumprir, mas o Pai é justo, ele não me daria um grande amor para logo em seguida tirá-lo de mim.

— Saia dessa logo, gringo — sussurro, esfregando a bochecha contra os nós dos seus dedos. — Precisa acordar, por mim, pela nossa família. Você me deve um casamento.

Uma lágrima fina escorre por meu rosto e cai diretamente em sua pele.

— Então isso é um sim? — o ruído rouco, fraco, quase inaudível rompe o silêncio.

Oh, Deus...

Oh, meu Deus!

Esse sotaque...



Capítulo 53

Priscila

Com uma espécie de êxtase paralisante, fico imóvel, não acreditando nos meus ouvidos, temendo que o som fraco seja uma alucinação, uma brincadeira de meu subconsciente; meu coração, no entanto, não se impede de receber uma nova carga de vida, fluindo por cada poro da pele, uma mistura de felicidade e medo indescritível. Sorvo respirações curtas, olhos arregalados e tomo coragem para subir o olhar.

Ah, meu bom Deus, obrigada, obrigada! Ele acordou. Céus, ele finalmente acordou!

— Gael... — Minha garganta ameaça se trancar — você voltou... — Já não posso evitar mais lágrimas, espessas, abundantes.

As narinas dele se dilatam, o peito largo sobe e desce profundamente.

— Aonde mais eu iria sem você, *Krasavitsa*? — mesmo enfraquecido, aqui está a intensidade penetrante, arrebatando minha alma, colocando-a de joelhos.

— Nunca mais faça isso comigo! — Balanço a cabeça, num pranto copioso e soluçado. — Nunca, nunca mais faça isso!

Encosto a testa contra a dele, seguro seu rosto entre meus dedos, olho no olho, absorvendo todo o poder, a paixão, a necessidade de nunca mais perder esse homem de vista.

— Nunca mais...

— Eu estou aqui — sussurra grave, deliciosamente rouco, como quem acorda de um sonho. Deus sabe o quanto desejei ouvi-lo outra vez.

— Nunca mais!

Parece insano, mas é só o que consigo repetir e repetir. Eu me considerava uma pessoa forte, independente, mas descobri que jamais fui; não se ser forte significa conviver com a ausência dele.



Dois dias depois.

Dois dias mais, esse foi todo o tempo em que o médico conseguiu prender Gael no hospital desde que esse gringo teimoso acordou. Mesmo sob argumentos da equipe médica, meus, de seus amigos de que ele deveria permanecer aqui, sua decisão irredutível de voltar para casa prevaleceu. Ninguém diz a Gael Nikolaevich o que fazer. Do contrário, ele não teria um copo de uísque em sua mão agora, ainda no quarto onde esteve internado.

Sentado no leito, de peito nu e a barriga enfaixada, ele me observa com as turquesas vivas, brilhantes, profundas, enquanto retiro uma camisa da bolsa trazida por Sebastian e me aproximo para ajudá-lo a se vestir.

Rezei para que ficasse bem e saísse daqui logo. Não que sua saída prematura me alegre – pelo contrário, eu gostaria de socar seu rosto turrão e forçá-lo a ficar um pouco mais –, mas vê-lo bem é tudo o que mais desejei.

— Você não me respondeu — lembra-me grave, enganosamente paciente.

Reprimo um sorriso, tentando parecer neutra. Eu já sei do que ele está falando. Nos poucos momentos em que esteve acordado nestes dois dias, evitei o assunto porque não queria provocar mais emoções fortes ao coração já rebelde dessa tempestade gringa.

— Qual foi mesmo a pergunta?

Um toque macio de seu dedo corre pela lateral do meu pescoço, ombro, braço, dedos até chegar à palma da minha mão. Ele a vira para cima e a acaricia, provocando uma reação diretamente no ventre, e então passa a alisar o pulso, acima da pulsação. Um local altamente erótico para mim, e eu nem mesmo sabia. Calor inunda meu corpo.

— Case-se comigo — forte, impiedoso, determinado. Meu homem está de volta.

— Isso não foi uma pergunta.

— Não, não foi.

Meu sorriso já não pode ser contido, um resignado, que conhece seu destino e é ciente de que não há uma opção. Eu sou dele.

— Enquanto eu esperava que acordasse, só conseguia pensar em uma coisa: no quanto eu gostaria de ter uma nova oportunidade de te dar esta resposta, sabia?

Um meio sorriso, talvez de alívio, corta o cantinho de seus lábios.

— E?

Espalmo cuidadosamente a mão em seu peito, sobre o coração. Ele aproveita o toque para me trazer para mais perto, segurando-me pela cintura.

— Não há nada no mundo que eu queira mais. Minha resposta é sim. Eu quero me casar com você, por uma infinidade de motivos — passeio os dedos sutilmente pela linha de sua clavícula, numa promessa em forma de carícia —, que faço questão de te listar no momento certo. — Aproximo minha boca da sua. — Mas, principalmente, porque eu te amo. Amo feito uma maluca — cochicho.

Um grunhido ruidoso, como se minhas palavras provocassem dor física, mas também satisfação, dispara de sua garganta por entre os lábios abafados pelos meus.

— Mil vezes sim — repito de olhos abertos, mirando diretamente os seus.

Algo que eu nunca pensei ser possível acontece. O homem tão forte e poderoso quanto uma gigante rocha e todas as tempestades juntas sucumbe. Lágrimas se empossam sob cílios negros pesados.

— Obrigado, *Krasavitsa* — sussurra de modo embargado, encostando nossas testas, prendendo meu rosto em suas mãos. — Obrigado por me aceitar, por me dar um filho. Você e essa criança são a minha vida.

Rio baixinho, meio que bufando.

— *Estas crianças*, você quer dizer...

Gael se afasta de súbito, como quem foi golpeado, buscando, daquela maneira selvagem, algo em mim.

Finjo desgosto.

— Homem, você, quando resolve ter filhos, mete logo dois de uma vez, não é? — brinco e espero... — Tão arrogante.

Afasto-me alguns centímetros, tato meu bolso traseiro atrás do papel com a imagem do ultrassom. Retiro-o e o movimento no pequeno espaço entre nós.

— Gêmeos, gringo. Estou grávida de *gêmeos*.

Desdobro o papel e o entrego a ele.

Seus olhos caem sobre a imagem do ultrassom, ilegíveis. Todavia, a ausência de palavras não me assusta, diante de todas as emoções estampadas em sua face. Fico, na verdade, orgulhosa por poder proporcionar essa expressão boba, feliz, extasiada ao seu rosto sempre duro.



Capítulo 54

Priscila

Três semanas depois.

A cicatriz no abdômen de Gael já está quase completamente curada. Porém, não foi fácil fazê-lo aceitar que precisava de cuidados, repouso. Gael é uma fortaleza teimosa demais para ser bom para si mesmo. Acha que pode cuidar de tudo e de todos. Sebastian e eu tivemos trabalho enfrentando suas nuances furiosas, resmungonas ao se ver proibido de algumas atividades.

No entanto, eu não trocaria essas semanas ao seu lado por nada. Gael me dá seu melhor lado, como um diamante bruto e perfeito embaixo de toda a pedra mal quebrada, algo a que somente eu tenho acesso, fazendo com que me sinta privilegiada.

Conversamos um pouco sobre aquela noite do sequestro, e consegui compreender a fúria com que ele espancou aquele homem em vez de apenas atirar nele. Gael me viu ali, seminua e pensou que o homem havia me tocado. Graças a Deus que esse não foi o caso. Conteí como tudo aconteceu, cada detalhe de que eu me lembrava e o vi exalar com algo semelhante a alívio, raiva... e paz.

Paz. É o que eu espero para todos nós. Ele me disse que tudo finalmente acabou. Não há mais vingança ou monstros conhecidos... mas não vou negar que o que me assusta são aqueles *desconhecidos* que ele fez pelo caminho, em meio a sua missão.

Encostada contra a cabeceira da cama, enquanto silenciosamente o observo trabalhar num notebook em seu colo, de peito nu e vestindo uma calça de moletom cinza, tento encontrar uma razão para a discreta inquietude que tenho visto nele, apesar do que tenta exhibir. Há dois dias algo o incomoda, embora ele não tenha dito nada, na verdade, desde que recebemos minhas irmãs e seus parceiros para um jantar na mansão. Eu quis que ele conhecesse cada uma delas, Alice, Júlia, Katy e Gabi e entendesse a razão do meu amor devoto por essas mulheres. As meninas tiraram do caminho qualquer julgamento pelo que Gael

representa – por ser um mafioso – e se permitiram admirar o meu gringo, como eu mesma o faço.

— Garota. Foi um cara exatamente assim que imaginei pra você — foi o que Katy cochichou próximo ao meu ouvido, discretamente naquela noite, enquanto o gringo conversava abertamente com Daniel, Frederico e Benjamin.

Não vou negar, uma amizade entre eles me faria extremamente feliz. Nenhum dos homens de minhas irmãs se colocou entre nossa amizade, e, no fundo, eu tinha um pouco de medo de que Gael fosse o único a querer me distanciar delas. Contudo, esse não é o caso. Sem que palavras fossem ditas, ele me deixou saber que o que me faz bem indiretamente também faz a ele. Isso é amor.

E justamente por isso, não entendo a tensão que tenho percebido sobre seus ombros, o modo como me evita em alguns assuntos – como quando perguntei a ele sobre as boates, por exemplo, ao mencionar que podíamos marcar o evento da marca de bebidas logo que ele estivesse melhor. Hoje, mais cedo, durante o jantar, quase lhe perguntei o que há de errado, mas evitei por pura covardia.

Eu o amo. Ele me ama. Estamos juntos, embora eu não tenha me mudado definitivamente para a mansão. Então o que ainda poderia estar em nosso caminho?



Capítulo 55

Gael

Observo o gramado lá fora através da janela do escritório na mansão enquanto faço uma chamada para casa. Minha verdadeira casa. Perdi uma ligação há alguns minutos, enquanto dormia ao lado de minha mulher. Saí do quarto pé por pé para não a acordar. Hoje é domingo, quero que ela fique na cama até mais tarde. Priscila tem trabalhado demais naquela porcaria de agência que nem mesmo a merece. Gabor a vendeu para mim a troco de umas migalhas quando a forçou a assumir a conta das boates. O pedaço de lixo chamado Eric fez ainda pior: vendeu-a ao meu maior inimigo. Maldito seja, se o infeliz não estivesse morto, eu o mataria outra vez.

Enquanto espero que atendam, faço um cálculo rápido e sei que já passou da hora do almoço lá, meus pais já retornaram da igreja há pelo menos duas horas. Jascha e Mavra Nikolaevich não falham um domingo na Catedral de Kazan, basílica ortodoxa, na qual foram criados e criaram Lara e a mim.

Respiro fundo, percebendo o quanto eu sinto falta de uma época em que estávamos todos juntos.

— *Synm* — a pronúncia de meu pai para “filho”. Nosso idioma, como é bom ouvi-lo e falá-lo livremente.

— *Pápa*.

— Como você está, meu filho?

— Bem, papai. Como estão aí?

Silêncio.

— *Pápa*, como está *mat*? — repito um pouco mais firme, estranhando a tensão que captei na voz dele.

— Sua mãe não se sente bem, pegou um resfriado um pouco forte. Levei-a ao médico ontem, e eles acharam melhor deixá-la no hospital sob observação. Sua tia, Czarina, está com ela.

Yeb vas!

— Por que não me ligou antes, papai?

O velho Nikolaevich emite um suspiro longo, cansado.

— Não quis te preocupar, filho. Você já tem coisas demais na cabeça.

Culpa, é ela que traz a sensação de aperto no fundo do meu peito. Deixei meus pais há algum tempo para vir em busca de justiça aqui e nunca mais coloquei meus pés em nossa terra. Eles me pediram que desistisse, mas os fiz compreender que, sem punir os responsáveis, eu não seria mais o filho deles, eu seria nada além de um saco vazio.

— Eu acabei aqui. Finalmente acabei.

Silêncio.

— Então volte para casa, Gael.

Após desligar, sento-me no pequeno sofá do cômodo. Sei o que esse pedido significa, e é justamente o que tentei evitar ter de pensar nos últimos dias, principalmente depois de conhecer as amigas de Priscila e ver como se comportam juntas. Há uma espécie de amor incondicional entre essas mulheres, o que só torna mais difícil a conversa que preciso ter com minha *Krasavitsa*.

Eu não disse a ela, mas, na sexta-feira, quando me tranquei no escritório com aqueles caras, estava terminando de transferir todos os meus negócios aqui. Eu os vendi, inclusive as boates. Não há mais motivos para mantê-los. Ficar permanentemente neste país nunca foi o plano. Concluí minha missão, vinguei as mortes de Lenin, Irina e Lara. Todos os responsáveis, ligados direta ou indiretamente, foram punidos. Tudo saiu como planejei, exceto pela parte em que encontrei essa mulher, a única para mim, a que me ligou a um futuro que eu nem mesmo tinha esperança de ter, não mais. Ela me deu uma nova chance. Dentro dela, meus filhos crescem, edificando o que temos. Priscila não é uma aventura, nunca foi.

Porém, jamais escondi dela que não gosto deste país. Não. Meu tempo aqui foi encarado como passageiro e, talvez por isso, não me permiti gostar do lugar. Contudo, essa é a casa dela, onde minha mulher e suas raízes estão. E então, onde isso nos deixa?

Meus pais estão velhos, *mat* não está bem de saúde. Inferno, minha mãe era a mulher mais saudável que eu já conheci, um resfriado tolo de forma alguma a pegaria, mas, desde que Lara e os netos faleceram, a velha tem enfraquecido ano após ano. E minha distância, a do único filho que ainda resta, não contribui em nada.

Sei que, quando eu contar que serei pai novamente, as coisas mudarão para eles. Acho que, no fundo, esperam isso de mim, que eu siga em frente. Entretanto, o que Priscila deseja para si, para nós? Não posso colocar a

felicidade deles acima da dela

Esfrego o rosto entre as mãos, de cabeça baixa. Penso em me servir de uma dose de uísque. No entanto, ainda é cedo para isso. E acabo rindo do quanto me tornei maleável nas mãos dela, pois o fato de ser cedo não quer dizer nada. Outro dia a mulher me deu um inferno de um sermão sobre me abster de álcool enquanto estou tomando os intragáveis remédios para a recuperação dos glóbulos – alterados pela lesão no baço – e me proibiu taxativamente.

É o que essa mulher faz comigo, com aqueles olhos enormes, verdes-jade; a boca macia, que se proíbe de sorrir quando está me “colocando em meu lugar”; os cabelos em cascatas loiras que se espalham pelo travesseiro quando fazemos amor; o corpo cheio de curvas, seios fartos e a maldita bunda que às vezes me deixa no limite de extrapolar e perder completamente o controle, ir duro, pesado, obter tudo. Dentro dela é o melhor lugar do mundo, sendo aqui ou na Rússia. Apenas *dentro* dela.

E, antes mesmo de enxergá-la, eu sinto sua presença, como se ela viesse atraída pela necessidade que provoca em meu corpo, por como me pego duro e dolorido dentro da calça de moletom apenas por pensar na bendita mulher.

— Podemos conversar um pouquinho? — o tom apreensivo me faz subir os olhos e encará-la atentamente.

— Algo errado?

Priscila sorri daquele jeito que me colocaria de joelhos facilmente, principalmente com esse roupão de cetim vermelho em seu corpo. A peça – feita para torturar – contorna todas as curvas da mulher, mesmo os mamilos arrepiados podem ser vistos, além de mal cobrir o meio das coxas. Espero, honestamente, que nenhum dos caras esteja na mansão e a tenha visto assim. Eu não me incomodaria em arrancar alguns pares de olhos.

— Não. — Seu olhar desconfiado pousa em mim. — Não comigo, na verdade.

A distração quase me faz esquecer a pergunta que fiz. Apesar da confusão em minha cabeça, sorrio e estendo a mão num convite para que se aproxime. Ela vem sem hesitar. Apanho sua pequena mão, macia e quente, e a levo aos lábios. Beijo delicadamente o dorso, sorvendo o cheiro de sua pele. Não um perfume, mas o *seu* cheiro natural, algo que tem um efeito químico no meu corpo.

— Se não há nada de errado com você, então não há nada de errado comigo também, *Krasavitsa*. — Trago-a para se sentar em meu colo. — Você é tudo o que importa.

Ao sugar o lábio inferior macio despretensiosamente, acho que a mulher

nem se dá conta do efeito que isso tem sobre mim. Eu já estava duro por pensar nela; tê-la aqui, infelizmente, deixa-me pior.

Ela sente minha ereção e ri, gostando de saber que me tortura.

— Depois — insinua. Porém, contrariando a palavra, a infeliz se “ajeita” um pouco mais confortável, criando uma fricção gostosa tanto para mim quanto para ela. — Agora eu gostaria de saber o que está te incomodando.

Enlaço sua cintura e não resisto à vontade de enfiar o nariz naquele lugarzinho em seu pescoço, logo atrás da orelha. Ela ajeita a cabeça de lado, facilitando meu trabalho.

— Hummm... — geme baixinho, quase ronronando.

Todavia, antes que isso tome um caminho em que eu a deite no pequeno sofá, abra suas pernas e me delicie com o calor macio e úmido, opto por me afastar alguns centímetros, o suficiente para olhar em seus olhos. Priscila me fez uma pergunta, está me dando abertura para dialogarmos, e, como sempre faço, decido jogar com honestidade com ela.

— Há algo em que estive pensando. Algo importante, mas, honestamente, não sei muito bem como isso vai funcionar.

Os olhos semicerram-se ligeiramente, buscando por uma pista em meu rosto.

— Pois compartilhe — solicita com tranquilidade e sincero interesse.

Enlaço nossos dedos.

— Minha mãe não está bem de saúde, Priscila. Faz algum tempo que eu não a vejo e... — exalo pesadamente — tenho medo de esperar tempo demais para retornar. Meus pais só têm a mim e, apesar de nunca concordarem com o que vim fazer aqui, respeitaram, mas prometi...

— Que voltaria — complementa.

Encarando-a fixamente, confirmo:

— Sim, prometi que voltaria para casa quando tudo acabasse.

Nenhuma reação. Minha mulher nem pisca, até que seu rosto perde levemente a cor.

— Vo-você quer... — Limpa a garganta daquele seu jeito incerto, disfarçando o tremor na voz: — Você quer dizer que está indo embora?

Inclino a cabeça meio de lado, confuso com a conclusão rápida a que ela chegou, principalmente por insinuar que estamos nos separando.

— Eu quero que você venha para casa comigo — revelo realmente franco, talvez até um pouco áspero por pensar que ela possa cogitar que eu a deixaria.

Tiro os olhos dos seus apenas para acompanhar o movimento de sua garganta engolindo a saliva.

— Casa na *Rússia*? — a voz é uma mistura fina de espanto e choque.

Balanço a cabeça, confirmando seus temores sem mascarar a realidade. Sim, eu a quero comigo para sempre e não vou mentir sobre minha vontade de criar nossa família longe daqui, em minha própria terra.

Porém, deixo de respirar naturalmente, em espera pelo que quer que esteja se passando em sua mente. Priscila provavelmente não sabe, mas é a única aqui com o poder de decisão. Não existe a mais remota possibilidade de eu me afastar, nem mesmo a morte me faria ficar longe dela, e, dependendo do que ela disser, poderá ser a minha sentença de moradia fixa neste país miserável para sempre.



Priscila

Leva alguns segundos para eu processar o que esse homem está tentando me dizer. Rússia. Ir embora com ele para tão longe? Longe das minhas irmãs, do meu trabalho, da minha vida.

Droga, eu tinha medo deste momento. Gael disse, não uma, mas algumas vezes, que sua estada aqui era apenas para cumprir o objetivo. E ele nem mesmo precisa falar para eu saber que não gosta daqui, talvez pelo que representa. No entanto, cheguei a ter esperanças de que...

— Eu não entendo... — mal ouço minha voz. — Pensei que as coisas haviam mudado, depois... depois do... — Automaticamente toco minha barriga, não encontrando palavras para concluir meu raciocínio sem parecer uma maneira errada de colocar as coisas.

— E mudaram — afirma com serenidade. — Agora somos você, eu e nossos filhos. — Coloca sua mão por cima da minha, em meu abdômen. — Não vou a lugar nenhum sem vocês.

Mal tenho tempo de suspirar aliviada, quando ele continua:

— Mas não é segredo que não gosto daqui. Além disso, meus pais precisam de mim lá neste momento.

Um calor familiar começa a preencher minha face.

— Minhas irmãs, Gael, são a família que tenho aqui.

Fita-me intensamente.

— Eu não estou pedindo que as abandone. Estou te dizendo que não posso ficar mais tempo longe de casa, minha mãe está velha, com a saúde frágil. E eu gostaria que você viesse comigo.

— Você não disse em palavras, mas quer que eu escolha entre a minha família e a sua... — e, quando percebo, *isso*, essa frase egoísta deixou meus lábios, como se o apelo de sua mãe doente não significasse nada para mim.

Droga. O que é que estou dizendo? O desespero para não me afastar das minhas irmãs é tamanho que nem mesmo consigo ter empatia por ele, justamente *por ele*, que me deu tanto?

Sacudo a cabeça.

— Me desculpe, isso foi horrível, e-eu não queria que saísse assim.

Tarde demais. O olhar gelado, um misto de decepção e incredulidade, revela.

— Escute bem o que vou dizer, Priscila — e agora há tanto nesse tom, tantas emoções aparentes, chateação, descrença, decepção. — Você não tem de abrir mão de nada por mim, *nada*, e sabe por quê? Porque sou incapaz de te pedir que faça qualquer coisa que a deixe infeliz, porque tudo o que faço desde a hora em que acordo até a hora em que vou dormir, é garantir que esteja bem. Não há nada que eu não faria por você, consegue entender isso?

— Gael...

— *Você* tem o poder aqui, menina, não percebe?

Impiedoso e direto como sempre.

E, antes que eu diga qualquer coisa, ele está me retirando de seu colo com cuidado.

— Minha mãe está em um hospital agora, pretendo voar para vê-la ainda esta noite — revela inexpressivamente, apesar da tensão nos músculos de suas costas nuas enquanto se dirige para a porta. — Eu gostaria que viesse comigo, mas a escolha é sua.

E então de repente para, prestes a sair e se vira para mim como quem tem algo de muito importante para dizer. E fala, através do olhar, que pertencemos um ao outro aqui, na Rússia ou no fim do mundo. Incontestavelmente.

O que fazer? Colocar um oceano de distância entre mim e as pessoas que estiveram comigo por uma vida, minhas irmãs de alma e coração, ou abrir mão do único cara a quem já ameí, pai dos filhos crescendo dentro de mim?



Capítulo 56

Priscila

Fiquei no escritório por mais alguns minutos, tendo muito o que pensar. Então subi para o quarto, sem nenhum sinal de Gael, e me troquei. É bom que eu não o tenha visto, não seria forte o bastante para contar a decisão que tomei. Peguei minha bolsa, as chaves do carro e deixei a mansão sem olhar para trás, temendo me arrepender.

Algumas quadras longe, fiz uma ligação importante e segui pisando fundo no acelerador por quase duas horas. Até que me pego aqui, subindo os degraus da casa de madeira ostensiva que já viu dias melhores. Com uma batida e algum tempo de espera, finalmente a mulher vem atender a porta.

— Você? — cospe, como quem pisa num monte de cocô, para então cruzar os braços sobre o peito. — O que está fazendo aqui? — a hostilidade não me afeta.

— Eu vim me despedir de você, Elizabeth — revelo sem esboçar qualquer sentimento que ela possa usar contra mim.

Meu coração me mandou fazer isso. Independentemente se vou embora com aquele homem ou não, eu senti que precisava encerrar minhas mágoas definitivamente. O capítulo de minha vida em que Jonathan existia, eu queimei, libertei-me dele. Precisava fazer o mesmo com ela.

Minha mãe arqueia a sobrelanceira naquele seu modo cheio de desprezo, muito familiar durante uma vida inteira. Tiro, então, um minuto para reparar melhor na mulher a minha frente. Nunca a vi dessa maneira tão desleixada, cabelo bagunçado, sinais da velhice não escondidos. De certa forma, o conjunto relapso – e inédito – atinge um ponto doloroso dentro de mim. Eu a queria melhor do que isso.

— Se é só isso, adeus — a rispidez vem seguida da tentativa de fechar a porta na minha cara.

Impeço-a, fazendo-a enrugar os lábios para o lado, em perfeito sinal de aversão.

— Eu só queria te dizer mais uma coisa, Elizabeth — minha voz embarga,

apesar de eu tentar evitar. — Apesar de tudo, eu sempre te amei, e desejo o melhor para você. — Olho dentro de seus olhos. — E eu te perdoo.

Dou um passo atrás, controlando minhas emoções e a inocente expectativa de que ela me surpreenda e mostre que há um coração em seu peito. Porém, a expressão livre de quaisquer sentimentos bons se mantém inabalável.

Eu poderia ficar insistindo por mais tempo, até que sua fortaleza de indiferença se rompa, mas, intimamente, sei que isso nunca vai acontecer.

— Seja feliz, mãe. — Dou um meneio fraco e me viro, pronta para sair.

— Leve com você o seu perdão, Priscila. Eu não pedi por ele — diz às minhas costas.

Paro no lugar, ao som frio de sua voz. Porém, meu coração não sente necessidade de replicar. Eu a perdoo, sim, por nunca me amar, por nunca cuidar de mim, por me desprezar... pois, no final, foi isso que me fez ficar ainda mais próxima de minhas irmãs. De uma maneira torta, ela me fez um bem.

— Obrigada — sibilo somente para mim.

E, com isso, vem a parte onde tenho de fazer a coisa mais difícil de toda a minha vida.

Minhas irmãs.

Saio do quintal de Elizabeth e dirijo para meu próximo destino, agora, sim, com o coração começando a se partir... não pela conversa de poucos minutos, mas pelo que está por vir. Lágrimas começam a deslizar facilmente, pensando no amor intenso, desinteressado, encorajador que recebi por todos estes anos de Júlia, Alice e Katarina. Minhas verdadeiras irmãs de vida.

Júlia, a minha garota que não curti embates, principalmente quando o assunto era seus pais, mas sempre demonstrou uma coragem interna monstruosa no quesito apoio às amigas. *Em tudo*. Certa vez, aos, sei lá, 11, 12 anos, vi minha mãe chegando com mais um dos caras de bar que ela levava para casa e com quem trepava no meio da sala, corredor, cozinha, sem qualquer pudor. Eu tinha muito nojo daquilo, muito mesmo. Dos sons, das risadas. Acho que ela fazia aquilo para *se* degradar e *me* degradar. Sempre que eu podia, dava um jeito de fugir e ficar em algum lugar, escondida até aquilo acabar... isso quando ela não me pegava desprevenida, acordando-me com aqueles sons no meio da noite.

Naquele dia, especificamente, era muito tarde, quase meia-noite, mas, ainda assim, saí silenciosamente pela porta dos fundos. Lembro que peguei a bicicleta no quintal e subi nela, sem saber para onde ir. Pedalei, passando em frente à casa da Júlia e, por uma questão de hábito (pois fazíamos isso durante o dia), apertei a buzina engraçada. Não levou mais do que duas quadras para a ouvir atrás de

mim. A danada simplesmente saiu de fininho, de pijama, enfrentando o medo terrível que ela tinha de irritar os pais e me seguiu. Quando freei e perguntei “o que você está fazendo aqui”, ela respondeu “vou com você”, sem nem saber para onde.

Alice é a detentora de toda a minha gratidão por me envolver com seu amor nos momentos em que eu nem percebi que isso era tudo o que eu precisava. Nunca vou me esquecer de um dia, eu devia ter entre sete e oito anos, estava com a barriga dolorida de fome, assustada e morrendo de medo de entrar em casa, porque minha mãe estava alta com drogas e álcool, o que era comum. Naquela idade, eu ainda não sabia me defender dos ataques violentos quando Elizabeth estava desse modo. Sem que eu tenha dito nada, Alice notou que havia algo de errado e, depois de uns minutos longe, retornou ao quintal na parte de trás de minha casa, onde eu estava, arrastando sua mãe pela mão. Com um olhar confiante, ela se virou para a mulher e disse “Mamãe, a Pini está precisando de você”. Ela mudou minha vida naquele dia. Nunca mais senti fome, a mãe de Ali passou a olhar por mim, minhas notas na escola, a garantia de uma comida fresquinha no estômago. Isso, eu jamais esquecerei.

Já Katarina, com sua inquietude, energia e ímpeto, trouxe vigor e garra a minha vida. Foi com ela que aprendi que, apesar de tudo o que me cercava, eu tinha uma voz e precisa me fazer ser ouvida. Abaixar a cabeça e me calar estava fora de cogitação. Perdi as contas de quantas vezes eu a peguei olhando feio para minha mãe, com um descarado olhar de reprovação, quando ela também era apenas uma criança. Minha amiga me fez começar a enfrentar Elizabeth e não aceitar tantas merdas calada... mesmo que isso tenha me custado algumas surras. A garota criou em mim um senso de valor que eu não tinha.

E hoje tenho de dizer a essas pessoas que eu as estou deixando.

No meio do caminho, preciso parar o carro para limpar os olhos. A dor por ter que me afastar é quase surreal. O sentimento de tristeza e culpa se misturam de um jeito avassalador.

Já é começo da tarde quando chego ao apartamento de Katy. Assim que saí da mansão, horas atrás, liguei para ela e pedi que reunisse as meninas, inclusive Gabi. Não adiantei o assunto e agora estou com uma ansiedade agonizante enquanto aperto a campainha, mesmo que eu tenha a chave.

Nem um minuto depois, minha amiga abre a porta, sorridente, mas sua alegria morre ao olhar no fundo dos meus olhos.

— Você está bem?

Mordo o lábio para não romper em lágrimas e balanço a cabeça

confirmando. Então entro. Respiro fundo quando as encontro olhando para mim, de certa forma, esperando o que está por vir. Alice e Júlia estão mais afastadas. Alice segura seu próprio corpo em uma espécie de abraço, e sei que ela só fica assim quando está com medo.

— Eu preciso falar com vocês — digo em voz embargada.

Isso basta para que se sentem, caladas, seus olhos perdidos pela sala em qualquer lugar, menos em mim. Gabi é a única que me encara, encorajadora.

Engulo a saliva e me sento no sofá junto a elas. Jamais pensei que esse dia chegaria e que fosse doer tanto.

— A mãe do Gael não está bem... — começo num murmúrio, encarando o tapete, organizando as palavras. — E ele precisa voltar pra Rússia...

Pela visão periférica, vejo Júlia discretamente levar o cantinho da unha à boca.

— Eu... eu nunca amei ninguém antes dele. Vocês sabem...

Segundos de silêncio preenchem o espaço, até que Katy inspira de forma mais pesada.

— E você precisa estar ao lado do seu homem, não é isso?

Balanço a cabeça confirmando, mas sem coragem de elevar meus olhos para seus rostos.

— Essa decisão dói como o inferno, porque vocês são a única família que tenho. — A sensação é de que minha garganta se comprime em um nó. Mal consigo dizer as palavras: — Eu não quero me afastar de vocês, estar longe nunca foi uma opção, mas aquele homem é o pai dos meus filhos e... e, honestamente, eu não consigo mais me ver sem ele.

— E nem deveria, Pini — é Júlia quem se manifesta. — O homem te faz bem, todas nós sabemos disso. Se você está feliz, nós também estamos, é simples assim.

Alice limpa a bochecha com a manga da blusa, concordando.

— Nós vamos continuar sendo sua família, mesmo à distância — apesar de suave, é a emoção em sua voz trêmula que rompe minha represa.

Meu Deus, como essa merda dói! Olho entre elas; apesar da cálida melancolia, é o amor e o apoio em suas expressões que se levantam como algo forte, real, quase palpável. O que construímos entre nós é sólido demais.

— Droga, eu amo tanto vocês! — declaro em meio a um estúpido choro copioso. — Minha vida teria sido um inferno completo se não nos encontrássemos, vocês sabem disso.

— Ah, garota, você quer mesmo me ver chorar, não é? — Katarina bufa, cheia de lágrimas também. — Quem tem de agradecer sou eu. Vocês são as irmãs que eu não tive. E, se eu tivesse de escolher, seria vocês também.

— Todas nós temos que agradecer. Vocês sempre foram o meu maior suporte na vida, me apoiaram muito mais do que meus próprios pais. Não há uma memória boa da minha infância em que vocês não estejam — Ju diz.

— Até te demos um empurrãozinho para finalmente desencalhar. — Katy cutuca a costela de Júlia com o cotovelo, em lágrimas e com um riso torto.

— Bem, quando quero acertar a cabeça daquele homem temperamental, lembro que devo isso a você.

— Veja pelo lado bom, é um fazendeiro. — A infeliz pisca convencida, os cílios molhados. — Sempre cuidamos umas das outras.

— Fazer a gente entrar naquela aposta não foi bem “cuidar”, Katy — Alice provoca, talvez distraindo a si mesma de realmente se quebrar.

— Gatinha, quando um bom homem surge, a gente não pode questionar os métodos. Veja seu caso, entregando um pedido errado de flores. — Abre as mãos. — *De flores!* O destino é mesmo uma mulher mal-intencionada...

Rimos e choramos todas, querendo espantar o fantasma da realidade que nos cerca: nossos momentos juntas serão mais escassos daqui para frente.

— Deus, eu vou sentir tanta falta de vocês...

Fungadas, lágrimas sendo limpas e as palavras “eu também” denotam o clima ao redor dos sofás.

Gabi, que até então observava tudo no mesmo clima entre riso e choro, mas se mantinha silenciosa, encarando-nos como se fôssemos malucas, finalmente se pronuncia:

— A Rússia não é tão longe assim, e, visto que já estão todas muito bem arrançadas nesse quesito, quem sabe eu possa encontrar um russo daqueles bem malvados quando eu for te visitar?

Ficamos todas em um súbito silêncio, avaliando a loira deslumbrante (porque essa é uma palavra que descreve bem essa mulher). Ninguém diz nada. Ela semicerra os olhos, desconfiada pela forma como a olhamos.

— O que foi?

— Você e um russo bem malvado, Gabi, seriam um perigo para o mundo — surpreendentemente é Alice quem expressa exatamente o que pensamos, abrindo um sorriso ligeiramente zombeteiro, quase raro.

Ninguém fica imune. Até mesmo Gabrielle gargalha alto, dando de ombros

como quem diz “bem, não posso negar”.

E, em meio a piadas, choro, melancolia, risos, abraços, lembranças saudosistas, perco um pouco a noção do tempo no apartamento de Katarina. E depois, com a ajuda delas, vou ao meu apartamento, onde a maioria das minhas coisas ainda está e arrumo duas grandes malas, não sabendo quando estarei de volta para pegar o restante. Deixo as chaves e algumas burocracias para que minhas irmãs me ajudem a resolver quando eu estiver longe.

E faço o que jamais pensei, despeço-me delas com um adeus de partir o coração.



Já está começando a escurecer quando passo pelos portões da mansão. Saio do carro arrastando as malas comigo e empurro a porta da frente. Viro-me para deixar a bagagem e fechar a porta, quando noto um vulto na escuridão, uma imagem dissonante que chama a atenção. Não há nenhuma luz acesa dentro da casa, a pouca iluminação fica por conta das luzes que vem de fora e da ínfima claridade antes de a noite chegar ao céu completamente, o que dificulta compreender quem está ali.

Curiosa, dou alguns passos em direção ao sofá para encontrar... Gael, sentado de qualquer jeito, a cabeça escorada no encosto, em direção ao teto, olhos fechados, as mangas de um suéter preto arregaçadas até a altura dos cotovelos. Diante dele, na mesa de centro, há um copo de uísque vazio. Acendo um abajur próximo para verificá-lo melhor. Os traços em seu rosto estão mais vincados, as sobrelhas pressionadas, o cabelo levemente desgrehado, como quem remexeu nele diversas vezes, provavelmente deslizando os dedos. A sua posição é a de um homem derrotado. Deus, o que pode ter acontecido?

Ajoelho-me a sua frente e toco seus joelhos enquanto o chamo cuidadosamente:

— Gael — sussurro.

Ouvir a minha voz parece provocar algum tipo de dor nele, o que só me deixa mais alarmada.

Ele não abre os olhos, mas os lábios se contraem, duros.

— Você veio se despedir? — em seu timbre de voz friamente baixo é fácil reconhecer dor, mágoa e acusação.

Fico por uma fração de minuto desorientada, sem entender. Contudo, basta

analisar os fatos mais atentamente, e a conclusão é simples. A maneira como saí depois daquela conversa certamente pareceu uma fuga, uma despedida.

Eu não deveria, mas rio.

— Você não terá essa sorte — afirmo baixinho, sem esconder o humor. — Não vou te dizer adeus nem nesta vida, nem na próxima, gringo.

Ele pisca várias vezes e finalmente afasta a cabeça do sofá para me olhar, na posição em que estou, ajoelhada diante dele. Se ainda fosse possível, o fogo selvagem crepitando em seus olhos me surpreenderia. Gael é tão intenso, tão passional e ao mesmo tempo controlado, frio.

— Nós já ficamos separados tempo demais, não acha? — brinco suavemente.

O grunhido alto, um gemido de alívio e frustração, espalha-se em ecos pelo cômodo enorme. Podem dizer que é egoísta ou doentio de minha parte, mas vê-lo assim me fortalece, enche-me de orgulho, traz-me a certeza da dimensão do amor desse homem, que, mesmo sofrendo, respeitaria minha decisão de não seguir com ele. Fiz a escolha certa.

Enfrento a ferocidade em sua expressão, fito-o com ousadia, com paixão.

— Porra, Priscila...

Elevo o queixo.

— Eu estou de joelhos a sua frente. Isto é quase uma metáfora para dizer que minha vida está de joelhos ante você, Gael.

Com um balançar de cabeça perigoso, o homem me agarra pela nuca e explode sua boca contra a minha. Beijo-o com vontade, vigor, idolatria, querendo transmitir que isso é o que sou, o que tenho, e é tudo dele.

Tirando-me do chão, ele me puxa para o seu colo. Escoro um joelho de cada lado de suas pernas, sobre o sofá e sento sobre ele, libidinosa, apaixonada, friccionando-me descaradamente contra seu corpo.

— *Krasavitsa*... — reclama num sotaque forte, com urgência.

— Sou sua, homem, sua... Droga, eu sou completamente sua!

— Você me fez pensar que...

— Nunca. Nunca. Nunca! — Salpico beijos por suas bochechas, sobrancelhas, pescoço, orelhas, tudo, pois esse homem é meu, inteiramente meu.

Ofegante, quando enfim paro um pouco para respirar, nós nos encaramos.

— Eu trouxe duas malas, será que é o suficiente desta vez? — provoco-o, relembrando nossa viagem a Punta Quilla.

Seus dedos encontram minha pele por baixo da blusa e se arrastam por meu

estômago.

— Você é o suficiente, nada mais importa além de você! — Suspira ruidosamente, como se não soubesse o que fazer comigo. — Eu te amo, menina, te amo, ouviu bem?

Seu toque sob a blusa poderia subir aos seios, provocar-me, mas se detém em alisar a barriga, como se pudesse transmitir calor aos bebês ali, e é isso o que significamos para ele: família.

Tomo seu rosto entre meus dedos e observo cada pedacinho dele. Lindo, selvagem, protetor, intenso, generoso, poderoso, avassalador, características que pouco fazem jus a ele. Um anjo, o mais belo que o Céu já teve, caído por sua fúria, que transformou asas brancas imaculadas em serendibites negras, reluzentes, valiosas, indestrutíveis.

— Eu também te amo — afirmo com completa seriedade para que ele nunca duvide. — E vou estar ao seu lado onde você quiser, onde você estiver. Estou pronta para começarmos uma família seja aqui, na Rússia ou no fim do mundo. Minhas irmãs serão para sempre minhas irmãs, eu as amo profundamente. E você é o meu homem. O pai dos meus filhos. A pessoa que eu escolhi para dividir a vida.

A compreensão da dimensão do que sinto afasta a última centelha de dúvida ou insegurança que poderia restar entre nós.

E então respiro profundamente, sobrecarregada por uma sensação de alívio indescritível, pois hoje posso, enfim, sentir a verdadeira liberdade tocando minha pele. Eu não era livre, eu estava presa em mim mesma. Havia paredes que construí, onde eu me refugiava, somente para ser devorada viva por meus próprios sentimentos, sem perceber. Antes de Gael aparecer, eu estava presa às minhas proteções.

O início do meu “felizes para sempre” aconteceu no dia em que ele surgiu naquela boate, no movimento de seus dedos, no perfume que se embrenhou sob minha pele, no sotaque deliciosamente cantado em meu ouvido, e, por fim, na imensidão de seus olhos azuis-turquesa, que continham e prometiam coisas pelas quais me vi completamente atraída, desafiando-me a encarar o seu mundo, instigando-me a ir além.

— Se é com você, eu vou.



Epílogo

Priscila

Um floco de neve cai sobre uma das rosas brancas em minhas mãos. Respiro profundamente, absorvendo o cheiro gelado das superfícies brancas cobrindo todo o jardim.

— Você está pronta, irmã? — Júlia pergunta com os olhos marejados.

Olho para ela, em seu exuberante vestido cor-de-rosa pálido, ao lado de Alice, Katarina e Gabrielle, todas em longos de cores harmoniosas com o deslumbrante branco rendado que estou vestindo. O vestido delicado cai sobre minha enorme barriga, fazendo uma grande curva sobre minhas Sementinhas, que, nesta manhã, estão mais boazinhas do que nunca, sem chutes, enjoos e sem aquela festa agitada que elas normalmente promovem em meu ventre.

A renda branca me envolve completamente, nas mangas longas e no comprimento até o chão, em uma calda que se encontra com o véu.

Comprimo os lábios revestidos de batom vermelho, trêmulos, e elevo a cabeça, encarando o céu numa tentativa de frear as lágrimas que ameaçam se empoçar em meus olhos.

— Acho que sim. — Sorrio embargada de emoção.

Alice toca minha mão.

— Você parece um anjo, Priscila. — Contempla-me com doçura, passando o dedo delicadamente por uma lágrima em seu rosto.

— Obrigada, Ali — murmuro. — Obrigada todas vocês, por terem me ajudado tanto.

— Você é nossa garota, Pini, faríamos este casamento até debaixo d'água, se você assim quisesse. Esta nevezinha não é nada — Katy brinca, quebrando a onda coletiva de choro compulsivo que está prestes a irromper.

— Este vestido é perfeito, Gabi. — Viro-me para a platinada mais linda e talentosa criadora de vestidos do mundo.

— Perfeita é você, o resto foi adequação. — Lança uma piscadela, evitando falar muito. Acho que nunca a vi assim, quieta e emocionada.

O primeiro vestido de noiva que ela desenhou e confeccionou em sua vida foi este. O *meu* vestido. Delicado, com suaves contornos abraçando meu corpo de maneira gentil e me trazendo uma beleza que eu nem sonharia ser possível.

— Vamos lá, senhoras, enquanto vocês estão tricotando, há um noivo congelando a alguns metros daqui — Sebastian quebra nosso momento com uma repreensão, disfarçando seu bom humor.

Fito seu rosto fixamente e vejo o quanto ele também está mexido com este momento. Eu o convoquei para me acompanhar até o pequeno altar onde Gael está me esperando para o nosso “sim” eterno, e esse cara aqui, por mais durão que tente se mostrar, ficou completamente surpreso e satisfeito pelo convite. Aprendi que, por trás de sua armadura intimidadora, no corpo coberto de músculos e força, há um coração tão poderoso quanto, leal ao que acredita, corajoso. Sebastian tem uma beleza própria, rústica, opressora, intencionalmente contida sob a máscara de malandragem e desinteresse que tentar esconder do mundo quem ele realmente é. Torço para que um dia ele possa encontrar alguém que enxergue através disso tudo, que não se deixe intimidar... e quem sabe cure o seu coração.

— Vamos lá. — Respiro fundo, pronta.

Sebastian avisa Elliot, e o som de violinos corta o ar. As notas emitidas pelos instrumentos arrepiam meu corpo e alma.



Gael

Ao som de um quinteto de violinistas, as amigas da minha *Krasavitsa* atravessam o longo tapete vermelho, estendido desde a parede de flores até o altar, onde estou, no jardim de nossa casa. Seus olhares cúmplices e marejados quase tiram um pouco da ansiedade martelando violentamente meu peito. Nunca imaginei estar tão nervoso assim.

Observo meus pais, mãos unidas, olhando em expectativa para o lugar de onde a qualquer momento minha mulher surgirá. Tenho vontade de rir da devoção que sentem por ela. Eles a amaram completamente desde o início, a mulher durona que não facilitou a vida de seu filho. Priscila deve possuir algum tipo de magia sobre si, que encanta, fascina, faz-me querer nunca a deixar partir. Os últimos meses foram além do que eu imaginava que seriam, ela se adaptou, interessou-se em aprender o idioma, em conhecer a vida aqui. E pude assistir de

perto às mudanças de seu corpo, suas curvas ganhando um arredondado perfeito, os seios pesando em minhas mãos e meus filhos crescendo com uma vigorante rapidez. Tudo está onde deveria, e não há um só dia em que eu não agradeça por esta nova oportunidade que a vida me deu, mesmo que eu não seja merecedor dela. Mesmo que eu tenha deixado um rastro de sangue pelo caminho. O amor que sinto por essa mulher é desmedido. Aqui, em seu país, onde ela quisesse, eu a seguiria.

E, de repente, simplesmente paro de pensar, perco a capacidade de elaborar qualquer linha coerente de raciocínio diante da visão a minha frente. Um anjo lindo revestido de branco, loiro, de pele aveludada e lábios carnudos e vermelhos surge, caminhando para mim. Anjo. Ela diz que sou o seu, mas Priscila é o anjo aqui. Minha miragem perfeita. Minha segunda chance.

Deixo de respirar enquanto a observo vindo, a barriga grande e projetada – a poucas semanas de dar à luz nossos filhos –, as bochechas um pouco mais salientes e levemente rosadas, os olhos de um verde vívido, úmidos, cheios de promessas de um futuro. Não me envergonho em estar com os olhos cheios de lágrimas também. Eu a estou tornando minha definitivamente, irrevogavelmente.

Conforme estamos mais próximos, sacudo a cabeça. Devo estar sorrindo como um imbecil agora.

Sebastian, meu grande amigo, finalmente a entrega para mim. Agradeço-lhe em russo, fazendo-o ciente do meu respeito e gratidão por esse cara. Tomo, então, a mão delicada e trêmula de minha noiva, transmitindo-lhe todo o meu calor e segurança.

— Você é uma miragem, *Krasavitsa* — sussurro em seu ouvido ao aproximar meu rosto para um beijo em sua face delicada.

Ela sorri, e o jeito que seus olhos me encaram faz meu peito vibrar ferozmente. Minha mulher me olha como se não houvesse mais ninguém neste mundo, como se tudo se resumisse somente a nós dois e, inferno, é exatamente assim que eu me sinto sobre ela.

Leva mais força de vontade do que possuo para não interromper a cerimônia e arrastá-la para casa, amar seu corpo de um jeito duro, profundo, até que meu próprio corpo se acalme, meu coração pare de agir como um alucinado. E ainda não me seria o suficiente. Com Priscila, eu quero tudo e muito mais. Quero seus sorrisos engraçados só para mim – descobri mais recentemente que a mulher tem um senso de humor inteligente e, quando ri, suas bochechas se contraem de um jeito atraente como o inferno. Quero seu mau humor matinal (engraçado e às vezes assustador) por todas as manhãs da minha vida. Quero seu

corpo quente colado ao meu todas as noites, depois de estar dentro dele, somente para acalmar a dor que sinto por amá-la tanto. Quero mais dez filhos com ela, só para ver as transformações fascinantes e a beleza exuberante de suas curvas. Quero ser sempre o motivo de seus olhos brilharem, como o fazem quando encontram os meus, e quero que esse brilho nunca se apague. Porra, quero nunca perder a confiança que ela depositou em mim. E, acima de tudo, quero fazer dessa mulher a mais feliz que já existiu.

— A propósito — Priscila me traz de volta para o momento após as considerações finais —, são dois meninos, gringo.

Balanço a cabeça, estupidamente perdido por um minuto. E então a ficha cai. Maldição, a mulher fez suspense sobre isso durante o mês inteiro!

— Dois meninos? — pergunto, mal contendo meu sorriso se alargando.

Ela confirma com um leve aceno, mordendo seus lábios carnudos daquele jeito que me faz perder a cabeça.

— Eu só quero ver como isso vai funcionar — delibera, estudando-me numa consternação divertida. — Um de você já me deixa maluca, imagine o que três podem fazer?

Dou uma gargalhada alta e a arrasto para os meus braços, lugar de onde ela nunca mais vai sair.

— Eu te amo tanto, mulher! — digo, sentindo-me prestes a explodir de uma felicidade desnorteada.

— Também te amo. Jamais duvide. — Sorri de maneira honesta, lançando-me para fora da atmosfera.

Dois meninos e uma esposa. *Yeb vas!*

Abraçado a ela, subo o olhar ao céu acinzentado, mas então semicerro os olhos para algo que penso enxergar ali, atrás de uma nuvem que se afasta fluidamente. Um único raio de sol em meio ao inverno intenso dispara diretamente contra meu rosto, aquecendo como uma carícia... uma carícia de Lenin, Irina e Lara.

Fim

Agradecimentos

Como sempre, há uma lista enorme de pessoas a quem devo agradecer. Mas, hoje, começo deixando a minha gratidão aos primeiros leitores que acompanharam essa série no *Wattpad*. Quando a ideia de escrever sobre quatro amigas me veio à cabeça, eu não esperava que isso fosse me trazer a esse universo maluco e fantástico que envolve a literatura. Vocês mudaram a minha vida. Muito obrigada.

Agradeço aos profissionais que trabalharam comigo para tornar este livro possível: Analine Borges Cirne, revisora e amiga muito especial, Denília Carneiro, diagramadora e querida amiga, e Murilo Guerra, capista que captou a essência da série. Vocês são demais.

À Jhenifer Barroca, por tudo o que representa, principalmente por ser irmã, amiga, conselheira, alguém tão fundamental em minha vida (não há palavras que expressem melhor).

Há também um grupo de pessoas por quem tenho sincera gratidão: Fernanda Alvarenga; Andreia dos Santos; Edileusa Carvalho; Eliene Magalhães; Jaqueline Overneck; Luana Silva; Deizy Mery; Patrícia Câmara; Raquel Gomes; Shirlei Miranda; Veridiana Silva; Paloma Alves; Júlia Cordeiro; Juliana Valderes; Rayane Araújo; Cleiciellen Nelles; Rosilene Rocha. Obrigada por tudo, meninas.

Mas, principalmente, agradeço de todo o coração a vocês, leitores, que vêm sonhando comigo, embarcando nestas viagens, entregando-se às histórias que lhes apresento. Saibam que entrego uma parte de mim em cada novo livro, com muito carinho, para que sintam o mesmo amor que me transmitem sendo retribuído. Obrigada!

Sobre a sequência de leitura

A série *Renda-se* foi criada com o ideal de contar as histórias de amor das amigas Júlia, Alice, Katarina e Priscila, e, através delas, outras surgiram, a pedido dos leitores. Segue aqui a ordem correta de leitura:

Júlia – Série Renda-se, livro 01.

Alice – Série Renda-se, livro 02.

Katarina – Série Renda-se, livro 03.

Priscila – Série Renda-se, livro 04.

Dom – Trilogia Protetores, livro 01.

Espere-me acordada – Conto de Nico e Sophia – Spin-off de Dom.

Damien – Trilogia Protetores, livro 02.

Luz da manhã.

Sebastian – Trilogia Protetores, livro 03.

Recado da autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a levar Priscila e Gael a mais leitores. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação na *Amazon*, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: Anne Marck

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no *Facebook:* Romances da Anne Marck

Página no *Facebook:* Anne Marck

Twitter: @AnneMarck

Table of Contents

<u>Dedicatória</u>	
<u>Sinopse</u>	
<u>Apresentação</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 01</u>	
<u>Capítulo 02</u>	
<u>Capítulo 03</u>	
<u>Capítulo 04</u>	
<u>Capítulo 05</u>	
<u>Capítulo 06</u>	
<u>Capítulo 07</u>	
<u>Capítulo 08</u>	
<u>Capítulo 09</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	
<u>Capítulo 31</u>	

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a sequência de leitura](#)

[Recado da autora](#)